



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

DESCONSTRUÇÃO DA METAFÍSICA DA LINGUAGEM
E RETRADUÇÃO DOS CAPÍTULOS 1, 2 E 3
DO *DES MOTS* DE LEIBNIZ

JULIANA CECCI SILVA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

BRASÍLIA/DF
MARÇO/2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

DESCONSTRUÇÃO DA METAFÍSICA DA LINGUAGEM
E RETRADUÇÃO DOS CAPÍTULOS 1, 2 E 3
DO *DÉS MOTS* DE LEIBNIZ

JULIANA CECCI SILVA

ORIENTADOR: PIERO LUIS ZANETTI EYBEN

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

BRASÍLIA/DF
MARÇO/2014

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

CECCI SILVA, Juliana. **Desconstrução da metafísica da linguagem e retradução dos capítulos 1, 2 e 3 do “Des Mots” de Leibniz**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014, 167 p. Dissertação de Mestrado.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 1015319.

C387d	Cecci Silva, Juliana. Desconstrução da metafísica da linguagem e retradução dos capítulos 1, 2 e 3 do "Des Mots" de Leibniz / Juliana Cecci Silva. -- 2014. xi, 167 p. ; 30 cm. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2014. Inclui bibliografia. Orientação: Piero Luis Zanetti Eyben. 1. Derrida, Jacques, 1930-2004. 2. Leibniz, Gottfried Wilhelm - Freiherr von, 1646-1716. 3. Berman, Antoine, 1942-1991. 4. Linguagem e línguas - Filosofia. 5. Tradução e interpretação. I. Eyben, Piero Luis Zanetti. II. Título. CDU 800.1
-------	---

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

DESCONSTRUÇÃO DA METAFÍSICA DA LINGUAGEM
E RETRADUÇÃO DOS CAPÍTULOS 1, 2 E 3
DO *DES MOTS* DE LEIBNIZ

JULIANA CECCI SILVA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

APROVADA POR:

PIERO LUIS ZANETTI EYBEN, DR. (Universidade de Brasília)
(ORIENTADOR)

ECLAIR ANTÔNIO ALMEIDA FILHO, DR. (Universidade de Brasília)
(EXAMINADOR INTERNO)

ALICE MARIA DE ARAÚJO FERREIRA, DRA. (Universidade de Brasília)
(SUPLENTE)

BRASÍLIA/DF, 28 DE MARÇO DE 2014 (data da defesa)

Dedico à Dora! Filha-luz que inundou de sentidos a palavra Amor!

AGRADECIMENTOS

Agradecemos...

Ao professor e orientador Piero Luis Zanetti Eyben pelos conselhos e pela liberdade que nos concedeu durante toda a realização deste trabalho, às sugestões precisas do professor Eclair Antônio Almeida Filho quando de nossa qualificação, e às valiosas observações da professora Alice Maria de Araújo Ferreira.

A todos os funcionários do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (Postrad) que gentil e pacientemente facilitaram nossa permanência no mestrado.

À Fundação CAPES por nos conceder uma bolsa do programa Reuni de Assistência ao Ensino; sem a qual não seria possível o desenvolvimento e a conclusão desse projeto.

E, por fim, e muito especialmente, ao companheiro William de Siqueira Piauí pelo amoroso apoio em todo nosso percurso acadêmico; pelas variadas discussões teóricas que tivemos antes, durante e depois da elaboração de nossa dissertação.

Si j'avais à risquer, Dieu m'en garde, une seule définition de la déconstruction, brève, elliptique, économique comme un mot d'ordre, je dirais sans phrase: plus d'une langue.

Jacques Derrida

Mais pour revenir à vos quatre défauts de la dénomination, je vous dirai, Monsieur, qu'on peut remédier à tous, surtout depuis que l'écriture est inventée et qu'ils ne subsistent que par notre négligence. Car il dépend de nous de fixer les significations, au moins dans quelque langue savante, et d'en convenir pour détruire cette tour de Babel.

Gottfried Wilhelm Leibniz

RESUMO

À luz do pensamento do rastro de Jacques Derrida (1930-2004), da desconstrução, e de nossa experiência com a leitura e a tradução de textos da Filosofia da Linguagem, sobretudo os do alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), pretendemos apresentar algumas teses filosóficas (etimológicas e filológicas) de Leibniz sobre a questão da natureza da linguagem que contribuíram para a formação da Linguística Histórico-Comparativa e, do ponto de vista de Derrida, das teorias logocêntricas da Tradução. Teorias fundadas na busca pelo “sentido”, isso é, em uma metafísica da linguagem. Para ilustrar tais considerações, apoiados nos fundamentos teóricos e metodológicos do tradutor Antoine Berman (1942-1991), em particular nos desenvolvidos em seu *La Traduction et la Lettre ou l’Alberge du lointain* (2007), em primeiro lugar, faremos a “analítica” de alguns trechos da primeira tradução brasileira da obra *Nouveaux essais sur l’entendement humain, par l’auteur du système de l’harmonie préétablie* (1765) – do primeiro capítulo do livro III, o *Des Mots*, para sermos mais específicos – a fim de explicitar o “sistema de deformação” da “letra” que aí opera; em seguida, proporemos uma segunda tradução dos três capítulos iniciais, ou melhor, uma “retradução”. Trata-se de capítulos em que Leibniz tece importantes considerações sobre os aspectos “materiais” da natureza da linguagem.

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem. Retradução. Leibniz. Derrida. Berman.

ABSTRACT

In light of the thought of Jacques Derrida (1930-2004) trace, of the deconstruction, and of our experience with the reading and the translating texts of the philosophy of the language, especially those of the German Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), we intend to present some philosophical (etymological and philological) theses of Leibniz on the subject of the language's nature that contributed to the formation of the Historical-comparative Linguistics and, from the Derrida's point of view, to the logocentric theories of translation. Theories founded on the search for "the signification", i.e., on a metaphysics of the language. To illustrate such considerations, supported by the theoretical and methodological foundations of the translator Antoine Berman (1942-1991), particularly in those developed in his *La Traduction et la Lettre ou l'Alberge du lointain* (2007), first, in order to explain the "letter's system of deformation" that operates there, we will make the "analytical" of some passages of the first Brazilian translation of the work *Nouveaux essais sur l'entendement humain, par l'auteur du système de l'harmonie préétablie* (1765) – the first chapter of the book III, *Des Mots*, to be more specific –; after that, we will propose a second translation of the three initials chapters, or better, a "retranslation". These are chapters in which Leibniz weaves important considerations about the "material" aspects of the nature of language.

Keywords: Philosophy of Language. Retranslation. Leibniz. Derrida. Berman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FILOSOFIA E METAFÍSICA DA LINGUAGEM	18
1.1. METAFÍSICA DA LINGUAGEM – SUAS ORIGENS NAS TRADIÇÕES JUDAICA, GREGA E CRISTÃ	19
2. UM BREVE PLANO SOBRE A INVESTIGAÇÃO DAS ORIGENS DAS PALAVRAS E DE SUA UTILIDADE PARA A HISTÓRIA	27
2.1. AS INVESTIGAÇÕES NA GRÉCIA ANTIGA	29
2.2. AS INVESTIGAÇÕES NA IDADE MODERNA	31
2.3. Reflexão acerca da contribuição do <i>Des Mots e do Brevis</i> para a Historiografia	33
2.3.1. Comentários a alguns trechos do <i>Brevis</i>	37
3. METAFÍSICA LEIBNIZIANA DA LINGUAGEM – SUA RELAÇÃO COM AS TEORIAS LOGOGÊNTRICAS DA TRADUÇÃO	42
4. HARMONIA DAS LÍNGUAS NA CORRESPONDÊNCIA DE LEIBNIZ A SPARVENFELD	49
5. OS ASPECTOS MATERIAIS E OS FORMAIS DA LINGUAGEM – DUAS INVESTIGAÇÕES, UM OBJETIVO	56
6. DERRIDA E A METAFÍSICA DA LINGUAGEM	65
7. ANALÍTICA DA TRADUÇÃO – FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	72
7.1. AINDA DA RETRADUÇÃO	77
7.2. DO PROJETO DE TRADUÇÃO	81
7.3. DA IMPORTÂNCIA DO ASPECTO GRÁFICO	82
8. ANALÍTICA DA TRADUÇÃO (ALGUNS EXEMPLOS)	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	90
ANEXO E APÊNDICE – RETRADUÇÃO DOS CAPÍTULOS 1, 2 E 3 DO <i>DES MOTS</i>	97

INTRODUÇÃO

Pretendemos, nessa dissertação, apresentar ao menos alguns dos benefícios que a análise da “primeira tradução” de um texto, isto é, a tradução inaugural, pode trazer para o desenvolvimento dessa tarefa-limite no empreendimento da segunda tradução; acreditamos que, por mais penosa que seja essa tomada de consciência quanto à instabilidade da língua a partir da análise da tradução, tal conscientização nos abre, por outro lado, para possibilidades da língua antes impensáveis; possibilidades que estão em semente, no segredo do seu porvir.

Podemos dizer que a proposta dessa Dissertação de Mestrado teve suas primeiras raízes na familiaridade e na experiência que adquirimos ao longo de alguns anos com as obras de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), as quais se consolidaram, sobretudo, com a participação na tradução, introdução e notas da obra *Essais de Théodicée: sur la bonté de Dieu la liberté de l’homme et l’origine du mal*¹ (1710; doravante *Teodiceia*); no estabelecimento, tradução e notas de algumas das cartas de Leibniz ao linguista e historiador sueco Johann Gabriel Sparvenfeld² (1656-1727) e do texto *Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indiciis linguarum*³ (1710; doravante *Brevis*); mas,

¹ *Essais de Théodicée: sur la bonté de Dieu la liberté de l’homme et l’origine du mal* (Paris: GF-Flamarion, 1969). Já havíamos disponibilizado uma parte da tradução dessa obra (§§ 136-143) no site <http://www.leibnizbrasil.pro.br/>, justamente a parte em que aparecem questões do mesmo tipo que as do *Des Mots* e do *Brevis*; de qualquer modo, a tradução completa dessa obra também já foi publicada e leva o título *Ensaio de Teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal* e, a propósito, ela é a primeira a ser publicada no Brasil (São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2013).

² Segundo Marc Crépon, a partir de 1695, Leibniz trocou várias cartas com Sparvenfeld e elas devem ter se intensificado após ter terminado de escrever a obra *Nouveaux essais sur l’entendement humain, par l’auteur du système de l’harmonie préétablie* (ou seja, bem antes de sua publicação), já que lá ele não é mencionado, sequer nos capítulos I a III do livro III, que são os que mais nos interessam. Johan Gabriel Sparvenfeld (ou Sparvenfeldt, 1655-1727), além de ter escrito a obra *Lexicon Slavonicum*, o que lhe demandou uma profunda pesquisa sobre as línguas eslavas, e de ter feito um famoso mapa da Sibéria, passa, de 1709 a 1712, a trabalhar para a Academia de Ciências de Berlim na elaboração de um alfabeto universal graças ao seu vasto conhecimento de línguas; é provável, aliás, que este trabalho tenha sido fundamentado em seu *Vocabularium Germanico-turcico-arabico-persicum* (cf. LEIBNIZ, 2000, p. 151, nota 1).

³ Quanto às cartas a Sparvenfeld, citamos nessa dissertação trechos de quatro delas; cartas que, selecionadas a partir da *Opera Omnia* de Leibniz (1768), estabelecemos, traduzimos e comentamos. Duas delas (a de 29 de janeiro de 1697 e a de 29 de novembro (?) de 1697) já foram publicadas (2012b), uma está no prelo pela revista *O Mutum* (a de 6 de dezembro de 1695), a ser publicada em 2014, e outra ainda não foi endereçada para publicação (07 de abril de 1699). O título de nossa tradução comentada do *Brevis* para o público português ficou *Breve plano das reflexões sobre as origens dos povos traçado principalmente a partir das indicações [contidas] nas línguas*; e, além dessa nossa tradução, publicada em *Kairos Revista de Filosofia & Ciência* – Universidade de Lisboa (nº4, 2012, pp. 119-149. Disponível em: <<http://kairos.fc.ul.pt/nr%204/Kairos%204.pdf>>), aconselhamos a leitura da excelente introdução que Olga Pombo, professora no Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa (CFCUL) e reconhecida pesquisadora da Filosofia de Leibniz, fez a esse trabalho. Esta é uma tradução direta do original latino *Brevis designatio meditationum de Originibus Gentium ductis potissimum ex indicio linguarum*, escrito em torno de 1710 e publicado na *Akademie der Wissenschaften* (Berlin: *Miscellanea Berolinensia*, 1710. V.1, pp. 1-16, disponível em: <[11](http://bibliothek.bbaw.de/bibliothek-</p></div><div data-bbox=)

acima de tudo, com a leitura e um primeiro esboço de retradução da obra *Nouveaux essais sur l'entendement humain, par l'auteur du système de l'harmonie préétablie* (1765, doravante *N.E.*), até porque, a essa altura, acreditamos já ter compreendido suficientemente o universo desse autor para nos aventurarmos em um mergulho mais profundo nas que consideramos as principais questões da linguagem humana em Leibniz, nosso maior interesse no trabalho desse filósofo.

Graças às frequentes reflexões pertinentes à linguagem no conjunto de textos leibnizianos com os quais trabalhamos, tivemos a oportunidade de aguçar o olhar sobre seus discursos e, em particular, sobre o livro *Des Mots*, que acabou se tornando o principal objeto de nossa pesquisa de Mestrado. Esse livro, o 3º da obra *N.E.*, chamou-nos muito a atenção pela agudeza com que seu autor trata das questões relacionadas à linguagem presentes no *Of Words* da obra *An essay concerning human understanding* (1689; doravante *E.H.*) do filósofo inglês John Locke (1632-1704), pois lá Leibniz já antecipa a ideia de que a linguagem é tanto “por natureza” como “arbitrária” (*ex instituto*); aliás, note-se, dizemos “antecipa” porque tal defesa será, na verdade, aprofundada posteriormente, em seu *Brevis*.

Acreditamos que essa defesa de Leibniz quanto à natureza ambivalente da linguagem, somada à importância que ele confere à investigação das origens, das conexões, das harmonias e das corrupções das línguas para se compreender as origens, as conexões e as migrações das nações, bem como para se compreender como se dá a produção e a circulação dos significados e sentidos entre essas nações, interessam bastante às teorias humanísticas contemporâneas que envolvem a linguagem e a história e, com elas, em um corpo bem amalgamado, como não poderia deixar de ser, se somam questões políticas, éticas, culturais, de tradução etc.

A obra *N.E.* do inatista e realista Leibniz foi escrita como um comentário à *E.H.* do empirista e nominalista Locke⁴; trata-se de um livro-resposta de Leibniz a Locke em que a argumentação deste é representada e defendida nas alocações do personagem Filaleto (amigo da verdade) e a argumentação de seu autor, Leibniz, nas alocações de Teófilo (amigo de

digital/digitalequellen/schriften/anzeige?band=01-misc/1&seite:int=00000025>). Todavia, com o intuito de oferecer um trabalho aprimorado, cotejamos o resultado de nosso estabelecimento e tradução das cartas e do *Brevis* com, respectivamente, as cartas estabelecidas (Leibniz as escreveu em francês) e o *Brevis* estabelecido e traduzido por Marc Crépon; ambos publicados no volume *L'Harmonie des Langues* (LEIBNIZ 2000, pp. 171-193), organizado por Crépon. A propósito, segundo Crépon, a tradução do *Brevis* oferecida nesse volume não é senão uma restauração da tradução (e dos comentários) de J. Sudaka, publicada inicialmente em *Genèse de la Pensée Linguistique* de André Jacob (Paris, Armand Colin, 1973, pp. 46-62).

⁴ Uma primeira versão dos *N.E.* foi concluída em 1704, mas, como o dissemos, devido ao falecimento de Locke naquele mesmo ano, Leibniz recusou-se a publicá-los. De qualquer modo, Leibniz parece ter continuado trabalhando nesse manuscrito ao longo dos anos, embora a obra só tenha sido publicada em 1765. O realismo de um e o nominalismo do outro ficarão mais que explícitos no capítulo III do *Des Mots*.

Deus). Mas o livro *Des Mots* tem uma particularidade no conjunto dos *N.E.*, uma vez que ele essencialmente retoma, só que imbuído dos contextos da Idade Moderna, parte da mesma questão tratada no diálogo *Crátilo* de Platão (427-347 a.C.) e, de algum modo, no *De Interpretatione* de Aristóteles (385-322 a.C.), um dos textos de seu *Organon*.

Na Filosofia Ocidental, podemos dizer que é Platão quem, nas alocações dos personagens Crátilo, Hermógenes e Sócrates, traz à tona pela primeira vez a questão se a linguagem é por natureza ou por convenção:

Hermógenes: – Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem **por natureza** um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, mas que, **por natureza**, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os helenos como entre os bárbaros em geral. (PLATÃO, 2001, p. 145 [383 a], grifo nosso).

Movendo-se da Idade Antiga para a Moderna, Leibniz – na figura de Teófilo – defende em seus *N.E.* que a linguagem é também por natureza, até certo ponto como o personagem Crátilo, e Locke – representado por Filaleto – defende em seu *E.H.* que a linguagem é arbitrária (*ex instituto*), isto é, por convenção, assim como Hermógenes. Contudo, há ao menos duas diferenças entre Crátilo e Leibniz que chamam a atenção; a primeira é que no diálogo leibniziano não há a figura socrática⁵; a outra diferença é que, ao lado da necessidade natural da determinação das significações das palavras, o filósofo alemão admite a existência da arbitrariedade, admite assim o aspecto ambivalente da linguagem; a saber:

TEÓFILO. Sei que nas escolas e em outros lugares costuma-se dizer que as **significações** das palavras são arbitrárias (*ex instituto*) e é verdade que elas não são determinadas absolutamente por uma necessidade natural, mas elas não deixam de sê-lo por razões ora naturais, onde o acaso tem alguma participação, ora morais, onde entra a escolha. (Cap. II, 2ª alocação, tradução nossa)⁶.

Tradicionalmente reconhecido como um dos mais importantes textos fundadores da Filosofia da Linguagem e, especialmente nas últimas décadas, como um dos textos que fundamentou a difusão de uma visão logocêntrica e metafísica da linguagem, isto é, centrada

⁵ Sócrates, como costuma aparecer nos diálogos platônicos, é quem pratica a maiêutica, ou melhor, é quem a partir do desdobramento das perguntas induz os interlocutores a descobrirem suas próprias verdades.

⁶ Esta é parte da resposta ao seguinte enunciado de Locke: “Deste modo, podemos conceber como as *palavras*, que eram por natureza tão bem adaptadas a esse propósito, chegaram a ser usadas pelos homens como sinais de suas idéias. **Isto não se deu por qualquer conexão natural que existe entre todos os homens, mas por uma imposição voluntária, por meio da qual certa palavra é designada arbitrariamente como a marca de tal idéia.** O uso, pois, de palavras consiste nas marcas sensíveis das idéias, e as idéias que elas enunciam são seus significados adequados e imediatos.” (LOCKE, 1973, p. 229, grifo nosso).

na univocidade do sentido, centrada, portanto, na artificialidade da estabilidade das línguas, o diálogo *Crátilo* nunca deixou de ser discutido nos períodos histórico-filosóficos seguintes, independente das tradições a que os estudiosos estivessem ligados; e é pela abordagem realizada nos *N.E.*, e também em outros trabalhos, como o *Brevis*, que tais investigações de Leibniz alimentam os estudos que posteriormente dão na Linguística. Aliás, é graças à investigação apresentada no *Brevis* que o linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), em sua *História da Lingüística* (1975), considera o filósofo alemão um dos precursores daquilo que mais tarde viria a ser chamado de Linguística Histórico-Comparativa:

[...] ⁷ uma nova abordagem à linguagem pouco a pouco tomava corpo: o estudo histórico da linguagem, pelo qual o homem chegaria à linguística propriamente dita. No começo do século XVIII, esta corrente comparativa e histórica ganhou mais consistência e segurança. [...] A este respeito, vale citar o famoso filósofo Leibniz. No seu *Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indiciis linguarum*, publicado nas atas da Academia de Berlim em 1710, afirma que nenhuma língua histórica é a fonte das línguas do mundo, uma vez que devem ser derivadas de uma *Protolíngua*. É esta ideia segura que se encontra na base da linguística histórico-comparativa, como veremos mais tarde. Esboçou ele ainda, em seu livro, uma classificação das línguas com um grupo *jafético* que dividiu em cítico (aproximadamente as línguas indo-europeias) e *céltico* (aproximadamente as línguas uralo-altaicas). ⁸ (MATTOSO CÂMARA JR., 1979, p. 26).

E, duas páginas à frente, Mattoso Câmara Jr. completa:

[...] no século XVIII foram desenvolvidas, no estudo da linguagem, ideias mais sólidas do que no período anterior. O caminho estava sendo preparado para o advento de uma verdadeira ciência da linguagem ou linguística propriamente dita. (MATTOSO CÂMARA JR., 1979, p. 28).

É notável, a propósito, que Mattoso Câmara Jr. tenha tido acesso ao *Brevis*, texto muito mais desconhecido do público em geral e de difícil acesso, e chamado a atenção para a sua importância, sem mencionar, no entanto, a dos *N.E.* que parece conter certa antecipação do plano do *Brevis*. Vale lembrar que, embora a publicação dos *N.E.* seja póstuma (publicada apenas em 1765, isto é, algumas décadas depois do falecimento de Leibniz), ela teve sua primeira redação em 1703 e, por motivo do falecimento de Locke em 1704, sua publicação adiada.

⁷ Salvo indicação, todas as supressões nas citações (representadas por reticências dentro de colchetes) são de nossa autoria.

⁸ Todo aquele que ler atentamente o início do *Brevis* verá que o final da citação que fizemos do texto de Mattoso Câmara inverte as designações das classes de línguas (de fato, o cítico é que encerra as línguas uralo-altaicas e o céltico é que encerra as línguas indo-europeias); certamente, um erro que ficou na tradução do inglês para o português.

De qualquer modo, independente do linguista brasileiro não ter mencionado os *N.E.*, sua fala já fornece um panorama geral sobre as contribuições da reflexão leibniziana acerca da linguagem para a formação da Linguística; poderíamos dizer que tal panorama é um tanto mais aprofundado por Frédéric Nef quando este, em seu *Leibniz et le langage* (2000), afirma que:

A linguística atual é marcada ao menos por duas tendências complementares, o aprofundamento dos aspectos formais da sintaxe e da semântica e uma reavaliação dos aspectos icônicos da significação. Sobre esses dois pontos, Leibniz viu o essencial. (NEF, 2000, p. 120 [tradução nossa]).⁹

No nosso entender, as reflexões que Mattoso Câmara diz aparecerem no *Brevis* se encontram já muito bem desenvolvidas no livro *Des Mots* dos *N.E.*, que, como mencionamos acima, é anterior àquela. Seja como for, os dois textos se associam imediatamente à problemática leibniziana da possibilidade de uma língua universal, pensada a partir da origem comum das línguas, parte da problemática leibniziana da possibilidade de uma *Characteristica universalis*, pensada também a partir do alfabeto dos pensamentos humanos. No que diz respeito ao aspecto logocêntrico, e tão particular às investigações leibnizianas da origem comum das línguas, vale lembrar o que disse Olga Pombo em seu *Leibniz e o problema de uma língua universal* (1997) sobre a influência do filosofema “língua universal”:

Valerá a pena ainda dizer que o filosofema da língua universal não está esgotado. Tema escandaloso, maldito, marginal à filosofia e à linguística, ele reaparece hoje com uma nova pertinência. A atestá-lo a obra recente de Umberto Eco [...]. Ao mesmo tempo a incontornável tradutibilidade das línguas impede-nos de não sonhar. **Mais do que uma traição, a tradução poderia ser a realização modesta de uma língua isenta de opacidades de uma abertura sem sombras de uma comunicação plena ao olhar do outro.** (POMBO, 1997, pp. 8-9, grifo nosso)¹⁰

⁹ Frédéric Nef, atual *Directeur d'Études* na EHESS (*École des Hautes Études en Sciences Sociales*), é autor de *A linguagem: uma abordagem filosófica* (Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995) e de *Leibniz et le langage* (Paris: Press Universitaires de France, 2000), trabalhos em que relaciona a Linguística à filosofia leibniziana da linguagem.

¹⁰ Olga Pombo se refere nessa passagem ao livro *A busca da língua perfeita*, de Umberto Eco (2002), bem como ao famoso aforismo italiano *traduttore traditore*, que significa que toda tradução acaba por ser uma traição do pensamento do texto original. Gostaríamos de sublinhar que, independente da autora ainda se encontrar aí claramente presa à ideia logocêntrica de língua universal – ao encarar a tradução como a possibilidade de “realização modesta de uma língua isenta de opacidades de uma abertura sem sombras de uma comunicação plena ao olhar do outro” –, esse livro, que é a publicação de sua dissertação de mestrado, representa, sem dúvida, uma grande contribuição para futuras reflexões acerca da influência do pensamento leibniziano na história da tradução.

Além do fato que foi em torno da elaboração daquelas obras de Leibniz que se desenvolveu parte da Linguística Histórico-Comparativa, a adoção do ponto de vista sobre a linguagem que perspassa tais obras, mais a questão da possibilidade ou não de uma língua universal, assumiria graves implicações para o que tradicionalmente fundamenta as teorias da tradução: um modo metafísico de se encarar a linguagem, porquanto se fundamenta na existência de uma língua original. Um modo “natural” de dar nomes que faz do conjunto das teorias leibnizianas da linguagem um alvo de críticas em potencial para o pensamento filosófico das últimas décadas, especialmente pelos filósofos pós-colonianistas, pós-guerras mundiais ou filiados a alguma forma de desconstrucionismo, uma vez que, ao defender uma origem comum para todas as línguas e, além do mais, defender a superioridade das línguas e culturas que mais se aproximam desse modo original de nomeação (e não coincidentemente a língua alemã se sobressairia entre elas), Leibniz contribui para a manutenção do etnocentrismo, logocentrismo que faz o pano de fundo de boa parte das discussões contemporâneas em torno da “União Europeia”.

Dito de outro modo, foi porque estivemos cercados pelos mais diversos problemas ligados à tradução de textos filosóficos – como, só para citar alguns exemplos, o da adequação terminológica (a questão da equivalência, ou correspondência formal e literal), o da compreensão das formações ideológicas às quais os autores pertencem, o das perdas na passagem de uma cultura para outra, o das metáforas, o do dito e do não-dito, o do gênero, o do estilo particular dos autores –, compreendemos que a Filosofia demanda tanto a criatividade quanto a fidelidade do tradutor, tanto a liberdade para encontrar soluções quanto o respeito ao rigor da elaboração dos conceitos. Em outras palavras, não devemos perder de vista a terminologia do autor, ou melhor, o modo como ela, por intermédio da tradução, tem se estabelecido na língua para a qual estamos traduzindo; paralelamente, no entanto, também é tarefa do tradutor analisar constantemente as línguas envolvidas no processo tradutório em questão com todos seus elementos contextuais, e averiguar se o modo como a terminologia do autor tem se estabelecido necessita de atualização.

À luz daquilo que se passou a designar como “pensamento do rastro”¹¹ de Derrida, da desconstrução, e de nossa experiência com a leitura e a tradução de textos da Filosofia da Linguagem, sobretudo os de Leibniz, pretendemos apresentar bastante introdutoriamente algumas teses filosóficas (etimológicas e filológicas) desse filósofo alemão sobre a questão da

¹¹ Sobre o “pensamento do rastro” como contraposição ao “pensamento da presença”, cf. NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a Literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 2ª ed. Niterói: EdUFF, 2001.

natureza da linguagem, ou melhor, contra aquilo que Locke havia apresentado como dizendo respeito aos aspectos materiais da linguagem e que, a partir da resposta leibniziana, contribuíram não só para a formação da Linguística Histórico-Comparativa como também para o desenvolvimento das teorias logocêntricas da tradução, teorias fundadas na busca pelo significado e sentido a partir de uma complexa e multifacetada metafísica da linguagem.

Para ilustrar nossas considerações mais associadas a essas questões de tradução, encontramos na Tradutologia do tradutor francês Antoine Berman (1942-1991), ou melhor, em seus fundamentos teórico-metodológicos, um respaldo pertinente, sobretudo naqueles desenvolvidos em seu *A Tradução e a Letra ou o Albergue do longínquo* (2007; doravante *A Tradução e a Letra*); a partir de tais fundamentos, faremos a “analítica” de alguns trechos dos capítulos de 1 a 3 do livro *As palavras* da primeira tradução brasileira dos *N.E.* (a de Luiz João Baraúna para a coleção *Os pensadores*)¹². Acreditamos que tal método bermaniano, ao fazer com que o “sistema de deformação” da “letra” do original seja revelado, vai ao encontro dos pensamentos contemporâneos, tal como o do desconstrucionismo derridiano, que criticam o logocentrismo arraigado e desenvolvido na Filosofia. Assim, e ainda com Berman, proporemos a “retradução” tão somente desses capítulos, uma vez que é neles que Leibniz tece importantes considerações sobre os aspectos materiais da natureza da linguagem, onde podemos encontrar aquela complexa e multifacetada metafísica da linguagem. Nos demais capítulos do livro *Des Mots*, Leibniz trata principalmente daquilo que Locke considera ser os aspectos formais, dos quais não poderíamos tratar adequadamente em um trabalho introdutório, como pretende nossa dissertação.

¹² Embora o *Novos ensaios sobre o entendimento humano* publicado nessa coleção jamais tenha passado por revisão em suas sucessivas edições (todas as reedições são iguais à primeira), consideramos pertinente esclarecer que a edição de nosso *corpus* de pesquisa é a de 1996.

1. FILOSOFIA E METAFÍSICA DA LINGUAGEM

É razoável pensar que a partir do momento que existe comunicação entre as pessoas, que há sua necessidade, existe também a preocupação com a linguagem, primeiramente pelo motivo mais óbvio: o fato da língua ser o principal meio pelo qual os indivíduos de qualquer comunidade linguística comunicam e expressam suas emoções e pensamentos, seja na forma falada, seja na forma escrita. Para os filósofos, especificamente, independente das tradições (escolas) filosóficas e contextos histórico-culturais a que estivessem ligados, independente da época e da nação a que pertencessem, sempre existiu a preocupação em “dominar” o discurso e, nesse intuito, a língua, por ser este veículo primordial de comunicação e expressão, sempre esteve em foco. Desse modo, é preciso ter em mente que boa parte das considerações ligadas à Filosofia da Linguagem do século XX diz respeito a questões que foram sentidas desde a tomada de consciência do importante papel que a linguagem, nas suas variadas manifestações, tem para o homem, ainda que, atualmente, o *problema da linguagem* ocupe um espaço maior e mais diversificado no “horizonte mundial”; é o que atesta Derrida ao afirmar:

Independente do que se pense sob esta rubrica, não há dúvida de que o *problema da linguagem* nunca foi apenas um problema entre outros. Mas nunca, tanto como hoje, invadira *como tal* o horizonte mundial das mais diversas pesquisas e dos diversos discursos mais heterogêneos em intenção, método e ideologia. (DERRIDA, 2006, p. 7).

O século passado, o XX, foi muito frutífero em considerações sobre a linguagem, e elas se fizeram sentir em boa parte nas reflexões sobre a natureza da linguagem, como filosofema que, a partir das obras de Platão, Aristóteles, santo Agostinho (354-430), Leibniz, Rousseau (1712-1778), Humboldt (1767-1835), dentre muitos outros, consagradamente dominou a filosofia do Ocidente e que tem a ver com aquilo que Merleau-Ponty (1908-1961), em *A prosa do mundo*, chamava de uma “espécie de religião do homem”¹³.

Assim, com o intuito de explicitar e justificar parte de nossa pesquisa, tecemos comentários sobre certas passagens do *Crátilo* e do *Sofista* de Platão e outras da *Bíblia Sagrada* (o *Novo* e o *Antigo* testamentos), uma vez que, especialmente na cultura ocidental, as

¹³ “Ela [a primeira fala do homem] inaugurou um novo mundo e, para nós que estamos dentro dele e sabemos por qual inversão copernicana ela é responsável, é legítimo recusar as perspectivas que apresentariam o mundo das instituições e da linguagem como segundo e derivado em relação ao mundo da natureza, e viver numa *espécie de religião do homem*”. (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 66).

interpretações mais comuns dos textos das tradições grega, judaica e cristã, respectivamente, foram responsáveis por tornar esses textos os principais fundadores de determinada metafísica da linguagem e, além disso, eles estão na base do imaginário acerca da natureza da linguagem, sustentado pela contínua manutenção daqueles princípios metafísicos.

Questão que ganhou complexidade no decorrer do tempo, podemos dizer que o filosofema da natureza da linguagem – juntamente com todo o imaginário que o envolve – além da grande complexidade e desenvolvimento que alcançou nas últimas décadas, como afirma Derrida, tem inegavelmente um dos seus principais momentos nas investigações realizadas do séc. XVII, e certamente Leibniz está entre os maiores expoentes dessa leva de pensadores.

1.1 METAFÍSICA DA LINGUAGEM – SUAS ORIGENS NAS TRADIÇÕES JUDAICA, GREGA E CRISTÃ

As primeiras falas da *Sagrada Escritura* formaram o imaginário de grande parte dos textos que, de alguma forma, até o séc. XVIII, tratam da linguagem e que, por isso, forneceram os princípios básicos da metafísica ligada à linguagem que foram alvo de críticas contemporâneas, como as de Derrida. Falas como “Haja luz”, “Haja um firmamento”, “Façamos o homem a nossa imagem...” seguidas de “e assim se fez”, enunciadas no início do *Gênesis*, referem-se ao momento que o Deus do *Antigo Testamento* criou tudo a partir da palavra; são as marcas do poder que a palavra assume na tradição hebraica. O texto é repleto de minúcias do hebraico que marcam o poder e a singularidade do verbo divino, como é o caso do verbo “criou” *Bara* ou *Bârâ*, que só pode ser aplicado a Deus, indicando uma criação de poder singular¹⁴; isso poderia indicar uma linguagem especial que o Deus cristão provavelmente utilizou quando da sua criação. Esse momento da criação é rediscutido no prólogo ao *Evangelho de São João*, onde o “Verbo divino”, o “Logos divino”, passa a assumir o modo e a importância que serão lembrados nas várias discussões posteriores sobre a linguagem. O texto diz o seguinte:

¹⁴ Questão ainda uma vez explorada por Walter Benjamin em seus textos, vide nosso artigo “Leibniz e Benjamin: uma introdução às teorias tradicionais da tradução ou às metafísicas da língua de saída e de chegada”. *O Mutum* ◊ revista de literatura e pensamento. Org. por Piero Eyben. Brasília, Escritura: Linguagem e Pensamento, n. 01, v. 1, fev., 2013, pp. 183-203.

No princípio era o Verbo (Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ Λόγος – *In principio erat Verbum*) e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam. (*Jó*, 1, 1-6).

O que mais chama atenção nessa passagem inicial é a apropriação da palavra grega *logos* como a maneira adequada de compreender o poder do Deus judaico-cristão de criar *ex nihilo* e a partir da palavra; uma criação a partir tão somente do Verbo divino; uma fala cercada de mistério e de difícil ou mesmo de impossível compreensão.

Outra importante passagem, que também constitui aquele imaginário, é aquela que se refere ao ato de nomeação dos animais realizado por Adão, enunciado nos seguintes termos:

Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem o desse. O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens... (*Gn*, 2, 18).

Esta seria a segunda passagem de maior importância no que diz respeito às referências à linguagem no *Antigo Testamento*. O ato de Adão nomear todas as criaturas teria originado aquilo a que se deu o nome de *língua adâmica*, que também pode ser interpretada como uma utilização singular da linguagem (além do fato, é claro, que ele é o primeiro homem a falar diretamente com Deus)¹⁵. A “criação” da língua adâmica, ou ainda da própria linguagem, teria como fundamento a característica mais própria das criaturas: teríamos no nome um “signo” totalmente adequado ao referente, uma língua capaz de alcançar as essências. É pensando nessa caracterização que, em *As palavras e as coisas* (1966), Michel Foucault comenta:

Sob sua forma primeira, quando foi dada aos homens pelo próprio Deus, a linguagem era um signo das coisas absolutamente certo e transparente, porque se lhes *assemelhava*. Os homens eram depositados sobre aquilo que designavam, assim como a força está escrita no corpo do Leão, a realeza no olhar da águia [...]. O hebreu carrega, pois, como resquícios, as marcas da nomeação primeira. E aquelas palavras que Adão havia pronunciado, impondo-as aos animais, permaneceram [...] arrastando consigo [...] as propriedades imóveis dos seres [...]. (FOUCAULT, 2002, pp. 49-50).

Leibniz, no *Des Mots*, refere-se, assim como o faz Foucault acima, à transparência do signo na linguagem adâmica pelo fato de ela se “assemelhar” às coisas, e questiona se o

¹⁵ Segundo as tradições abraâmicas, essa seria a língua falada por Adão e Eva no Jardim do Éden, a qual teria sido a língua usada por Deus para falar com Adão, ou simplesmente a língua inventada por ele.

hebraico, língua em que originariamente foi escrito o *Antigo Testamento*, a *Tora*, seria a língua mais adequada para reconstituir o alfabeto dos pensamentos humanos, repetindo uma afirmação que já havia feito muito tempo antes no texto *História e elogio da língua ou característica universal*¹⁶ (c. 1680), no qual também havia se lembrado da *die Natur-sprache* de Jakob Boehme (1575-1624).

A terceira passagem mais importante do *Antigo Testamento* é a da torre de Babel¹⁷, expressa nos seguintes termos:

A torre de Babel – Todo o mundo se servia da mesma língua e das mesmas palavras [mesmo vocabulário]. Como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra de Senaar [ou Sinear] e aí se estabeleceram. Disseram um ao outro: “Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!” O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa. Disseram: “Vinde! **Construamos** uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus! Façamo-nos um nome [ou seja, tornemos célebre nosso nome] e não sejamos dispersos sobre toda a terra” Ora, Iahweh desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham **construído**. E Iahweh disse: “Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será realizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros”. Iahweh os dispersou dali por toda a face da terra, e eles cessaram de **construir** a cidade. Deus-lhe por isso o nome de Babel, pois foi lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra. (*Gn*, 11, 1-9, grifo nosso).

Como contraparte, esse evento, o da multiplicação das línguas, também coloca em evidência o supremo poder do Deus judaico-cristão sobre a linguagem humana, a mesma de que Ele supostamente provera Adão no início dos tempos: Deus não só pode dar aos homens a faculdade de se compreenderem uns aos outros, como também pode lha subtrair a Seu bel-prazer. É preciso lembrar que esse evento é posterior ao do dilúvio e que, portanto, até então, só havia as línguas que descenderam diretamente dos três filhos de Noé: a camita, a semita e a jafética¹⁸. Isso dura até o momento que o Deus judaico-cristão, confundindo as línguas, busca impedir a construção da torre de Babel pelo povo semita. Além do mais, esta é considerada a

¹⁶ LEIBNIZ, G. W. “História y elogio de la lengua o característica universal”. In *Escritos Filosóficos*. Ed. por Ezequiel de Olaso: Buenos Aires: Editorial Charcas, 1982, pp. 165-172.

¹⁷ Não consideraremos aqui a enunciação bíblica do problema da glossolalia e da xenoglossia, isto é, dos fenômenos essencialmente religiosos que se ligam à manifestação individual de uma língua nova, (supostamente divina), e de uma ou mais línguas estrangeiras (uma espécie de mediunidade poliglota).

¹⁸ No *Brevis*, Leibniz afirma: “Dividimos, não incorrectamente, as línguas derivadas de uma [língua] antiga largamente difundida em duas espécies: as *japéticas*, como assim foram chamadas, e as *aramaicais*. As japéticas difundiram-se pela [região] setentrional, as aramaicas [pela] meridional; de facto, considero toda a nossa Europa [como pertencente à região] Setentrional. Daí que se as Setentrionais se referem a *Japhe* [um dos filhos de Noé], as meridionais, não sem razão, serão atribuídas aos descendentes de [seus] irmãos *Sem* e *Cam*. *Japeto* também [foi considerado] aquele de quem Prometeu (o que fabricou os homens) [era] filho, além disso, e como já tinha conhecimento Homero, os mitólogos tinham-no situado no Cáucaso, a Aramaica (ou *Arimi*) para os Sírios”. (LEIBNIZ, 2012, p. 129). Valeria a pena dar uma olhada também nos §§ 136-143 da *Teodiceia*.

terceira grande queda do gênero humano; a primeira foi a expulsão do paraíso, a segunda a do dilúvio e a terceira a da torre de Babel. Esta queda corresponderia ao pecado daqueles que, na unidade que formaram a fim de construir a torre de Babel, pretendiam se tornar célebres, fazer-se um nome, os mais altos entre os homens, a ponto de sua cidade alcançar a morada de Deus, mesmo sem o Seu auxílio. O que parece dar origem à punição divina. Seria esse o momento em que a linguagem teria perdido sua transparência original, aquela “transparência” da linguagem “foi destruída em Babel para punição dos homens”, como afirma Foucault (2002, p. 49).

A quarta referência à linguagem mais importante da *Sagrada Escritura* está no *Novo Testamento* e possivelmente é por isso, por não estar no *Antigo Testamento*, por não fazer parte do texto judaico, que Derrida e Benjamin parecem não tratar dela em seus escritos; no entanto, trata-se de um evento extraordinário que “pretende” ser a marca da realização; dizemos “pretende” pois não se realiza no presente, é uma previsão, a profecia daquilo que o Deus cristão virá a realizar; ela diz respeito ao “milagre” de Pentecostes:

Pentecostes – Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. **Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimissem [...].** Com o ruído que se produziu a multidão acorreu e ficou perplexa, pois cada qual ouvia falar em seu próprio idioma. Estupefatos e surpresos, diziam: “Não são, acaso, galileus todos os que estão falando? Como é, pois, que os ouvimos falar, cada um de nós, no próprio idioma em que nascemos? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, da Judéia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia próximas de Cirene; romanos que aqui residem; tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos apregoar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus” Estavam todos estupefatos. E atônitos, perguntavam uns aos outros: “Que vem a ser isto?” Outros, porém, zombavam: “Estão cheios de vinho doce”. (At 2, 1-13, grifo nosso).

Esse evento é marcado pela possibilidade da linguagem pousar na cabeça dos homens. Após o desenrolar desse evento, o apóstolo Pedro fala para a multidão estupefata que se trata de um milagre que deve fazer compreender o aviso do cumprimento da profecia segundo a qual “sucederá nos últimos dias, que Deus derramará Espírito sobre toda carne”. Esse evento costuma ser interpretado como o inverso do da torre de Babel; enquanto lá um milagre fez com que a língua única fosse perdida e todos passassem a não mais conseguir se comunicar entre si, aqui todos passam a ouvir e compreender o mesmo evangelho; cada um em sua própria língua, por mais variadas que elas fossem; a diversidade linguística não impedindo a

transparência quando do conhecimento (significado e sentido) do evangelho. É como se o Deus cristão extraordinariamente fizesse nascer o “sentido” único do evangelho na língua de cada povo que ali ouvia. Talvez daí tenha se constituído outro fundamento para o imaginário de uma língua da alma, que já possuiríamos mesmo antes de falar. Essa interpretação, em todo caso, parece dar sustentação à caracterização leibniziana de linguagem que parte de esquemas de pensamento¹⁹; em seu texto *O que é Idéia*²⁰ (1678) ele afirma:

[...] Deus, autor ao mesmo tempo das coisas e da mente, imprimiu nela aquela faculdade de pensar de tal modo que pode obter mediante suas operações tudo o que corresponde perfeitamente com o que surge das coisas mesmas. (LEIBNIZ, 1982, p. 179 [tradução nossa]).

Para o inatista Leibniz, o pensamento e a capacidade de linguagem teriam sido colocados por Deus na mente do homem e, conforme seu realismo (no sentido tomista do termo), poderiam corresponder muito bem ao que de real há nas coisas, assim, um alfabeto do pensamento, quando feito de forma adequada, corresponderia ao alfabeto da real natureza das coisas. A linguagem, quando empregada adequadamente, pode muito bem se tornar o espelho do mundo, do mundo real, das essências mesmas, das possibilidades; existiria uma “harmonia preestabelecida” entre o pensamento e o mundo, bastando apenas encontrar a maneira adequada de expressá-la. Também é preciso prestar bastante atenção ao fato que a unidade na faculdade humana de pensar fica garantida porque Deus assim o quis. Deste modo, o mundo que vemos é o mesmo e os pensamentos que podemos ter também, já que são parte de uma alma que é a mesma em todos: alma humana, alma racional. Parece se tratar da retomada do que afirmava Platão no *Timeu*, a saber:

Depois de madura reflexão, [a divindade] concluiu que das coisas visíveis por natureza jamais poderia sair um todo privado de inteligência mais belo do que um todo inteligente, e também: que em nenhum ser pode haver inteligência sem alma. Com base nesse raciocínio, pôs a inteligência na alma e a alma no corpo, e construiu o universo segundo tal critério, com o propósito de levar a cabo uma obra que fosse, por natureza, a mais bela e perfeita que se poderia imaginar. Desse princípio de verossimilhança pode-se concluir que o mundo, esse animal dotado de alma e razão, foi formado pela providência divina. (PLATÃO, 2001a [30 c], pp. 66-67).

¹⁹ Cf. *N.E.*, livro III, cap. I, §2, p. 262.

²⁰ LEIBNIZ, G.W. “¿Qué es idea?”. In *Escritos Filosóficos*. Ed. por Ezequiel de Olaso. Buenos Aires: Editorial Charcas, 1982, pp. 165-172.

A divindade teria feito o mundo e a alma humana segundo o mesmo critério, e teria colocado uma certa alma e razão em todos os seres. Por esse motivo, poderíamos estabelecer um acordo, uma correspondência, entre as coisas e o discurso, existiria um acordo possível entre as coisas do mundo e aquelas que o homem cria por meio da linguagem. Até certo ponto, também como era afirmado no *Sofista*: “Assim, pois, do mesmo modo que, entre as coisas, umas concordam mutuamente, outras não; assim, também, nos sinais vocais, alguns deles não podem concordar, ao passo que outros, por seu mútuo acordo, criaram o discurso.” (PLATÃO, 1972, 262 e, p. 196).

Além disso, quanto ao fato de que na Grécia de Platão a linguagem também era antes pensada na alma e depois externada como fala ou escrita, basta que pensemos na seguinte afirmação feita no *Sofista*: “Pensamento e discurso são, pois, a mesma coisa, salvo que é ao diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma que chamamos pensamento.” (PLATÃO, 1972, 263 e, pp. 196-197).

Na *Gramatologia*, Derrida lembra uma fala do convencionalista Aristóteles no *De interpretatione*, em que este afirma serem as afecções da alma e os pensamentos o que há de comum nos homens:

Assim como a escritura não é a mesma para todos os homens, as palavras faladas não são tampouco as mesmas, enquanto são idênticos para todos os estados de alma de que estas expressões são *imediatamente os signos* (σημεία πρώτως), como também são idênticos às coisas cujas imagens são esses estados”. (ARISTÓTELES, 16ª; apud DERRIDA, 2006, p. 14).

Passagem que Derrida introduz com o seguinte comentário:

Se Aristóteles, por exemplo, considera que “os sons emitidos pela voz (τὰ ἐν τῇ φωνῇ) são os símbolos dos estados de alma (παθήματα τῆς ψυχῆς) e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz” (*Da interpretação* 1, 16 a 3), é porque a voz, produtora dos *primeiros símbolos*, tem com a alma uma relação de proximidade essencial e imediata. Produtora do primeiro significante, ela não é um mero significante entre outros. Ela significa o “estado de alma” que, por sua vez, reflete ou reflexiona as coisas por semelhança natural. Entre o ser e a alma, as coisas e as afecções [os pensamentos], haveria uma relação de tradução ou significação natural; entre a alma e o *logos*, uma relação de simbolização convencional. E a *primeira* convenção, a que se referiria imediatamente à ordem da significação natural e universal, produzir-se-ia como linguagem falada. A linguagem escrita fixaria convenções, que ligariam entre si outras convenções. (DERRIDA, 2006, p. 13).

Assim, tanto no universo grego quanto no judaico-cristão teria acontecido aquela identificação entre ser-pensamento-linguagem; a linguagem tendo de ser pensada como dada na alma primeiro, no sujeito, no intelecto dos homens, depois se exteriorizando como gesto, como fala ou como “signal” escrito que alcança a essência mesma do mundo. É esse pensamento sobre a linguagem que o Merleau-Ponty de *A prosa do mundo* (“uma espécie de religião do homem”) e da mesma forma, como em parte já mostramos, Foucault e Derrida vão enfrentar, este último algumas vezes fazendo lembrar Walter Benjamin. A propósito, é essa mesma ideia que Heidegger, em *O caminho da linguagem*, diz estar por trás da caracterização da linguagem feita por Karl Wilhelm von Humboldt (barão de Humboldt, 1767-1835). Segundo Heidegger, Humboldt é uma das figuras mais importantes para a discussão dos problemas da linguagem desde o século XVIII, por conta de seu tratado sobre a linguagem do povo de Java. Assim como os outros, Heidegger se opõe ao modo como Humboldt teria entendido a linguagem: linguagem como uma atividade do sujeito, como *Energieia* e não como *Ergon*; *Energieia* pensada ao modo leibniziano, isto é, uma capacidade inata do sujeito de produzir a linguagem, ou ainda, graças a uma inteligência que já existe nele. A linguagem seria a insurgência de uma atividade do sujeito, uma insurgência da linguagem antes falada no silêncio da alma. Por esse motivo, a linguagem, para Humboldt, poderia ser compreendida como a “explicitação do desenvolvimento espiritual da espécie humana” (HEIDEGGER, 2003, p. 199) – caracterizando assim seu leibnizianismo.

Dito isso, podemos fazer as seguintes perguntas para a filosofia platônica: a linguagem, em geral por meio dos nomes, é capaz de abrigar “o sentido”? A linguagem é capaz de enunciar o ser, o ente, o mundo? Parece existirem ao menos duas interpretações de sua filosofia, e, portanto, de todo esse imaginário básico; na primeira, que parte da interpretação tradicional que se fez, ao longo da história, do *Crátilo*, do *Sofista* e do *Timeu*, a linguagem é remédio. E, no *Crátilo*, a questão começaria a ser enunciada da seguinte maneira:

Hermógenes – Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, [...] que, por natureza, tem sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os helenos como entre os bárbaros em geral. (PLATÃO, 2001, 383a, p. 145).

Hermógenes, personagem de quem partiu esta fala, afirma que Crátilo parece defender a tese de que os nomes podem sim ser atribuídos propriamente às coisas, algo como uma língua adâmica, ou seja, “que cada coisa tem por natureza um nome apropriado”; não se tratando,

portanto, de significação por convenção. Assim, a tese defendida por Crátilo se opõe à de que os nomes significam por convenção, contra o que pensava Hermógenes, que afirmava:

Hermógenes – Por minha parte, Sócrates, já conversei várias vezes a esse respeito tanto com ele [Crátilo] quanto com outras pessoas, sem que chegasse a convencer-me que a justeza dos nomes se baseia em outra coisa que não seja convenção e acordo. (PLATÃO, 2001, 384 d, p. 146).

A segunda interpretação da filosofia de Platão, e daquele imaginário de base, pode ter início com a leitura que Derrida faz da *Carta VII*²¹; segundo o filósofo argelino, em seu *A farmácia de Platão*²² (1972), a filosofia daquele parece poder ser lida a partir da palavra grega *Pharmakos*; na verdade, a partir da afirmação de que a “linguagem é pharmakos”, ou seja, que ela é tanto remédio como veneno.

Seja como for, parece que todo o problema da Filosofia está nessa primeira e tradicional interpretação da filosofia de Platão, seu imaginário mais fundamental. Essa ideia fundadora de que a linguagem é remédio explicita o momento em que a metafísica da linguagem passa a fazer parte da filosofia ocidental, o que, conseqüentemente, vai afetar por inteiro o fundamento das áreas do conhecimento que mais intimamente se ligam à linguagem e à história, como, por exemplo (e só para citar as que mais nos interessam nesse trabalho) a Linguística Histórico-Comparativa e a Tradução. É essa metafísica, mantida pela tradicional filosofia ocidental, que Derrida vai expor e desconstruir em trabalhos como: *O monolinguismo do outro, ou a prótese de origem*; *Gramatologia*; *Torres de Babel*; “Teologia da Tradução”; *A farmácia de Platão*; “Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl”; *Força de lei: o fundamento místico da autoridade* etc., alguns dos quais citamos abundantemente em nosso artigo “Leibniz e Benjamin: uma introdução às teorias tradicionais da tradução ou às metafísicas da língua de saída e de chegada”.

²¹ PLATÃO. *Carta VII*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; introd. de Terence H. Irwin; trad. do grego e notas de José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

²² DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

2. UM BREVE PLANO SOBRE A INVESTIGAÇÃO DAS ORIGENS DAS PALAVRAS E DE SUA UTILIDADE PARA A HISTÓRIA

Não é necessário ter muita erudição para saber que à medida que as circunstâncias propiciaram, os historiadores sempre puderam contar com documentos de diversas procedências, tais como artefatos, textos, gravuras, testemunhos etc. que servissem para conferir autenticidade a algum acontecimento histórico; como fonte para se investigar a História e levantar hipóteses sobre como se deu o desenvolvimento humano na variedade de seus aspectos, como o linguístico, o artístico, o econômico, o religioso, o político etc. No entanto, em sua investigação sobre as origens e conexões das línguas históricas, Leibniz não desejou tratar daquilo que estava explícito nos documentos escritos, mas dos indícios mais antigos que as palavras podem dar sobre as origens dos povos: “Visto que as *origens dos povos*²³ [mais] remotos estão para além da História, as *línguas*, em seu lugar, são os monumentos dos [povos] antigos.” (LEIBNIZ, 2012, p.125). O que ele pretendeu foi apresentar o estudo das línguas como uma ferramenta que possibilita ao historiador levantar hipóteses mais seguras sobre as origens e conexões das nações, uma vez que esse estudo ajuda a revelar associações que antes estavam ocultas.

Como profissionais da língua, entendemos e concordamos com Leibniz quanto ao fato que um texto é muito mais do que meramente um conjunto de palavras com seus significados dicionarizados, é mais também do que sintaxe. E a própria origem da palavra “texto” também o testemunha: originado do verbo latino *téxo, is, xūi, xtum, ère*, a “nossa” palavra “texto” significa *etimologicamente* “tecer”, “fazer tecido”, “entrançar”, “entrelaçar”; “construir sobrepondo ou entrelaçando”; além desse contexto “material” do verbo, também era utilizado originalmente no contexto “mental”, abstrato, com o sentido de “compor ou organizar o pensamento em obra escrita ou declamada”. Portanto, ainda que na correnteza da história a palavra “texto” tenha tomado diferentes rumos, se distanciado do manancial latino, não há como negar que ela guarda em si, mesmo que de forma um pouco oculta, o sentido de “composição e organização de ideias”, “trama de ideias”.

Se as palavras são a matéria para se “tecer o texto”, tal como o próprio “texto”, elas igualmente têm uma história, uma origem, e a sua investigação pode ajudar a compreender mais a fundo o sentido do texto ao qual elas fornecem a materialidade. Dito de outro modo,

²³ Quanto aos recursos gráficos usados no texto e nossas opções vide o subcapítulo 7.3 “Da importância do aspecto gráfico”.

recorrendo à investigação das palavras, isto é, de sua materialidade, de suas origens e conexões, entendemos, um pouco como Leibniz entendeu, que o historiador pode explorar mais a fundo a trama do texto e levantar hipóteses mais seguras sobre as origens e conexões das nações. No entanto, e é aí que a construção do sentido começa a ficar perigosa, se por um lado concordamos que a investigação dessa materialidade “pode” contribuir para a História, por outro não podemos esquecer que as investigações em Leibniz tendem a um modo metafísico de se encarar a linguagem, que seu discurso está pleno de uma intenção logocêntrica, inclusive pelo fato de ele defender explicitamente a superioridade da língua alemã; assim, se é certo que, de modo geral, a História muito pode se aproveitar dessas investigações, é certo também, por outro lado, que devemos manter um olhar “judicioso”²⁴ para discernir o que disso realmente pode ser aproveitado.

Mas, e de que fonte Leibniz teria bebido para fazer suas suposições? A fim de introduzirmos parte desse conjunto de saberes e mostrarmos parte de sua utilidade para a historiografia, acreditamos ser importante apresentar um pouco mais da história dessa preocupação com a linguagem a partir da Filosofia, ou melhor, da Filosofia da Linguagem. Esta, desde muitos séculos antes de a Linguística ser fundada por Ferdinand de Saussure (1857-1913) no início do século XX, vem se aprofundando em tudo que se refere à linguagem. Saussure, em seu *Cours de linguistique general*²⁵ (1916) – documento que, a propósito, além de ser o mais importante de que dispomos para conhecer os fundamentos da Linguística Moderna, veio a fornecer os princípios do Estruturalismo que serviria de base para as “ciências” –, estabeleceu que a Linguística somente tratava da língua, ou seja, excluiu a “fala” por seu caráter irregular, complexo e que se desvia de regras.

Independente das tradições (escolas) e contextos histórico-culturais a que os filósofos estivessem ligados, independente da época e da nação a que pertencessem, sempre existiu para eles a preocupação em alcançar a verdade, em conhecer a realidade, e nesse intuito, as línguas, por serem os veículos mais importantes de comunicação e expressão de pensamentos e sentimentos – quer acreditassem que ela se dá por natureza, por convenção, ou das duas maneiras, como é o caso de Leibniz – sempre estiveram em foco. Assim, à proporção que a Filosofia da Linguagem se desenvolveu e levantou hipóteses mais seguras sobre seu objeto, os historiadores tiveram uma aliada cada vez mais forte na compreensão dos documentos e dos comprometimentos ideológicos neles envolvidos; é inegável que a História se beneficiou com

²⁴ Em um sentido emprestado de um Derrida de *Torres de Babel* ou a *Força de Lei*.

²⁵ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, [1991?]).

os avanços das críticas formuladas pela Filosofia da Linguagem e pelas investigações que nela tiveram origem, como os estudos filológico, etimológico etc.

Diversas são as questões levantadas por esses filósofos que, no decorrer do tempo, viriam a afetar de modo efetivo a evolução da História (ou Historiografia) como ciência que estuda a trajetória da humanidade no curso do tempo, bem como a sequência de acontecimentos e fatos a ela correlatas; citemos algumas dessas questões: Qual a origem das línguas? São elas de origem adâmica (isso é, originou-se com Adão ou para Adão)? Ou de uma protolíngua (isto é, uma língua pré-histórica hipotética)? Se a sua origem é natural, isto é, se no início dos tempos o homem formou as palavras de maneira instintiva, motivada (ligando os sons articulados às coisas de acordo com suas afeições e sentimentos), em que momento, então, a ligação das palavras com os nomes deixou de ser por natureza para ser por convenção, ou em que momento ela passou a ser tanto por natureza como por convenção? Conhecer a origem das palavras (isso é, a etimologia delas) leva ao conhecimento da verdadeira significação? Pode uma língua ser superior a outra? Até que ponto as ciências da linguagem podem auxiliar o historiador a compreender o objeto de sua pesquisa? É possível fazer um estudo histórico de um período anterior à invenção da escrita recorrendo aos vestígios (ou mesmo traços, como quer Leibniz) etimológicos de documentos escritos? Como é possível anular, ao menos em parte, os obstáculos (como a distância no tempo e no espaço, as diferenças culturais etc.) quando da interpretação dos documentos? E por aí vai...

2.1. AS INVESTIGAÇÕES NA GRÉCIA ANTIGA

No mundo ocidental, é na Antiga Grécia que encontramos as primeiras abordagens “linguísticas”. Como já indicamos, podemos dizer que foi em Platão que encontramos os primeiros registros de uma completa e real preocupação com a natureza da linguagem, dado que seus antecessores pré-socráticos ainda se encontravam mais preocupados com questões relativas à *physis*, isto é, à natureza (no seu sentido mais geral) e que só em Sócrates (470-399 a.C), seu mestre, vemos as questões de ordem moral surgirem. Lembrando que, como este não deixou quaisquer escritos, é principalmente a partir dos textos de Platão, seu mais conhecido discípulo, que temos acesso ao legado de Sócrates (em vários dos seus diálogos [o diálogo era o gênero textual privilegiado por Platão], este faz com que Sócrates se manifeste como um

dos seus personagens). Assim, Platão pode ser considerado o precursor da Filosofia da Linguagem, ramo da Filosofia que investiga a essência e a natureza dos fenômenos linguísticos.

No entanto, além da de Platão, inúmeras foram as abordagens dessa investigação sobre a natureza da linguagem no decorrer do tempo. Influenciados pelas tradições filosóficas, pelos contextos histórico-culturais, pelas necessidades e pela época e nação em que se encontravam, outros pensadores impregnaram de diferentes sentidos o curso de suas investigações, e de seus sucessores. Nos textos de Platão, por exemplo, vemos que o âmago da sua investigação consiste em averiguar a relação entre o significado das palavras e a verdade. Como já vimos acima, no seu diálogo *Crátilo* é discutido se a língua é imposta aos homens por uma necessidade da natureza, isto é, se a língua é por natureza – posição defendida pelo personagem Crátilo,– ou se tem origem no poder de julgamento dos homens, isto é, se é ela por convenção – posição defendida pelo personagem Hermógenes, a saber:

Hermógenes: – Sócrates, o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens **convencionaram** dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes de sua língua, mas que, **por natureza**, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os helenos como entre os bárbaros em geral. (PLATÃO, 2001 [383 a], p. 145, grifo nosso).

Tudo indica que Platão se expressa na opinião de seu personagem Crátilo, até porque, de um modo geral, este posicionamento estaria mais de acordo com a sua filosofia. Assim, enquanto para Crátilo (e Platão) a língua é “motivada”, isto é, o próprio signo está ligada à coisa designada, para Hermógenes (e muito mais tarde também para Saussure, o fundador da Linguística Moderna), o signo é convencional, uma vez que ele significa conforme o acordo coletivo. O personagem Sócrates é, por outro lado, o mediador no diálogo ao mostrar que existe convenção na motivação e motivação na convenção.

Bem, como dissemos, o principal desse diálogo está na investigação sobre o verdadeiro significado de uma palavra, pesquisa baseada na análise de suas partes constituintes para se chegar ao “étimo”²⁶, ou seja, ao “verdadeiro significado da palavra segundo sua origem”, daí

²⁶ Do grego Ἔτυμος, ον, verdadeiro, real, étimo; daí ἔτυμολογία, ας. “Linguisticamente” falando, as partes constituintes das palavras a serem analisadas são os **fonemas** (que são as unidades mínimas das línguas naturais no nível fonêmico, fonológico, em outras palavras, as unidades sonoras da fala, as quais possuem valores distintivos, uma vez que o som “b” é diferente do “v”, mas não possuem significado), os **morfemas**.(unidades maiores que os fonemas, elas são as menores unidades linguísticas que possuem significado, e abarcam as **raízes** (elementos que formam a base de uma palavra, obtidos quando todos os afixos são retirados (p.ex.: *feliz* em *in-* + *feliz* + *-mente*)), os **afixos** (cada um dos morfemas não-autônomos (prefixos, sufixos e infixos), usados na

o termo “etimologia”. Assim, já encontramos aí um estudo etimológico, no entanto, com uma abordagem e finalidade bem diferentes da que se faz atualmente; diríamos que ela era mais filosófica. De fato, enquanto Platão, baseando-se no sons dos seus constituintes, visava uma compreensão da ideia original que dera lugar a uma determinada palavra e que ainda mantém sua verdadeira significação (uma vez que a língua não era vista como um acontecimento histórico), a etimologia contemporânea, por outro lado, busca a origem das palavras numa perspectiva histórica.

Que a língua é por convenção – além do personagem Hermógenes do diálogo platônico *Crátilo* – também será a posição defendida pelo filósofo grego Aristóteles em seu famoso *De Interpretatione*, onde, contra Crátilo, afirmava: “O nome é um som vocal significativo por convenção, sem referência ao tempo, nenhuma parte dele é significativa de forma separada.” (ARISTÓTELES, 1999, 16a 20, p.156)

2.2. AS INVESTIGAÇÕES NA IDADE MODERNA

Ao transitarmos da Idade Antiga para os dias atuais, como se tivéssemos que rodar um filme em câmara rápida, percebemos que as questões de linguagem no *Crátilo* e nas versões da *Bíblia* sempre influenciaram os filósofos ao longo desse intervalo de tempo.

A *Bíblia* teve muitas traduções importantes, e todo esse trabalho ainda é fundamental para pensar a história da tradução. Na Antiguidade, a mais famosa é a versão grega do *Antigo Testamento* chamada de *Septuaginta*, estabelecida pelos judeus de Alexandria no século II a.C. Mais tarde, São Jerônimo (331 ou 340-420 d. C.) a traduziu para o latim, versão conhecida por *Vulgata* e que foi declarada a versão oficial da Igreja Romana pelo Concílio de Trento (1545-1563). Bem mais tarde, com a Reforma e a Renascença, surgiram a tradução alemã de Lutero (1522-1534), a edição francesa de Lefèvre d'Étaples (1530) e a anglicana ou do Rei James (1611). E, dentre as traduções contemporâneas para a língua portuguesa do Brasil, a *Bíblia de Jerusalém* está entre as mais conhecidas.

derivação de palavras (por exemplo: *casar*: *casamento*, *feliz*: *infeliz* etc.), ou para flexioná-las em número, gênero, tempo, caso, etc.), as **formas livres** (morfemas que não precisam se agregar a outros morfemas para terem significado, por exemplo: *mar*), as **formas presas** (qualquer unidade que não ocorre sozinha num enunciado, mas sempre presa a outra (por exemplo: o prefixo *in-* em *infeliz*; o sufixo *-ndo* em *andando*; o radical *receb-* de *receber*)) e os **vocábulos gramaticais** (preposições, conjunções).

Desse modo, independente da crença nas *Sagradas Escrituras* como fonte da verdade, é inegável a sua importância como fonte histórica, como fonte inspiradora do imaginário de inúmeras culturas (sobretudo as ocidentais), e que propiciou tão diversas interpretações a respeito de toda sorte de questões concernentes à humanidade, como, por exemplo, a da natureza da linguagem. Além do mais, qualquer que tenha sido o foco dado à leitura dessa fonte, a necessidade de compreender e de divulgar as *Sagradas escrituras* (e a interpretação que se fizera delas) estimulou o desenvolvimento da língua nacional de vários países, como é caso da língua alemã com Martinho Lutero e, depois, com Leibniz²⁷.

Até pelo menos o séc. XVIII, certos eventos narrados na *Bíblia* – como o do *Fiat lux* (após a criação do mundo, Deus teria feito surgir o dia a partir dessa enunciação), o da língua de Adão, o do dilúvio²⁸, o da torre de Babel, o do Pentecostes, para só citar os principais – foram fundamentais para a Filosofia da Linguagem do Ocidente, e, como diriam filósofos da estirpe de Derrida, mais propriamente para sua Metafísica (já que se tratava de uma compreensão ontológica, teológica ou supra-sensível da realidade) da Linguagem.

A partir dos textos que iremos traduzir e comentar, podemos dizer que na Idade Moderna, novamente a questão da origem, da natureza das línguas será abordada basicamente de duas maneiras: 1) Na primeira maneira, a grande questão sobre a origem das línguas se transformará na se as significações das palavras são arbitrarias (*ex instituto*) – posição assumida, como já vimos, pelo filósofo empirista e nominalista John Locke em seu texto *Of Words* da obra *E.H.*, embora ele esteja entre os filósofos dessa época que, conscientemente ou não, pouco se remetem às questões da *Bíblia* relativas às línguas; cito Locke:

Por aqui se pode ver como as *palavras*, tão bem adaptadas a este fim por natureza, vêm a ser usadas pelos homens como sinais (*signs*) das suas ideias, e não por qualquer ligação natural existente entre certos sons articulados e certas ideias (pois, nesse caso, só haveria uma única língua entre os homens), mas por uma imposição voluntária, em virtude da qual uma certa palavra foi arbitrariamente constituída como sinal (*mark*) de uma ideia determinada. Assim, a função das palavras é serem

²⁷ É certo que, enquanto sugeria aperfeiçoamentos do alemão, Leibniz buscou acolhimento na língua francesa, pois era aquela no momento que estava abrigando o novo pensamento; tanto é assim que no prefácio à sua *Teodiceia* Leibniz diz: *On a écrit dans une langue étrangère, au hasard d'y faire bien des fautes, parce que cette matière y a été traitée depuis peu par d'autres, et y est lue davantage par ceux à qui on voudrait être utile par ce petit travail. On espère que les fautes du langage qui viennent non seulement de l'impression et du copiste, mais aussi de la précipitation de l'auteur, qui a été assez distrait, seront pardonnées; et si quelque erreur s'est glissée dans les sentiments, l'auteur sera des premiers à les corriger, après avoir été mieux informé: ayant donné ailleurs de telles marques de son amour de la vérité, qu'il espère qu'on ne prendra pas cette déclaration pour un compliment.* (LEIBNIZ, 1969, p. 49).

²⁸ Dilúvio do qual, além dos pares de animais, só se salvaram Noé e sua família. Esse evento, com a posterior dispersão de Jafé, Cam e Sem, filhos do patriarca Noé, teria fundamentado a designação dos três principais ramos linguísticos, o jafético, o camítico e o semítico, que teriam se estendido respectivamente pela Europa, África e Ásia; cf. nota 18.

marcas (*marks*) sensíveis das ideias, e as ideias que elas representam constituem a sua significação (*signification*) própria e imediata. (LOCKE, 2005, p. 545).

2) Na segunda maneira, se transformará na se as significações podem ser por natureza (isso é, se são motivadas naturalmente), ou ao menos em parte se relacionam à natureza, sendo esta última a posição assumida por Leibniz. Cito-o primeiramente em seu texto *Brevis*²⁹:

Sempre que for possível penetrar até a raiz **da onomatopeia** é isso que põe a descoberto a origem primeira dos vocábulos. No entanto, a maior parte das vezes, o passar do tempo e as numerosas deslocções [dos povos] fazem com que as antigas e as primitivas (*nativae*) significações sejam modificadas ou obscurecidas. De facto, as línguas nem surgiram *ex instituto* [nem], por assim dizer, foram estabelecidas por alguma lei, mas por um certo ímpeto natural nascidos dos homens que assim ajustam os sentimentos e paixões aos sons. Eu excludo [desta caracterização] as *línguas artificiais* [...]. (LEIBNIZ, 2012, pp. 126-127).

Uma outra passagem que explicita a opinião de Leibniz sobre a origem das línguas encontra-se no próprio *Des Mots*:

TEÓFILO. Sei que nas escolas e em outros lugares costuma-se dizer que as **significações** das palavras são arbitrárias (*ex instituto*) e é verdade que elas não são determinadas absolutamente por uma necessidade natural, mas elas não deixam de sê-lo por razões ora naturais, onde o acaso tem alguma participação, ora morais, onde entra a escolha. (Cap. II, 2ª alocução, tradução nossa).

2.3. REFLEXÃO ACERCA DA CONTRIBUIÇÃO DO *DES MOTS* E DO *BREVIS* PARA A HISTORIOGRAFIA.

Publicado em 1710 na *Ata dos eruditos da Academia de Berlim* (espécie de revista acadêmica da época), vemos tecido no *Brevis* uma série de considerações em torno da possibilidade de reconstituir a história, desde sua origem, de diversos povos euro-asiáticos (e mesmo de alguns povos africanos) a partir das línguas que foram utilizadas em determinadas regiões. No século XVIII, esse recurso às línguas se tornou uma autêntica maneira de se fazer

²⁹ Sobre o *Brevis*, cf. nota 3.

História. Além disso, a partir do estudo das semelhanças entre as línguas, Leibniz procurou estabelecer parentesco genealógico entre elas agrupando-as em “famílias” e, assim, pôde formular hipóteses sobre as suas origens, bem como descrever diacronicamente as regularidades das suas variações.

Por isso mesmo, devido aos meios de que Leibniz se utiliza para empreender suas investigações, alguns linguistas, como Joaquim Mattoso Câmara Jr., consideram-no o grande precursor da Linguística Histórico-Comparativa. Suas investigações, ainda que desenvolvidas cerca de dois séculos antes do estabelecimento da Linguística Moderna com Ferdinand de Saussure, já envolvem questões e soluções por vezes muito semelhantes às apresentadas posteriormente, quando os estudos linguísticos estão mais avançados. Já vemos, por exemplo, a antecipação de questões relacionadas à Fonética, à Fonologia, à Semântica, à Geografia Linguística, à Etimologia, à Tradutologia, à Análise do discurso, à Pragmática etc.

Com base na tradução do *Brevis* e na retradução do livro *Des Mots*, pretendemos apresentar aqui, de forma bastante introdutória, aquilo que acreditamos trazer à tona algumas das mais difundidas reflexões acerca das línguas e que acreditamos corresponder aos primeiros passos de um determinado ramo dos estudos sobre as línguas, a Linguística Histórico-Comparativa; ramo que, como em quase todo princípio, ainda se encontrava com limites indefinidos na época de Leibniz, mas que, até por isso mesmo, é muito interessante, pois abre várias possibilidades de análise não só sobre a língua, mas também sobre outros importantes componentes da História da humanidade, como a política, os hábitos, o imaginário, a produção intelectual, as migrações etc.

Em nossa opinião, a investigação histórico-comparativa realizada por Leibniz praticamente equivale à Filologia, ciência complexa e muito antiga sobre a qual, diferente do termo Linguística Histórico-Comparativa, há referências desde a Grécia Antiga e que, de maneira geral, abarca os seguintes estudos:

- A gramática histórica (isso é, o estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica [das menores unidades linguísticas significantes; um exemplo: “mar”] e fonológica [das menores unidades sonoras distintivas, mas que, porém, não possuem significado; vaca e faca, por exemplo, são diferentes devido aos fonemas “v” e “f” respectivamente]) baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (temos, por exemplo, a filologia latina, a filologia germânica etc.). A partir da gramática comparativa é possível estabelecer a genealogia de uma língua,

ou seja, identificar a língua da qual ela provém, assim como das línguas que possuem a mesma origem. O português, o italiano, o espanhol, o francês e o romeno, por exemplo, têm por antepassado o latim, e este, por sua vez, tem por antepassado o indo-europeu, que é uma protolíngua. Temos aí uma família linguística, isto é, um grupo de línguas “geneticamente” aparentadas (derivadas de uma mesma protolíngua), cuja origem comum, inferida por estudos comparativos de gramática, filologia e linguística histórica, é atestada por grande número de cognatos – ou seja, de palavras que têm uma mesma raiz –, e de correspondências sistemáticas e regulares de ordem fonológica e/ou gramatical.

- O estudo de escritos antigos e de sua transmissão para estabelecer, interpretar e editar os textos que podem revelar o legado de sociedades e civilizações antigas.
- O estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (como a paleografia [estudo das antigas formas de escrita, incluindo sua datação, decifração, origem, interpretação etc.], história literária, econômica etc.), especialmente para a edição de textos.

Vamos a alguns exemplos: quando Leibniz diz “[...] deveria ser feito um estudo diligente das línguas isoladas e das separadas da comunhão das restantes, pois que aí se escondem as origens mais profundas [dos povos]” (2012, p. 131), e em um outro momento “nos lugares de difícil acesso as línguas foram menos mudadas” (2012, p. 140), vemos a antecipação de questões relativas à Etimologia e à Geografia linguística. E, de fato, até hoje aceita-se a hipótese de que a evolução diacrônica dos falantes com certo distanciamento espacial de outras comunidades é mais lenta e que, portanto, estes falantes estão mais próximos de suas raízes históricas.

Durante a tradução do *Des Mots*, chamou-nos muito a atenção, primeiramente, a agudeza com que seu autor trata ponto a ponto das questões relacionadas à linguagem presentes no *Of Words* de Locke e, em seguida, a profunda erudição com que o primeiro apresenta a origem e o desenvolvimento dos povos a partir das línguas; para isso, ele recorre ao método comparatista (método utilizado na Linguística Histórico-Comparativa um século mais tarde). Sua argumentação, por vezes, refere-se, como já dissemos, ao problema já formulado no diálogo *Crátilo* (de Platão), o qual foi retomado no *Organon* aristotélico: o de se a linguagem é por natureza ou se é por convenção. Além desse, são diversos os problemas

sobre linguagem que poderíamos extrair do *Des Mots*, mas, a fim de limitarmos nosso foco, vamos levar em consideração a seguinte divisão estabelecida por Locke:

[...] para melhor se entender o emprego e o poder da **linguagem** (*language*) [...] vem a propósito ver, em primeiro lugar *a que se aplica imediatamente os nomes no uso que fazemos da linguagem*. E porque todos os nomes (exceto os nomes próprios) são gerais, e não significam em particular tal ou tal coisa singular, mas conjuntos, será necessário considerar em segundo lugar que variedades de coisas existem, ou se gostarmos de termos latinos, *que species e genera de coisas existem, em que consistem e como se formam*. Depois de terem examinado estas coisas como deve ser, [em terceiro lugar] estaremos em melhores condições de descobrir qual o verdadeiro emprego das palavras, as naturais vantagens e defeitos da linguagem e os remédios a usar para evitar a obscuridade ou incerteza na significação (*signification*) das palavras [...]. (LOCKE, 2005, p. 544, negrito nosso).

Concluimos disso que as principais questões a serem tratadas por Locke e, conseqüentemente por Leibniz (já que seu texto é uma resposta ao de Locke) são: “qual o verdadeiro emprego das palavras, as naturais vantagens e defeitos da linguagem e os remédios a usar para evitar a obscuridade ou incerteza na significação das palavras”. No entanto, e como já exemplificamos, suas opiniões divergem logo de início.

Leibniz crê que a origem das línguas se deu por natureza e também por convenção; e que a todo momento sofreu e sofre influências de todos os tipos; seu trabalho é, portanto, pautado nos fatos históricos, no passado. Locke, por outro lado, crê apenas nas línguas como convenções e, contrariamente a Leibniz, parece olhar mais para o futuro, sugerindo, dentre outras coisas, remédios para evitar a obscuridade ou incerteza na significação das palavras. Acontece que falar como deve ser o futuro sem ter conhecimento do passado é desconsiderar que existe alguma causalidade. A Linguística Histórico-Comparativa, por buscar reconstruir o passado, permite a visualização dessa causalidade. Assim, mais do que responder a Locke, Leibniz demonstra com muita eficiência as bases sólidas das suas respostas, fundadas em uma investigação histórico-comparatista das línguas e em uma erudição que se devia especialmente ao seu acesso a obras (dentre outras funções, Leibniz também foi bibliotecário da casa de Brunswick) e à sua constante correspondência com eruditos de várias áreas do conhecimento, dentre eles especialistas em línguas e em culturas diversas (aliás, em seus textos há sempre muitas referências a estes escritores e suas contribuições).

Além disso, diferente do que muitos comentadores dizem, não acreditamos que nesses dois trabalhos, no *N.E.* e no *Brevis*, Leibniz fale em uma possibilidade de retorno a uma língua adâmica ou na realização de uma “língua universal” (língua artificial), pois, segundo

ele, isso só seria possível na Matemática, sobre a qual nada mencionaremos aqui. Acreditamos que o autor deixa claro seu posicionamento àquele respeito quando no *Brevis* diz:

[...] nas línguas nascidas pouco a pouco conforme a ocasião, os vocábulos surgem a partir da analogia do som emitido (*vox*) com os sentimentos (*affectus*); de tal forma que a sensação acompanha a coisa. Tenho para mim que não foi de outro modo que **Adão** atribui os nomes.

A partir de então, compreendemos facilmente que muitos vocábulos peculiares assumiram sua forma graças a séculos de trabalho de vários povos, sobretudo quando o rude [povo] bárbaro possuía mais ímpeto do que razão e, conforme as ocasiões se davam, transformava o sentimento em som; e deve ter sido [um trabalho], já que tinha a alma [como fonte] e, além disso, os próprios **órgãos** da fala dos quais o uso não fora igualmente fácil para todas as nações. (LEIBNIZ, 2012, p. 127).

É mediante tal investigação das línguas históricas e da comparação entre tais resultados que podemos conhecer com mais profundidade e precisão tanto o modo como ocorrem os processos de formação de palavras usados pelos falantes dessas comunidades (tais como a figura, o tropo, a ampliação do sentido, o neologismo, o calco linguístico, a composição [como em “papel-moeda”, boquiaberto, cisalpino], a onomatopeia, a derivação, a conotação, o empréstimo [galicismo, anglicismo etc], o hibridismo etc) como também, e finalmente, os elementos que constituem sua História (tais como os meios de produção, as necessidades criadas, o clima, a vegetação, os hábitos, as afeições, a religião, a expressão artística, a política etc.).

2.3.1 Comentários a alguns trechos do *Brevis*.

Como veremos abaixo, a onomástica, isto é, o estudo linguístico dos nomes próprios em geral (vide Comentário D)³⁰, representa um papel fundamental na investigação histórica. Segundo Leibniz, o conhecimento da onomástica de uma nação é o recurso mais acessível para levantar boas hipóteses acerca da sua história:

³⁰ Visto que daqui até o fim dessa dissertação comentamos diversos excertos dos trabalhos de Leibniz, os quais compreendem uma vasta e complexa gama de informações, consideramos mais pertinente à meta de objetividade na dissertação enumerar essas informações e comentá-las uma por uma. Algumas dessas informações farão parte das notas de nossa retradução do *Des Mots*.

Visto que as *origens dos povos*³¹ [mais] remotos estão para além da História, as *línguas*, em seu lugar, são os monumentos dos [povos] antigos. [I] Os vestígios mais antigos das línguas subsistem [uns] nos nomes dos rios e das florestas, os quais persistem mesmo com as mudanças da maioria dos que habitaram as suas margens; os outros [vestígios] estão nas denominações (*appellations*) dos lugares fundados pelos homens. Com efeito, apesar de muitas vilas e muitas cidades terem sido nomeadas a partir [dos nomes] dos [seus] fundadores, o que na Germânia – a qual foi seriamente venerada – é bastante frequente, também os antigos nomes dos homens, dos quais nenhum povo da Germânia conservou mais [desses nomes] do que o [povo] frísio, conduzem-nos às coisas sagradas, por assim dizer, da antiga língua. Todavia, eu assumo o seguinte axioma: *todos os nomes que chamamos de próprios foram, algum dia, denominações (appellativa [II])*; de outro modo, [esses nomes] não teriam razão para se firmar. Assim, todas as vezes que um vocábulo referente a um rio, a uma montanha, a uma floresta, a um povo, a um território, a uma província ou a uma vila escapar à nossa compreensão, devemos compreender que nos distanciamos da antiga língua. (LEIBNIZ, 2012, pp. 125-126)

Comentário I: A onomástica compreende subdivisões como: toponímia (nome de lugar), antroponímia (nome próprio de pessoa), oronímia (nome de montanha), politonímia (nome de cidade), potamonímia (nome de rio) etc.

Comentário II: O termo *appellativa*, que traduzimos por “denominações”, equivale ao termo “*appellatifs*”, daí “apelativos”, isto é, substantivos comuns que denominam classes de seres definidas por um conjunto constante de propriedades comuns.

No trecho abaixo, encontramos referências à protolíngua, à Fonética (ciência histórica, diacrônica) e à Fonologia (acrônica, pois trata do mecanismo da articulação):

Todavia, é importantíssimo notar que em uma grande extensão de nosso continente alguns dos *vestígios amplamente disseminados das línguas antigas* subsistem nas línguas actuais; penso que desde então muitos foram os vocábulos que a partir do mar britânico se estenderam até ao mar do Japão. Eu não pretendo recordar aquela [observação] desgastada de Sacas [III] empregue em toda parte, [mas] que não foi examinada. Invocarei outra palavra como exemplo, já usada pelos antigos celtas, para os quais *Mar* era outrora cavalo. Daí Pausânias ter nos transmitido que eles chamavam *Trimarchia* à tríplice fileira da cavalaria [IV]. A palavra (*vox*) *Mar* ou *Mare* [foi] conhecidíssima dos antigos teutões (para os quais *Mareschalcus* [V] é quem está à frente dos cavalos), e actualmente subsiste entre os germânicos. Da mesma maneira, a palavra *Mar*, e outras aparentadas, foi conhecida dos antiquíssimos tártaros e, a partir deles, até aos chineses; com o que se espantou o rei João da Polónia, afamado tanto pela força quanto pela sua doutrina do amor, desde que um [certo] Cláudio Grimaldi, regressado da China, lhe explicou a elucidação de alguns dos vocábulos dos Tártaros Orientais; de facto, o rei conservava a língua dos Praecopitas [VI]; como foi, pouco depois, descrito pelo exímio Grimaldi. Do mesmo modo, a palavra *kan* [diz respeito] ao que tem poder, ao nobre, ao que rege. De

³¹ Como já o dissemos, sobre os recursos gráficos usados por Leibniz e por nós; cf. subcapítulo 7.3.

facto, *kan, konnen*, significa poder; *king, konig*, aquele que rege, mas, *Chaganus, Can*, para os Sármatas, Hunos, Persas, Turcos [e] para os Tártaros, [indica] Príncipe, tal como para os Chineses. [...] Assim, as novas línguas nascem a partir da mistura e da corrupção das outras; [...] e as repetidas corrupções, por fim, confundem todos os traços da origem das corrupções. Assim, não me admiro que o parentesco entre as nossas [línguas] e as línguas [dos povos] do interior da África e de todos [aqueles] da América não possa ser conhecido. (LEIBNIZ, 2012, pp. 127-129).

Comentário III: É provável que Leibniz se refira ao filósofo grego Amônio Sacas que viveu entre 175-242 d.C.

Comentário IV: Certamente Leibniz se refere a uma informação contida no *Descrição da Grécia*, um dos primeiros exemplares da literatura periegetica da Europa e o único livro conhecido de autoria do geógrafo e historiador grego Pausânias (c.115-180 d.C.).

Comentário V: Atualmente, “marechal” significa a patente mais alta da hierarquia militar, no entanto, a etimologia do termo remonta a significados que incluem “cavalo”; exemplos: “artesão encarregado das ferraduras dos cavalos”, “oficial encarregado dos cavalos”, “oficial responsável pelo comando de um exército” (supõe-se que a cavalo), “criado doméstico que cuida dos cavalos”.

Comentário VI: Leibniz se refere ao rei João III Sobiesky da Polônia (1629-1696) – que foi rei da União Polaco-Lituana de 1674 a 1696 – e ao jesuíta italiano Cláudio Grimaldi (1638-1712), missionário e assessor diplomático em Pequim, com quem Leibniz teve contato e que está na base do seu interesse pela China. Quanto à “língua dos procópios”, há dois indícios que nos levam a crer que Leibniz se refere à língua falada em Ürgup, uma das cidades mais antigas e importantes da Capadócia, na Turquia: o primeiro é que os tártaros orientais são um grupo étnico relacionado com os turcos e os mongóis; e o segundo é que, ao longo da sua história, Ürgup teve vários nomes, dentre os quais Procópio.

Podemos lembrar também a menção à antiguidade das *Sagradas Escrituras*:

A *hebraica*, por exemplo, [parece] constituir um dialecto (*dialectum*) de uma língua bem maior, e um pouco do que desta restou mostra-se conservado naquela; o que não é de admirar já que ela ocupou uma pequena parte da Síria. É possível que ela, melhor do que outras, tenha preservado antiquíssimas relíquias, uma vez que não temos livros mais antigos de nenhum outro povo. (LEIBNIZ, 2012, p. 129).

Como de costume, há referência a alguns eruditos que contribuíram para os estudos linguísticos e à importância da escrita para “estabilizar” uma língua:

Deste modo, devido ao intervalo entre os tempos e, do mesmo modo, [a distância] entre os lugares, primeiro os dialectos e, por fim, as línguas são mudadas. De facto, quando a expressão oral é redigida em papel, a ponto de termos o espaço para nela meditar, as origens comuns evidentes vêm à luz na maioria dos casos; o *dialecto* é mais variado que a *língua*. A propósito, no que diz respeito à *língua germânica antiga*, em primeiro lugar Franciscus Junius [apelidado de filho de teólogo] teve notável mérito, cujas partes de suas lucubrações foram preservadas em Oxônia; cujo exemplo estimulou o teólogo George Hickes [VII] da Igreja Anglicana, homem notável que nos forneceu um tesouro das línguas setentrionais [evidentemente, a dos teutónicos], um grande e utilíssimo trabalho. Junto a nós, recentemente, homens excelentes como o juriconsulto Johann Schilter [VIII], primeiro residente de Iena [e] depois de Argentorato [IX], e [graças ao meu encorajamento] Gerardus Meierus [X], teólogo de Bremen, atacaram as antigas línguas germânicas com o objetivo de esclarecê-las; por ambos as notáveis obras foram abandonadas [ainda que certamente estivessem dispostos a realizá-las], pois foram subtraídos pela morte. (LEIBNIZ, 2012, pp. 142-143).

Comentário VII: Franciscus Junius, o jovem (assim chamado para ser diferenciado do seu pai; c. 1589-1677), foi considerado um dos maiores especialistas das origens linguísticas germânicas. Em 1665, publicou seu *Quatuor D. N. Jesu Christi Evangeliorum versiones per antiquae duae, gothica scilicet et anglo-saxonica*, no qual compara o texto gótico e o texto anglo-saxônico dos Evangelhos; com base nesse trabalho, ele constituiu um *Gothicum Glossarium, quo Argentei Codicis vocabula explicantur et illustrantur*, de 1664. No português arcaico, Oxônia é o nome da cidade inglesa de Oxford. Georges Hickes (1642-1715), bispo de Thetford, é autor das *Institutiones grammaticae anglo-saxonicae et moeso-gothicae* (1689) e de um *Linguarum veterum septentrionalium Thesaurus* (1703-1705).

Comentário VIII: O juriconsulto e historiador alemão Johann Schilter (1632-1705) publicou, em 1728, um *Thesaurus antiquitatum teutonicarum*.

Comentário IX: Os antigos romanos conheciam a cidade de Estrasburgo, na Escócia, pelo nome de *Argentoratum*.

Comentário X: Quanto a Gerardus Meierus (ou Meyer; 1646-1708), filósofo e linguista – foi um dos mais importantes correspondentes de Leibniz no que concerne às origens da língua alemã – também ele compôs um *Glossarium linguae saxonicae*.

Mas também há referências sobre as falácias que a escrita pode suscitar:

Parece-me fabulosa a migração dos *asiáticos* para a Suécia (em toda parte contada por mitos populares [mais antigos] e pelos mais recentes) devido à distância [ser] tão grande e pelas muitas dificuldades de se viajar naquela época; [fábula] que foi inventada quando os escandinavos, ao quererem aprender a escrita, tomaram conhecimento da existência da *Ásia*. [...] Os estrangeiros setentrionais alteraram

Wotan para *Odin*, pois, como com a letra *W*, aqui e ali, eles mutilam as palavras germánicas. [...] Não irei tratar das muitas migrações dos povos germánicos nas províncias do Império Romano, isso porque foram conhecidas a partir da História, e porque não [P. 15] faltam suporte nas línguas [XI]. (LEIBNIZ, 2012, pp. 146-147).

Comentário XI: Neste parágrafo, Leibniz chama novamente a atenção para a especificidade do presente texto.

3. METAFÍSICA LEIBNIZIANA DA LINGUAGEM – SUA RELAÇÃO COM AS TEORIAS LOGOGÊNTRICAS DA TRADUÇÃO

O processo de tradução pode suscitar várias questões teóricas graves relacionadas ao que se costuma chamar de Filosofia da Linguagem e muitas delas se associam, mais especificamente, à própria origem do que hoje chamamos de Linguística Histórico-Comparativa, disciplina que, a partir de seus fundamentos, pode evidenciar a “essência etnocêntrica, hipertextual e platônica” das teorias tradicionais da tradução (BERMAN, 2007, p. 26). Dentre as mais antigas e conhecidas questões ligadas aos aspectos materiais da linguagem – estes, a própria substância da Linguística Histórico-Comparativa – que podem ser associadas ao trabalho de tradução está aquela de que se ela, a linguagem, é por natureza ou por convenção e aquela de se é possível compreender as origens e conexões das nações a partir das origens e conexões das línguas; e tais questões, para dar um exemplo recente de suas manifestações na área da tradução, podem ser vistas na Tradução Filológica.

Essa concepção, muito representativa de uma polaridade da essência etnocentrista das teorias tradicionais da tradução, “dominou” no século XIX a tradução de textos fundadores, como a *Bíblia*; temos mostras disso quando, a partir da exigência de um profundo conhecimento etimológico da língua de partida, o adepto de tal concepção tem em foco a restituição do sentido original dos textos, a exatidão do sentido das palavras, mas, por outro lado, não dá a devida importância aos outros níveis de iconicidade na passagem da língua de saída para a de chegada. Sobre isso, Berman esclarece que:

O século XIX vê a filologia, junto da crítica e do “estabelecimento” dos textos, tomar o *controle* do acesso aos grandes textos da tradição. [...]“traduções acompanhadas de um “aparelho crítico”. [...] **Essas traduções não têm ambição literária; objetivam simplesmente restituir o sentido dos textos. Na verdade isso se manifesta por uma certa literalidade** [...]. O filólogo não pretende ser “elegante” ou poético”, mas correto (para a língua para a qual se traduz) e exato (para o texto a traduzir). Ele quer fazer a tradução mais exata possível de um texto estabelecido o mais exato possível, apoiando-se num saber não menos exatos das línguas de partida. Tudo isso em reação contra as traduções anteriores, [as *Belles Infidèles*] que eram a transmissão livre (inexata) de um texto mal estabelecido. (BERMAN, 2007, pp. 110-111, grifo nosso)

E, mais adiante, um dos outros motivos de tal desequilíbrio nos níveis de iconicidade se torna evidente quando ele diz que:

O maior problema da tradução filológica é que ela não tem horizonte. Eu me refiro não somente a princípios de tradução, mas a uma certa ancoragem na língua e na literatura da cultura na qual se traduz. Traduz-se sempre a partir de um certo *estado* de sua língua e de sua literatura. Assim, a poesia estrangeira se traduz a partir da nossa poesia *contemporânea*. (BERMAN, 2007, p.114, grifo nosso)

Assim, os praticantes da tradução filológica e os da *Belles Infidèles* nada mais fazem do que seguir em direções opostas a trilha do pensamento etnocêntrico (ou logocêntrico, como acreditamos que Derrida diria) das teorias tradicionais da tradução; se, por um lado, os tradutores filológicos importam-se mais com um literalismo superficial fundamentado em uma preocupação exacerbada pela etimologia das palavras, com a exatidão a ser alcançada na transferência dos sentidos da língua de saída para a língua de chegada, mesmo que isso torne o texto ininteligível, por outro lado, os tradutores “à la” *Belles Infidèles* importam-se mais com a produção de sentido na língua de chegada, mesmo que isso signifique a descaracterização do original; e, aliás, como bem lembra Berman a respeito da tradução de *E.H.* para o francês:

Esta concepção da tradução, que gerou na França, nos séculos XVII e XVIII, as “belas infiéis”, pode parecer ultrapassada. Não estamos mais na época em que se transformava, pela própria vontade, uma obra estrangeira. Coste, o tradutor para o francês de *Ensaio acerca do entendimento humano* de Locke, permitia-se substituir certas palavras por outras – “Caius” por “Titus”, “noz” por “damasco” –, suprimir uma passagem “por ser obviamente ridícula demais” (Joseph de Maistre, citado por Valéry Larbaud). (BERMAN, 2007, p. 29)

E, mais para frente, Berman sintetiza o que significa esse momento da tradução na França, quando diz:

A França clássica havia colocado sua língua como o modelo de comunicação, de representação e de criação literária; este modelo constitui-se pela exclusão de todos os elementos linguísticos vernáculos ou estrangeiros. Desde então, a transposição só poderia ser uma transposição livre, uma aclimação filtrante dos textos estrangeiros. (BERMAN, 2007, p. 36).

Portanto, ambas as concepções de tradução têm o mesmo objetivo etnocêntrico: alcançar “o sentido”, independente de que se mate ou não “a letra”. Como insiste Berman:

[...] a filologia, ao “embalsamar” esses textos, consoma, sem se dar conta, esta *ruptura com a tradição* que acontece de outra forma no plano cultural e literário. É neste momento – e somente neste momento – que Homero, Dante, Virgílio etc., se tornam ininteligíveis, enquanto que a tradição, com suas traduções “inexatas”, conservava com eles uma relação viva, feita de imitação e de recriação. (BERMAN, 2007, p. 113)

No entanto, houve, nesse mesmo período da tradução filológica, tradutores que, ao manterem uma “relação viva” com a língua, ao manterem uma postura ética baseada na compreensão mais profunda do literalismo, da letra, da tradução literal, experienciaram o que parece dar a medida do que se deve esperar da tradução de essência “ética, poética e pensante” bermaniana, oposta à de essência “etnocêntrica, hipertextual e platônica”; literalismo não como tradução servil do “palavra por palavra”, mas como abrigo do estrangeiro, como tradução da lógica mais profunda dos idiomas envolvidos, de sua complexidade, e na atitude de respeito por ambos.

Esse processo [das teorias tradicionais da tradução] conhece exceções, onde a filologia guardou a memória das suas origens românticas, onde ela ficou filologia, amor-da-língua, onde ela não se tornou erudição obtusa [...]. Para estes grandes sábios, a filologia permanece presa no espaço da *Bildung*. O movimento de retradução do século XX esbarra imediatamente na espessa muralha que a filologia erigiu ao redor das obras clássicas. Mas se se trata, *contra* ela, de reencontrar o acesso a essas obras, não pode ser um retorno a traduções a-filológicas ou pré-filológicas. Não: **trata-se de explorar as aquisições positivas desta disciplina para oferecer versões com sentido de “exatidão” mais profundo, mais rigoroso, mais conforme às obras e a suas relações com as línguas do que as traduções filológicas.** (BERMAN, 2007, p. 113, grifo nosso).

Mas o que esses dois tipos de experiência com a linguagem e com a tradução têm a ver com aquelas questões ligadas à natureza da linguagem, aos seus aspectos materiais? É o que intentaremos responder neste capítulo. A obra *N.E.* é, na verdade, mais do que uma simples resposta à obra *E.H.* do filósofo empirista John Locke (1632-1704); ao dialogar com o texto de Locke incluindo-o em seu próprio ensaio, ao fazer da voz de Locke a voz do personagem Filaleto com que seu alter-ego Teófilo dialoga, Leibniz amplia as questões “*sur l’entendement humain*” introduzidas primeiramente por Locke, reproblematicando e complexificando-as – amplitude que, no que diz respeito ao livro *Des Mots*, procuraremos apresentar a seguir.

As línguas serem “por natureza” significa que é inato ao homem, assim como o teria sido para Adão, dar nomes fazendo analogia entre os sons emitidos e os sentimentos, estes já tendo sido comparados às coisas; como dizia Leibniz:

[...] nas línguas nascidas pouco a pouco conforme a ocasião, os vocábulos surgem a partir da analogia do som emitido (*vox*) com os sentimentos (*affectus*); de tal forma que a sensação acompanha a coisa. Tenho para mim que não foi de outro modo que *Adão* atribuiu os nomes. (LEIBNIZ, 2012, p. 127).

Por outro lado, associado a esse inatismo, a língua também é por convenção, fato que para Leibniz leva à consequência “trágica” do nosso perder-se da língua original, à impossibilidade de se controlar a diversidade das línguas:

Sempre que for possível penetrar até a raiz *da onomatopeia* é isso que põe a descoberto a origem primeira dos vocábulos. No entanto, a maior parte das vezes, o passar do tempo e as numerosas deslocções [dos povos] fazem com que as antigas e as primitivas (*nativae*) significações sejam modificadas ou obscurecidas. (LEIBNIZ, 2012, pp. 126-127).

Assim, Leibniz não só amplia e aprofunda as reflexões de Locke sobre linguagem, mas também inova a concepção de Platão que defende ser esta por natureza; Leibniz rompe com a brusca dicotomia platônica, e defende que as línguas se desenvolveram das duas maneiras, não só por natureza, como acredita Platão.

Mas aquelas que se sabe terem sido forjadas das línguas já conhecidas são de escolha mesclada com aquilo que há da natureza e do acaso (*choix mêlé avec ce qu'il y a de la nature et du hasard*) nas línguas que elas pressupõem. (Cap. II, 2ª alocução, tradução nossa).

Além dessa inclusão do “por natureza”, Leibniz, sobretudo no *Des Mots*, responderá à argumentação formulada por Locke fazendo uma distinção inovadora quanto ao modo de se pensar a significação das palavras: a) investigação do “aspecto material das palavras” ou da origem dos povos a partir da reconstituição da “história” das línguas:

TEÓFILO. Acontece que nossas necessidades nos forçaram a deixar a ordem natural das ideias, pois esta ordem seria comum aos anjos e aos homens e a todas as inteligências em geral e deveria ser seguida por nós, se não considerássemos absolutamente nossos interesses: foi preciso, então, ater-se àquela [ordem] que as ocasiões e os acidentes à qual nossa espécie está sujeita nos forneceu; e esta ordem não dá **a origem das noções**, mas [fornece], por assim dizer, **a história das nossas descobertas**. (Cap. I, 12ª alocução, tradução nossa).

E b) investigação do “aspecto formal das palavras”, isto é, da significação que é comum às diversas línguas:

§ 2. FILALETO. Este plano³² é de consequência, mas agora está na hora de deixar o **material das palavras** e de voltar ao **formal**, isto é, à significação que é comum às diferentes línguas. (Cap. II, 7ª alocução, tradução nossa)³³

Com a posterior enunciação do que deveria ser uma “língua de sábios”, a qual, segundo Olga Pombo, permitiria, de algum modo, sonhar com a tradutibilidade associada à transparência, uma espécie de retorno àquilo que o próprio Leibniz chamou de “ordem natural das ideias”. Distinção que se manifesta em sua correspondência de fundo linguageiro e em todos os seus demais trabalhos que tocam na clássica problemática das línguas naturais.

Como acreditamos ter mostrado acima³⁴, o *Brevis*, pouco posterior à escrita dos *N.E.*, será, por fim, a expressão maior dos seus trabalhos sobre o potencial da pesquisa dos aspectos materiais da linguagem para mostrar a conexão histórica entre as línguas e as nações. Seu percurso nesses aspectos da linguagem, na defesa de que a língua se dá na mescla (*mêlé*) do que é por natureza e do que é por convenção e na defesa de que existe uma conexão entre a história das línguas e a história das nações será fundamental, além do mais, para justificar sua tese da anterioridade-superioridade da língua alemã em comparação às demais línguas naturais; como bem lembra Olga Pombo:

Embora elaborados em distintos propósitos, estes textos estão todos atravessados, de forma directa ou por um caminho mais longo, por uma similar aspiração: **compreender o passado das línguas, a sua origem, as suas transformações e filiações, as relações históricas que as diversas línguas mantêm entre si**; analisar as qualidades da língua alemã que, no século XVII, se encontrava impreparada para a discussão e exposição das ideias; comparar as suas determinações face às outras línguas europeias; identificar as características particulares que fazem dela um meio especialmente apto para a reflexão filosófica e defender a necessidade do seu aperfeiçoamento, numa palavra, **fundamentar a tese da superioridade da língua alemã**. (POMBO, 2012, p. 119)

³² Como repetiremos na nota da tradução, adotamos “plano” para lembrar que é o mesmo assunto tratado no *Breve plano das reflexões sobre as origens dos povos traçado principalmente a partir das indicações [contidas] nas línguas (Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indicio linguarum)* e também da carta onde Leibniz menciona a palavra italiana *ristretto*, endereçada ao linguista sueco Sparvenfeld, datada de 29 de janeiro, já mencionada, onde se tratava da consideração em torno da origem e conexão das línguas e nações.

³³ Apesar de tal afirmação, os aspectos materiais volta e meia reaparecem no texto; o melhor exemplo disso está explicitado ao final do capítulo VII, do *Des Mots*, capítulo que trata *Des particules*.

³⁴ Cf. sobretudo o subcapítulo: 2.3.: “Reflexão acerca da contribuição do *Des Mots* e do *Brevis* para a Historiografia” de nossa dissertação.

Assim, se em Leibniz há um esforço em conhecer a diversidade das línguas e das nações a partir de sua origem e história – dada a constatação quanto à impossibilidade de retorno à língua adâmica –, o recurso a essa pesquisa histórica, filológica, etimológica, é um meio para se alcançar a real finalidade de seu projeto: situar o alemão como a língua histórica mais próxima de uma língua universal e, paralelamente, construir uma “língua dos sábios”, uma língua “pura” *a posteriori*, baseada nas qualidades cognitivas das línguas históricas.

E foi assim, em torno da investigação do aspecto material das palavras, e não do formal, que se desenvolveu parte importante da Linguística Histórico-Comparativa. Como já vimos, Mattoso Câmara Jr. chama a atenção para o *Brevis*, texto importante de um Leibniz já maduro que, junto com outros, inclusive o livro *Des Mots*, compõe um conjunto de trabalhos dedicados às línguas históricas. Ainda sobre o *Brevis* e sobre esse conjunto de trabalhos leibnizianos, Olga Pombo esclarece em sua introdução à tradução desse texto que:

Escrito em 1710, este texto [o *Brevis*] faz parte de um conjunto de estudos que Leibniz dedicou às línguas históricas, nomeadamente, a *Dissertatio de Stylo Philosophico Nizolii* de 1670, a *Exhortation aux Allemands d'avoir à perfectionner leur Entendement et leur Langue, accompagnée de la proposition d'une Société en faveur de l'identité Allemande* (1679), as *Considérations Inattendues sur l'Usage et l'Amélioration de la Langue Allemande* (1679), o livro III de os *Nouveaux Essais sur l'Entendement Humain* (1703-4), e três textos tardios: a *Brevis Designatio*, de 1710, a *Epistolaris de Historica Etymologica Dissertatio* (1711-1712), e as *Unvorgreifliche Gedancken, betreffend die Ausübung und Verbesserung der Teutschen Sprache*, publicadas por Eccard em 1717, logo depois da morte de Leibniz. (LEIBNIZ, 2012, p. 119)

Sem querer tirar a razão do linguista brasileiro, mas, ao contrário, no intuito de corroborar para a sua colocação quanto à importância de Leibniz para a inauguração da Linguística Histórico-Comparativa, gostaríamos de mostrar que, para compreender o alcance dessa obra, é antes necessário dar atenção ao conteúdo de suas correspondências; anteriores ao *Brevis* e aos *N.E.*, estas já têm em germen o fundamento dessa nascente disciplina que reforçaria o pensamento logocêntrico que caracteriza o processo tradutório como a eterna busca pela restituição do significado das palavras, do sentido, que dá ancoragem para as teorias tradicionais da tradução, como a Filológica do século XIX, teorias criticadas por pensadores contemporâneos, como Berman e Derrida.

Concluimos que, pelas características desse projeto e dos meios de que Leibniz se serve para fundamentá-lo, o pensamento leibniziano, em se tratando de tradução, repercute no sentido de corroborar a “essência etnocêntrica, hipertextual e platônica” das Teorias

Tradicionais da Tradução, daquilo que Berman, para contrapor à Tradutologia, chama de Tradútica.

4. A HARMONIA DAS LÍNGUAS NA CORRESPONDÊNCIA DE LEIBNIZ COM SPARVENFELD

Dada a manifesta erudição de Leibniz em sua vasta correspondência – a quantidade imensa de informações sobre pessoas, povos, viagens, obras envolvidas em sua pesquisa – conseguimos ter uma noção muito clara do que se esperava de um filósofo de sua época que quisesse discutir questões envolvendo línguas em geral; nesse sentido Locke não poderia ser considerado um homem a par do assunto que tenta discutir. Na verdade, partimos do pressuposto que é em sua correspondência com eruditos de toda sorte e nacionalidade que surgem reflexões maduras quanto aos aspectos materiais da linguagem e, em meio a tais cartas, chama-nos muito a atenção o conteúdo das que foram enviadas ao linguista sueco Johan Gabriel Sparvenfeld³⁵ entre 1695 e 1699.

Embora a hipótese de que a obra *N.E.* foi redigida a partir da tradução que Pierre Coste (1700) fizera do *E.H.* de Locke para o francês, acreditamos na possibilidade de Leibniz já tê-la redigido a partir da leitura do original, em inglês (1690). Acreditamos nisso, pois, no mínimo, é muito estranho que Sparvenfeld sequer seja mencionado nos *N.E.* Tal ausência, somada ao fato que o filósofo alemão provavelmente lia muito bem em inglês (até porque já tinha passado um bom tempo na Inglaterra) faria supor que a redação da obra *N.E.* foi anterior à correspondência entre Leibniz e o sueco, ou seja, anterior à 1695.

Além do mais, em uma das cartas a Sparvenfeld, Leibniz deixa claro que só este erudito reuniria as qualidades necessárias para auxiliá-lo em sua empreitada na busca pela conexão entre as nações, mas agora associada à expressão “harmonia das línguas”:

É uma grande e bela empreitada essa da [busca pela] **harmonia das línguas** [...]; atualmente, só conheço você, Sr. [Sparvenfeld], que pode conferir a isso todas as luzes necessárias. Além da erudição e da [capacidade de] julgamento, você fez grandes viagens, conhece as línguas antigas e modernas e sozinho pôde cruzar os [povos] orientais com os do Norte, sem ser influenciado por opiniões ultrajantes tais como as de alguns de teus senhores. (LEIBNIZ, 2012b, grifo nosso)

Por isso, ainda que nos debrucemos especialmente sobre os *N.E.* – dada a sua importância como grande divulgadora das inovações de Leibniz no que se refere à linguagem –, assumimos que é na correspondência, antes mesmo que nos *N.E.* e no *Brevis*, que vemos o

³⁵ Cf. nota 2.

desenvolvimento de algumas de suas hipóteses mais importantes sobre a linguagem; que vemos, inclusive, o alemão buscando evidências para a defesa das hipóteses de que as línguas são por natureza e por convenção:

No que diz respeito às vogais, considero *a* e *u* como os dois sons extremos, tal como o claro e o escuro na pintura. Aqueles que estão entre os dois são como as cores médias. Como não existe nada sem razão³⁶, não duvido nem um pouco que quando os homens deram nomes às coisas, eles só fizeram seguir suas paixões e imaginações quando o objeto as excitava e quando não as tinham expressas por sons que tinham relação com isso; imagino que não só Adão³⁷, mas também outros homens, com frequência, quiseram *onomatopoein*³⁸ quando encontravam novos objetos e, embora acredite que muitas palavras vêm de uma língua primitiva, [acredito] que muitas outras tenham sido inventadas a partir do encontro de nações ou raças. (LEIBNIZ, 2012b).

Mesmo que a menção ao “*principe de la raison suffisante*” faça lembrar o todo da filosofia leibniziana, vemos repetida a opinião que mesmo Adão (como todos os homens depois dele) buscava “onomatopoeizar”, o que lembra o aspecto mais natural de aquisição e criação das línguas. Vemos também sua hipótese de que as origens e as conexões das nações podem ser compreendidas a partir das origens e conexões das línguas:

A pretensão de Piasecius e de Praetorius em seu *Orbis Gothicus* [I] e de alguns outros que acreditavam que os godos foram sármatas ou eslavos é ridícula e você julga muito bem, Sr. [Sparvenfeld], que todos estes povos foram germânicos conferindo à essa denominação (*appellation*) [II] toda a abrangência que lhe conferia Tácito [III], e que a conexão das línguas requer. Pois, como você observa muito bem: o antigo alemão esteve mais próximo ao sueco. [...] **Sou da opinião que as línguas são úteis principalmente para conhecermos a conexão das nações** [IV]. Mas todos aqueles que pretendem extrair algo de valor de alguns dialetos [V] novos específicos, como Goropius [VI] do flamengo moderno e [Matthaeus] Praetorius do polonês, zombam de nós, ou farão com que sejam zombados. [...] É verdade que, nos casos em que não se conhece as línguas a fundo, normalmente não seria possível fazer com que as semelhanças surgissem. [...] **Por você ter tamanho conhecimento das línguas, peço-lhe que me diga algo sobre as consequências que tira disso para as origens das nações** [VII]. (LEIBNIZ, [Hanôver, 6 de Dezembro de 1695], no prelo, grifo nosso).

³⁶ Cf. *La Monadologie* §32.

³⁷ Leibniz lembra aqui uma importante discussão de sua época: Seria possível a língua de Adão? E como ela seria?

³⁸ Criar onomatopéias, cf. o *Brevis* p. 2 da versão original.

Comentário I: Leibniz se refere a Paulus Salodius Piasecius (ou Piasecki, 1579-1649), bispo de Chelm, e a Matthaeus Praetorius (1635-1704), pastor protestante que escreveu a obra *Orbis Gothicus (Mundo Gótico)* entre os anos 1688 e 1689.

Comentário II: A este respeito, Leibniz fará a seguinte observação no *Brevis*: “eu assumo o seguinte axioma: ‘todos os nomes que chamamos de próprios foram, algum dia, denominações (*appellativa*)’”. Nesse sentido, o termo *appellation*, referente ao termo latino *appellatio*, que traduzimos por “denominação”, equivale ao termo “apelativos”.

Comentário III: Leibniz se refere ao romano Públio (ou Caio) Cornélio Tácito (c.55-120 d.C). Este historiador, o qual exerceu, dentre outras, as funções de orador e cônsul, é autor de *Germânia*, obra considerada incrivelmente precisa para a época por apresentar uma descrição minuciosa desta região e de seus povos. A este respeito, Leibniz lembra no *Brevis* que: “Tácito considerou os sármatas a partir dos germanos próximos; e, assim, ele evidenciou ter compreendido [, sob esta designação,] os povos que depois foram chamados de ‘eslavônicos’, nos quais incluímos os russos, os poloneses, os boêmios, os moravos, os búlgaros, os dálmatas (os de hoje, evidentemente) e outros eslavos habitantes do mar Adriático”.

Comentário IV: Mais acima, no início da carta, Leibniz falou da *connexion des langues* e agora formula uma de suas hipóteses gerais segundo a qual aquela permitiria compreender a *connexion des nations*. O *Brevis* será a própria expressão dessa hipótese, pois nele Leibniz vai reafirmar essa tese do seguinte modo: “Visto que as ‘origens dos povos’ [mais] remotos estão para além da História, as ‘línguas’, em seu lugar, são os monumentos dos [povos] antigos” (LEIBNIZ, 2012, p.125). A busca de evidências para a defesa da hipótese segundo a qual as origens das nações podem ser compreendidas a partir das línguas será o motivo do pedido de Leibniz a Sparvenfeld no final da presente carta. Este “além da História” talvez se associe à perda da unidade das línguas após a inundação, o dilúvio, como diz o final da carta. Nos *N. E.*, parte do fundamento da unidade das línguas que permitiria compreender a unidade perdida das nações é expresso do seguinte modo:

De modo que não há nada nisso que combata e que não favoreça preferivelmente a opinião da origem comum de todas as nações, e de uma língua radical e primitiva. Se o hebraico ou o árabe chegam mais perto disso, ela deve estar no mínimo bem alterada, e parece que o teutão tem mais preservado do natural, e (para falar a linguagem de Jacob Boehme) da adâmica: pois, se tivéssemos a língua primitiva em sua pureza, ou conservado suficientemente para ser reconhecível, seria preciso que aí aparecessem os motivos das conexões, sejam físicas, sejam de uma instituição arbitrária, sábia e digna do primeiro autor. (Cap. II, 2ª alocução, tradução nossa).

O que significa que a conexão que serve de base para a ligação entre as nações tem um fundamento que compreende as línguas em geral e que, até certo ponto, permitiria pensar que mesmo a diversidade das línguas não foge ao “princípio de razão suficiente” e à “harmonia preestabelecida”, que parecem estar expressos em uma infinidade de onomatopeias conservadas nas línguas, evidências históricas daquela unidade, perdida para a História, das nações e da existência de uma única língua.

Comentário V: As investigações que tomam como ponto de partida os *dialectes nouveaux particuliers* estariam na contramão da hipótese de uma única língua primitiva; no *Brevis*, Leibniz esclarece que “devido ao intervalo entre os tempos e, do mesmo modo, entre os lugares, primeiro os dialetos e por fim as línguas são mudadas”. Exato fundamento para o fato do dialeto dos antigos godos ser tão diferente do germânico moderno (cf.: *N. E.*, livro III, cap. II, § 1).

Comentário VI: Trata-se do médico e estudioso do flamengo Jean Bécan van Gorp (1518-1572), conhecido como Goropius Becanus; por conta de suas etimologias “estranhas e frequentemente ridículas”, Leibniz chega a produzir o neologismo “goropisar” (*N.E.*, Livro III, cap. II, § 1); suas pesquisas sobre a antiguidade das línguas germânicas se encontram na obra *Hermathena*, publicada em 1580.

Comentário VII: Portanto, todo problema é que o momento histórico original talvez esteja, como ele mesmo dirá no decorrer do texto, “num passado muito longínquo”; por isso mesmo, o ponto de partida mais firme para traçar a história das conexões das línguas, mas que não impede a conjectura da existência de uma língua original, tem de ser o momento imediatamente posterior ao dilúvio. Nesse sentido, Leibniz afirmará no *Brevis*: “Dividimos, não incorretamente, as línguas derivadas de uma [língua] antiga largamente difundida em duas espécies: as ‘japéticas’, como assim foram chamadas, e as ‘aramaicais’. As japéticas difundiram-se pela [região] setentrional, as aramaicais [pela] meridional; de fato, considero toda a nossa Europa [como pertencente à região] setentrional. Daí que se as setentrionais se referem a Japhé, as meridionais, não sem razão, serão atribuídas aos descendentes de [seus] irmãos ‘Sem’ e ‘Cam’”. A partir da tradição bíblica que considerava todos os povos do mundo como descendentes dos três filhos de Noé, ou seja, Sem, Cam e Japhé, os descendentes de Japhé teriam se dispersado pelas margens do Mediterrâneo, da Europa e da Ásia Menor, pelo norte da Europa e por uma parte considerável da Ásia; por isso, Japhé seria considerado o ancestral dos diferentes ramos da grande família indo-germânica. Portanto, seria das línguas japéticas, como quer Leibniz, que derivam a língua dos cíticos e a dos celtas,

consequentemente, todas as línguas europeias e especialmente o alemão; não será sem razão, pois, que ele buscará as evidências históricas da conexão entre a língua germânica e a cítica.

Além disso, encontramos a hipótese de que a língua alemã se aproxima mais da perfeição por preservar mais o modo “por natureza” de dar nomes da língua adâmica, por não ter se corrompido tanto e ter conseguido manter os sentidos originários das palavras, o que a torna mais original-universal. Hipótese que é justificada pelas duas anteriores³⁹; cito Leibniz:

É uma grande questão se a sua Suécia foi habitada antes que a nossa Alemanha (VIII). Se a terra foi inundada, os países das montanhas, ao que tudo indica, teriam sido habitados mais prontamente. Mas talvez isso esteja num passado muito longínquo. E quanto ao que se aproxima mais dos nossos conhecimentos, os povos germânicos da Escandinávia parecem ter vindo da Alemanha e, em seguida, ter passado na Suécia e na Noruega, de onde expulsaram os habitantes anteriores, os quais, aparentemente, eram de uma nação próxima a dos finos e lapões – com os quais têm parentesco – e parecem ter sido os *indigenae septentrionis* (IX). Mas, em troca, o Norte nos deixou desde essa época colônias, e pode ser que nossos saxões tenham sido normandos (X) de origem, ainda mais que o antigo dialeto saxão é extremamente próximo daquele do Norte. Você mesmo o reconheceu em muitas palavras do antigo alemão, e se tiver alguma coletânea desses [antigos vocábulos] (XI), eu lhe pedirei um dia. (LEIBNIZ, [Hanôver, 6 de Dezembro de 1695], tradução nossa, no prelo)

Comentários VIII: Apesar de ambas as conjecturas serem consideradas bastante plausíveis, Leibniz oferece aqui uma razão para desconsiderar o fato que a língua sueca, a de Sparvenfeld, seria mais antiga que a germânica: o fato de a Suécia estar em uma região mais alta daria a “falsa” impressão, após o dilúvio, de que ali estaria a língua mais primitiva; com isso Leibniz atinge a hipótese básica da obra *Atlantida*, do também sueco Olaus Johannis Rudbeck (1630-1702). Leibniz não vai ao momento do dilúvio para fazer a conexão dos povos da Alemanha e da Escandinávia, ele aqui recorre a conhecimentos mais próximos; para corroborar a conexão da Alemanha com as nações escandinavas ele recorre à possibilidade da conexão das línguas de tais nações.

Comentário IX: Os nativos das terras do Norte.

Comentário X: Lê-se aqui “normando” em seu sentido etimológico: “homem do Norte”.

Comentário XI: É assim que, no *Brevis*, Leibniz irá se referir às “amostras” conservadas por Heródoto (484-425 a.C.) quanto aos povos cíticos.

E existem muitas falas, como a da carta abaixo, em defesa da língua alemã:

³⁹ A hipótese de que as línguas são por natureza e por convenção e a hipótese de que as origens e as conexões das nações podem ser compreendidas a partir das origens e conexões das línguas, cf. *Teodiceia* §§136-143.

[...] **é bem verdade [que a língua] teutônica com frequência expressa muito bem a natureza das coisas e pode ser melhor que a própria hebraica.** Observei amostras disso com frequência. L, por exemplo, significa um movimento doce e tranquilo, [da] *lassen, lieben, leben, lied, lind, lallen, wallen, wollen*; para nossos camponeses *leye é liquescere* e está de acordo com o grego *λυω Solvo*, e eles se servem dela para dizer que a neve ou o gelo derrete *Solvituracris hyems*. R significa movimento violento, como *rinnen, rennen, rad, rauben, ruffen, Rhenus, Rhodanus*. Pois o velho céltico e o teutão eram sem muita concordância, e uma boa parte do latim vem, sem dúvida, do céltico, como uma parte do grego vem dos getas e do Ponto Euxino. Seria preciso, primeiramente, estabelecer a partir de uma boa indução a força das letras isoladas e, em seguida, passar às combinações. [A combinação] Sp, por exemplo, significa em teutão alguma penetração ou algo capaz de penetrar, [da] *Spiz, Spiess, Spate, Spada, Spur, Spund, Spliter, spannen, sperren, spalten, Spelta, Spindel, Spinnen* [XII]. Ouvi dizer que Claubergius [XIII], filósofo erudito cujos escritos sobre a filosofia cartesiana são conhecidos, quis trabalhar em filosofia tendo como base a língua teutônica e que ele mandou imprimir algumas folhas para servir de amostra. Um dos meus amigos [XIV] as possui, mas eu ainda não as vi. Ele teria sido adequado para aprofundar essa matéria. (LEIBNIZ, 2012b, grifo nosso)

Comentário XII: Em muitas outras cartas Leibniz repete esse tipo de consideração; e faz o mesmo no *Des Mots*, como na 2ª alocução, e nas primeiras páginas do *Brevis*.

Comentário XIII: Leibniz se refere ao filósofo alemão Johannes (ou Johann) Clauberg (1622-1665) que, dentre outros, escreveu uma *Logica vetus et nova* e um breve ensaio intitulado *Ars etymologica teutonum*, do qual se trata aqui. Nesse ensaio, o autor anunciava a redação de uma grande obra sobre a língua alemã, o *De causis linguae germanicae*; inacabado, o manuscrito dessa obra, do qual se perderam as pistas no início do século XVIII, era composto de cinco volumes.

Comentário XIV: Não conseguimos saber a quem Leibniz se refere.

E, na carta seguinte:

II. Envio-lhe também uma cópia do livrinho de Clauberg [XV], célebre filósofo cartesiano e professor de Teologia na universidade de Duisburg no distrito de Cleves, que quis se dedicar às origens da língua alemã, e para tanto deu esse exemplar o qual efetivamente mostra que ele era capaz de produzir algo belo a esse respeito; uma vez que de modo algum ele diz coisas quiméricas nem se arrisca. (LEIBNIZ, [Carta de 7 de abril de 1699 in *Opera Omnia*], 1768, pp. 220-224, [tradução nossa]).

Comentário XV: Leibniz já havia conseguido uma cópia do tal livro de Clauberg

Vemos em tais cartas que, em se tratando de um suposto posicionamento quanto à tradução, tais hipóteses ligam-no claramente às teorias tradicionais, metafísicas (ou

platônicas, como diria Berman), que primam pela busca “do sentido”, sempre original, que justificam os meios e os fins de uma tradução filológica, por exemplo. E a empreitada leibniziana na busca pela “conexão das nações” ou “harmonia das línguas” é mais um indício desse posicionamento.

Conclui-se, em suma, que as reflexões nascidas dessa correspondência claramente motivam e contribuem para os trabalhos leibnizianos sobre os aspectos materiais da linguagem, como, por exemplo, os capítulos I a III, do livro III dos *N.E.* de 1704, os §§136-143 da *Teodiceia*, o *Brevis*, ambos de 1710, o *De origine francorum* (*Sobre a origem dos francos*), de 1715, dentre muitos outros.

5. OS ASPECTOS MATERIAIS E OS FORMAIS DA LINGUAGEM – DUAS INVESTIGAÇÕES, UM OBJETIVO

Além da divisão entre a investigação dos aspectos materiais e a dos aspectos formais, vemos ser instaurada uma outra fundamental, e estreitamente ligada a esta, em todos esses textos sobre linguagem mencionados até agora: de um lado, há as línguas históricas – misto de natureza e acaso, nas quais, e acreditamos já ter demonstrado, o que mais interessa são os aspectos materiais – e de outro as línguas artificiais; divisão que, juntamente com a primeira, ratifica a opção de traduzirmos os três primeiros capítulos do *Des Mots*: é principalmente neles que os aspectos materiais são analisados. É certo que quando o problema é investigar as línguas históricas devemos tratá-las em separado da consideração das “línguas” artificiais – como parecia ser a chinesa –, investigação que se associa às da linguagem artificial em geral, onde incluiremos a consideração da “linguagem” matemática ou da lógica, “linguagens”, por sua vez, diretamente associadas aos aspectos formais e ao projeto de uma; na 2ª alocução do cap. II do *Des Mots* essa divisão é explicitada:

TEÓFILO. Sei que nas escolas e em outros lugares costuma-se dizer que as **significações** (*les significations*) das palavras são arbitrárias (*ex instituto*) e é verdade que elas não são determinadas absolutamente por uma necessidade natural, mas elas não deixam de sê-lo por razões ora naturais, onde o acaso tem alguma participação, ora morais, onde entra a escolha. Talvez existam algumas línguas artificiais que sejam totalmente de escolha e inteiramente arbitrárias, como acreditasse que foi aquela da China, ou como o são aquelas de Georgius Dalgarnus e do falecido Sr. Wilkins, bispo de Chester. Mas aquelas que se sabe terem sido forjadas das línguas já conhecidas são de escolha mesclada (*mêlé*) com aquilo que há da natureza e do acaso nas línguas que elas pressupõem. (Cap. II, 2ª alocução, tradução nossa).

Essa mesma discussão é retomada no *Brevis* assim:

De facto, as línguas nem surgiram *ex instituto* [nem], por assim dizer, foram estabelecidas por alguma lei, mas por um certo ímpeto natural nascido dos homens que assim ajustam os sentimentos e paixões aos sons [I]. Eu excludo [desta caracterização] as *línguas artificiais* [II], sobre as quais *Wilkins* [III], bispo de Chester, homem muito engenhoso que tinha uma excelente doutrina (que, todavia, como ele mesmo me disse, somente uma única pessoa – salvo ele próprio e Robert Boyle [IV] – tinha aprendido) a qual Golius [V], um juiz não sem valor, suspeitava ser a chinesa; [considerando] que possivelmente essa fora ensinada aos mortais por Deus. Mas, nas línguas nascidas pouco a pouco conforme a ocasião, os vocábulos surgem a partir da analogia do som emitido (*vox*) com os sentimentos (*affectus*); de

tal forma que a sensação acompanha a coisa. Tenho para mim que não foi de outro modo que *Adão* atribuiu os nomes. (LEIBNIZ, 2012, p. 127).

Comentário I: Nos *N.E.* (livro III, cap. II, § 1) Leibniz retoma, pois, a questão formulada pela primeira vez no *Crátilo* de Platão.

Comentário II: Para além da lembrança da divisão que mencionamos acima, com esta referência a Wilkins, Leibniz afasta da discussão com Locke (que certamente tinha menos condições ainda de pensar os problemas associados às linguagens artificiais) um vasto campo de investigação no qual ele próprio trabalhou ao longo de toda a sua vida: o projeto de construção de uma “língua artificial-universal”. Abaixo, Leibniz irá também afastar a discussão sobre a origem adâmica dos nomes.

Comentário III: John Wilkins (1614-1672), teólogo, filósofo e secretário da Real Society, foi autor do célebre *An essay towards a real character, and a philosophical language* (1668), que Leibniz conhecia bem.

Comentário IV: O químico e filósofo irlandês Robert Boyle (1627-1691) escreveu, entre outras obras, *The sceptical chymist* (1661).

Comentário V: O orientalista holandês Jacob Golius, ou Tiago Gólio (1596-1667), era matemático e professor na Universidade de Leyde, colaborou na redação do *Novus Atlas Sinensis* (1655) do historiador e jesuíta italiano Martino Martini (1614-1661) que foi considerado o primeiro cartógrafo europeu da China. Leibniz se refere às suspeitas deles com relação ao chinês em vários de seus escritos.

No entanto, isso não significa que a investigação das línguas naturais e a das artificiais siga caminhos divergentes, tampouco significa, como querem alguns estudiosos, que Leibniz valorize a investigação das línguas artificiais e de seus aspectos formais em detrimento das investigações das línguas histórico-naturais e de seus aspectos materiais, ao contrário, Leibniz crê que o fato das línguas em geral surgirem “a partir da analogia do som emitido (*vox*) com os sentimentos (*affectus*)”, isto é, por serem motivadas, por serem “por natureza”, “as línguas são o melhor espelho do espírito humano, e que uma análise exata da significação das palavras faria conhecer melhor do que qualquer outra coisa as operações do entendimento.”⁴⁰ (LEIBNIZ, livro III, cap. VII, § 6, tradução nossa). Assim, apesar de nos cap. I-III do *Des Mots* Teófilo obrigar Filaleto a deslocar suas questões de Teoria do Conhecimento (sobre as operações do entendimento – *understanding, entendement*) para questões associadas aos

⁴⁰ “*les langues sont le meilleur miroir de l’esprit humain, et qu’une analyse exacte de la signification des mots ferait mieux connaître que tout autre chose les opérations de l’entendement*”.

aspectos materiais das palavras, Leibniz reconhece aqui a ligação fundamental entre ambas as investigações.

De qualquer modo, como bem esclarece Olga Pombo em sua “Brevíssima apresentação ao *Brevis designatio* de Leibniz”:

Leibniz não procura constituir uma língua artificial porque parta de uma posição crítica face às línguas naturais e à sua capacidade para funcionarem como instrumento de constituição e progresso do conhecimento. Pelo contrário, Leibniz tem consciência da inesgotável capacidade cognitiva das línguas naturais. Elas são não apenas “os mais antigos monumentos do género humano” como Leibniz dizia nos *Novos Ensaios* (NE III, IX, § 9), ou os “monumentos dos povos antigos” como repete na *Brevis Designatio*. Elas são também o “espelho do espírito humano” (NE III, VIII (sic), §6), isto é, o órgão próprio das nossas capacidades cognitivas, o instrumento que permite o conhecimento do mundo. Além disso, porque motivadas, as línguas naturais (e o Alemão em particular) detêm, desde os tempos imemoriais da sua origem, uma radical abertura ao mundo. O seu poder não reside apenas no jogo ilimitado dos enunciados possíveis no interior do sistema que as constitui. Ele consiste no reenvio, tanto do sistema como dos elementos que o compõem, ao mundo em que as línguas foram criadas e que nelas se exprime. Como Leibniz diz em carta a Tschirnhaus de Maio de 1678, “não devemos temer que a contemplação dos caracteres nos afaste das próprias coisas; pelo contrário, ela conduz-nos ao seu interior”. (GM 4: 461). (LEIBNIZ, 2012, pp.123-124).

Na verdade, ambas as investigações – tanto a das línguas artificiais quanto a das histórico-naturais – convergem para o mesmo fim. Ao investigar a “inesgotável capacidade cognitiva das línguas naturais” – suas particularidades com relação à origem motivadora de suas palavras (“por natureza”), a estrutura subjacente à gramática –, o intento de Leibniz, e isso se pode ver em qualquer uma de suas obras sobre linguagem, é analisar a língua alemã para, então, demonstrar sua superioridade e, paralelamente, criar uma língua dos sábios.

Na voz de seu alterego Teófilo, identificamos, além do mais, que Leibniz, diferentemente de Locke, vê na linguagem – e especialmente nas artificiais – um instrumento para o raciocínio quando diz:

TEÓFILO. Creio que, de fato, sem o desejo de nos fazermos entender jamais teríamos formado linguagem (*langage*); mas, uma vez formada, ela ainda serve ao homem para raciocinar (*raisonner*) por si mesmo, tanto pelo meio que as palavras lhe dão de se recordar dos pensamentos abstratos quanto pela utilidade que encontramos quando consideramos nos servir de caracteres e de pensamentos surdos (*pensées abstraites que par l'utilité qu'on trouve en raisonnant à se servir de caractères et de pensées sourdes*); pois seria preciso tempo demais se fosse necessário tudo explicar e sempre substituir as definições em vez dos termos. (Cap. I, 6ª alocação, tradução nossa).

Portanto, se por um lado Leibniz concorda com Locke que é “o desejo de se fazer compreender” aos outros que levou o homem a formar a linguagem, por outro, o filósofo inglês diria, de preferência, que foi o desejo de fazer compreender nossas ideias aos outros homens que deu origem à linguagem. Leibniz complementaria tal consideração dizendo que, “uma vez formada”, a linguagem passa a servir também para “raciocinar por si mesmo”; assim, diferente do que pensava Locke, para Leibniz a linguagem tem mais duas funções distintas: a primeira é que as palavras permitem aos homens lembrarem-se dos pensamentos abstratos, e a segunda é que a linguagem é útil para o raciocínio (graças ao uso que faz de “caracteres”). Esta afirmação, a de que a linguagem serve para raciocinar, é uma das ideias mais básicas e fundamentais das matemáticas e da lógica, e tem a ver com um projeto que Leibniz empreendeu desde muito jovem: a “construção” de uma “Característica Universal”, uma *Ars Characteristica*; projeto que, em um texto de 1680, ele resumia do seguinte modo:

E ainda que recentemente alguns homens eminentes tenham imaginado certa **língua universal ou característica universal**, segundo a qual se ordenam perfeitamente todas as noções e coisas [...], contudo, ninguém alcançou a língua ou característica na qual estão contidos o método para inventar (ou descobrir) e o método para julgar (ou avaliar), isto é, a **língua cujas notas ou caracteres garantiriam o mesmo que a notação aritmética dos números assim como a notação algébrica das magnitudes tomada em abstrato**. E como Deus forneceu ao gênero humano estas duas ciências, parece que quis nos advertir especialmente de que em nosso entendimento se escondia um **segredo** [, espécie de Arcano,] muito mais importante do qual essas ciências são só a sombra. [...] Como me dediquei com bastante intensidade a esse estudo me encontrei forçosamente nessa admirável idéia que **se pode descobrir certo alfabeto dos pensamentos humanos** e que mediante a combinação das letras desse alfabeto e a análise das palavras formadas dessas letras podiam descobrir-se e julgar-se, respectivamente, todas as coisas. (LEIBNIZ, 1982, pp. 165-167, grifo nosso)⁴¹.

Assim, se é no *Brevis*, na vasta correspondência com eruditos (sobretudo o linguista sueco Sparvenfeld) e nos três primeiros capítulos do livro *Des Mots* dos *N.E.* que Leibniz parece apresentar suas principais investigações sobre o “aspecto material das palavras”, que é o aspecto que mais nos interessa nesse trabalho – uma vez que é nessas investigações que de

⁴¹ Quando Leibniz menciona o fato que “recentemente alguns homens eminentes tenham imaginado certa língua universal ou característica universal”, ideia básica para toda a sua reforma do método, ele certamente está se referindo ao filósofo francês René Descartes (1596-1650) que, por volta de 1628, escreve em latim o texto nunca terminado *Regulae ad directionem ingenii*, publicado somente em 1701. Além disso, o uso da palavra “segredo” (arcano) certamente é o que motiva o nome do capítulo “A álgebra: arcano e transparência” da *Gramatologia* de Derrida.

fato vemos sua contribuição para a fundamentação da Linguística Histórico-Comparativa e para a manutenção do pensamento logocêntrico na tradução – temos de ter em mente que, todavia, esse é apenas um dos aspectos das palavras. Quanto ao outro, o aspecto “formal”, isto é, o da “significação que é comum às diversas línguas” (LEIBNIZ, 1996 [livro III, cap. II, § 2, 7ª alocução], p. 275), ele está associado imediatamente à problemática de uma língua original-universal, mas também às suas investigações referentes a uma Característica Universal, esta última tendo sua origem a partir da suposição da existência de um alfabeto dos pensamentos humanos, a ser encontrado, dentre outros, a partir da profunda investigação das particularidades do raciocínio abstrato e das relações em geral. De qualquer modo, seria especialmente ao tratar dos aspectos formais que veríamos a solução leibniziana e lockeana da questão lembrada por Filaleto do seguinte modo:

Assim todo este mistério do gênero e das espécies sobre o que se faz tanto ruído nas escolas, mas que fora de lá é com razão tão pouco considerado, todo este mistério, eu digo, se reduz unicamente à formação de idéias abstratas mais ou menos extensas, às quais se dá certos nomes. (Cap. II, 7ª alocução, tradução nosso).

Tratar-se-ia da explicitação do conceitualismo-convencionalismo de Locke, contra o qual Leibniz insistirá explicitando seu realismo (no sentido tomista) a partir da associação entre possibilidade e essência, geralmente caracterizada por uma definição adequadamente constituída, uma definição não apenas nominal; principal discussão do capítulo III do *Des Mots*, onde a discordância entre o inatismo realista de Leibniz e o empirismo conceitualista (no sentido ockhamista) de Locke ficam evidentes. Tema fundamental da Filosofia da Linguagem, essa era uma antiga querela – motivo de disputa desde Platão e Aristóteles – que assumiu sua enunciação exemplar na Antiguidade tardia na pena do discípulo do filósofo Plotino (205-270), o fenício Porfírio de Tiro (c. 233- c. 304), em sua introdução ao estudo das *Categorias*, isto é, em sua famosa obra *Isagoge*, a saber:

Antes de mais nada, no que tange aos gêneros e às espécies, acerca da questão de saber [1] se são realidades subsistentes em si mesmas ou se consistem apenas em simples conceitos mentais [2] ou, admitindo que sejam realidades subsistentes, se são corpóreas ou incorpóreas e, [3] neste último caso, se são separadas ou [4] se existem nas coisas sensíveis e delas dependem [...]. (PORFÍRIO, apud ARISTÓTELES, 2002, p. 35).

Querela que se tornou o título do livro do famoso medievalista Alan de Libera: *La querelle des Universaux. De Platon à la fin du Moyen Age* (Paris Seuil, 1996). Como também

defenderam Pedro Abelardo (1079-1142) e Guilherme de Ockham (1285-1290), Locke teria ficado com a opção (2); a partir da relação que Leibniz estabelece entre essência e possibilidade, com Platão e Tomás de Aquino⁴² (1225-1274), ele teria ficado com a opção (3), por isso mesmo Teófilo respondia a Filaleto: “No mais, que os homens reúnam tais ou quais idéias ou não, e mesmo que a natureza as reúnam atualmente ou não, isto não faz nada para as essências, gêneros ou espécies, visto que não se trata senão de possibilidades que são independentes de nosso pensamento.” (Cap. III, 18^a, alocação tradução nossa). Diante de toda essa discussão, podemos dizer que foi justamente isso o que nos levou a afirmar em nosso artigo que:

Em uma palavra, para Leibniz o conhecimento era objetivo, no sentido que podemos alcançar ao menos parte das *cópias* do real (mas agora *a priori* e que se manifesta no *a posteriori*, possível-real no efetivo-existente – *N.E.*, IV, IV), especialmente quando se trata de línguas artificiais ou da *Characteristica universalis*, e é esse, sem dúvida, um dos principais problemas enfrentados nos *N.E.* a partir do capítulo III do *Des mots* e de grande parte do livro IV, o *De la connaissance*; sendo este o último lance leibniziano contra a *tabula rasa* de Locke; tais problemas também devem, a partir desse capítulo III, ser interpretados sob a luz das línguas artificiais ou *ex instituto*, até a da lógica ou das matemáticas, por exemplo. Assim, intelectos e instintos humanos comuns, pouca contribuição no sentido da ampla diferença das histórias distintas dos mais variados povos, eis os primeiros fundamentos da tradução fácil e tranquila e do primeiro contrato, ou seja, do surgimento e defesa do império primitivo, da violência colonial, da língua histórica que se pretendia universal (DERRIDA, 2006 [T.B.], pp. 14-5).

Se voltarmos um pouco e agora pensarmos com Derrida e os filósofos da diferença, Leibniz não saberia reinventar a narrativa da torre de Babel sem tentar destruí-la; buscaria seu “sentido original único”, desejaria, e ele o confessa nos *N.E.*, III, IX, §8, ultrapassar tal evento, ora buscando o parentesco entre as línguas, ora o alfabeto dos pensamentos humanos, ora as possibilidades reais no intelecto divino.

Leibniz gostaria, em certo sentido, de fazer cessar a história, se mover no, agora sim, “a-histórico” (DERRIDA, 2006 [Gramatologia], p. 94), no sem atrito; fazer expiar aquele pecado, anterior à Babel, que nos fez abandonar a ordem natural das ideias; gostaria de “negar o processo histórico” no sentido benjaminiano do termo, gostaria de encontrar aquela ordem natural perdida que era comum a nós e aos anjos, comum *à toutes les intelligences en général* e que fundaria a transferência absoluta. [...] Era isso que ele gostaria de evitar. Língua materna que muda todo o tempo? Eis para Leibniz a aporia: tradução *versus* transmutação e língua materna *versus* língua viva. Não há passagem? *Tours* de Babel eternos, torre interminável, volteios sem fim. [...]. Agora, é o “santo crescimento das línguas” “até o termo messiânico da história” (DERRIDA, 2006 [T.B.], p. 68). [...] Como já havia advertido Heidegger (1889-1976), precisávamos renunciar ao que fundamentava as afirmações de um Humboldt (1767-1835) ou, como advertia Merleau-Ponty (1908-1961), precisávamos recolocar “a fala” na história. (CECCI SILVA; PIAUÍ, 2013, pp. 194-195).

⁴² Para compreender parte das relações entre a filosofia tomista e a platônica com a leibniziana, lemos os artigos: “Leibniz e Tomás de Aquino, o princípio de individuação” (PIAUÍ, William de Siqueira. *Agora filosófica*, Recife, ano 6, n. 2, 2006, pp. 171-195) e “Santo Agostinho e Isaac Newton: tempo, espaço e criação” (PIAUÍ, William de Siqueira. *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*, Pouso Alegre, v. 2, 2009, pp. 26-47).

Assim, nos mantendo nos limites dos três primeiros capítulos do *Des Mots*, ou seja, ainda que nesse trabalho não enveredemos sobre as reflexões leibnizianas que se ligam aos aspectos formais, podemos insistir um pouco mais na apresentação de seus fundamentos uma vez que, em parte, são os mesmos desejos que movem suas reflexões quanto aos aspectos materiais, e que têm relação direta com a questão da tradutibilidade: o desejo de língua pura, isenta de corrupção, que seja capaz de restituir os sentidos, uma língua original-universal.

Na afirmação apresentada a seguir, feita bem na época em que se discutia os benefícios da recém-fundada União Europeia (1993), em que a possibilidade de uma língua comum aos europeus volta a ser assunto de grande importância, a jovem Olga Pombo, autora portuguesa e uma das mais importantes investigadoras da filosofia leibniziana da linguagem, mostra a intransponível ligação do filosofema da língua universal com a questão da tradutibilidade:

Valerá a pena ainda dizer que o filosofema da língua universal não está esgotado. Tema escandaloso, maldito, marginal à filosofia e à lingüística, ele reaparece hoje com uma nova pertinência. A atestá-lo a obra recente de Umberto Eco que acompanha com grande proximidade a nossa investigação. [...] Ao mesmo tempo a incontornável tradutibilidade das línguas impede-nos de não sonhar. Mais do que uma traição, a tradução poderia ser a realização modesta de uma língua isenta de opacidades de uma abertura sem sombras de uma comunicação plena ao olhar do outro. (POMBO, 1997, pp. 8-9).

Nesse excerto de seu *Leibniz e o problema de uma língua universal*, Olga Pombo se refere ao livro *A busca da língua perfeita* (2002) de Umberto Eco, bem como ao famoso aforismo italiano *traduttore traditore* que significa que toda tradução acaba por ser uma traição do “pensamento” do autor do texto original. É muito interessante comparar a opinião de Olga Pombo daquele tempo – portuguesa e que, inicialmente, teve sua nação excluída da comunidade europeia – com a fala de Desbois, lembrada por Derrida em seu *Torres de Babel*:

Traduttore, traditore, dizem naturalmente os italianos, num repente espirituoso, que, como toda medalha, tem um anverso e um reverso: se existem maus tradutores que multiplicam os contra-sensos, outros são citados graças à perfeição de sua tarefa. **O risco de um erro ou de uma imperfeição tem por contrapartida a perspectiva de uma versão autêntica**, que implica um perfeito conhecimento das duas línguas, uma abundância de escolhas judiciosas e, portanto, um esforço criador (DESBOIS apud DERRIDA, 2006, pp. 61-62, grifo nosso).

Portanto, independente desses dois filósofos da atualidade divergirem em suas opiniões no que diz respeito à questão da tradutibilidade – ou seja, independente de naquele momento Pombo se encontrar associada à ideia de transparência tranquila pensando em termos bem

leibnizianos e Desbois defender que o erro e a imperfeição podem contribuir para a perspectiva de autenticidade –, é fato que foi em torno do “projeto” daquelas obras de Leibniz que se desenvolveu parte da Linguística e que a adoção de qualquer um dos pontos de vista sobre a linguagem – se é por convenção ou não –, nelas defendidos, mais a questão da possibilidade ou não de uma língua original-universal, assumiriam graves implicações para aquilo que podemos considerar ser o fundamento da tradução: o problema da tradutibilidade.

Com efeito, as interpretações e apropriações que se fizeram da resposta leibniziana aos vários problemas relacionados à linguagem tiveram e ainda têm, portanto, consequências para as teorias da tradução e as da linguagem, e isso ocorreu seguindo dois movimentos: o dos aspectos materiais e o dos aspectos formais. Se nos mantiermos nos *N.E.*, a resposta de Leibniz à problematização formulada por Locke quanto aos modos de remediar os defeitos das línguas ou da linguagem pode ser dividida em dois grandes momentos:

a) problematização do aspecto material das palavras ou exame da origem dos povos a partir da reconstituição da “história” das línguas (que permite sonhar com aquela transparência perdida associada a “uma” língua original, e aí a tradução filológica entraria como um meio de realizar esse sonho);

b) problematização do aspecto formal das palavras, isto é, da significação que é comum às diversas línguas (que permite sonhar com aquela transparência que deverá ser alcançada associada a “um” alfabeto dos pensamentos), com a posterior enunciação do que deveria ser uma “língua de sábios”, a qual, de algum modo (talvez por comparação com a Característica Universal e devido a um exagerado entusiasmo para com a língua chinesa) permitiria aquela tradutibilidade e transparência, uma espécie de retorno àquilo que o próprio Leibniz chamou de “ordem natural das ideias”. Foi justamente essa consequência que permitiu a Leibniz responder a Locke do seguinte modo:

“Todavia, para voltar aos quatro defeitos que mencionaste no ato **de dar nomes**, dir-vos-ei que é possível obviar a todos, principalmente desde que **se inventou a escrita**, e que tais defeitos subsistem apenas em razão da nossa negligência. Pois depende de nós fixar as significações pelo menos em alguma **língua de sábios**, **depende de nós concordarmos para destruir esta torre de Babel**. (LEIBNIZ, 1996 [livro III, cap. IX, § 8], p. 329, grifo nosso).⁴³

⁴³ No original: “*Mais pour revenir à vos quatre défauts de la dénomination, je vous dirai, Monsieur, qu’on peut remédier à tous, surtout depuis que l’écriture est inventée et qu’ils ne subsistent que par notre négligence. Car il dépend de nous de fixer les significations, au moins dans quelque langue savante, et d’en convenir pour détruire cette tour de Babel*”. (LEIBNIZ, 1990, p. 264).

De fato, Leibniz teria deixado evidente a tensão entre o que a história das línguas permite corroborar e o que “a razão” permite sonhar quanto à questão da tradutibilidade.

6. DERRIDA E A METAFÍSICA DA LINGUAGEM

De qualquer modo, independente dos dois caminhos citados acima, para Leibniz é preciso “reconstruir esta torre de Babel”, ou seja, ou o evento deve ser interpretado como a ser superado por um retorno a “uma” língua, ou deve haver um posterior encontro com uma “língua”. Mas como, de fato, devemos interpretar o advento da Torre de Babel? Junto com Derrida, acreditamos que esse evento marca a necessidade de não-ultrapassagem e foi justamente por essa duplicidade que o “filósofo” argelino tenha precisado de dois movimentos distintos de análise para explicitar as “metafísicas” dessas teorias da tradução:

a) avaliação de “uma” suposta língua original, uma protolíngua, de onde deveríamos partir (o que ele faz, por exemplo, no capítulo “A charada e cumplicidade das origens” da *Gramatologia*);

b) a avaliação de “uma” suposta linguagem onde deveríamos chegar (o que ele faz, por exemplo, no capítulo “A álgebra: arcano e transparência” também da *Gramatologia*).

Em um de seus mais belos textos sobre a linguagem e a tradução, *Des tours de Babel*⁴⁴, Derrida argumenta quanto à necessidade da não-ultrapassagem, uma vez que a metafísica ocidental e parte dos expedientes políticos de dominação (o imperialismo semita, por exemplo – o primeiro contrato), ambos associados ao problema da tradutibilidade, estariam baseados em tal ultrapassagem. É preciso, então, reavaliar o problema da tradutibilidade e ir em direção ao que Derrida chama de “santo crescimento das línguas” (DERRIDA, 2006, p. 68). É preciso, uma vez mais, se lembrar do importante papel que a história e a multiplicidade, a confusão e a impossibilidade de nomeação desempenham para pensar a “tarefa do tradutor”. Em *Des tours de Babel*, Derrida mostra que foi exatamente essa mudança de perspectiva que Benjamin teria tentado explicitar no seu texto “A tarefa do tradutor” (2008).

Já, no livro *O monolinguismo do outro, ou a prótese de origem*⁴⁵, Jacques Derrida tece uma crítica aos princípios logocêntricos, arbitrários e manipuladores da tradicional filosofia ocidental (só que agora a partir de relatos de eventos históricos e pessoais, embora possamos dizer que essa crítica se dê, algumas vezes, de forma análoga ao *Des tours de Babel*) e,

⁴⁴ Neste trabalho, Derrida recorre a uma estratégia semelhante à utilizada por Heidegger no texto “Aletheia (Heráclito, fragmento 16, in: *Ensaaios e conferências*, pp. 227-49)”, onde o alemão problematiza o ato de nomear; tratando de explicitar o fato que os fragmentos de Heráclito parecem querer patentear a resistência de Zeus em ser compreendido no nome “Zeus”. Do mesmo modo, o texto de Derrida tem por base a ideia de que Deus resiste a ser compreendido pelo nome “Deus” e que o verdadeiro “pecado” dos “construtores” da Torre de Babel foi desejar serem compreendidos a partir de “um” nome, de uma nação, de uma língua.

⁴⁵ Título original: *Le monolinguisme de l'autre – ou la prothèse d'origine*.

ademais, alerta para os perigos da “invocação encantatória da língua materna”, modo pelo qual toda a máquina cultural de dominação política, intelectual etc., ligada àquela filosofia, se serve do *status* privilegiado da língua, de sua natural instabilidade, para a manutenção de uma hegemonia cultural, de uma política hegemônica desse “monolinguismo do outro”, dessa estrutura que separa as pessoas pela língua. Acreditamos que o excerto a seguir, tirado da parte 5 de *O monolinguismo do outro*, dá uma ideia razoável dessa questão geral que permeia todo o livro:

Eis a minha cultura, ela ensinou-me os desastres em direcção aos quais uma invocação encantatória da língua materna precipitou os homens. A minha cultura foi imediatamente política. “A minha língua materna”, dizem eles, falam eles, quanto a mim, cito-os e interrogo-os. Pergunto-lhes, na sua língua, evidentemente, para que me ouçam, porque isto não é grave, se eles sabem bem o que dizem e de que falam. Sobretudo quando celebram tão ligeiramente a “fraternidade”, no fundo é o mesmo problema, os irmãos, a língua materna, etc. [...] É como se eu sonhasse despertá-los para lhes dizer “ouçam, atenção, já basta, há que levantar e partir, caso contrário acontecer-vos-á alguma desgraça ou, o que acaba por ser o mesmo, não vos acontecerá rigorosamente nada”. (DERRIDA, 2001, pp. 49-50).

A partir de agora, mantendo-nos na leitura da primeira parte desse livro – a qual é uma espécie de introdução às outras sete partes, excetuando o epílogo –, vemos expressa uma das acusações que Derrida sempre teve de enfrentar por parte dos que se consideram verdadeiramente filósofos: a acusação de que sua proposta desconstrucionista revela seu ceticismo, seu relativismo e seu niilismo; revela, enfim, que não é um “filósofo sério”. Cito parte da “cena” do seu julgamento:

[...] O que dizes não é verdade, uma vez que questionais a verdade: sois um céptico, um relativista, um niilista, não sois um filósofo sério! Se insistirdes, colocar-vos-ão num departamento de retórica ou de literatura. A condenação ou exílio poderão ser ainda mais graves se insistirdes, fechar-vos-ão no departamento de sofística, porque, na verdade, o que fazeis revela do sofisma, nunca está longe da mentira, do perjúrio ou do falso testemunho [...] Não pensais o que dizeis, quereis perder-vos. (Ibid., p. 17).

Segundo esses sábios ou “verdadeiros filósofos” – a quem Derrida chama de “procuradores” por acusarem-no como se fossem portadores da “justiça” –, a falta de seriedade de Derrida estaria, então, imediatamente associada à prática da desconstrução como gênero discursivo. Uma vez que, segundo os acusadores, a desconstrução se faz em um

discurso impossível, absurdo, mentiroso, afastado do sentido comum, que demora em uma contradição pragmática e performativa, tal gênero estaria, por fim, associado à sua sofística.

Os céticos sempre foram acusados de questionar a verdade, questionar a capacidade que um discurso tem para alcançar a “verdade”. Assim, acusado de ceticismo, Derrida se mostra mais ciente do que seus “procuradores” quanto à longa tradição por trás da opinião deles, tanto é que responde assim à acusação deles:

Que essa cena seja velha como o mundo, em todo o caso como a filosofia, eis o que não incomoda os procuradores. Concluir-se-á, por eufemismo, que eles têm a memória curta. Falta-lhes treino [...] Não reanimemos hoje este debate. Tenho a cabeça noutro lado. (DERRIDA, 2001, p. 17).

A cena, velha como a própria filosofia ocidental, nada mais é que o julgamento dos sofistas feito pelos sábios ou verdadeiros filósofos de outrora, como os filósofos do étimo; os sofistas foram acusados e condenados por serem mentirosos, por darem falsos testemunhos, acusação que acabou fazendo com que fossem associados ao ceticismo, ao relativismo e ao nihilismo.

Essa acusação se dá porque Derrida tenta levar adiante a defesa e a “demonstração” da seguinte tese: “eu não tenho senão uma língua, e ela não é minha”; tese que, aliás, será sustentada em todo seu livro, com algumas variações, como, por exemplo, nas duas sentenças seguintes, enunciadas na segunda parte do livro: “1. Não falamos nunca senão uma única língua. 2 Não falamos nunca uma única língua” (Ibid., p. 19).

Tal tese pode ser associada, ainda, às reflexões que Derrida faz em outros quatro livros, a saber:

- Em *A farmácia de Platão*⁴⁶, Derrida intensifica a interpretação do *pharmakon*, da *Carta VII* de Platão, como um exemplo de que a escrita – daí a língua ou idioma escrito – é remédio e veneno ao mesmo tempo para fazer contraponto à interpretação que usualmente se faz da língua em Platão: a de que a língua é remédio⁴⁷;

⁴⁶ Título original: *La Pharmacie de Platon*.

⁴⁷ Cf. Evando Nascimento (2001, p. 108): “Como se passa com o ‘livro do *Filebo*’, a teoria logocêntrica da linguagem no *Fedro* se estabelece a partir da oposição entre o vivo e o morto, a memória e a recordação, o modelo e a imagem, a presença e a ausência. Em suma, entre uma re-apresentação da origem, ou seja, o *lógos* como determinado por esse que é um Deus-Rei-Bem-Sol-Pai-Capital, e uma representação de representação, ou des-apresentação, ou seja, a escrita de Thoth como cópia do discurso falado. Nos dois casos, tem-se uma repetição da origem [...]”.

- em *Torres de Babel*⁴⁸, ele reinterpreta o advento da torre de Babel se valendo da inovadora tradução de André Chouraqui, que deixa claro que o desejo de Deus era justamente punir a arrogância daqueles que tentaram alcançar os céus; arrogância que foi facilitada pelo monolinguismo desses homens, daí que o melhor teria sido desde sempre a mistura (não apenas entre natureza e convenção), a diversidade de línguas;
- em *Força de lei: o “fundamento místico da autoridade”*⁴⁹, Derrida coloca que o primeiro contrato social e primeiro natural (jusnaturalismo) podem ser associados ao monolinguismo colonial, que também sempre teve como base a ligação justiça-lei-direito;
- em *Gramatologia*⁵⁰, a violência colonialista e logocêntrica já havia sido diagnosticada.

Assim, podemos dizer, em suma, que a tese defendida em *O monolinguismo do outro* “sintetiza” a filosofia da linguagem de Derrida; é, além disso, o próprio centro da filosofia derridiana e está imediatamente associada à sua ética.

Mas, quando dizemos que Derrida é um filósofo da desconstrução, isso não quer dizer que o estilo por ele usado na escrita de *O monolinguismo do outro* seja um exemplo de tal trabalho; assim, também é preciso se perguntar: será mesmo que *O monolinguismo do outro* é um exemplo do gênero desconstrucionista, um texto polêmico ou provocativo que pretende desconstruir as teses de seus acusadores ou procuradores, o logocentrismo ou colonialismo reinantes? Para responder a essa pergunta, parece-nos que, antes, temos de responder a uma outra: a contradição conduz de fato ao perjúrio e à mentira? Vamos tentar responder a essa pergunta a partir do próprio Derrida.

Como é dito na última página da primeira parte, e que se segue até o final de *O monolinguismo do outro*, Derrida vai manter, resolutamente e com toda a imprudência requerida (a dos sofistas e talvez dos cétricos ou relativistas ou niilistas), a declaração pública de que “É possível ser monolíngue (eu sou-o, ou não?), e falar uma língua que não é sua” (DERRIDA, 2001, p. 18) associada à afirmação “Sim, eu não tenho senão uma língua, ora ela não é minha” (Ibid., p. 15); afirmação que, a partir da segunda parte do livro, se dividirá em: “1. Não falamos nunca senão uma única língua. 2. Não falamos nunca uma única língua” (Ibid., p. 19). Isso significa que ele vai se manter no registro da cena do julgamento e buscará

⁴⁸ Título original: *Des tours de Babel*.

⁴⁹ Título original: *Force de loi: le Fondement Mystique de l’Autorité*.

⁵⁰ Título original: *De la Grammatologie*.

defender a “verdade” de seu discurso como “declaração pública”. Trata-se, pois, de manter uma “verdade declarativa” associada diretamente ao sujeito que a profere, uma verdade que leva em conta o individual.

Em *Força de lei*, Derrida caracteriza da seguinte maneira os “estilos gerais” (em vez dos “métodos gerais” cartesianos) de praticar a desconstrução:

Vamos agora diretamente, sem o menor desvio pela memória histórica, em direção ao enunciado formal, abstrato, de algumas aporias, aquelas nas quais, entre o direito e a justiça, a desconstrução encontra seu lugar, ou melhor, sua instabilidade privilegiada. Em geral, a desconstrução se pratica segundo dois **estilos** que, o mais das vezes, ela enxerta um no outro. [I] Um deles assume o aspecto demonstrativo e aparentemente não histórico dos paradoxos lógico-formais. [II] O outro, mais histórico ou mais anamnésico, parece proceder por leituras de textos, interpretações minuciosas e genealógicas. Permitam-me praticar sucessivamente os dois exercícios (Id., 2010, p. 41, grifo nosso).

Ora, enquanto em *Força de lei* Derrida pede permissão para praticar os dois estilos, lembremos que em *O monolingüismo do outro*, ele afirma:

Que essa cena seja velha como o mundo, em todo o caso como a filosofia, eis o que não incomoda os procuradores. Concluir-se-á, por eufemismo, que eles têm a memória curta. Falta-lhes treino [...] Não reanimemos hoje este debate. Tenho a cabeça noutro lado (Id., 2001, p. 17).

Sem reanimar, pois, os debates temas *De la Gramatologie* e *Des tours de Babel*. Assim, ainda que o problema de seus acusadores seja a “memória curta” – o fato de terem se esquecido de que tais acusações já foram dirigidas aos sofistas, aos céticos, aos relativistas ou niilistas –, o que poderia demandar o estilo mais histórico ou anamnésico, as duas últimas afirmações do acusado (“Sim, eu não tenho senão uma língua, ora ela não é minha” [Ibid., p. 15], que se dividirá em “1. Não falamos nunca senão uma única língua. 2. Não falamos nunca uma única língua” [Ibid., p. 19])) atestam que o estilo empregado em *O monolingüismo do outro* será o primeiro, ou seja, o que “assume o aspecto demonstrativo e aparentemente não histórico dos paradoxos lógico-formais” (Derrida, 2010, p. 41). Demonstrativo e paradoxal? Eis sua forma geral aporética. Derrida pede que nos demoremos na contradição ou paradoxo lógico-formal. E, na verdade, a demora em tal paradoxo lógico-formal já havia sido expressa poucas linhas antes, em dois movimentos, quando, em primeiro lugar, os acusadores-procuradores inquiram o acusado:

— [...] Como é que se poderia não ter senão uma língua sem a ter, sem ter uma que seja sua? A sua própria? E como sabê-lo, como pretender ter conhecimento disso? Como dizê-lo? (DERRIDA, 2001, p.16).

E, em segundo, o acusado responde:

— Pára. Não nos repita essa, por favor. A quem é que se dirige muitas vezes a reprovação [acusação] de “contradição performativa”, hoje, e sem perder tempo? Àqueles que se espantam, àqueles que se colocam questões, àqueles que por vezes se dão ao dever de nelas se embaraçarem (Ibid., p.16).

É claro que a frase “Não nos repita essa” se refere à longa história de tais acusações, especialmente às dirigidas aos sofistas e céticos. De qualquer modo, para o acusado, Derrida, a atenção à não contradição pragmática ou performativa está associada à pressa e à falta de espanto, à falsa filosofia; quem não se coloca o “dever” de se embaraçar em tais questões é que são falsos sábios e filósofos. Não é à toa, pois, que surja em *Força de lei* a associação do tema da justiça com o dever da desconstrução; lá, o embaraçar-se com o problema da justiça negando a tão não contraditória associação entre Direito-Lei-Justiça também beira a retórica dos paradoxos lógico-formais, ou seja, os muitos filósofos do contratualismo e do jusnaturalismo, os não céticos, os não relativistas, os não niilistas, os não sofistas ou não retóricos são quem Derrida chama aqui de falsos filósofos: sem espanto e sem compromisso; eles nunca fazem o que devem, nunca se embaraçaram de fato com a questão da justiça.

Do mesmo modo, Derrida diria que os filósofos defensores do idioma nacional, da língua universal, da língua natural ou adâmica nunca se embaraçaram de fato com a questão da verdade. Quantas línguas existem ou deveriam existir? E os dialetos? Essas são questões que nos remetem ao que de fato foi condenado no evento bíblico da Torre de Babel. A tese que Derrida procura defender, verificar, atestar, proclamar, demonstrar em *O monolinguismo do outro* é justamente que não há como saber quantas línguas existem e não há por que defender a supremacia de uma entre elas; é justamente isso que, na tradução da Bíblia feita por seu contemporâneo Chouraqui, o evento da torre de Babel significa: o importante é a mistura infinita. Em *Força de lei*, Derrida ainda adverte:

Como se sabe, em numerosos países, no passado como ainda hoje, uma das violências fundadoras da lei ou da imposição do direito estatal consistiu em impor

uma língua a minorias nacionais ou étnicas reagrupadas pelo Estado. [...] O problema linguístico existe ainda e será, por muito tempo, agudo, precisamente naquele lugar onde as questões da política, da educação e do direito são inseparáveis (Id., 2010, pp. 39-40).

Ou seja, parte fundamental da violência fundadora da lei ou da imposição do direito estatal está associada à imposição de um idioma nacional. É preciso mencionar o nazismo alemão? Assim, no que diz respeito à possibilidade de dar uma resposta filosófica a tal estado de coisas, à exigência de não contradição pragmática ou performativa por parte daqueles que se consideram “verdadeiros filósofos”, Derrida, um argelino colonizado e algumas vezes privado de uma língua nacional, teve, no sentido de dever, de estar atento aos purismos coloniais logocêntricos associados a tal imposição, a tal exigência.

A partir de tais considerações, e não do contratualismo ou do jusnaturalismo, poderíamos pensar nossa própria realidade perguntando: o que foi que aconteceu com as línguas brasileiras? Os sábios ou filósofos “brasileiros” sempre insistiram em manter “nossa” língua portuguesa, e nós certamente sabemos que isso tem muitas consequências não só para a tradução, mas também para a manutenção da ideia de colônia. Mas o que fazer com as falas dos índios e africanos? Como expressar ou compreender um lamento indígena ou africano na língua que, imposta, supostamente sempre foi “nossa”, mas que todos sabemos ser a do outro? E basta refazer a pergunta para que isso fique evidente: como expressar ou compreender um lamento indígena ou africano em português? Nesse caso colocar-se-ia bastante apropriadamente o problema: “Mas eles só ‘possuem’ uma língua e essa sempre foi a do outro! Por outro lado, como possuir uma língua que não é sua?” É nesse tipo de problema, isto é, é nesse tipo de contradição performativa que se embaraçam aqueles que se espantam com as “ideologias” da “nossa” “língua mãe”, por mais que sempre tenhamos sido “irmãos”.

Como negar as tantas ideologias que fazem a base da ideia “nossa língua mãe portuguesa”, aquela que nos tornou “irmãos”? Como não ser irônico, retórico, sofista, niilista, relativista ou cético diante da realidade da falsidade de tal discurso ideológico, do discurso não contraditório, reto, direito, natural? São essas as questões que fazem também o pano de fundo de *O monolinguismo do outro* de Derrida. Só nos restaria, então, falar a verdade com uma declaração pública, assim como fez Derrida em seu livro, mesmo que, para isso, tenhamos de nos manter em aporia, reafirmando paradoxos lógico-formais.

7. ANALÍTICA DA TRADUÇÃO – FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O francês Antoine Berman foi o formulador do conceito de “retradução” e de outros aos quais recorreremos ao longo de nossa dissertação, como o de “tradutologia”, “sistema de deformação” “tendências deformadoras”, “tradútica”, “analítica da tradução”. Além de tradutor de alemão e espanhol, é reconhecido por suas reflexões em Tradutologia dentro da corrente da teoria alemã da tradução que segue a tradição de Friedrich Schleimacher⁵¹ (1768-1834) e de Walter Benjamin⁵² (1892-1940). Atualmente o maior expoente no que se refere ao papel da tradução literária como espaço de crítica às tradicionais teorias e práticas *à la française* da tradução, ou seja, às teorias logocêntricas que, ao priorizar o sentido, “desfiguram” a letra dos textos originais, é reconhecido igualmente por ser um teórico que vê a tradução como espaço que possibilita a reformulação do nosso posicionamento diante de todo e qualquer Outro, com toda a complexidade social, política, ética e, diríamos ainda, espiritual, que essa relação com o Outro traz à tona, à superfície do texto traduzido. E como Walter Carlos Costa⁵³ bem resume o seu trabalho: “Berman defende em todos os seus escritos uma tradução que dá abrigo ao estrangeiro” (BERMAN, 2007, 4ª capa). E é por isso que vemos associados o trabalho crítico de Berman ao de Derrida, do que passaremos a tratar.

Ainda que as posições tradutológicas de Berman discutidas em seu livro *A prova do estrangeiro, tradução e cultura na Alemanha romântica* (2002) permeiem nossa análise, focaremos nossa atenção nas “conceituações”⁵⁴ de seu *A Tradução e a Letra*; isso porque, neste trabalho, poderíamos dizer que Berman propõe, de forma bem refletida, sistemática, e sem perder o didatismo, um método útil para a análise da “sistemática da deformação” das traduções e para a desconstrução das teorias dominantes e tradicionais da tradução e, assim, para abrir espaço ao próprio da tradução; segundo Berman:

⁵¹ De quem, aliás, traduziu do alemão para o francês o *Des différentes méthodes du traduire*, considerado por Berman o livro inaugural da Tradutologia como a disciplina que pensa a tradução dentro de seu próprio campo de conhecimento.

⁵² Mais especificamente a que surgiu a partir das reflexões de Benjamin em *La tâche du traducteur* (2002).

⁵³ Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT) e professor no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

⁵⁴ Ao modo dos pensadores da diferença, ao modo do próprio Berman, que colocam em jogo a problemática da fixidez dos conceitos na Filosofia, dos sentidos estanques, de uma forma geral, como se esses não se transformassem com o tempo (e mesmo não precisassem dessa transformação), demo-nos ao direito de usar de neologismo e ressignificar a palavra “conceituações”; ao contrário de “conceitos”, “conceituações” dá melhor a ideia de ação, de movimento.

É através de uma destruição sistemática das teorias dominantes e de uma análise (no sentido cartesiano e freudiano ao mesmo tempo) das *tendências deformadoras* que operam em toda tradução que poderemos abrir um caminho em direção ao espaço positivo do traduzir e simplesmente do seu *próprio*. (BERMAN, 2007, p. 44)

Berman recorre, então, ao que ele chama de “analítica da tradução”, ou seja, uma crítica sistemática ao que ele considera os três pilares de qualquer teoria tradicionalista da tradução, o etnocentrismo, a hipertextualidade, e o platonismo, ou como ele mesmo afirma:

Nesta figura, a tradução se caracteriza por três traços. *Culturalmente* falando, ela é *etnocêntrica*. *Literariamente* falando, ela é *hipertextual*. E *filosoficamente* falando, ela é *platônica*. A essência etnocêntrica, hipertextual e platônica da tradução recobre e oculta uma essência mais profunda, que é simultaneamente *ética*, *poética* e *pensante* [ou filosófica]. (BERMAN, 2007, p. 26)

Entendemos que as “deformações”, ou melhor, as transformações, são naturais à vida das línguas, fazem parte da sua materialidade, do seu percurso no tempo e no espaço; no entanto, junto com Berman, compreendemos que nas teorias tradicionalmente dominantes da tradução, por estas se encontrarem ligadas à manutenção de interesses de outra ordem (interesses que invariavelmente se expressam pela manipulação dos sentidos), ou simplesmente por estarem mais preocupadas com a bela forma do que com “a tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*” (BERMAN, 2007, pp. 10), as deformações acabam extrapolando os limites éticos, poéticos e filosóficos. Ao analisar traduções feitas segundo essas teorias, Berman identifica algumas “tendências deformantes” (ou “deformadoras”), das quais as principais são essas treze: “a racionalização”, “a clarificação”, “o alongamento”, “o enobrecimento”, “o empobrecimento qualitativo”, “o empobrecimento quantitativo”, “a homogeneização”, “a destruição dos ritmos”, “a destruição das redes significantes subjacentes”, “a destruição dos sistematismos”, “a destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares”, “a destruição das locuções”, “o apagamento das superposições de línguas” (BERMAN, 2007, pp. 45-62).

No processo de retradução dos três capítulos iniciais do *Des Mots*, optamos por apresentar a “analítica” de apenas alguns trechos do capítulo I do *Des Mots*, pois, tendo em vista as reflexões teóricas e práticas de Berman em seu *A Tradução e a Letra* (sobretudo quanto ao que podemos extrair do cotejo do texto original com o texto traduzido), acreditamos que a exposição do resultado dessa analítica já é suficiente para que o leitor compreenda o “sistema de deformação” na tradução de Luiz João Baraúna.

Paralelamente, levando em conta nossa experiência no processo tradutório, também entendemos, junto com Berman, que é prejudicial ao desenvolvimento, seja da tradução, seja da retradução, preestabelecer uma metodologia excessivamente rígida de análise e tradução (e retradução) do original; defendemos que todo “texto-discurso” é único na sua “heterogeneidade” e, ao seu modo, “mobiliza um certo interdiscurso”⁵⁵; em outras palavras, todo texto-discurso tem especificidades que não podem ser estabelecidas *a priori*. Além do mais, deve-se ter em vista o perigo da passagem para a *actualitas*⁵⁶ e o “santo crescimento das línguas”⁵⁷, ainda mais em se tratando de uma obra como o *Des Mots*, que, de saída, combina gêneros discursivos com especificidades tão distintas: como o caráter interativo do diálogo (mesmo que se trate apenas de um simulacro de diálogo, mas que já pode ser considerado como uma opção criativa à tradução), a leveza do ensaio e rigor da elaboração conceitual dos textos filosóficos.

Desse modo, a retradução dos capítulos de 1 a 3 do livro *Des Mots*, apresentada ao fim dessa dissertação juntamente com o texto original e com a tradução feita por Baraúna⁵⁸, ainda que tenha sido desenvolvida com base em seu axioma *traduction-de-la-lettre* e em conceitos que Berman desenvolve em seu *A Tradução e a Letra*, foi norteada paralelamente por nossa experiência-reflexão tradutória (em especial no que se refere aos projetos de escrita dos textos leibnizianos sobre linguagem, ao seu horizonte, e aos elementos contextuais que os permeiam).

E por que o que apresentaremos aqui consiste em uma retradução, e não em uma tradução? Simplesmente porque esta obra já fora publicada no Brasil, como já o dissemos, dentro da coleção Os pensadores da Editora Abril; e porque, segundo Berman:

É essencial distinguir dois espaços (e dois tempos) de tradução: o das *primeiras traduções* e das *retraduções*. A distinção entre estas duas categorias de tradução é um dos momentos de base de uma reflexão sobre a *temporalidade do traduzir*, cujo esboço – mas somente o esboço – encontraríamos em Goethe e Benjamin. Aquele que retraduz não está mais frente a *um* só texto, o original, mas a *dois*, ou mais, o que desenha um espaço específico [...] **A retradução serve como original e contra as traduções existentes**. E pode-se observar que é neste espaço que geralmente a

⁵⁵ Recorremos aqui à noção de interdiscurso da AD (Análise do Discurso de orientação francesa); segundo Campos (2009, p. 49): “A noção de memória discursiva se define, de modo genérico, como ‘interdiscurso’, um saber discursivo que torna possível às nossas palavras fazerem sentido. Esse saber corresponde a palavras, expressões, enunciados etc., já ditos e esquecidos, mas que continuam a nos afetar. O interdiscurso se refere a algo que fala antes de nós, ou seja, é o elemento que faz com que o discurso remeta ao já-dito – os dizeres que, ainda que “esquecidos” por nós, fazem-se presentes no nosso dizer [...]”

⁵⁶ Heidegger no texto “A sentença de Anaximandro”, in: *Os pré-socráticos*, 1978, p. 46.

⁵⁷ Walter Benjamin (2000, pp. 244-262 apud DERRIDA, 2006, p. 68)

⁵⁸ Cf. “Anexo e Apêndice – Retradução dos capítulos 1, 2 e 3 do *Des Mots*”.

tradução produz suas obras-primas. As primeiras traduções não são (e não podem ser) as maiores. (BERMAN, 2007, pp. 96-97, grifo nosso)

E nosso projeto de retradução não só considera o sentido e a forma, a letra do texto original, mas também vai lado a lado com a ideia de que a retradução, como o segundo momento da tradução, também é crítica, também é desconstrução. E nessa desconstrução – baseada na explicitação dos fundamentos etnocentristas da escritura leibniziana, na explicitação de sua filiação à complexa e multifacetada metafísica da linguagem, a qual acreditamos ter conseguido realizar até aqui, nos primeiros capítulos deste trabalho –, pretendemos estimular uma discussão introdutória sobre em que medida as investigações de Leibniz sobre a linguagem constituem parte importante da metafísica das teorias tradicionais da tradução que, como também o lembra Berman, remonta à interpretação que se deu à filosofia platônica:

[...] estes princípios de São Jerônimo, além dos de Cícero e Horácio, têm sua origem em São Paulo e no pensamento grego, isto é, em Platão. Não que este último tenha falado (do que sei) de tradução: mas instituiu o famoso corte entre o “sensível” e o “inteligível”, o “corpo” e a “alma”. Corte que se encontra em São Paulo com a oposição entre o “espírito” que “vivifica” e a “letra” que “mata”. (BERMAN, 2007, p. 31)

A fim de desconstruir, de decompor, do geral (isso é, os textos leibnizianos sobre linguagem em geral) para o particular (os três primeiros capítulos de *Des Mots*) o fundamento etnocentrista dos trabalhos sobre linguagem de Leibniz, isto é, de partir de uma análise destes trabalhos de uma forma geral para, por fim, chegarmos à “retradução”, acreditamos que, em um primeiro momento, conseguimos destacar o contexto histórico-filosófico em que não só o *N.E.* se insere, mas também boa parte do conjunto de sua obra que toca as questões de linguagem. Procuramos destacar a importância dessa seleção de escritos para a Linguística Histórico-Comparada e para as questões contemporâneas dos Estudos de tradução a partir da descrição de seus principais pares conceituais (não dicotômicos) e de suas principais divisões epistemológicas: “por natureza”/ “por convenção”; “origem e história das línguas”/ “origem e história das nações”; “aspectos materiais da linguagem”/ “aspectos formais da linguagem”; “línguas histórico-naturais”/ “línguas artificiais”; “língua adâmica” (língua universal *a priori*)/ “língua dos sábios” (língua universal *a posteriori*).

No segundo momento, aprofundamo-nos na análise (na analítica) de alguns trechos da tradução primeira, a de Baraúna para a Coleção Os pensadores; nele desenvolvemos uma

crítica às tendências deformadoras manifestadas nas soluções dadas pelo tradutor para, então, propormos uma retradução. Durante a leitura-tradução (o esboço da retradução), analisamos o texto em sua língua original considerando alguns dos seus aspectos sintáticos, semânticos e estilísticos e, concomitantemente, o comparamos à tradução de Baraúna, às suas opções, para identificar algumas das “tendências” que mais chamam a atenção no “sistema de deformação” operante em seu trabalho. Quando necessário, cotejamos com traduções para outras línguas para esclarecimentos pontuais e traçamos os aspectos culturais e conceituais mais importantes para a compreensão do texto, elaborando notas referentes a tais aspectos.

A intenção dessa retradução também passa pela afirmação do interesse que as reflexões do filósofo alemão têm para os estudos da tradução, os quais se afinam com a desconstrução. Segundo Derrida, a tradução tem enorme potencial para servir como ferramenta de dominação, e, considerando o fundamento das reflexões de Leibniz, defendemos que há em seus trabalhos indícios suficientes para confirmar sua contribuição para a solidificação do pensamento etnocentrista, que rege as teorias tradicionais da tradução. Embora Leibniz desenvolva em sua investigação sobre a natureza das línguas um estudo sobre sua mutável materialidade e seu devir, que se dá tanto “por natureza” como “por convenção”, e sua íntima relação com a origem dos povos, suas conexões, sua migrações no curso da história, paralelamente ele chama a atenção para o aspecto “por natureza” comum a todas as línguas histórico-naturais, e o que a princípio nos parece um pensamento um tanto ingênuo a ser defendido, é, na verdade, um pensamento bem perigoso, de fundo etnocêntrico, e que tem consequências negativas para o modo de se encarar o Outro, o estrangeiro, o que não é o Mesmo; por outro lado, se conforme esse filósofo não existe a possibilidade de alcançarmos a língua original e as línguas histórico-naturais estão em maior ou menor grau “corrompidas”, fadadas a terem o sentido desvirtuado, a expectativa de possibilidade da tradução é alimentada... ainda que o custo seja altíssimo. E poderíamos dizer, junto com Berman, que:

Tal é a consequência da definição etnocêntrica e hipertextual da tradução. E o que explica o estatuto oculto, rechaçado, vergonhoso dessa atividade. Quantos tradutores interiorizaram esse estatuto e se desculparam por antecipação com o leitor da imperfeição, da presunção de seu empreendimento! (BERMAN, 2007, p. 44)

Propomos, a partir disso, que se voltem os olhos para a perspectiva da desconstrução; e aqui chamo a atenção para Jacques Derrida, que reinstala os volteios, os desvios, os deslocamentos de Babel, que *desachata* a interpretação usual que fazia do evento da torre de

Babel como evento de conotação negativa, sinônimo de confusão das línguas e da disseminação das nações – interpretação usual na qual o pensamento de Leibniz está incluído.

Cito Derrida:

Procurando “se fazer um nome”, fundar ao mesmo tempo uma língua universal e uma genealogia única, os Semitas querem colocar a razão no mundo, e essa razão pode significar simultaneamente uma violência colonial (pois eles universalizaram assim seu idioma) e uma transparência pacífica da comunidade humana. Inversamente, quando Deus lhes impõe e opõe o nome, ele rompe a transparência racional, mas interrompe também a violência colonial ou o imperialismo lingüístico. Ele os destina à tradução, ele os sujeita à lei de uma tradução necessária e impossível; por conseguinte, do seu nome próprio traduzível-intraduzível, ele libera uma razão universal (esta não será mais submetida ao império de uma nação particular), mas ele limita por isso a universalidade mesma: transparência proibida, univocidade impossível. A tradução torna-se a lei, o dever e a dívida, mas dívida que não se pode mais quitar. (DERRIDA, 2006, p. 25).

Não seria o verdadeiro problema a se pensar na Tradução que foi a letra, e não a língua, a ser confundida no evento de Babel? Talvez o que Derrida reclame como interpretação desse evento em seu *Des tours de Babel* é que não existe problema algum na diversidade das línguas, ainda que isso chegue ao ponto de possibilitar e impossibilitar a tradução, de situá-la, por fim, na aporia.

7.1. AINDA DA RETRADUÇÃO.

A “retradução”, como abordagem crítica e analítica e como pretendente a servir de original, depende antes do reconhecimento do modo como o tradutor via e des-via os sentidos, se desvia de seu trabalho com a letra e na letra, e isso é feito, conforme já dissemos, a partir de uma crítica sistemática do projeto do tradutor da primeira tradução, do seu horizonte e do seu contexto. Poderíamos dizer que se trata aí de uma desconstrução, a qual experimentaremos a partir do que Berman chama de “crítica sistemática da tradução” ou, ainda, “analítica da tradução”; acreditamos, com Berman, que:

É apenas ao submeter-se a “controles” (no sentido psicanalítico) que os tradutores podem esperar libertar-se **parcialmente** desse sistema de deformação, que é tanto a

expressão interiorizada de longa tradição quanto da estrutura etnocêntrica de cada cultura e cada língua enquanto “língua culta”. (BERMAN, 2007, p. 45, grifo nosso)

Portanto, é a segunda tradução, ou seja, a retradução, o momento desse amadurecimento do tradutor; dessa auto-reflexão sobre o significado de fidelidade à letra ou, o que dá no mesmo, da literalidade na tradução⁵⁹; desse auto-controle para minimizar as naturais deformações que, como “usuário” de uma língua, tende a provocar na letra do original pelo simples fato de que qualquer sujeito é influenciado pelos mais diversos contextos (histórico, social etc.); dessa lide com a letra e na letra de modo a situar a tradução dentro de sua essência ética, poética e pensante, pois, como diz Berman:

[...] a tradução literal é a expressão de uma certa relação com a *língua materna* (que violenta obrigatoriamente). Tudo acontece como se, face ao original, e à sua língua, o primeiro movimento [, o da primeira tradução,] fosse de anexação, e o segundo (a retradução) de invasão da língua materna pela língua estrangeira. A literalidade e a retradução são portanto sinais de uma relação *amadurecida* com a língua materna; *amadurecida* significando: capaz de aceitar, buscar a “comoção” (Pannwitz) da língua estrangeira. (BERMAN, 2007, pp. 97-98).

Ao criticarmos algumas das “tendências deformadoras” operantes na tradução que Luiz João Baraúna fez dos *N.E.*, pretendemos abrir o espaço para uma tradução mais consciente e amadurecida, baseada não na negação de tais tendências – uma vez que elas expressam a natureza criativa da linguagem, fazem parte do processo de revivificação das línguas –, mas em um melhor reconhecimento da memória e das potencialidades criativas das línguas de saída e de chegada envolvidas no processo tradutório, e da imperiosa necessidade de se abrigar o Outro, o estrangeiro, com as suas diferenças em sua casa-língua-cultura; abrir espaço para uma tradução baseada na consciência de que se não é possível se desviar totalmente das deformações da letra – uma vez que o “contexto histórico-social-etc” em que estamos imbuídos sempre se expressa pela subjetividade do tradutor – ao menos em boa medida é possível jogar com esses desvios que comprometem o objetivo, “a tarefa do tradutor” benjaminiana (BENJAMIN, 2011), que comprometem aquilo que Berman, em seu *A Tradução e a Letra*, chama de o “objetivo ético, poético e filosófico da tradução”.

Assim, na esteira de Berman, ao usarmos a dupla terminológica reflexão/experiência em vez de teoria/prática, estamos nos situando para além da “tradútica”, para além de um estudo

⁵⁹ E isso de modo algum significa verter literalmente as palavras, não se trata de traduzir servilmente palavra por palavra; trata-se, por outro lado, de traduzir o texto, que é a letra.

baseado em concepções pré-estabelecidas que reproduzem o pensamento logocêntrico quando da tradução de obras; queremos nos situar no que esse estudioso chama de tradutologia e, usando de suas palavras:

Quero situar-me inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da *experiência* e da *reflexão*. A relação entre a experiência e a reflexão não é aquela da prática e da teoria. **A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão.** Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão. Esta reflexão não é nem a descrição impressionista dos processos subjetivos do ato de traduzir, nem uma metodologia. Ora, uma boa parte da prolifera e repetitiva literatura dedicada à tradução pertence a uma ou outra destas categorias. (BERMAN, 2007, pp. 17-18, grifo nosso).

Recorremos ao trabalho desse autor em *A Tradução e a Letra* como eixo estruturador do nosso trabalho porque, de fato, encontramos aí uma interessante sistematização de sua experiência e reflexão do fazer tradutório combinadas à experiência e reflexão de outros tradutores, sistematização que nos serve de instrumento para uma retradução do *Des Mots* que acorda o trabalho crítico de Berman ao de Derrida, uma vez que tanto um quanto outro veem na tradução um espaço e um tempo abertos para a crítica, para a retradução, para o respeito ao estrangeiro, ao devir das línguas e à diversidade de sentidos.

Ao empregarmos o conceito bermaniano “analítica da tradução”, constatamos que a sexta edição da obra *N.E.* pela coleção Os pensadores – que junto com o original *N.E.* integra o *corpus* de pesquisa do presente trabalho – não escapa de tais tendências. No cotejo do original com a tradução de Baraúna tornam-se desvelados, por exemplo: amostras de eliminação de expressões e palavras, construções francesas que ganham versões estranhas em português, acréscimo de termos e expressões, empobrecimento ou enobrecimento de termos etc.; manifestações essas das tendências deformadoras que, mais à frente, no capítulo “Analítica da Tradução (alguns exemplos)”, serão tratadas em estudo de caso. E é com base na crítica a essas tendências mais explícitas, crítica corporificada a partir do campo conceitual da “analítica da tradução” de Berman, mas também plena do espírito desconstrutor de Derrida e de outros pensadores da diferença, que pretendemos apresentar uma retradução, ou a retradução, como diria Berman.

Acreditamos que os apontamentos para certas tendências deformadoras operantes nessa tradução de Baraúna e a conseqüente reflexão sobre tais tendências, tendo em vista a tarefa ética-poética-pensante do tradutor como intermédio para a língua-cultura de saída e de

chegada, representem um pontapé inicial para uma nova empreitada de revigoramento dos *N.E.*, ou seja, não se trata mais de fazer com que a leitura do público leitor brasileiro seja facilitada a qualquer custo – isso é, que o tradutor conforme seu trabalho unicamente ao horizonte de espera –, ou que, no caminho inverso, a leitura seja totalmente estranha; trata-se de seguir o caminho do meio, em que impere o equilíbrio entre as partes.

No caso da tradução de Baraúna, não dispomos de um projeto “explícito” de tradução, isto é, nem o tradutor de *N.E.* para a Coleção Os pensadores, nem seu editor, fornecem-nos na forma de paratextos, em qualquer que seja a edição, informações explícitas sobre o projeto de tradução; no entanto, a análise da tradução permite levantar o projeto de tradução de Baraúna, os critérios de suas escolhas. Além disso, temos o projeto “implícito” a partir dos vestígios; pudemos trabalhar, por exemplo, com o que sabemos sobre a feitura da coleção, com a gênese textual desse novo texto, com os pouquíssimos elementos contextuais dos quais tomamos conhecimento em escritos “extratextuais”⁶⁰, com os vestígios, rastros ideológicos deixados na escritura de Marilena Chauí, a prefaciadora, .

Quanto ao original, contamos, em contrapartida, com os elementos contextuais que cercam sua produção; temos como, em boa medida, reconstruir seu projeto de escrita (gênese textual), e, ademais, devido à nossa experiência em traduzir os textos de Leibniz, sobretudo os que tratam de linguagem, contamos com uma reflexão sobre a nossa prática, e sobre o posicionamento dessa obra na constelação das obras do alemão sobre linguagem⁶¹.

Partimos da hipótese de que, ao cotejar o original com a tradução de Baraúna, tais vestígios ideológicos do projeto de tradução deste, já previamente identificados em uma primeira leitura do texto traduzido, na leitura de paratextos, na dos “extratextos” – tudo isso a partir do alicerce teórico-metodológico de Berman em seu *A Tradução e a Letra* – saltaram ainda mais aos nossos olhos nas diferentes formas em que se apresentam as tendências deformadoras.

⁶⁰ Para diferenciar do “paratextual”, texto que de um modo ou de outro acompanha a materialidade do texto em questão, ressignifico aqui “extratextual”; em vez da acepção dicionarizada no Houaiss em que “extratextual” significa texto “que não pertence ao texto principal de um livro (diz-se de prefácio, índice etc.)”, aqui ela passa a ter uma nova acepção (logo, é um neologismo), mais etimológica, e que esclarece o modo como essa palavra deve ser entendida: enquanto o prefixo de origem latina “extra” significa “na parte de fora de”, “externamente”, o prefixo “par(a)” de origem grega significa “ao lado de”, “junto”. Quanto às tais fontes “extratextuais”, referimo-nos a duas postagens, de 2009, da reconhecida tradutora literária Denise Bottmann em seu blog *Não gosto de plágio*; e também ao artigo “Abril Cultural (1968-1982) e o desenvolvimento do mercado de fascículos, coleções e enciclopédias durante a Ditadura Militar” de Mateus H. F. Pereira (jul./ dez. 2005, pp. 239-258).

⁶¹ Em “Bibliografia” há menção a alguns desses trabalhos, sobretudo às traduções de textos que abordam a linguagem.

7.2. DO PROJETO DE TRADUÇÃO

Até hoje, só existe uma tradução *N.E.* dos no Brasil, a da Coleção Os pensadores; publicada inicialmente pela Editora Abril e, logo em seguida, pela Nova Cultural, essa divisão de fascículos da Abril Cultural (ramificação da Editora Abril que, ao separar-se daquela, herdou a coleção) manteve a tradução de Luiz João Baraúna nas edições subsequentes.

Sem dúvida, a realização dessa coleção foi uma iniciativa de grande mérito dessa editora na década de 70 – uma vez que, em plena ditadura militar, proporcionou a difusão e a popularização a toque de caixa da literatura e da filosofia ocidental no Brasil; clássicos que até então não tinham, ou quase não tinham, sido traduzidos para a língua portuguesa do Brasil tiveram uma enorme recepção (PEREIRA, 1982; BOTTMANN, 2009). No entanto, segundo seus leitores (sobretudo aqueles que conhecem essas obras no original e são especialistas), essa coleção apresenta, desde a sua primeira edição até a oitava e última (2004) diversos problemas de planejamento editorial e de tradução – como bem lembra a tradutora Denise Bottmann (2009).

Assim, apesar da notoriedade da iniciativa, que proporcionou a divulgação de um conhecimento antes restrito aos que falam outras línguas ocidentais, vemos que a organização e realização dessa coleção é guiada, antes, por uma concepção anexionista que reúne obras e autores em fascículos arbitrariamente e sem quaisquer justificativas do editor; que, por isso, dá indícios dos desvios a serem operados na letra dos originais, das “tendências deformadoras” que se ligam à Tradútica, isto é, às apriorísticas e tradicionais teorias da tradução que vão no sentido oposto à Tradutologia como “lugar aberto e revolvente de uma reflexão” (BERMAN, 2007, p. 19), “articulação consciente da experiência da tradução, distinta de qualquer saber objetivante e exterior a ela (assim como elaboram a linguística, a literatura comparada, a poética)” (BERMAN, 2007, p. 18).

Por outro lado, a identificação do projeto de escrita de Leibniz – que em boa medida acreditamos ter realizado até aqui – também é fundamental para nossas opções tradutológicas. Até aqui, além da identificação do contexto histórico em que os *N.E.* e outros de seus trabalhos se insere, procuramos atentar, durante a retradução daqueles capítulos de *Des Mots*, para a identificação da(s) carga(s) ideológica(s) por trás de seus termos; para as possíveis contaminações de seu vernáculo, o alemão, e do latim no texto escrito em francês (prática ainda comum entre os eruditos da época, uma vez que, ao lado do latim, o francês era a língua

de cultura); para a especificidade do modo como o filósofo recorre a diferentes gêneros literários para conferir expressividade ao seu discurso e para mostrar como até essa escolha está intimamente ligada às diversas formações discursivas com quem ele dialoga; etc.

7.3. DA IMPORTÂNCIA DO ASPECTO GRÁFICO

A fim de facilitar a visualização da retradução dos capítulos I, II e III do livro *Des Mots* e da *Analítica da Tradução*⁶² dos trechos selecionados da tradução de Baraúna, decidimos por colocar lado a lado a coluna do texto original (Coluna A), e do texto da tradução de Baraúna (Coluna B) e a nossa retradução (Coluna C) – ambos nossos principais *corpora* de pesquisa; são 50 alocações⁶³ ao todo em que alternam as falas de Filaleto (“alter-ego” de Locke) e de Teófilo (“alter-ego” de Leibniz), dos quais 14 são do primeiro capítulo, 12 do segundo, e 24 do terceiro.

Além desse cuidado com a apresentação desses textos, consideramos também o aspecto gráfico, uma vez que é um recurso muito usado nos trabalhos de Leibniz; visualmente, é isso que mais chama a atenção na edição crítica dos *N.E.*, ou melhor, no original que escolhemos como texto de partida para nossa tradução. Habitados com a leitura de textos leibnizianos, logo imaginamos que mais uma vez se trata de uma opção do filósofo recorrer a tais recursos; esse é o caso, por exemplo, do *Brevis*, em cuja tradução explicamos em nota que reproduzimos a expressividade dos recursos gráficos usados por Leibniz:

Leibniz vale-se de recursos gráficos como o itálico e um maior espaçamento entre as letras, entre outros, para dar destaque a determinadas palavras e expressões. De modo a respeitar a expressividade que o autor desejou conferir a algumas palavras e expressões do seu texto, optámos por acrescentar negrito ao seu destaque itálico, de forma a diferenciar aquilo que Leibniz pretendeu destacar de tudo aquilo que, por nosso lado, acreditamos ser útil destacar também em itálico. (LEIBNIZ, 2012, p. 125, nota 2)

⁶² Cf. respectivamente “Anexo e Apêndice – Retradução dos capítulos 1, 2 e 3 do *Des Mots*” e capítulo “Analítica da Tradução (alguns exemplos)”.

⁶³ Mais uma vez, recorrendo à terminologia da Linguística, chamaremos de “alocação” cada um dos atos alternados de fala dos personagens no diálogo.

Em nosso original dos *N.E.*, o uso do itálico serve para diferenciar o discurso de Locke do discurso de Leibniz em meio às falas dos personagens Filaleto e Téofilo (tudo o que está em redondo [não-itálico] é, portanto, o discurso de Leibniz introduzido nas alocações de Filaleto) e as letras espaçadas para dar destaque a certas palavras e expressões. No entanto, em *Note sur le texte* dessa edição crítica somos avisados de que o uso do itálico é, exclusivamente, uma opção dessa edição em particular:

La présente édition diffère légèrement de celle qui a été publiée dans la même collection en 1966. L'orthographe et la ponctuation, qui avaient déjà été modernisées, ont été revues. L'emploi des italiques signale les citations littérales que fait Leibniz du texte de Locke (dans la traduction française de Pierre Coste). Les termes et expressions soulignés par Leibniz sont imprimés en lettres espacées. Il nous a semblé nécessaire de tenir le plus grand compte de la monumentale édition critique publiée par A. Robinet et H. Schepers (voir bibliographie), à laquelle nous renvoyons le lecteur pour tout ce qui concerne les problèmes d'établissement du texte et l'appareil critique (brouillons, copies, révisions, corrections, etc.) (LEIBNIZ, 1990, p. 25, grifo nosso).

E, de fato, ao pesquisar o modo como se dá o uso de tais recursos na primeira edição dos *N.E.*, isto é, na de 1765⁶⁴, pudemos verificar que Leibniz, ou o editor dessa edição, não os utiliza para diferenciar seu discurso do de Locke; por outro lado, os termos e expressões destacados *en lettres espacées* em nossa edição de partida aparecem em itálico na primeira edição. Não temos como saber se tais destaques a termos e expressões na edição de 1765 foram uma decisão de Leibniz ou se, assim como em nossa edição crítica, foi uma decisão editorial. Por conta dessa referência à edição de 1966 em *Note sur le texte*, compreendemos, ademais, por que Baraúna usa o itálico para destacar termos e expressões, mas não diferencia o discurso de Locke do de Leibniz. Em “Nota do Editor” se esclarece a qual edição o tradutor recorre como original:

A tradução integral de *Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano* – a partir do original francês *Nouveaux Essais sur L'Entendement Humain* par l'Auteur du *Système de l'Harmonie Préétablie*, editados por Garnier-Flammarion, Paris, 1966, com base no trabalho de C. Gerhardt, *Die Philosophischen Schriften von G. W. Leibniz* [...]. (LEIBNIZ, 1996, p. 19)

⁶⁴ Cf. LEIBNIZ, 1765, pp. 231-236.

8. ANALÍTICA DA TRADUÇÃO (ALGUNS EXEMPLOS)

❖ Na 1ª alocução do capítulo I:

Baraúna aportuguesou a sintaxe tipicamente francesa (de ter nome próprio, ou pronome tônico, iniciando a frase) ao topicalizar o termo “Deus” e, assim, aproximá-lo do *lui*. Tal deslocamento é desnecessário e, além do mais, eliminou a ênfase, a tonicidade, dada originalmente ao termo “Deus”. Tal reordenamento linear da estrutura sintática é um exemplo de como pode a “racionalização” ser operada.

Já, quanto à escolha de dar uma maior precisão aos verbos *donner*, *être* e *venir*, vê-se que Baraúna não respeitou a opção de Leibniz pelo polilogismo informal ao empregar, em seu lugar, os verbos “outorgar”, “constituir” e “prover”, que pertencem a um registro verbal mais elevado, e mesmo jurídico. Trata-se aí do “enobrecimento”, que, segundo Berman:

É o ponto culminante da tradução platônica, cuja forma acabada é a tradução (a-tradução) clássica. [...] A estética vem aqui completar a lógica da **racionalização**: todo discurso deve ser um *belo* discurso. Em poesia, isso produz a “poetização”; na prosa, uma “retorização”. [...] aniquila simultaneamente a riqueza oral e a dimensão polilógica informal da prosa [...]. (BERMAN, 2007, pp.52-53, grifo nosso)

❖ Na 2ª alocução do capítulo I:

Ao cotejar o primeiro período do original com a tradução, identificamos, antes de tudo, a transformação de um período em dois; essa aparente quebra de sintaxe leva:

- a uma determinação de *on*, tirando sua amplitude original;
- à repetição, nesse segundo período da tradução, de alguns termos, como “o homem” e “a viver em sociedade”, já referidos no primeiro, o que representa um alongamento e, conseqüentemente, um empobrecimento quantitativo, à medida que são reiterações desnecessárias;
- Ao quebrar a sintaxe, acabou tendo de acrescentar “que” ao traduzir o sintagma *de vous voir éloigné* como “por constatar que estais longe”. Vê-se, aqui, um caso de “enobrecimento”, tendência que “aniquila simultaneamente a riqueza oral e a dimensão polilógica informal da prosa [...]” (BERMAN, 2007, p. 52).

Ainda na tradução desse primeiro período, o tradutor acrescentou desnecessariamente a expressão “com o princípio de”, e no todo desse fragmento analisado, o tradutor acabou aumentando desnecessariamente o texto e conferindo uma precisão antes inexistente.

No longo segundo período do original:

- Ao traduzir *Il* por “Sr. Hobbes” há uma determinação desnecessária, uma vez que o pronome *Il* já cumpre a função anafórica na progressão temática.
- “não levava em conta” poderia ser a tradução de *ne considérait pas*, mas não de *ne considérait point*, pois não recupera a força do advérbio de negação *point*.
- Na tradução de *s'attroupent pour mieux voyager en compagnie* por “se juntam em bandos para melhor viajarem em companhia”, vemos crêscimo desnecessário da locução adverbial “em companhia”, uma vez que ao traduzir *s'attrouper* por “se juntar em bando”, o sentido de tal locução se torna subentendida.
- No restante do período há três manifestações de enobrecimento de verbo, de tirar sua generalidade e de orientá-los para uma especificidade; é o caso do verbo *faire*, que em suas duas aparições é traduzido por “construir”, e o caso do verbo *pouvoir* na locução verbal *ne pourrait réussir* que foi traduzido por “não lograr realizar”; ademais, parecemos aí que faltou ao tradutor não se preocupar tanto com a tradução palavra por palavra, pois a amplitude da locução *ne pourrait réussir* poderia muito bem ter sido resgatada com o nosso “não poderia ter êxito”.
- Baraúna traduz *où* por “coisa que”, perdendo a real função, nesta situação, de substituir uma ação, um empreendimento, movimento; o *où* aparece aí como um pronome que recupera a “ação” anterior, assim, em vez de “coisa que”, que substituiria uma nome, por exemplo, uma coisa estática, acreditamos que a tradução deveria ter-se encaminhado mais para uma locução do tipo “caso em que”.
- *un petit nombre* por “um número reduzido”, mais um caso de enobrecimento.
- Ao não traduzir a conjunção “e” em ; *et ces*, que em Baraúna ficou “; tais”, perde-se a ideia de conexão entre a frase antecedente e a posterior.
- Houve um descuido de Baraúna ao traduzir *ces digues leur sont nécessaires, pour faire par ce moyen des réservoirs d'eau ou de petits lacs* por “tais diques lhes são necessários para construir desta maneira reservatórios de água ou pequenos lagos”, uma vez que não se trata de um advérbio, mas sim de uma relação pronominal que recupera o *digues* como um “meio” para se fazer tais reservatórios de água ou pequenos lagos; é um elemento dêitico que participa da progressão temática.

- A racionalização se mostra operante quando se é tirada a especificação de *cabane* (casa pequena feita de materiais rústicos) traduzindo-a por um termo tão geral quanto “casa”. Assim, ao contrário da especificação e determinação que ocorre no caso dos verbos, há aqui uma generalização que elimina o objetivo de especificação do autor, pois, segundo Berman:

Ela [, a racionalização,] aniquila também um outro elemento prosaico: *o objetivo de concretude*. Quem diz racionalização, diz abstração, generalização. Ora, a prosa tem seu eixo no concreto; ela consegue até tornar concretos ou numerosos elementos abstratos ou reflexivos que carrega no seu fluxo (Proust, Montaigne). A racionalização faz passar o original do concreto ao abstrato, não somente ao reordenar linearmente a estrutura sintática, mas, por exemplo, escolhendo entre dois substantivos o mais geral etc. (BERMAN, 2007, p. 49)

No terceiro período desta alocução:

- Ao traduzir *C'est là le fondement de la société des animaux qui y sont propres, et nullement la crainte de leurs semblables, qui ne se trouve guère chez les bêtes* por “É nisto que reside o fundamento da sociedade entre os animais, e não no medo que têm de seus semelhantes, o qual não existe nos animais”, perdeu-se aí, em primeiro lugar, o sentido de “aptidão”, de “adequamento” que os animais que vivem em sociedade devem ter para nela viver. Em segundo, corrobora o apagamento das diferentes especificidades entre *animaux* e *bêtes* que Baraúna, mais à frente, faz ao nivelar o sentido de ambas em “animais”; ao não recuperar o sentido de *qui y sont propres* ocorre uma generalização da situação dos animais, quanto ao fazerem parte, todos eles, inclusive os animais irracionais, da sociedade. Ao ter desconsiderado a diferença entre *des animaux* e *les bêtes*, talvez tenha simplesmente se negado a usar a locução substantiva “animais irracionais” para *les bêtes*. *Des animaux* são os “animais” de uma forma geral, logo, incluem o homem, mas *les bêtes* não o inclui... assim essa aparente pequena desconsideração pelas nuances semânticas de *les bêtes* altera bastante o querer dizer do autor.
- O caso aqui é semelhante ao da tradução de *point*, pois *nullement* também é um advérbio de negação forte e apenas o uso de “não” enfraquece o sentido original.
- Aqui, parece um caso de desconhecimento mesmo do sentido de *ne guère*; não se trata de “não existir” ou “não se encontrar”, mas sim de “existir pouco” ou “se encontrar pouco”.

❖ **Na 3ª alocução do capítulo I:**

- *façonnés en sorte*, por “, formados de modo tal,”: a vírgula dá uma ênfase que não tem no original.
- *Mots* e *parole* fora do contexto podem até ser vistos como termos sinônimos, no entanto, no discurso de Leibniz são conceitos importantes e que mantêm entre si diferenças sensíveis as quais precisam ser destacadas. *Mot* está mais para “sons articulados”, enquanto “*parole*” está mais para “linguagem” (que é mais ampla e engloba os sons articulados dos homens, mas também é a emissão de sons pela boca dos animais de forma geral, o homem e os irracionais); por isso, não só no caso de *mot* e *parole*, mas sempre que houver termos passíveis de confusão, seja:
 - ✓ pela polissemia própria do termo dicionarizado, isto é, fora de discurso,
 - ✓ porque seu uso faz dele um neologismo (uso não dicionarizado) etc.,
 - ✓ porque se faz necessário destacar o termo como está no original (e isso acontece porque importa manter a referência a um termo da língua francesa, ou de outra língua; não só para não cair na tendência “apagamento das superposições de línguas”, mas também para manter a progressão temática e, paralelamente, usar positivamente da “clarificação” para explicitar um termo, faz-se necessário, ao menos, colocar entre parênteses o termo da língua de partida.

❖ **Na 6ª alocução do capítulo I:**

- “seja pelo fato de que as palavras lhe não permitem lembrar-se dos pensamentos abstratos” (*tant par le moyen que les mots lui donnent de se souvenir des pensées abstraites*). Ao acrescentar um “não”, o tradutor obviamente inverteu o sentido da frase.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, se Leibniz procurava uma língua da verdade, no sentido de língua verdadeira (DERRIDA, 2006, p. 64), uma língua para filosofar adequadamente, alguma totalidade para bem dizer e fazer o computo geral das objeções (DERRIDA, 2006, p. 97), isto é, algo que fizesse cessar autoritariamente de uma vez por todas as chicanas filosóficas⁶⁵, ele poderia tê-la buscado na tradução, pois como dizia Benjamin:

Mas se, de alguma outra forma, existe uma língua da verdade na qual se conservam, sem tensões e silenciosos, os últimos mistérios que constituem o objecto de todo o pensamento, então essa língua da verdade é – a verdadeira língua. E é precisamente essa língua, em cujo pressentimento e descrição reside a única perfeição a que o filósofo pode aspirar, que está oculta, de forma intensiva, nas traduções. [...] existe um *ingenium* filosófico cuja marca mais própria é a nostalgia daquela língua que se enuncia na tradução. (BENJAMIN, 2008, p. 92).

Não era preciso tentar, e nem mesmo era possível, imitar a língua teutônica ou o que seria comum a Adão e os homens em geral, para chegar a uma totalidade eterna e morta. Sem entrar nos detalhes do que significaria esse *ingenium*, e sabemos que essa é uma questão importante, mas da qual não poderíamos tratar no momento⁶⁶, eis no que o fazer do tradutor e a busca do filósofo se confundem: a “pura língua”, nostalgia dos filósofos, se enuncia na tradução que não viverá eternamente. Não é à toa, pois, que muitos queiram fazer filosofia fazendo tradução, assim estariam tentando enunciar aquela língua a partir da qual se poderia de fato “filosofar”; isso porque “a tradução, com os seus gérmens de uma tal língua pura, situa-se a meio caminho entre poesia e a doutrina”; daí que a tarefa do tradutor também seja a de “levar à maturidade, na tradução, a semente de uma língua pura” (BENJAMIN, 2008, p. 92).

Mas, para tanto, o filósofo-tradutor (ou o tradutor-filósofo) tem de estar consciente do labirinto das metafísicas “da” língua de saída e “da” língua de chegada; as traduções, assim como as doutrinas não podem e nem devem ser eternas; talvez por isso mesmo um Derrida, o eterno estrangeiro, evitasse conceituar ou construir; não é exatamente o que fazem tradicionalmente o filósofo e o tradutor? Não devem ser eternas, especialmente quando a

⁶⁵ Cf. *N.E.*, III, IX, §8, p. 267.

⁶⁶ Cf. DERRIDA, 2006 [*T.B.*], p. 28.

tradução ou doutrina se faz em uma língua que teima em deixar à margem de sua atmosfera viva os dizeres, dialetos e mesmo línguas de cerca de dois terços de sua ancestralidade, em “uma” língua, aqui sim, que insiste no estreitamento, uma língua da verdade que se recusa pensar uma linguagem verdadeira; mas isso seria outra história, todavia, colocaria o problema dos limites da “nossa” teoria da tradução, a altura da “nossa” torre.

Além disso, as fábulas da língua primitiva, adâmica, nunca levaram a sério compreender a África ou a América⁶⁷. Talvez tenha a mesma fonte o grande interesse dos filósofos brasileiros pelas línguas europeias e o pouco interesse pelas línguas das nações africanas e indígenas; e talvez aquelas continuariam sendo nosso objeto de pesquisa, se não fosse a contribuição dos estudos de áreas como a sociolinguística, por exemplo, que têm investigado as variedades linguísticas brasileiras a partir das várias línguas indígenas, das várias línguas das nações africanas que aqui chegaram por conta da escravidão, bem como daquilo que poderíamos considerar minorias linguísticas europeias.

De qualquer modo, é preciso abandonar a fábula do primeiro contrato, nosso primeiro império, o primeiro nivelamento-impedimento que construiu “nossa” torre de Babel; que obviamente deve ser bem mais alta e autoritária que a outra. Será que toda a filosofia brasileira, mesmo a que guia as nossas traduções, pode ser considerada de ultramar? Quanto da significação e da “intencionalidade” indígena e africana, quanto de “alargamento” nós perdemos ao nos impedirmos a verdadeira tradução, ao reafirmar sempre tal nivelamento, que agora explicitamos a fonte? Era preciso mesmo filosofar-traduzir apenas na língua idioma universal europeia?

Por fim, se traduzimos algumas poucas páginas de um Leibniz, que certamente não podem ser consideradas obras de arte no sentido benjaminiano, ao menos não foi inconscientemente que, criminosos que somos, nos deixamos cair na sistemática de deformação da letra.

⁶⁷ No *Brevis* Leibniz afirmava: “Assim, a partir da mistura e da corrupção das outras é que nascem as novas línguas [...] e as repetidas corrupções, por fim, confundem todos os traços da origem das corrupções. Assim, não me admiro se o parentesco das nossas [línguas] com as línguas [daqueles povos] dos interiores da África e de todos [aqueles] da América não possa ser conhecido (*Nam novae facile linguae nascuntur mixtura & corruptione caeterarum, [...] & repetitae corruptiones corruptionum omnia tandem originis lineamenta confundunt. Itaque non miror sit interiorum Africae & omnium Americae linguarum cognatio cum nostris agnosci potest*).” LEIBNIZ, 1710, pp. 3-4. Duas, pois, e como já o mostramos antes, são as principais fontes da impossibilidade de remontar à origem da língua primeira, as inundações (dilúvios) e as corrupções a que são sujeitas as línguas na história.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. de Alfredo Bosi e Ivoni Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina: curso único e completo*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1997.
- ARISTÓTELES. *Categorias e De interpretatione* (Isagoge de Porfírio). Trad. introd. e notas de Afonso Garcia Suarez et al. Madrid: Ed. Tecnos, 1999.
- _____. *Órganon*. Trad. de Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010.
- ARRUDA, José Maria. “Leibniz e o Idealismo Alemão”. *Cadernos UFS – Filosofia*, ano 4, n. 10, v. 4, jul./ dez., 2008, pp. 17-30.
- BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas* (v. 1). São Paulo: Edusp, 2001.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução*. Trad. de Sônia Terezinha Gehring et al. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev., ampl. e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). Org., apres. e notas de Jeanne Marie Gagnebin; trad. de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Duas cidades/ Editora 34, 2011.
- _____. *A tarefa do tradutor* (quatro traduções para o português). Org. por Lúcia Castello Branco. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- _____. “La tâche du traducteur”. In: *Œuvres I*. Trad. de Maurice de Gandillac, Rainer Rochlitz e Pierre Rusch. Paris: Gallimard (Folio Essais), 2000, pp. 244-262.
- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro, tradução e cultura na Alemanha romântica*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Baurú: EDUSC, 2002.
- _____. *A Tradução e a Letra* ou o Albergue do longínquo. Trad. de Marie-Helène Catherine Torres, Mauri Frulan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/ PGET, 2007.
- _____. “A tradução e seus discursos”. *Alea: Estudos Neolatinos do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas/ Faculdade de Letras – UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 11, jul./ dez., 2009, pp. 341-353.
- _____. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BIBLEGATEWAY.COM – A searchable online Bible in over 50 versions and 35 languages. Disponível em: <<http://www.biblegateway.com/>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

BÍBLIA CATÓLICA ONLINE. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

A *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 1996.

BÍBLIA. A. T. *GÊNESIS* (No princípio). Trad. [para o francês] e comentários de André Chouraqui; trad. para o português de Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CAMPOS, Giovana Cordeiro. “Estudos de Tradução e Análise do Discurso: diálogos possíveis”. *Cadernos do CNFL*, CiFEFiL (Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos), Rio de Janeiro, n. 12, v. XII, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. “Para além do princípio da saudade”. *Folhetim*, 9 dez. 1984, pp. 7-8.

_____. “Transluciferação Mefistofáustica”. In: *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

_____. *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas* (I – A linguagem). Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CECCI SILVA, Juliana. “Leibniz e a conexão entre as línguas e as nações”. In: *Demoras na Aporia: bordas do pensamento e da literatura*. Org. por Piero Eyben. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012, pp. 130-135.

_____. CECCI SILVA, Juliana. “Uma leitura outra do monolinguismo de Jacques Derrida”. In: *Jean-Luc Nancy & Jacques Derrida – pensamento intruso: literatura, filosofia, infinito*. Org. por Piero Eyben. Vinhedo: Editora Horizonte, 2014, pp. 198-204.

CECCI SILVA, Juliana, PIAUÍ, William de Siqueira. “Leibniz e Benjamin: uma introdução às teorias tradicionais da tradução ou às metafísicas da língua de saída e de chegada”. *O Mutum* \diamond revista de literatura e pensamento. Org. por Piero Eyben. Brasília, Escritura: Linguagem e Pensamento, n. 01, v. 1, fev., 2013, pp. 183-203. Dossiê: Literatura: escrever o pensar.

COUTURAT, Louis. *Opuscles et fragments inédits de Leibniz*. Paris: Alcan, 1903.

CRÉPON, Marc. “Kafka e Derrida: a origem da lei”. *O Mutum* \diamond revista de literatura e pensamento. Org. por Piero Eyben. Trad. e notas Juliana Cecci Silva; William de Siqueira Piauí. Brasília, Escritura: Linguagem e Pensamento, n. 01, v. 1, fev., 2013, pp. 128-145. Dossiê: Literatura: escrever o pensar.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo* (edição de bolso). Org. por Cilene da Cunha Pereira. Rio de Janeiro: Lexikon/ Porto Alegre: L&PM, 2010.

DEÂNGELI, Maria Angélica. “Le monolinguisse de l’autre, de Jacques Derrida: uma escritura idiomática da língua”. *Fragments: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras*, Florianópolis, n. 35, jul./ dez., 2008, pp. 173-189. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/22755>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

DERRIDA, Jacques. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. “L’Autre Cap – Mémoire, Réponses et responsabilités”. In: *L’Autre Cap* suivi de La Démocratie Ajournée. Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.

_____. *Mémoires: pour Paul de Man*. Paris: Galilée, 1988, 38 p.

_____. *Torres de Babel*. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. “Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl”. In: HUSSERL, Edmund. *L’origine de la géométrie*. Trad. e introd. de Jacques Derrida. Paris : Presses Universitaires de France (Collection Épiméthée), 2010a.

_____. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. “Teologia da Tradução”. In: OTTONI, Paulo (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005a, pp. 155-174

_____. *De la Grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit (Collection “Critique”), 1967.

_____. *Gramatologia*. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006a.

_____. *Le monolinguisse de l’autre, ou la prothèse d’origine*. Paris: Édition Galilée, 1996.

_____. *O monolinguisse do outro, ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras Editores, 2001.

_____. *Papel máquina*. Trad. de Evando Nascimento, São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2004.

DICTIONNAIRE D’AUTREFOIS. The Project for American and French Research on the Treasury of the French Language (ARTFL). Disponível em: <<http://artfl-project.uchicago.edu/node/17>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.

_____. *A busca da língua perfeita*. Trad. de Antônio Angonese. 2ª ed. Bauru: Edusc, 2002.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIRE, Antônio. *Gramática grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GAMBIER, Yves. “La retraduction, retour et detour”. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators’ Journal* (Les Presses de l’Université de Montréal), Montréal, n. 3, v. 39, set., 1994, pp. 413-417. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/002799ar>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê editorial, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Trad. de Marcia de Sá C. Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Ensaio e conferências*. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão et al. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUISMAN, Denis. *Dicionário de filósofos*. Trad.: vários tradutores. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEIBNIZ, G. W. *Nouveaux essais sur l’entendement humain, par l’auteur du système de l’harmonie préétablie*. Avec une introduction, des notes et un appendice par Henri Lachelier, professeur de philosophie au Lycée Janson de Sailly. 2^{ème} édition. Paris: Librairie Hachette et ?, 1898. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5516204p/f7.image.r=.langEN>> Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. *Nouveaux essais sur l’entendement humain, par l’auteur du système de l’harmonie préétablie*. Chronologie, bibliographie et notes par Jacques Brunschwig; publié avec le concours du Centre National des Lettres. Paris: GF – Flammarion, 1990.

_____. *Opera Omnia: Nunc primum collecta, in Classes distributa, praefationibus & indicibus exornata : [In Sex Tomos distributa]. In duas Partes distributus, quarum I. Continet Philologicorum continuationem, II. Collectanea Etymologica* (Volume 6). Org. por Louis (ou Ludovici) Dutens, L., Genebra: Fratres de Tournes, 1768. Original da Biblioteca Estadual da Baviera, digitalizado em 6 dez. 2010, 678 p. (Google eBook). Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=nTIFAAAACAAJ>> Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. *Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indiciis linguarum*. Berlin: Miscellanea Berolinensia ad incrementum scientiarum (site da Akademie der Wissenschaften), v.1, 1710, pp. 1-16. Disponível em: <<http://bibliothek.bbaw.de/bibliothek-digital/digitalequellen/schriften/anzeige?band=01-misc/1&seite:int=00000025>> Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. *L’harmonie des langues*. Apres., trad. e comentários de Marc Crépon. Paris: Éd. du Seuil, 2000.

_____. *Nouveaux essais sur l'entendement humain, par l'auteur du système de l'harmonie préétablie*. Oeuvres Philosophiques Latines et Françaises de Feu M^r. De Leibnitz. Tirées de ses manuscrits qui se conservent dans la bibliothèque royale à Hanovre, et publiées par Mr. Rud. Eric Raspe avec une préface de Mr. Kaestner Professeur en Mathématiques à Gottingue. À Amsterdam et à Leipzig: Chez Jean Schreuder, 1765, pp. 231-236. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/oeuvresphilosoph00leibuoft>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Trad. de Luiz João Baraúna. São Paulo: Ed. Nova Cultural (Coleção Os pensadores), 1996.

_____. *Nuevos ensayos sobre el entendimiento humano*. Trad. de Javier Echeverría Ezponda. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

_____. “Breve plano das reflexões sobre as origens dos povos traçado principalmente a partir das indicações [contidas] nas línguas”. Intr. de Olga Pombo, trad. e notas de Juliana Cecci Silva e William de Siqueira Piauí. In: *Kairos Revista de Filosofia & Ciência* (Universidade de Lisboa), n. 4, 2012, pp. 119-149. Disponível em: <<http://kairos.fc.ul.pt/nr%204/Kairos%204.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. “Carta de Leibniz à princesa Sofia (Hanôver, 31 de outubro de 1705)”. Trad. e notas de Juliana Cecci Silva e William de Siqueira Piauí. *Site Leibniz Brasil*, 2012a. Disponível em: <<http://www.leibnizbrasil.pro.br/leibniz-traducoes/carta-de-leibniz-princesa-sofia.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. “Duas cartas de Leibniz a Sparvenfeld (Carta de 29 de janeiro de 1697 e de 29 de novembro (?) de 1697)”. Trad. e notas de Juliana Cecci Silva e William de Siqueira Piauí. *Site Leibniz Brasil*, 2012b. Disponível em: <<http://www.leibnizbrasil.pro.br/leibniz-traducoes/cartas-Leibniz-a-Sparvenfeld.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. “História e conexão entre as línguas (§§ 136-143 do livro *Ensaio de Teodiceia*)”. Trad. e notas de Juliana Cecci Silva e William de Siqueira Piauí. *Site Leibniz Brasil*, 2012c. Disponível em: <<http://www.leibnizbrasil.pro.br/leibniz-traducoes/historia-e-linguagem-nos-ensaios-de-teodiceia.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. “Carta de Leibniz a Sparvenfeld (Carta de 6 de dezembro de 1695)”. Trad. e notas de Juliana Cecci Silva e William de Siqueira Piauí. *O Mutum* ◊ revista de literatura e pensamento. Org. por Piero Eyben. Brasília: Escritura: Linguagem e Pensamento, no prelo.

_____. *De Origine Francorum Disquisitio*. Hanoverae apud Nicol Foerster, 1715. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/G_G_L_De_Origine_Francorum_Disquisitio.html?id=eK9MAAAAcAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 27 fev. 2014.

_____. *Ensaio de Teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal*. Trad. de Juliana Cecci Silva e William de Siqueira Piauí. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

_____. *Essais de Théodicée: sur la bonté de Dieu la liberté de l'homme et l'origine du mal*. Paris: GF – Flammarion, 1969.

_____. *Leibniz: Escritos Filosóficos*. Ed. por Ezequiel de Olaso. Buenos Aires: Editorial Charcas, 1982.

_____. *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*. Hrsg v. Carl Immanuel Gerhardt. 1-7. Hildesheim: Olms, 1960.

_____. *Principes de la Nature et de la Grâce. Monadologie et autres textes (1703-1716)*. Paris: GF-Flammarion, 1996

LOCKE, John. *An essay concerning human understanding*. Chicago: The University of Chicago.(Encyclopædia Britannica, Inc./ Coleção The Great Books), 1952.

_____. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Trad.: de Anoar Aiex. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os pensadores), 1973.

_____. *Ensayo sobre el entendimiento humano*. Trad. de Edmundo O’Gorman. Colombia: Fondo de Cultura Económica, 1994.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2010.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História da lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1979.

MERLEAU-PONTY. *A prosa do mundo*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Cosa & Naify, 2002.

NAERT, Emilienne. *La pensée politique de Leibniz*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

NÃO GOSTO DE PLÁGIO (Blog da tradutora Denise Bottmann; duas postagens de 11 fev. 2009). Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/search?q=pensadores>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a Literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 2ª ed. Niterói: EdUFF, 2001.

NEF, Frédéric. *A linguagem: uma abordagem filosófica*. Trad. de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *Leibniz et le langage*. Paris: Press Universitaires de France, 2000.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego – português e português – grego*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

PEREIRA, Mateus H. F. “Abril Cultural (1968-1982) e o desenvolvimento do mercado de fascículos, coleções e enciclopédias durante a Ditadura Militar”. *Em Questão* – n. 2, v. 11, jul./ dez., 2005, pp. 239-258. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0672-1.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

PIAUI, William de Siqueira. *Realidade do ideal e substancialidade do mundo: sobrevoando e percorrendo o labirinto do contínuo*. Tese de Doutorado. Orientador: Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, 2009, 337 p.

_____. “Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o § 47 da última carta a Clarke”. In: *Prometeus – Filosofia em revista* (UFS), ano 6, n. 11, 2013, pp. 09-34.

_____. “Noção completa de uma substância individual e infinito em Leibniz”. *Cadernos de história e filosofia da ciência* (UNICAMP), n. 1, v. 21, série 3, jan-jun., 2011, pp. 256-288.

_____. “Leibniz e Tomás de Aquino, o princípio de individuação”. *Agora filosófica*, Recife, ano 6, n. 2, 2006, pp. 171-195.

_____. “Santo Agostinho e Isaac Newton: tempo, espaço e criação”. *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*, Pouso Alegre, v. 2, 2009, pp. 26-47.

PLATÃO. *Teeteto – Crátilo*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. rev. Belém: EDUFPA, 2001.

_____. *Timeu – Crítias – O Segundo Alcibíades – Hípias Menor*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. rev. Belém: EDUFPA, 2001a.

_____. *Diálogos – O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. Trad. de José Cavalcante de Souza (O Banquete) e de Jorge Paleikat e João Cruz Costa (Fédon, Sofista, Político). São Paulo: Ed. Abril Cultural (Col. Os pensadores), 1972.

PLATÃO. *Carta VII*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; introd. de Terence H. Irwin; trad. do grego e notas de José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

POMBO, Olga. *Leibniz e o problema de uma língua universal*. Lisboa: JNICT, 1997.

_____. *Palavra e esplendor do mundo: estudos sobre Leibniz*. Lisboa: Fim de século, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, [1991?].

SAUSSURE, F. de, JAKBSON, R., HJELMSLEV, L. T., CHOMSKY, N. *Textos selecionados*. Trad. de Carlos Vogt et al. São Paulo: Ed. Abril Cultural (Col. Os pensadores), 1978.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Trad. e adapt. de Rodolfo Ilari; rev. téc. de Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristófaró Silva. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SELIGMANN-SILVA, M. “Filosofia da tradução – Tradução de Filosofia: o Princípio da Intraduzibilidade”. *Cadernos de Tradução* (UFSC), Florianópolis, v. 3, 1998, pp. 11-47.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigation* (bilingue). Trad. de G. E. M. Anscombe. Massachusetss: Blackwell Publishers, 1958.

ANEXO E APÊNDICE

RETRADUÇÃO DOS CAPÍTULOS 1, 2 E 3 DO *DES MOTS*.⁶⁸

Coluna A (texto original) (LEIBNIZ, 1990)	Coluna B (tradução) (LEIBNIZ, 1996)	Coluna C (retradução)
LIVRE III – DES MOTS	LIVRO TERCEIRO – AS PALAVRAS	LIVRO III – DAS PALAVRAS
Chapitre I – Des mots ou du langage en général	Capítulo I – As palavras ou a linguagem em geral	Capítulo I – Das palavras ou da linguagem em geral

1ª alocução		
<p>§ 1. PHILALÈTHE. <i>Dieu, ayant fait l'homme pour être une créature sociable, lui a non seulement inspiré le désir et l'a mis dans la nécessité de vivre avec ceux de son espèce, mais lui a donné aussi la faculté de parler, qui devait être le grand instrument et le lien commun de cette société. C'est de cela que viennent les</i></p>	<p>§ 1. FILALETO – Tendo criado o homem para ser uma criatura sociável, Deus não só lhe inspirou o desejo e o colocou na necessidade de viver com os de sua espécie, mas outorgou-lhe igualmente a faculdade de falar, faculdade que deveria constituir o grande instrumento e o laço comum desta sociedade. É daí que</p>	<p>§ 1. FILALETO. <i>Deus, tendo feito o homem para ser uma criatura sociável, não só lhe inspirou o desejo e o colocou na necessidade de viver com os de sua espécie, mas também lhe deu a faculdade de falar⁶⁹, a qual deveria ser o grande instrumento e elo comum desta sociedade. É daí que vêm as palavras, que servem para representar e</i></p>

⁶⁸ Como já o indicamos, para uma melhor apresentação dos resultados da analítica de alguns excertos da tradução de Baraúna (cf. capítulo 8 de nossa dissertação) e de nossa retradução, optamos por colocar lado a lado o texto original (coluna A), a tradução de Baraúna (coluna B) e a nossa retradução (coluna C); assim, conforme as normas da ABNT, temos aqui tanto o Anexo quanto o Apêndice.

⁶⁹ Tendo em vista a menção aos primatas mais adiante, vale lembrar que se trata da origem teológica do homem e da faculdade da fala, do “imaginário” marcadamente anterior à teoria evolutiva de Charles Darwin (1802-1882) em que o homem descende dos primatas. Essa “faculdade de fala” que acabou não sendo nem “o grande instrumento” e nem o “elo comum desta sociedade”; “deveria” ser essas duas coisas, mas acabou não sendo por causa do homem, das necessidades que criou para si. Assim, portanto, sendo a “faculdade de fala” corrompida pelo homem, as “**palavras**, que servem para representar e mesmo para explicar as **ideias**” também são, conseqüentemente, corrompidas.

mots , qui servent à représenter; et même à expliquer les idées .	provêm as <i>palavras</i> , as quais servem para representar, e até para explicar as <i>idéias</i> .	mesmo para explicar as ideias .
---	--	--

2ª alocução		
<p>THÉOPHILE. Je suis réjoui de vous voir éloigné du sentiment de M. Hobbes, qui n'accordait pas que l'homme était fait pour la société, concevant qu'on y a été seulement forcé par la nécessité et par la méchanceté de ceux de son espèce. Mais il ne considérait point que les meilleurs hommes, exempts de toute méchanceté, s'uniraient pour mieux obtenir leur but, comme les oiseaux s'attroupent pour mieux voyager en compagnie, et comme les castors se joignent par centaines pour faire des grandes digues, où un petit nombre de ces animaux ne pourrait réussir; et ces digues leur sont nécessaires, pour faire par ce moyen des réservoirs d'eau ou de petits lacs, dans lesquels ils bâtissent leurs cabanes et pêchent des poissons, dont ils se nourrissent. C'est là le</p>	<p>TEÓFILO – [Alegro-me por constatar que estais longe da opinião do Sr. Hobbes, o qual não concordava com o princípio de que o homem foi feito para a sociedade. Segundo ele o homem é apenas forçado a viver em sociedade em virtude da necessidade e da malícia dos indivíduos da sua espécie. Todavia, o Sr. Hobbes não levava em conta que os melhores homens, isentos de qualquer maldade, se uniriam para melhor atingirem a sua finalidade, da mesma forma que os pássaros se juntam em bandos para melhor viajarem em companhia, da mesma forma que os castores se unem em centenas para construírem grandes diques, coisa que um número reduzido desses animais não lograria realizar; tais diques lhes são necessários para construir desta maneira</p>	<p>TEÓFILO. Regojizo-me em ver-lhe distante do sentimento do Sr. Hobbes, que não concordava que o homem fosse feito para a sociedade, concebendo que apenas foi forçado a isso pela necessidade e pela maldade daqueles de sua espécie. Mas de modo algum ele considerava que os melhores homens, isentos de toda maldade, se uniriam para melhor alcançar sua meta, assim como os pássaros se agrupam em bando para melhor viajar, e como os castores se reúnem em centenas para fazer grandes diques, caso em que um pequeno número destes animais não poderia ter êxito; e estes diques lhes são necessários como meio para fazer reservatórios de água ou pequenos lagos, nos quais constroem suas cabanas e pescam peixes, dos quais se</p>

<p>fondement de la société des animaux qui y sont propres, et nullement la crainte de leurs semblables, qui ne se trouve guère chez les bêtes.</p>	<p>reservatórios de água ou pequenos lagos, nos quais constroem as suas casas e pescam peixes de que se nutrem. É nisto que reside o fundamento da sociedade entre os animais, e não no medo que têm de seus semelhantes, o qual não existe nos animais.]</p>	<p>alimentam. Está nisso o fundamento da sociedade dos animais aptos a ela, e de maneira alguma no temor de seus semelhantes, que não se encontra sequer nos animais irracionais.</p>
--	---	---

3ª alocução

<p>PHILALÈTHE. Fort bien, et c'est pour mieux cultiver cette société que l'homme a naturellement ses organes façonnés en sorte qu'ils sont propres à former des sons articulés, que nous appelons des mots.</p>	<p>FILALETTO – Muito bem. É para melhor cultivar esta sociedade que o homem possui naturalmente seus <i>órgãos</i>, formados de modo tal, que são aptos a formar sons articulados que denominamos <i>palavras</i>.</p>	<p>FILALETTO. Muitíssimo bem, e é para melhor cultivar esta sociedade que naturalmente o homem tem seus órgãos moldados de sorte que são próprios para formar sons articulados, os quais chamamos de palavras (mots).</p>
---	--	---

4ª alocução

<p>THÉOPHILE. Pour ce qui est des organes, les singes les ont en apparence aussi propres que nous à former la parole, cependant il ne s'y trouve point le moindre acheminement. Ainsi il faut qu'il leur manque quelque chose d'invisible. Il faut considérer aussi qu'on</p>	<p>TEÓFILO – [No que concerne aos <i>órgãos</i>, os símios possuem, aparentemente, tão aptos quanto os nossos para formar a palavra. Logo, falta-lhes algo de invisível. Cumpre outrossim considerar que se poderia falar, isto é, fazer-se ouvir pelos sons da boca, sem</p>	<p>TEÓFILO. No que diz respeito aos órgãos, os macacos aparentemente os têm tão apropriados quanto nós para formar a fala (<i>parole</i>), entretanto, de modo algum se encontra aí o menor encaminhamento. Assim, deve-lhes faltar algo invisível. De igual modo, é preciso</p>
--	---	---

<p>pourrait parler, c'est-à-dire se faire entendre par les sons de la bouche sans former des sons articulés, si on se servait des tons de musique pour cet effet; mais il faudrait plus d'art pour inventer un langage des tons, au lieu que celui des mots a pu être formé et perfectionné peu à peu par des personnes qui se trouvent dans la simplicité naturelle. Il y a cependant des peuples, comme les Chinois, qui par le moyen des tons et accents varient leurs mots, dont ils n'ont qu'un petit nombre. Aussi était-ce la pensée de Golius, célèbre mathématicien et grand connaisseur des langues, que leur langue est artificielle, c'est-à-dire qu'elle a été inventée tout à la fois par quelque habile homme pour établir un commerce de paroles entre quantité de nations différentes qui habitaient ce</p>	<p>former sons articulados, servindo-se para tanto dos <i>tons</i> da música. Contudo, seria necessário possuir mais arte para inventar uma <i>linguagem dos tons</i> ao passo que a linguagem das <i>palavras</i> foi formada e aperfeiçoada progressivamente por pessoas que vivem na simplicidade natural. Todavia, existem povos, por exemplo os chineses, que variam as suas palavras através dos tons e acentos, possuindo apenas um número reduzido de palavras. Em razão disto o célebre matemático e conhecedor de línguas Gólio acreditava que a língua dos chineses é artificial, isto é, inventada por um relacionamento entre muitas nações diferentes que habitavam esse grande país que chamamos China, embora tal língua possa hoje estar alterada, devido ao uso secular.]</p>	<p>considerar que poderiam falar, isto é, fazerem-se entender pelos sons da boca, sem formar sons articulados, no caso de se servirem de tons musicais para tal finalidade; mas seria necessário mais arte para inventar uma linguagem dos tons, ao passo que a das palavras pôde ser formada e aperfeiçoada pouco a pouco por pessoas que se encontram na simplicidade natural. Porém, existem povos, como os chineses, que por meio de tons e acentos variam suas palavras, das quais eles têm apenas um pequeno número. Por esse motivo era o pensamento de Golius⁷⁰, célebre matemático e grande conhecedor das línguas, que a língua deles é artificial, isto é, que foi toda inventada de uma só vez por algum hábil homem a fim de estabelecer uma comunicação verbal (<i>um commerce de paroles</i>) entre um grande número de nações</p>
--	---	--

⁷⁰ Jacob Golius, ou Tiago Gólio, (1596-1667), matemático e orientalista holandês, professor na Universidade de Leyde, colaborou na redação do *Novus Atlas Sinensis* (1655) de Martino Martini (1614-1661); cartógrafo, historiador e jesuíta italiano, foi missionário na China. Leibniz se refere às suspeitas deste com relação ao chinês em outros de seus escritos, dentre eles o *Brevis*.

grand pays que nous appelons la Chine, quoique cette langue pourrait se trouver altérée maintenant par le long usage.		diferentes que habitavam esse grande país que chamamos de China, ainda embora hoje esta língua possa se encontrar alterada pelo longo tempo de uso.
---	--	---

5ª alocução

§ 2. PHILALÈTHE. Comme les orangs-outangs et autres singes ont les organes sans formes des mots, on peut dire que les perroquets et quelques autres oiseaux ont les mots sans avoir de langage, <i>car on peut dresser ces oiseaux et plusieurs autres à former des sons assez distincts; cependant ils ne sont nullement capables de langue. Il n'y a que l'homme qui soit en état de se servir de ces sons comme des signes des conceptions intérieures, afin que par là elles puissent être manifestées aux autres.</i>	§ 2. FILALETO – [Como os orangotangos e outros símios possuem os órgãos sem formar palavras, pode-se dizer que os periquitos e alguns pássaros possuem as palavras sem possuir linguagem], pois se pode educar estes e vários outros pássaros a formarem sons bastantes distintos, e todavia não são em absoluto capazes de falar uma língua. Só o homem é capaz de utilizar esses sons como sinais de concepções inferiores, para que assim estas possam ser manifestadas aos outros.	§ 2. FILALETO. Assim como os orangotangos e outros macacos têm os órgãos sem formar palavras (<i>mots</i>), pode-se dizer que os papagaios e alguns outros pássaros têm as palavras (<i>mots</i>) sem ter linguagem (<i>langage</i>), <i>pois pode-se treinar estes pássaros e vários outros a formar sons bastante distintos; porém, de maneira nenhuma eles são capazes de língua. Só o homem está em condições de se servir destes sons como signos das concepções interiores a fim de que por meio deles elas possam ser manifestadas aos outros.</i>
--	--	---

6ª alocução

THÉOPHILE. Je crois qu'en effet sans le désir de nous faire entendre nous n'aurions	TEÓFILO – [Com efeito, acredito que, sem o desejo de fazer-nos compreender aos	TEÓFILO. Creio que, de fato, sem o desejo de nos fazermos entender jamais
---	--	---

<p>jamais formé de langage; mais étant formé, il sert encore à l'homme à raisonner à part soi, tant par le moyen que les mots lui donnent de se souvenir des pensées abstraites que par l'utilité qu'on trouve en raisonnant à se servir de caractères et de pensées sourdes; car il faudrait trop de temps s'il fallait tout expliquer et toujours substituer les définitions à la place des termes.</p>	<p>outros, jamais teríamos formado a linguagem. Uma vez formada, a linguagem serve também ao homem para raciocinar por si mesmo, seja pelo fato de que as palavras lhe não permitem lembrar-se dos pensamentos abstratos, seja pela utilidade que encontramos ao raciocinar, em servir-nos de caracteres e pensamentos surdos. Pois se exigiria tempo excessivo se fosse necessário explicar tudo e sempre colocar as definições em lugar dos termos.]</p>	<p>teríamos formado linguagem; mas, uma vez formada, ela ainda serve ao homem para raciocinar por si mesmo, tanto pelo meio que as palavras lhe dão de se recordar dos pensamentos abstratos quanto pela utilidade que encontramos quando nos servimos de caracteres e de pensamentos surdos para raciocinar; pois seria preciso tempo demais se fosse necessário tudo explicar e sempre substituir as definições no lugar dos termos.</p>
---	--	--

7ª alocução

<p>§ 3. PHILALÈTHE. <i>Mais comme la multiplication des mots en aurait confondu l'usage, s'il eût fallu un nom distinct pour désigner chaque chose particulière, le langage a été encore perfectionné par l'usage des termes généraux, lorsqu'ils signifient des idées générales.</i></p>	<p>§ 3 – FILALETO. Todavia, já que a multiplicação das palavras teria confundido o uso das mesmas em caso de que fosse necessária uma palavra diferente para designar cada coisa particular, a linguagem foi aperfeiçoada ainda mais pelo uso dos termos gerais, quando estes significam idéias gerais.</p>	<p>§ 3. FILALETO. <i>Mas como a multiplicação das palavras teria confundido seu uso, se tivesse sido necessário um nome distinto para designar cada coisa particular, a linguagem foi ainda mais aperfeiçoada pelo uso dos termos gerais, quando significam ideias gerais.</i></p>
---	---	--

8ª alocução

<p>THÉOPHILE. Les termes généraux ne servent pas seulement à la perfection des langues, mais même ils sont nécessaires pour leur constitution essentielle. Car si par les choses particulières on entend les individuelles, il serait impossible de parler, s'il n'y avait que des noms propres et point d'appellatifs, c'est-à-dire s'il n'y avait des mots que pour les individus, puisque à tout moment il en revient de nouveaux lorsqu'il s'agit des individus, des accidents et particulièrement des actions, qui sont ce qu'on désigne le plus; mais si par les choses particulières on entend les plus basses espèces (<i>species infimas</i>), outre qu'il est difficile bien souvent de les déterminer, il est manifeste que ce sont déjà des universaux, fondés sur la similitude. Donc comme il ne s'agit que de similitude plus ou moins étendue, selon qu'on parle des genres ou des espèces, il est naturel de marquer toute</p>	<p>TEÓFILO – [Os <i>termos gerais</i> não servem somente para a perfeição das línguas senão que são necessários para a constituição essencial das mesmas. Pois, se pelas <i>coisas particulares</i> se entendem as individuais, seria impossível falar se só houvesse nomes <i>próprios</i> e se não houvesse <i>apelativos</i>, ou seja, se só houvesse palavras para designar os indivíduos, pois a todo momento voltam novas quando se trata dos indivíduos, dos acidentes e particularmente das ações, que são as que designamos com maior frequência. Ao contrário, se pelas coisas particulares entendemos as espécies mais baixas (<i>species infimas</i>), além de ser muitas vezes difícil determiná-las, é evidente que já se trata de conceitos universais, fundados sobre a similitude mais ou menos extensa, conforme se fala dos gêneros ou das espécies, é natural que se assinale toda sorte de similitude ou conveniências</p>	<p>TEÓFILO. Os termos gerais não só servem à perfeição das línguas, mas, inclusive, são necessários à sua constituição essencial. Pois, se pelas coisas particulares entendem-se as individuais, seria impossível falar se só existissem nomes próprios e de modo algum apelativos, isto é, se só existissem palavras para os indivíduos, visto que a todo momento reaparecem novas quando se trata dos indivíduos, dos acidentes e particularmente das ações, que são aquilo que mais se designa; mas se pelas coisas particulares se quer dizer as mais baixas espécies (<i>species infimas</i>), além do fato que frequentemente é bem difícil determiná-las, é manifesto que estas já são universais, fundadas na semelhança. Logo, como se trata apenas de semelhança mais ou menos extensa, à medida que se fala dos gêneros ou das espécies, é natural marcar toda sorte de semelhança ou conveniências conformidades e consequentemente empregar</p>
---	---	--

<p>sorte de similitude ou convenances et par conséquent d'employer des termes généraux de tous degrés; et même les plus généraux, étant moins chargés par rapport aux idées ou essences qu'ils renferment, quoiqu'ils soient plus compréhensifs par rapport aux individus à qui ils conviennent, ils étaient bien souvent les plus aisés à former, et sont les plus utiles. Aussi voyez-vous que les enfants et ceux qui ne savent que peu la langue qu'ils veulent parler, ou la matière dont ils parlent, se servent des termes généraux comme chose, plante, animal, au lieu d'employer les termes propres qui leur manquent. Et il est sûr que tous les noms propres ou individuels ont été originairement appellatifs ou généraux.</p>	<p>e, por conseguinte, que se unam termos gerais de todos os graus; mesmo os termos mais gerais, sendo menos plenos em relação às idéias ou essências que encerram em seu bojo, embora sejam mais compreensivos em relação aos indivíduos aos quais convêm, eram muitas vezes os mais aptos a serem formados, e são os mais úteis. Podeis também observar que as crianças e aqueles que conhecem pouco a língua que querem falar, ou então o assunto sobre o qual falam, servem-se de termos gerais como: coisa, planta, animal, em vez de usarem termos próprios, que lhes falta. E é certo que todos os <i>noms propres</i> ou individuais foram originariamente <i>apelativos</i> ou gerais.]</p>	<p>termos gerais de todos os níveis; e mesmo os mais gerais, sendo menos carregados no que se refere às ideias ou essências que encerram, embora sejam mais compreensivos no que se refere aos indivíduos com quem eles concordam, bem frequentemente eles eram os mais fáceis de se formar, e são os mais úteis. Aliás, repare você que as crianças e aqueles que pouco conhecem a língua que desejam falar, ou o assunto do qual falam, se servem dos termos gerais como coisa, planta, animal, em vez de empregar os termos próprios que lhes faltam. E é certo que todos os noms próprios ou individuais foram originalmente apelativos ou gerais.</p>
---	--	--

9ª alocução		
<p>§ 4. PHILALÈTHE. <i>Il y a même des mots que les hommes emploient non pour signifier quelque idée, mais le</i></p>	<p>§ 4. FILALETO – Existem até palavras que os homens empregam, não para significar alguma idéia, mas</p>	<p>§ 4. FILALETO. <i>Há palavras, inclusive, que os homens empregam não para significar alguma ideia, mas</i></p>

<i>manque ou l'absence d'uni, certaine idée, comme rien, ignorance, stérilité.</i>	a falta ou a ausência de uma certa idéia, tais como: nada, ignorância, esterilidade.	<i>a falta ou a inexistência de uma certa ideia, como nada, ignorância, esterilidade.</i>
--	--	---

10ª alocução

THÉOPHILE. Je ne vois point pourquoi on ne pourrait dire qu'il y a des idées privatives , comme il y a des vérités négatives, car l'acte de nier est positif. J'en avais touché déjà quelque chose.	TEÓFILO – [Não vejo por que não se possa dizer que não existem <i>idéias privativas</i> , assim como há verdades negativas; pois o ato de negar é positivo. Já disse algo a esse respeito.]	TEÓFILO. Não vejo absolutamente por que não se poderia dizer que há ideias privativas tal como há verdades negativas, já que o ato de negar é positivo. Eu já havia considerado algo a este respeito.
--	---	--

11ª alocução

§ 5. PHILALÈTHE. Sans disputer là-dessus, il sera plus utile, <i>pour approcher un peu plus de l'origine de toutes nos notions et, – connaissances, d'observer comment les mots qu'on emploie pour former des actions et des notions tout à fait éloignées des sens, tirent leur origine des idées sensibles, d'où ils sont transférés à des significations plus abstruses.</i>	§ 5. FILALETO – Sem querer discutir sobre isto, será mais útil, para nos aproximar um pouco mais da origem de todas as noções e conhecimentos, observar como as palavras que empregamos para formar ações e noções completamente distantes dos sentidos derivam a sua origem das idéias sensíveis, de onde são transferidas a significações mais raras.	§ 5. FILALETO. Sem debater sobre isso, será mais útil – <i>com o intuito de se aproximar um pouco mais da origem de todas nossas noções e conhecimentos – observar como as palavras que empregamos para formar ações e noções inteiramente afastadas dos sentidos obtiveram sua origem das ideias sensíveis, de onde são transferidas para significações mais abstrusas.</i>
---	---	--

12ª alocução

THÉOPHILE. C'est que nos	TEÓFILO – [É que as nossas	TEÓFILO. Acontece que
--------------------------	----------------------------	-----------------------

<p>besoins nous ont obligés de quitter l'ordre naturel des idées, car cet ordre serait commun aux anges et aux hommes et à toutes les intelligences en général et devrait être suivi de nous, si nous n'avions point égard à nos intérêts: il a donc fallu s'attacher à celui que les occasions et les accidents où notre espèce est sujette nous ont fourni; et cet ordre ne donne pas l'origine des notions, mais pour ainsi dire l'histoire de nos découvertes.</p>	<p>necessidades nos obrigaram a abandonar a ordem natural das ideais, pois esta ordem seria comum aos anjos, aos homens e a todas as inteligências em geral, e deveria ser seguida por nós, se não considerássemos os nossos interesses; por conseguinte, foi necessário prender-nos àquilo que as ocasiões e os acidentes aos quais está sujeita a nossa espécie nos forneceram. Ora, esta ordem não fornece <i>a origem das noções</i>, mas por assim dizer, <i>a história das nossas descobertas</i>.]</p>	<p>nossas necessidades nos forçaram a deixar a ordem natural das ideias, pois esta ordem seria comum aos anjos e aos homens e a todas as inteligências em geral e deveria ser seguida por nós, se não considerássemos absolutamente nossos interesses: foi preciso, então, ater-se àquela [ordem] que as ocasiões e os acidentes à qual nossa espécie está sujeita nos forneceu; e esta ordem não dá a origem das noções, mas [fornece], por assim dizer, a história das nossas descobertas.</p>
--	---	--

13ª alocução		
<p>PHILALÈTHE. Fort bien, et c'est l'analyse des mots qui nous peut apprendre par les noms mêmes cet enchaînement, que celle des notions ne saurait donner par la raison que vous avez apportée. <i>Ainsi les mots suivants: imaginer, comprendre, s'attacher, concevoir, instiller, dégôûter, trouble, tranquillité, etc., sont tous</i></p>	<p>FILALETETO – [Muito bem. É a análise das palavras que pode ensinar-nos pelos próprios nomes esta conexão ou este encadeamento, conexão e encadeamento que a análise das noções não pode fornecer, pela razão que vós aduzistes.] Assim, as palavras seguintes – <i>imaginar, compreender, ligar-se, conceber, instilar, degustar, confusão, tranqüilidade etc. –</i></p>	<p>FILALETETO. Muitíssimo bem, e é a análise das palavras que pode nos ensinar a partir dos próprios nomes este encadeamento, que a [análise] das noções não poderia fornecer pela razão que você indicou. <i>Assim, as seguintes palavras: imaginar, compreender, ater-se, conceber, instilar, depreciar, confusão, tranquilidade etc. são todas</i></p>

<p><i>empruntés des opérations des choses sensibles et appliqués à certains modes de penser. Le mot esprit dans sa première signification, c'est le souffle, et celui d'ange signifie messenger. D'où nous pouvons conjecturer quelle sorte de notions avaient ceux qui parlaient les premiers ces langues-là, et comment la nature suggéra inopinément aux hommes l'origine et le principe de toutes leurs connaissances par les noms mêmes.</i></p>	<p>são todas tomadas das operações das coisas sensíveis e aplicadas a certos modos de pensar. A palavra <i>espírito</i>, em sua primeira significação, designa o sopro, e o termo <i>anjo</i> significa mensageiro. Daqui podemos conjecturar que espécies de noções possuíam os que foram os primeiros a falar essas línguas, e como a natureza sugeriu inopinadamente aos homens a origem e o princípio de todos os seus conhecimentos através das próprias palavras.</p>	<p><i>emprestadas das operações das coisas sensíveis e aplicadas em certos modos de pensar. A palavra espírito, em sua primeira significação, é o sopro, e a [palavra] anjo significa mensageiro. Donde podemos conjecturar qual tipo de noção tinham os que primeiro falavam tais línguas, e como a natureza inopinadamente sugeriu aos homens a origem e o princípio de todos seus conhecimentos a partir dos próprios nomes.</i></p>
---	---	--

14^a alocução

<p>THÉOPHILE. Je vous avais déjà fait remarquer que dans le <i>credo</i> des Hottentots, on a nommé le Saint Esprit par un mot qui signifie chez eux un souffle de vent bénin et doux. Il en est de même à l'égard de la plupart des autres mots, et même on ne le reconnoît pas toujours, parce que le plus souvent les vraies étymologies sont perdues. Un certain</p>	<p>TEÓFILO. [Já vos chamei a atenção para o fato de que o <i>credo</i> dos Hotentotes designava o Espírito Santo com uma palavra que significa entre eles um sopro de vento benigno e doce. O mesmo ocorre com a maioria das outras palavras, embora isto não se reconheça sempre, visto que o mais das vezes as verdadeiras etimologias se perderam. Um certo cidadão</p>	<p>TEÓFILO. Eu já lhe fiz observar que no <i>credo</i> dos hotentotes, o Espírito Santo foi nomeado por uma palavra que entre eles significa um sopro de vento bom e suave. O mesmo ocorre com respeito à maioria das outras palavras, e mesmo não as reconhecemos sempre, porque em geral as verdadeiras etimologias estão perdidas. Um certo holandês⁷¹, pouco afeito à</p>
--	--	--

⁷¹ Parece que Leibniz se refere a Adriaan Koerbagh (1633-1669); o livro citado foi publicado em 1668.

<p>Hollandais, peu affectionné à la religion, avait abusé de cette vérité (que les termes de théologie, de morale et de métaphysique sont pris originiairement des choses grossières) pour tourner en ridicule la théologie et la foi chrétienne dans un petit dictionnaire flamand, où il donnait aux termes des définitions ou explications non pas telles que l'usage demande, mais telles que semblait porter la force originaire des mots, et les tournait malignement; et comme d'ailleurs il avait donné des marques d'impiété, on dit qu'il en fut puni dans le <i>Raspelhuys</i>. Il sera bon cependant de considérer cette analogie des choses sensibles et insensibles, qui a servi de fondement aux tropes: c'est ce qu'on entendra mieux en considérant un exemple fort étendu tel qu'est celui que fournit l'usage des prépositions, comme à, avec, de, devant, en, hors, par, pour, sur, vers, qui</p>	<p>holandês, pouco afeiçoado à religião, abusou desta verdade (isto é, que os termos de teologia, de moral e de metafísica são tomados originariamente das coisas comuns) para ridicularizar a teologia e a fé cristã num pequeno dicionário flamengo, no qual dava para os termos não definições ou explicações tais como exige o uso, mas tais que pareciam estar na força originária das palavras, maliciando-as; visto que o referido cidadão tinha dado outras demonstrações de impiedade, conta-se que por isso foi punido no <i>Raspelhuys</i>. Todavia, será bom considerar esta <i>analogia das coisas sensíveis e não-sensíveis</i>, que serviu como fundamento para os <i>tropos</i>; isto se compreenderá melhor, considerando um exemplo muito vasta tal como o que é fornecido pelo uso das <i>preposições</i>, como <i>a, com, de, diante de, em, fora de, por, para, sobre, em direção a</i>, que são todas tomadas do</p>	<p>religião, abusara desta verdade (que os termos de teologia, de moral e de metafísica são originariamente obtidos das coisas grosseiras) com a finalidade de ridicularizar a teologia e a fé cristã em um pequeno dicionário flamengo, no qual ele conferia aos termos definições ou explicações não as que o uso solicita, mas as que parecia carregar a força originária das palavras, e maliciosamente as interpretava; e como, a propósito, ele dera sinais de impiedade, dizem que foi punido por conta disso no <i>Raspelhuys</i>. Será bom, todavia, considerar esta analogia das coisas sensíveis e insensíveis que serviu de fundamento aos tropes: é isso que se entenderá melhor ao considerar um exemplo muito importante tal qual é o que fornece o uso das preposições, como a, com, de, diante de, em, fora, por, para, sobre, em direção a, as quais são todas obtidas do lugar, da distância, do</p>
---	---	---

<p>sont toutes prises du lieu, de la distance, et du mouvement, et transférées depuis à toute sorte de changement, ordres, suites, différences, convenance. A signifie approcher, comme en disant: je vais à Rome. Mais comme pour attacher une chose, on l'approche de celle où nous la voulons joindre, nous disons qu'une chose est attachée à une autre. Et de plus, comme il y a un attachement immatériel pour ainsi dire, lorsqu'une chose suit l'autre par des raisons morales, nous disons que ce qui suit les mouvements et volontés de quelqu'un appartient à cette personne ou y tient, comme s'il visait à cette personne pour aller auprès d'elle ou avec elle. Un corps est avec un autre lorsqu'ils sont dans un même lieu; mais on dit encore qu'une chose est avec celle qui se trouve dans le même temps, dans un même ordre, ou partie d'ordre, ou</p>	<p>lugar, da distância, do movimento, e depois transferidas a toda espécie de mudanças, ordens, seqüências, diferenças e conveniências. A preposição <i>a</i> significa aproximar-se, como quando se diz vou <i>a</i> Roma. Como, porém, para ligar uma coisa, nós a aproximamos daquela à qual queremos uni-la, dizemos que uma coisa está ligada <i>a</i> uma outra. Além disso, já que existe, por assim dizer, uma ligação imaterial, quando uma coisa segue a outra por motivos de ordem moral, dizemos que aquilo que segue os movimentos e as vontades de alguém pertence <i>a</i> esta pessoa, para ir <i>junto</i> dela ou <i>com</i> ela. Um corpo está <i>com</i> um outro quando os dois estão no mesmo lugar; todavia, diz-se ainda que uma coisa está <i>com</i> aquela que se encontra no mesmo tempo, em uma mesma ordem, ou parte de ordem ou que concorre para uma mesma</p>	<p>movimento e em seguida transferidas a todo tipo de mudança, ordem, seqüência, diferença, conformidade⁷². A significa aproximar, como ao dizer: Vou a Roma. Mas do mesmo modo que para vincular uma coisa nos aproximamos daquela que queremos juntar, nós dizemos que uma coisa está vinculada a uma outra. E, a propósito, como existe um vínculo imaterial, por assim dizer, quando uma coisa segue outra por razões morais, nós dizemos que aquele que segue os movimentos e vontades de alguém pertence a esta pessoa ou contém isso, como se ele visasse esta pessoa para ir junto dela ou com ela. Um corpo está com um outro quando estão em um mesmo lugar; mas também se diz que uma coisa está com aquela que se encontra no mesmo tempo, em uma mesma ordem, ou parte de ordem, ou que concorre a uma mesma ação. Quando se vem de</p>
---	--	---

⁷² Há, aliás, um capítulo dedicado às preposições e outras partículas gramaticais no livro *Des Mots*: Chapitre VII – *Des particules*.

<p>qui concourt à une même action. Quand on vient de quelque lieu, le lieu a été notre objet par les choses sensibles qu'il nous a fournies, et l'est encore de notre mémoire qui en est toute remplie: et de là vient que l'objet est signifié par la préposition de, comme en disant: il s'agit de cela, on parle de cela, c'est-à-dire, comme si on en venait. Et comme ce qui est enfermé en quelque lieu ou dans quelque tout s'y appuie et est ôté avec lui, les accidents sont considérés de même, comme dans le sujet, <i>sunt in subjecto, inhaerent subjecto</i>. La particule sur aussi est appliquée à l'objet; on dit qu'on est sur cette matière, à peu près comme un ouvrier est sur le bois ou sur la pierre qu'il coupe et qu'il forme; et comme ces analogies sont extrêmement variables et ne dépendent point de quelques notions déterminées, de là vient que les langues varient beaucoup dans l'usage de ces</p>	<p>ação. Quando se vem <i>de</i> algum lugar, o lugar constitui nosso objeto mediante as coisas sensíveis que nos forneceu, e continua sendo objeto de nossa memória, que está toda repleta dele. Daí vem que o objeto é significado pela preposição <i>de</i>, como quando se diz: trata-se <i>daquilo</i>, fala-se <i>daquilo</i>, ou seja, como se viessemos <i>daquilo</i>. E visto que aquilo que se encerra em algum lugar ou em algum todo se apóia nele e desaparece com ele, os acidentes são considerados da mesma forma, como subsistentes no sujeito, <i>sunt in subiecto, inhaerent subiecto</i>. Também a partícula <i>sobre</i> é aplicada ao objeto. Diz-se que estamos <i>sobre</i> esta matéria, mais ou menos como um operário está sobre a madeira ou sobre a pedra que ele corta e forma. E, já que estas analogias são extremamente variáveis e não dependem de algumas noções determinadas, daí vem que as línguas variam muito no</p>	<p>algum lugar, o lugar foi nosso objeto pelas coisas sensíveis que nos forneceu, e também o é em nossa memória que está completamente repleta dele: e disso resulta que o objeto está significado pela preposição de, como ao dizer: Trata-se disso, fala-se disso, isto é, como se viesse dele. E como aquilo que está compreendido em algum lugar ou em algum todo nele se apoia e é subtraído com ele, os acidentes são considerados do mesmo modo, como no sujeito, <i>sunt in subjecto, inhaerent subjecto</i>⁷³. A partícula sobre também é aplicada ao objeto; diz-se que se está sobre esta matéria, quase como um operário está sobre a madeira ou sobre a pedra a qual ele corta e a qual ele forma; e como estas analogias são extremamente variáveis e de maneira alguma dependem de algumas noções determinadas, disso resulta que as línguas variam muito no uso destas partículas e dos casos, que as</p>
---	---	--

⁷³ Significa, em latim, que “estão no sujeito”, “são inerentes ao sujeito”.

particules et des cas , que les prépositions gouvernent, ou bien dans lesquels elles se trouvent sous-entendues et renfermés virtuellement.	emprego dessas <i>partículas</i> e nos <i>casos</i> regidos pelas preposições, ou nas quais se encontram subentendidas e encerradas virtualmente.]	preposições governam, ou mesmo nos quais elas se encontram subentendidas e virtualmente compreendidas.
---	--	--

Chapitre II – De la signification des mots	Capítulo II – A significação das palavras	Capítulo II – Sobre a significação das palavras
---	--	--

1ª alocução		
§ 1. PHILALÈTHE. Maintenant, les mots étant employés par les hommes pour être signes de leurs idées, on peut demander d'abord comment ces mots y ont été déterminés; et l'on convient que c'est <i>non par aucune connexion naturelle qu'il y ait entre certains sons articulés et certaines idées (car en ce cas il n'y aurait qu'une langue parmi les hommes), mais par une institution arbitraire en vertu de laquelle un tel mot a été volontairement le signe d'une telle idée.</i>	§ 1. FILALETO – Sendo as palavras empregadas pelos homens para serem sinas das suas idéias, podemos perguntar primeiro como é que estas palavras receberam um sentido determinado. Ora, temos que convir em que tal acontece, não por algum nexo natural que existiria entre certos sons articulados e certas idéias (pois neste caso só haveria uma língua entre os homens), mas em virtude de uma <i>convenção arbitrária</i> , em razão da qual uma certa palavra se tornou o sinal de uma certa idéia.	§ 1. FILALETO. Agora, as palavras sendo empregadas pelos homens para serem signos de suas idéias, pode-se primeiramente perguntar como estas palavras foram determinadas a isso; e se admite que isso acontece <i>não por qualquer conexão natural que exista entre certos sons articulados e certas idéias (pois, neste caso, haveria apenas uma língua entre os homens), mas por uma instituição arbitrária em virtude da qual uma certa palavra foi voluntariamente o signo de uma certa idéia.</i>

2ª alocução		
THÉOPHILE. Je sais qu'on a coutume de dire dans les	TEÓFILO – [Sei que é costume dizer nas escolas e	TEÓFILO. Sei que nas escolas e em outros lugares

<p>écoles et partout ailleurs que les significations des mots sont arbitraires (<i>ex instituto</i>) et il est vrai qu'elles ne sont point déterminées par une nécessité naturelle, mais elles ne laissent pas de l'être par des raisons tantôt naturelles, où le hasard a quelque part, tantôt morales, où il y entre du choix. Il y a peut-être quelques langues artificielles qui sont toutes de choix et entièrement arbitraires, comme l'on croit que l'a été celle de la Chine, ou comme le sont celles de Georgius Dalgarnus et de feu M. Wilkins, évêque de Chester. Mais celles qu'on sait avoir été forgées des langues déjà connues sont de choix mêlé avec ce qu'il y a de la nature et du hasard dans les langues qu'elles supposent. Il en est ainsi de celles que les voleurs ont forgées pour n'être entendus que de ceux de leur bande, ce que les Allemands</p>	<p>em toda parte que as <i>significações</i> das palavras são arbitrárias (<i>ex instituto</i>, e é verdade que não são determinadas por uma necessidade natural. Todavia, não deixam de ser determinadas por motivos às vezes naturais – onde o caso tem a sua parte –, e às vezes morais – onde entra o elemento escolha. Talvez existam algumas línguas artificiais, que são todas devidas à escolha convencional e inteiramente arbitrária, como se acredita ter sido a língua chinesa, ou como são as línguas de Jorge Dalgarno e do falecido Sr. Wilkins, Bispo de Chester. Todavia, as línguas das quais consta que foram derivadas de línguas já conhecidas se devem à escolha convencional juntamente com aquilo que existe da natureza e do acaso nas línguas das quais derivam. É o que</p>	<p>costuma-se dizer que as significações das palavras são arbitrárias (<i>ex instituto</i>) e é verdade que elas não são determinadas absolutamente por uma necessidade natural, mas elas não deixam de sê-lo por razões ora naturais, onde o acaso tem alguma participação, ora morais, onde entra a escolha. Talvez existam algumas línguas artificiais que sejam totalmente de escolha e inteiramente arbitrárias, como acredita-se que foi aquela da China, ou como o são aquelas de Georgius Dalgarnus⁷⁴ e do falecido Sr. Wilkins⁷⁵, bispo de Chester. Mas aquelas que se sabe terem sido forjadas das línguas já conhecidas são de escolha mesclada com aquilo que há da natureza e do acaso nas línguas que elas pressupõem. O mesmo acontece com aquelas que os ladrões forjaram para não</p>
--	--	---

⁷⁴ Jorge Dalgarno é autor da obra *Ars signorum, vulgo character universalis et lingua philosophica* (Artes dos signos, característica universal e língua filosófica); publicada em 1661, ela exerceu uma certa influência sobre os projetos análogos de Leibniz.

⁷⁵ John Wilkins (1614-1672), secretário da Real Society de Londres e aperfeiçoador do método de Dalgarno, escreveu um manual de correspondência cifrada intitulado *Mercury* (1641) e o *Essay Towards a Real Character and a Philosophical Language* (Ensaio com vistas a uma característica real e uma linguagem filosófica).

<p>appellent <i>Rothwelsch</i>, les Italiens <i>lingua zerga</i>, les Français le <i>narquois</i>, mais qu'ils forment ordinairement sur les langues ordinaires qui leur sont connues, soit en changeant la signification reçue des mots par des métaphores, soit en faisant des nouveaux mots par une composition ou dérivation à leur mode. Il se forme aussi des langues par le commerce des différents peuples, soit en mêlant indifféremment des langues voisines, soit, comme il arrive le plus souvent, en prenant l'une pour base, qu'on estropie et qu'on altère, qu'on mêle et qu'on corrompt en négligeant et changeant ce qu'elle observe, et même en y entrant d'autres mots. La <i>lingua franca</i>, qui sert dans le commerce de la Méditerranée, est faite de l'italienne, et on n'y a point d'égard aux règles de la grammaire. Un dominicain arménien, à qui je parlai à Paris, s'était fait ou peut-être</p>	<p>acontece com as línguas que os ladrões inventaram para só serem entendidos pelos componentes de seu grupo, e que os alemães denominam <i>Rothwelsch</i>, os italianos <i>lingua zerga</i>, os franceses <i>narquois</i>, mas que se formam via de regra à base das línguas comuns que lhes são conhecidas, seja mudando a significação tradicional das palavras por meio de metáforas, seja cunhando novos termos por processo de composição ou derivação que lhes é próprio.</p> <p>Formam-se também línguas pelo relacionamento entre os diversos povos, seja misturando indistintamente línguas vizinhas, seja – como acontece o mais das vezes – tomando uma por base, estropiando e alterando-a, mesclando e corrompendo-a, negligenciando e mudando o que ela observa como próprio, e mesmo acrescentando-lhe outras palavras. A <i>lingua franca</i>, que serve no intercâmbio dos</p>	<p>serem compreendidos senão pelos de seu bando, o que os alemães chamam de <i>Rothwelsch</i>, os italianos de <i>lingua zerga</i>, os franceses de <i>narquois</i>⁷⁶, mas que ordinariamente eles criam a partir das línguas ordinárias que lhes são conhecidas, seja mudando a significação admitida das palavras por meio de metáforas, seja criando novas palavras mediante uma composição ou derivação ao modo deles. Também se formam línguas pelo comércio dos diferentes povos, seja misturando indiferentemente línguas vizinhas, seja, como acontece mais frequentemente, tomando uma por base, que se deforma e que se altera, que se mistura e que se corrompe negligenciando e mudando o que ela observa, e mesmo introduzindo nela outras palavras. A <i>língua franca</i>, que serve no comércio do Mediterrâneo, é originada do italiano, e não se tem aí qualquer atenção às</p>
--	--	--

⁷⁶ Gíria, jargão.

<p>avait appris de ses semblables une espèce de <i>lingua franca</i>, faite du latin, que je trouvai assez intelligible, quoiqu'il n'y eût ni cas ni temps ni autres flexions, et il la parlait avec facilité, y étant accoutumé. Le père Labbé, jésuite français, fort savant, connu par bien d'autres ouvrages, a fait une langue dont le latin est la base, qui est plus aisée et a moins de sujétion que notre latin, mais qui est plus régulière que la <i>lingua franca</i>. Il en a fait un livre exprès. Pour ce qui est des langues qui se trouvent faites depuis longtemps, il n'y en a guère qui ne soit extrêmement altérée aujourd'hui. Cela est manifeste en les comparant avec les anciens livres et monuments qui en restent. Le vieux français approchait davantage du provençal et de l'italien, et on voit le théotisque avec le français ou romain plutôt (appelé</p>	<p>povos do Mediterrâneo, é tirada do italiano, desconsiderando-se as regras da gramática. Um dominicano armênio, com o qual conversei em Paris, inventou para si – ou quiçá aprendeu dos seus semelhantes – uma espécie de <i>língua franca</i>, feita do latim; trata-se de uma língua que me pareceu bastante inteligível, embora não tivesse nem casos nem tempos nem outras flexões. Ele a falava com facilidade, habituado que estava. O Padre Labbé, jesuíta francês, muito sábio, conhecido por muitas outras obras, inventou uma língua cuja base é o latim: esta língua é mais fácil e tem menos complicações que o nosso latim, e no entanto é mais regular que a <i>língua franca</i>. O Padre Labbé escreveu um livro especial sobre esta língua.</p> <p>No que concerne às línguas que existem há muito tempo, não existe nenhuma que não esteja hoje</p>	<p>regras da gramática. Um dominicano armênio, com quem conversei em Paris, tinha criado para si ou talvez tivesse aprendido de seus companheiros uma espécie de <i>língua franca</i>, originada do latim, a qual eu achei bastante inteligível, ainda que não tivesse nem caso, nem tempo, nem outras flexões, e ele a falava com facilidade, estando acostumado a isso. O padre Labbé⁷⁷, jesuíta francês, extremamente erudito, conhecido por muitas outras obras, criou uma língua da qual o latim é a base, que é mais fácil e tem menos de subordinação do que o nosso latim, mas que é mais regular do que a <i>língua franca</i>. Ele produziu um livro expressamente sobre isso. Quanto às línguas que se encontram feitas há muito tempo, poucas são as que não se encontram extremamente alteradas hoje em dia. Isso fica evidente ao compará-las com os antigos livros e</p>
---	---	--

⁷⁷ Leibniz faz alusão à *Grammatica linguae universalis (Gramática da língua universal)* do erudito padre francês Labbé (1607-1667), publicada em 1663.

<p>autrefois <i>lingua romana rustica</i>) tels qu'ils étaient au neuvième siècle après Jésus-Christ dans les formules des serments des fils de l'empereur Louis le Débonnaire, que Nithard leur parent nous a conservés. On ne trouve guère ailleurs de si vieux français, italien ou espagnol. Mais pour du théotisque ou allemand ancien, il y a l'évangile d'Otfrid, moine de Weissenbourg de ce même temps, que Flacius a publié, et que M. Schilter voulait donner de nouveau'. Et les Saxons passés dans la Grande-Bretagne nous ont laissé des livres encore plus anciens. On a quelque version ou paraphrase du commencement de la Genèse et de quelques autres parties de l'Histoire Sainte, faite par un Caedmon, dont Beda fait déjà mention. Mais le plus ancien livre, non seulement des langues germaniques,</p>	<p>profundamente alterada. Isto é evidente se as compararmos com os livros e os monumentos antigos que delas permaneceram. O antigo francês se aproximava mais do provençal e do italiano, e vemos o teotisco juntamente com o francês ou o romano antigo (chamado antigamente <i>lingua romana rustica</i>) tais como eram no século IX depois de Cristo nas fórmulas de juramento dos filhos do Imperador Luís Débonnaire, que Nithard, seu parente, nos conservou. Em nenhum outro lugar se encontra um francês, um italiano ou um espanhol tão antigos. Ao contrário, para o teotisco ou alemão antigo existe o Evangelho de Otfried, Monge de Weissenburg, desse mesmo tempo, que Flacius publicou, e que M. Schilter quis publicar de novo.</p> <p>Os saxões que entraram na Grã-Bretanha nos</p>	<p>monumentos que restam disso. O antigo francês se aproximava mais do provençal e do italiano, e vê-se o teotisco⁷⁸ com francês ou românico⁷⁹ (<i>romain</i>) de preferência (chamado antigamente de <i>lingua romana rústica</i>) tal como eram no nono século após Jesus Cristo nas fórmulas dos sermões dos filhos do imperador Luis I o Piedoso, que Nithard, seu parente, nos conservou. Pouco se encontra alhures tão antigo francês, italiano ou espanhol. Mas quanto ao teotisco ou antigo alemão, há o evangelho de Otfried, monge de Weissenbour desta mesma época, que Flacius publicou, e que o Sr. Schilter queria colocar à disposição novamente. E os saxões que atravessaram a Grã-Bretanha nos deixaram livros ainda mais antigos. Têm-se alguma versão ou paráfrase do começo do <i>Gênesis</i> e de</p>
---	---	---

⁷⁸ Note-se que em língua portuguesa se fala preferencialmente “tudesco” em vez de “teotisco”, que soa como um germanismo arcaico, mas a fim de respeitar a heteroglossia de Leibniz, que vez por outra contamina seu texto com o alemão ou o latim, optamos por manter a forma “teotisco”. Partimos do pressuposto que se a leitura do original causaria esse estranhamento, nosso dever é mantê-lo.

⁷⁹ “Romano” e “românico” têm a mesma acepção quando se referem aos idiomas derivados do latim vulgar.

<p>mais de toutes les langues de l'Europe, excepté la grecque et la latine, est celui de l'Evangile des Goths du Pont-Euxin, connu sous le nom de <i>Codex Argenteus</i>, écrit en caractères tout particuliers, qui s'est trouvé dans l'ancien monastère des bénédictins de Werden en Westphalie, et a été transporté en Suède, où on le conserve comme de raison avec autant de soin que l'original des Pandectes à Florence, quoique cette version ait été faite pour les Goths orientaux et dans un dialecte bien éloigné du germanique scandinave: mais c'est parce qu'on croit avec quelque probabilité que les Goths du Pont-Euxin sont venus originairement de Scandinavie, ou du moins de la mer Baltique. Or la langue ou le dialecte de ces anciens Goths est très différent du germanique moderne,</p>	<p>deixaram livros ainda mais antigos. Possuímos alguma versão ou paráfrase do início do livro inspirado do <i>Gênese</i> e de algumas outras partes da História Sagrada, feita por um certo Caedmon, do qual já Beda faz menção. Todavia, o livro mais antigo, não somente das línguas germânicas senão também de todas as línguas européias – exceto o grego e o latim –, é o Evangelho dos godos do Ponto Euxino, conhecido pelo nome de <i>Codex Argenteus</i>, escrito em caracteres bem especiais, livro que se encontrou no antigo mosteiro dos beneditinos de Werden na Westfália, tendo sido transportado à Suécia, onde é conservado, com razão, com o mesmo cuidado que se dispensa ao original das <i>Pandectas</i> em Florença, embora esta versão tenha sido feita para os godos orientais e num dialeto bem longínquo</p>	<p>algumas outras partes da História Santa, feita por um [tal de] Caedmon, sobre a qual Beda já mencionou. Mas o mais antigo livro, não apenas das línguas germânicas, mas de todas as línguas da Europa, exceto a grega e a latina, é aquele do Evangelho dos godos do Ponto Euxino⁸⁰, conhecido sob o nome de <i>Codex Argenteus</i>⁸¹, escrito em caracteres bem particulares, que foi descoberto no antigo monastério dos beneditinos de Verden, na Vestfália, e foi levado para a Suécia, onde é conservado como se deve com o mesmo zelo que o original dos Pandectas⁸² em Florença, ainda que esta versão tenha sido feita pelos godos orientais e em um dialeto bem afastado do germânico escandinavo: mas isso é porque se acredita com alguma probabilidade que os do godos do Ponto Euxino</p>
--	--	--

⁸⁰ Antigo nome do mar Negro.

⁸¹ Feito em letras prateadas, O *Codex argenteus* (*O livro de prata*) é a mais antiga tradução da Bíblia para a língua gótica. Criador do livro e dos caracteres dessa língua, o bispo Úlfilas (do gótico Wulfila, c. 310-383) difundiu o cristianismo sob a forma do arianismo e foi considerado o apóstolo dos godos.

⁸² Denominação feita pelo jurista francês Denis Godefroy (1549-1621) à compilação do direito romano foi feita pelo imperador Justiniano I (483-565).

<p>quoiqu'il y ait le même fonds de langue. L'ancien gaulois en était encore plus différent, à en juger par la langue la plus approchante de la vraie gauloise, qui est celle du pays de Galles, de Cornouaille, et le bas breton; mais le hibernois en diffère encore davantage et nous fait voir les traces d'un langage britannique, gaulois et germanique encore plus antique. Cependant ces langues viennent toutes d'une source et peuvent être prises pour des altérations d'une même langue, qu'on pourrait appeler la celtique. Aussi les anciens appelaient-ils Celtes tant les Germains que les Gaulois. Et en remontant davantage pour y comprendre les origines tant du celtique et du latin que du grec, qui ont beaucoup de racines communes avec les langues germaniques ou celtiques, on peut conjecturer que cela vient de l'origine commune de tous ces peuples descendus des</p>	<p>do germânico escandinavo: isto porque se acredita com certa probabilidade que os godos do Ponto Euxino vieram originalmente da Escandinávia, ou pelo menos do Mar Báltico. Ora, a língua ou o dialeto desses antigos godos é muito digerente do germânico moderno, embora o fundo lingüístico seja o mesmo. O antigo gaulês era ainda mais diferente, a julgar pela língua mais próxima do verdadeiro gaulês, que é a do País de Gales, da Cornualha, e o baixo bretão. Todavia, o antigo hibernico difere ainda mais e nos revela os traços de uma língua britânica, gaulesa e germânica, ainda mais antiga. Contudo, essas línguas procedem todas de uma fonte única, podendo ser consideradas alterações de uma mesma língua, que se poderia denominar o <i>céltico</i>. Tanto é verdade que os antigos denominavam <i>celtas</i> não só os germanos como também os gauleses. Remontando mais para trás,</p>	<p>vieram originalmente da Escandinávia, ou ao menos do mar Báltico. Acontece que a língua ou o dialeto destes antigos godos é muito diferente do germânico moderno, ainda que haja o mesmo fundamento de língua. O antigo gaulês era ainda mais diferente disso, a julgar pela língua mais próxima da verdadeira gaulesa, que é aquela do País de Gales, de Cornoália, e o baixo-bretão; mas o hibernico⁸³ difere ainda mais disso e nos faz ver os traços de uma linguagem britânica, gaulesa e germânica ainda mais antiga. Entretanto, estas línguas vêm todas de uma fonte e podem ser consideradas como alterações de uma mesma língua, a qual poderia ser denominada como céltica. Por isso os antigos chamavam de celtas tanto os germânicos quanto os gauleses. E ao reconstituir ainda mais para compreender aí as origens tanto do céltico e do latim quanto do grego,</p>
--	--	--

⁸³ Antiga língua da Irlanda.

<p>Scythes, venus de la mer Noire, qui ont passé le Danube et la Vistule, dont une partie pourrait être allée en Grèce, et l'autre aura rempli la Germanie et les Gaules; ce qui est une suite de l'hypothèse qui fait venir les Européens d'Asie. Le sarmatique (supposé que c'est l'esclavon) a sa moitié pour le moins d'une origine ou germanique ou commune avec le germanique. Il en paraît quelque chose de semblable même dans le langage finnois, qui est celui des plus anciens Scandinaviens, avant que les peuples germaniques, c'est-à-dire les Danois, Suédois et Norvégiens, y ont occupé ce qui est le meilleur et le plus voisin de la mer; et le langage des Finnoniens ou du Nord-Ouest de notre continent, qui est encore celui des Lapons, s'étend depuis l'océan Germanique ou Norvégien plutôt jusque</p>	<p>para entender as origens tanto do céltico e do latim como do grego, línguas que possuem muitas raízes comuns com as línguas germânicas ou célticas, pode-se presumir que este fato se deve à origem comum de todos esses povos descendentes dos <i>citas</i>, oriundos do mar Negro, povos que atravessaram o Danúbio e o Vístula, sendo que uma parte deles pode ter-se dirigido à Grécia, e a outra terá atingido a Germânia e as Gálias. Tudo isto seria uma consequência da hipótese segundo a qual os europeus procedem da Ásia.</p> <p>O <i>sarmático</i> (supondo que seja o “esclavon”) deriva, no mínimo cinquenta por cento, de origem ou germânica ou comum com o germânico. Algo de semelhante aparece mesmo no finlandês, a língua dos escandinavos mais antigos, antes que os povos germânicos, isto é, os</p>	<p>que possui muitas raízes comuns com as línguas germânicas ou célticas, pode-se conjecturar que isso resulta da origem comum de todos estes povos descendentes dos citas, vindos do mar Negro, que atravessaram o Danúbio e o Vístula, dos quais uma parte poderia ter ido à Grécia, e a outra teria ocupado a Alemanha e as Gálias; o que é uma consequência da hipótese que faz vir os europeus da Ásia. O sarmático⁸⁴ (supondo que é esclavão) tem sua metade pelo menos de uma origem ou germânica ou comum com a germânica. Acontece algo semelhante mesmo na linguagem fínica⁸⁵ (<i>finnois</i>), que é a dos mais antigos escandinavos⁸⁶, antes que os povos germânicos, isto é, os dinamarqueses, suecos e noruegueses, tivessem ocupado esse lugar que é o melhor e mais próximo do mar; e a linguagem dos finos</p>
--	---	--

⁸⁴ Relativo aos sármatas. A Sarmácia é uma antiga e vasta região setentrional da Europa e da Ásia na qual, mais tarde, temos a Polónia, a Moscóvia e a Tartária.

⁸⁵ Relativo aos finos ou finlandeses.

⁸⁶ Suécia, Noruega, Dinamarca, Islândia, Ilhas Féroes, Finlândia são os países que formavam a antiga Escandinávia.

<p>vers la mer Caspienne (quoique interrompu par les peuples esclavons qui se sont fourrés entre deux) et a du rapport au hongrois, venu des pays qui sont maintenant en partie sous les Moscovites. Mais la langue tartaresque, qui a rempli le Nord-Est de l'Asie, avec ses variations, paraît avoir été celle des Huns et Cumans, comme elle l'est des Usbecs ou Turcs, des Calmucs, et des Mugalles. Or toutes ces langues de la Scythie ont beaucoup de racines communes entre elles et avec les nôtres, et il se trouve que même l'arabique (sous laquelle l'hébraïque, l'ancienne punique, la chaldéenne, la syriaque et l'éthiopique des Abyssins doivent être comprises) en a d'un si grand nombre et d'une convenance si manifeste avec les nôtres qu'on ne le saurait attribuer au seul hasard, ni même au seul commerce, mais plutôt aux migrations des peuples. De sorte qu'il n'y a rien en cela qui</p>	<p>dinarmaqueses, suecos e noruegueses ocupassem a parte melhor e mais próxima do mar. É a língua dos <i>finonianos</i> ou do noroeste do nosso continente, que é ainda hoje a língua dos lapões, se estende desde o oceano Germânico ou Norueguês até o mar Cáspio (embora interrompida pelos povos “esclavões” que se instalaram no meio) e tem relações com o húngaro, provindo dos países que agora estão em parte sob o domínio dos moscovitas. Todavia, a língua tártara, que encheu o nordeste da Ásia, com as suas variações, parece ter sido a língua dos hunos e dos cumans, como é dos usbecs ou turcos, dos calmucs e dos “mugalles”. Ora, todas essas línguas da Cítia possuem muitas raízes comuns entre si e com as nossas, sendo que mesmo o árabe (língua na qual devem ser englobados o hebraico, o antigo púnico, o caldeu, o siríaco e o etiópico dos abissínios) apresenta semelhanças tão numerosas e</p>	<p>ou do noroeste do nosso continente, que é também o dos lapões, estende-se desde o oceano Germânico ou Norueguês de preferência até perto do mar Cáspio (embora interrompido pelos povos eslavos que se estabeleceram entre dois) e tem relação com o húngaro, procedente dos países que agora estão em parte submetidos aos moscovitas. Mas a língua tártara, que dominou o nordeste da Ásia, com suas variações, parece ter sido a dos hunos e cumanos, como ela o é dos uzbeques ou turcos, dos calmucos, e dos mugalles. Ora, todas estas línguas da Cítia têm muitas raízes comuns entre elas e com as nossas, e acontece que mesmo a árabe (sob a qual devem estar compreendidas a hebraica, a antiga púnica, a caldéia, a siríaca e a etíope dos abissínios) tem um número tão grande delas e de uma concordância tão manifesta com as nossas que não se poderia atribuí-la meramente</p>
--	---	--

<p>combatte et qui ne favorise plutôt le sentiment de l'origine commune de toutes les nations, et d'une langue radicale et primitive. Si l'hébraïque ou l'arabesque y approche le plus, elle doit être au moins bien altérée, et il semble que le teuton a plus gardé du naturel, et (pour parler le langage de Jacques Bôhm) de l'adamique: car si nous avons la langue primitive dans sa pureté, ou assez conservée pour être reconnaissable, il faudrait qu'il y parût les raisons des connexions soit physiques, soit d'une institution arbitraire, sage et digne du premier auteur. Mais supposé que nos langues soient dérivatives, quant au fond elles ont néanmoins quelque chose de primitif en elles-mêmes, qui leur est survenu par rapport à des mots</p>	<p>tão manifestas com as nossas línguas, que seria impossível atribuí-las ao mero acaso, nem mesmo exclusivamente ao comércio, mas antes à migração dos povos. Assim sendo, nada há nisto que contrarie ou que não seja a favor da tese da origem comum de todas as nações e de uma língua radical primitiva.</p> <p>Se o hebraico ou o árabe são as línguas que mais se aproximam da primitiva, ela deve estar no mínimo bem alterada, e parece que o teutônico guardou mais do natural, e (para falar a linguagem de Jacob Boehm) do adâmico: pois se possuíssemos a língua primitiva em sua pureza, ou pelo menos suficientemente conservada para ser reconhecível, seria necessário que nela aparecessem as</p>	<p>ao acaso, nem mesmo ao mero comércio, mas de preferência às migrações dos povos. De modo que não há nada nisso que combata e que não favoreça preferivelmente a opinião da origem comum de todas as nações, e de uma língua radical e primitiva. Se o hebraico ou o árabe chegam mais perto disso, ela deve estar no mínimo bem alterada, e parece que o teutão⁸⁷ tem mais preservado do natural, e (para falar a linguagem de Jacob Boehme⁸⁸) da adâmica: pois, se tivéssemos a língua primitiva em sua pureza, ou conservado suficientemente para ser reconhecível, seria preciso que aí aparecessem os motivos das conexões, sejam físicas, sejam de uma instituição arbitrária, sábia e digna do primeiro autor. Mas supondo que nossas línguas</p>
---	---	--

⁸⁷ Povo germânico que invadiu a Gália com os cimbrós e foi derrotado por Marius nas proximidades de Aix-en-Provence (102 a.C.).

⁸⁸ O filósofo e místico alemão Jacob Boehme (1575-1624), considerado “o filósofo teutônico”, foi, de acordo com Olga Pombo, responsável pela “teoria *Natursprache*” e, como outros lingüistas de sua época, possuía “intuítos claramente comparativistas” na elaboração “de gramáticas e dicionários, majoritariamente multilíngües”; e dos trabalhos de seus contemporâneos, ela menciona o “*Dictionarium* de Ambrogio de Calepino (1535-1623) que, na sua edição de Basileia de 1590, compara 11 línguas diferentes e da *Pantaglossia* de Nicholas Claudio de Peiresc (1580-1637), onde são recolhidas amostras de cerca de 40 línguas”. (LEIBNIZ, 2012, p. 120).

<p>radicaux nouveaux, formés depuis chez elles par hasard, mais sur des raisons physiques. Ceux qui signifient les sons des animaux ou en sont venus en donnent des exemples. Tel est par exemple le latin <i>coaxare</i>, attribué aux grenouilles, qui a du rapport au <i>couaquen</i> ou <i>quaken</i> en allemand. Or il semble que le bruit de ces animaux est la racine primordiale d'autres mots de la langue germanique. Car comme ces animaux font bien du bruit, on l'attribue aujourd'hui aux diseurs de rien et babillards, qu'on appelle <i>quakeler</i> en diminutif; mais apparemment ce même mot <i>quaken</i> était autrefois pris en bonne part et signifiait toute sorte de sons qu'on fait avec la bouche et sans en excepter la parole même. Et comme ces sons ou bruits des animaux sont un témoignage de la vie, et qu'on connaît par là avant que de voir qu'il y a quelque chose de vivant, de là est</p>	<p>razões das conexões, quer da ordem física, quer de uma instituição arbitrária, sábia e digna do primeiro autor.</p> <p>Contudo, supondo que as nossas línguas sejam derivadas, quanto ao fundo possuem sem embargo algo de primitivo em si mesmas, que lhes sobreveio com relação a palavras radicais novas, formadas nelas depois, por acaso, mas com base em razões de ordem física. As palavras que significam os sons emitidos pelos animais constituem exemplo disto. Tal é, por exemplo, o termo latino <i>coaxare</i>, atribuído às rãs, palavra que tem relação com <i>couaquen</i> ou <i>quaken</i> do alemão. Ora, ao que parece, o ruído produzido por esses animais constitui a raiz primordial de outras palavras da língua germânica. Com efeito, já que esses animais produzem muito ruído, atribui-se esta palavra hoje aos discursos de pouco conteúdo e de tagarelas, que se denominam <i>quakeler</i></p>	<p>sejam derivativas quanto ao fundo, todavia, elas têm nelas mesmas algo de primitivo, que lhes aconteceu por acaso com relação a palavras radicais novas, formadas então a delas por acaso, mas basedas em razões físicas. Aquelas que significam os sons dos animais ou se originam deles oferecem exemplos. Assim é o latim <i>coaxare</i>, por exemplo, atribuído às rãs, que tem relação com <i>couaquen</i> ou <i>quaken</i> no alemão⁸⁹. Ora, parece que o ruído destes animais é a raiz primordial de outras palavras da língua germânica. É por isso que, uma vez que estes animais fazem muito barulho, hoje em dia é atribuído aos que falam muito sem nada dizer e aos tagarelas, os quais são chamados de <i>quakeler</i> no diminutivo; mas aparentemente esta mesma palavra <i>quaken</i> antigamente era tomada em bom sentido e significava todo tipo de sons que se faz com a boca e sem</p>
--	---	--

⁸⁹ Nome popular para membro da seita protestante *Religious Society of Friends*, fundada no século XVII.

<p>venu que <i>quek</i> en vieux allemand signifiait vie ou vivant, comme on le peut remarquer dans les plus anciens livres, et il y en a aussi des vestiges dans la langue moderne, car <i>Queksilber</i> est vif-argent, et <i>erquicken</i> est conforter, et comme revivifier ou recréer après quelque défaillance ou quelque grand travail. On appelle aussi <i>Quäken</i> en bas allemand certaines mauvaises herbes, vives pour ainsi dire et courantes, comme on parle en allemand, qui s'étendent et se propagent aisément dans les champs au préjudice des grains; et dans l'anglais <i>quickly</i> veut dire promptement, et d'une manière vive. Ainsi on peut juger qu'à l'égard de ces mots la langue germanique peut passer pour primitive, les anciens n'ayant point besoin d'emprunter d'ailleurs un son, qui est l'imitation de celui des grenouilles. Et il y en a beaucoup d'autres où il en</p>	<p>(diminutivo); aparentemente, porém, esta mesma palavra <i>quaken</i> era outrora tomada em bom sentido, significando toda sorte de sons que se produzem com a boca, sem excetuar a própria palavra. E visto que tais sons ou ruídos constituem um testemunho da vida, e visto que por eles se conhece a vida antes mesmo de vermos algum ser vivente, a isto se deve que a palavra <i>quek</i>, no velho alemão, significava vida ou vivente, como se pode notar nos livros mais antigos, havendo também vestígios na língua moderna, uma vez que <i>Queksilber</i> significa prata viva (mercúrio), e <i>erquicken</i> significa confortar, ou seja, revivificar ou recriar depois de um desfalecimento ou de um trabalho intenso. No baixo alemão a palavra <i>Quaeken</i> designa certas ervas malignas, vivas e correntes, como se diz em alemão, que se estendem e se propagam facilmente nos campos,</p>	<p>excluir até mesmo a fala (<i>parole</i>). E como estes sons ou ruídos dos animais são um testemunho da vida, e que se conhece por meio disso, antes [mesmo] de se ver, que existe algo vivo, originou-se daí que <i>quek</i>, no antigo alemão, significava vida ou ser vivo, como pode ser verificado nos livros mais antigos, e há vestígios disso inclusive na língua moderna, pois <i>Queksilber</i> é dinheiro-vivo (<i>vif-argent</i>), e <i>erquicken</i> é confortar, mas como revivificar ou recriar após algum desfalecimento ou algum grande trabalho. Também é chamado de <i>Quaken</i> em baixo-alemão⁹⁰ certas ervas daninhas, vivas por assim dizer e correntes, como se fala em alemão, que se alastram e se propagam facilmente nos campos para prejuízo dos grãos; e, no inglês, <i>quickly</i> quer dizer rapidamente, e de uma maneira viva. Assim, pode-se julgar que, no que diz</p>
---	---	--

⁹⁰ Diz-se dos dialetos germânicos ocidentais oriundos do alto-saxão e ainda falados nas terras baixas do Norte da Alemanha.

<p>paraît autant. Car il semble que par un instinct naturel les anciens Germains, Celtes et autres peuples apparentés avec eux ont employé la lettre R pour signifier un mouvement violent et un bruit tel que celui de cette lettre. Cela paraît dans ῥέω, fluo, <i>rinnen</i>, <i>riiren</i> (fluere), <i>ruhr</i> (fluxion), le Rhin, Rhône, Ruhr (Rhenus, Rhodanus, Eridanus, Rura), <i>rauben</i> (rapere, ravir), <i>Radt</i> (rota), <i>radere</i> (raser), <i>rauschen</i> (mot difficile à traduire en français: il signifie un bruit tel que celui des feuilles ou arbres que le vent ou un animal passant y excite, ou qu'on fait avec une robe traînante), <i>reckken</i> (étendre avec violence), d'où vient que <i>reichen</i> est atteindre, que <i>der Rick</i> signifie un long bâton ou perche servant à suspendre quelque chose, dans cette espèce de <i>plattütsch</i> ou bas saxon qui est près de Brunswick; que <i>rige</i>, <i>reihe</i>, <i>regula</i>, <i>regere</i>, se rapporte à une longueur ou course</p>	<p>prejudicando os cereais. Em inglês, <i>quickly</i> quer dizer prontamente, e de maneira viva.</p> <p>Assim, pode-se pensar que, quanto a estas palavras, a língua germânica pode considerar-se primitiva, sendo que os antigos não necessitaram tomar emprestado alhures um som que constitui imitação do que é emitido pelas rãs. E existem muitos outros casos semelhantes. Assim, parece que por um instinto natural os antigos germanos, celtas e outros povos com eles aparentados empregavam a letra R para exprimir um movimento violento e um ruído que corresponde ao que se produz pronunciando esta letra. Isto aparece nas palavras <i>rhéo</i> (latim <i>fluo</i>), <i>rinen</i>, <i>rueren</i>, (latim <i>fluere</i>), <i>rutir</i> (fluxion), <i>Rhin</i> (Reno), <i>Rhône</i> (Ródano), <i>Ruhr</i> (Rhenus, Rhodanus, Eridanus, Rura), <i>rauben</i> (rapere, ravir), <i>Radt</i> (rota), <i>radere</i> (raser), <i>rauschen</i> (palavra difícil de traduzir em</p>	<p>respeito a estas palavras, a língua germânica pode passar por primitiva, os antigos não tendo qualquer necessidade de emprestar de outro lugar um som que é a imitação daquele das rãs. E há muitas outras destas em que o mesmo se manifesta. Pois parece que por um instinto natural os antigos germanos, celtas e outros povos aparentados com eles empregaram a letra R para significar um movimento violento e um ruído assim como é o desta letra. Isso aparece em ῥέω, fluo, <i>rinnen</i>, <i>riiren</i> (fluere), <i>ruhr</i> (fluere), o Rhin, Rhône, Ruhr (<i>Rhenus</i>, <i>Rhodanus</i>, <i>Eridanus</i>, <i>Rura</i>), <i>rauben</i> (rapere, ravir), <i>Radt</i> (rota), <i>radere</i> (raser), <i>rauschen</i> (palavra difícil de traduzir no francês: significa um ruído semelhante aos das folhas ou árvores que o vento ou um animal que passa provoca, ou que se faz com um vestido que arrasta no chão), <i>reckken</i> (estender com violência), de onde vem que <i>reichen</i> é alcançar, que <i>der</i></p>
--	--	--

<p>droite, et que <i>reck</i> a signifié une chose ou personne fort étendue et longue, et particulièrement un géant et puis un homme puissant et riche, comme il paraît dans le <i>reich</i> des Allemands et dans le <i>riche</i> ou <i>ricco</i> des demi-Latins. En espagnol <i>ricos hombres</i> signifiaient les nobles ou principaux; ce qui fait comprendre en même temps comment les métaphores, les synecdoques et les métonymies ont fait passer les mots d'une signification à l'autre, sans qu'on en puisse toujours suivre la piste. On remarque aussi ce bruit et mouvement violent dans <i>riss</i> (rupture), avec quoi le latin <i>rumpo</i>, le grec ρηγνύμι, le français <i>arracher</i>, l'italien <i>straccio</i> ont de la connexion. Or comme la lettre R signifie naturellement un mouvement violent, la lettre L en désigne un plus doux. Aussi voyons-nous que les enfants et autres à qui le R est trop dur et trop</p>	<p>francês: significa um ruído semelhante ao que é feito pelas folhas ou árvores que o vento ou um animal que passa produzem, ruído produzido por uma roupa que desliza), <i>reckken</i> (estender com violência), donde vem que <i>reichen</i> significa atigir, <i>der Rick</i> significa um bastão longo ou vara que serve para suspender alguma coisa, nesta espécie de <i>plattuetsch</i> ou baixo saxão que existe perto de Brunswick. Daí vem igualmente que <i>rige</i>, <i>reihe</i>, <i>regula</i>, <i>regere</i> têm relação com um comprimento ou percurso reto, e que <i>reck</i> significou uma coisa ou pessoa muito avantajada e comprida, e particularmente um gigante, passando depois a designar um homem poderoso e rico, conforme aparece em <i>reich</i> dos alemães e <i>riche</i> ou <i>ricco</i> dos semilatinos. Em espanhol <i>ricos hombres</i> designam os nobres ou príncipes. Isto nos faz compreender também como, por efeito das</p>	<p><i>Rick</i> significa um longo bastão ou vara que serve para suspender alguma coisa, nesta espécie de <i>plattüsch</i> ou baixo-saxão que está próximo de Brunswick⁹¹; que <i>rige</i>, <i>reihe</i>, <i>regula</i>, <i>regere</i>, se liga a um comprimento ou trajeto reto, e que <i>reck</i> significou uma coisa ou pessoa muito importante e alta, e particularmente um gigante e, depois, um homem poderoso e rico, como aparece no <i>reich</i> dos alemães e no <i>riche</i> ou <i>ricco</i> dos semilatinos. Em espanhol <i>ricos hombres</i> significavam os nobres ou principais; o que faz compreender ao mesmo tempo como as metáforas, as sinédoques e as metonímias fizeram passar as palavras de uma significação a outra, sem que se pudesse seguir a pista delas. Também se observam este ruído e movimento violento em <i>riss</i> (rupture⁹²), com a qual o latim <i>rumpo</i>, o grego ρηγνύμι, o francês <i>arracher</i>⁹³, o italiano <i>straccio</i></p>
--	---	--

⁹¹ Cidade da Alemanha.

⁹² "Ruptura".

⁹³ "Arrancar".

<p>difficile à prononcer y mettent la lettre L à la place, comme disant par exemple mon lévéland pèle. Ce mouvement doux paraît dans <i>leben</i> (vivre), <i>laben</i> (conforter, faire vivre), <i>lind</i>, <i>lenis</i>, <i>lentus</i> (lent), <i>lieben</i> (aimer), <i>lauffen</i> (glisser promptement, comme l'eau qui coule), <i>labi</i> (glisser, <i>labitur uncta vadis abies</i>), <i>legen</i> (mettre doucement), d'où vient <i>liegen</i>, coucher, <i>lage</i> ou <i>laye</i> (un lit, comme un lit de pierres, <i>lay-stein</i>, pierre à couches, ardoise), <i>lego</i>, <i>ich lese</i> (je ramasse ce qu'on a mis, c'est le contraire du mettre, et puis je lis, et enfin chez les Grecs je parle), <i>laub</i> (feuille chose aisée à remuer, où se rapportent aussi <i>lap</i>, <i>lid</i>, <i>lenken</i>), <i>luo</i>, <i>λυω</i> (solvo), <i>leien</i> (en bas saxon), se dissoudre, se fondre comme la neige, d'où la <i>Leine</i>, rivière</p>	<p>metáforas, das sinédoques e metonímias, as palavras passaram de uma significação para outra, embora não seja sempre possível seguir a pista. Nota-se também este ruído e movimento violento em <i>riss</i> (ruptura), palavra com a qual se relacionam o latim <i>rumpo</i>, o grego <i>rhégnymi</i>, o francês <i>arracher</i>, o italiano <i>straccio</i>.</p> <p>Ora, assim como o <i>R</i> significa naturalmente um movimento violento, a letra <i>L</i> designa um movimento mais doce. Assim, observarmos que as crianças e outras pessoas para as quais o <i>R</i> é excessivamente duro e demasiado difícil de ser pronunciado pronunciam <i>L</i> em vez de <i>R</i>, dizendo, por exemplo, <i>mon lévéland pèle</i>. Este movimento doce aparece em <i>leben</i> (viver), <i>laben</i> (confortar, fazer viver), <i>lind</i> (latim <i>lenis</i>), <i>lentus</i>, (lento),</p>	<p>têm conexão. Ora, como a letra <i>R</i> significa naturalmente um movimento violento, a letra <i>L</i> aponta para um [movimento] mais doce. Assim, vemos que as crianças e outros a quem o <i>R</i> é duro demais e difícil demais de ser pronunciado substituem-no pelo <i>L</i>, como ao dizer, por exemplo, meu “levelendo padle”. Este movimento doce aparece em <i>leben</i> (<i>vivre</i>⁹⁴), <i>laben</i> (<i>conforter, faire vivre</i>⁹⁵), <i>lind</i>, <i>lenis</i>, <i>lentus</i> (<i>lent</i>⁹⁶), <i>lieben</i> (<i>aimer</i>⁹⁷), <i>lauffen</i> (<i>glisser promptement, comme l'eau qui coule</i>⁹⁸), <i>labi</i> (<i>glisser</i>⁹⁹, <i>labitur uncta vadis abies</i>), <i>legen</i> (colocar docemente), de onde vem <i>liegen</i>, deitar, <i>lage</i> ou <i>laye</i> (um <i>lit</i>¹⁰⁰, como um <i>lit</i> de pedras, <i>lay-stein</i>, pedra em placas, ardósia), <i>lego</i>, <i>ich lese</i> (eu recolho o que se colocou é o contrário do colocar, e em seguida eu leio, e enfim entre</p>
---	--	--

⁹⁴ “Viver”.

⁹⁵ “Confortar”, “fazer viver”.

⁹⁶ “Lento”.

⁹⁷ “Amar”.

⁹⁸ “Deslizar rapidamente, como a água que escorre”.

⁹⁹ “Deslizar”.

¹⁰⁰ “Leito”.

<p>d'Hanovre, a son nom, qui venant des pays montagneux grossit fort par les neiges fondues. Sans parler d'une infinité d'autres semblables appellations, qui prouvent qu'il y a quelque chose de naturel dans l'origine des mots, qui marque un rapport entre les choses et les sons et mouvements des organes de la voix; et c'est encore pour cela que la lettre L, jointe à d'autres noms, en fait le diminutif chez les Latins, les demi-Latins et les Allemands supérieurs. Cependant il ne faut point prétendre que cette raison se puisse remarquer partout, car le lion, le lynx, le loup ne sont rien moins que doux. Mais on se peut être attaché à un autre accident, qui est la vitesse (<i>lauf</i>) qui les fait craindre ou qui oblige à la course; comme si celui qui voit venir un tel animal criaux autres: <i>Lauf</i> (fuyez), outre que par plusieurs accidents et changements la plupart des mots sont extrêmement</p>	<p><i>lieben</i> (amar), <i>lauffen</i> (deslizar prontamente, como a água), <i>labi</i> (<i>glisser</i> ou <i>deslizar</i>, <i>labitur uncta vadis abies</i>), <i>legen</i> (colocar docemente), donde vem <i>liegen</i> (estar deitado), <i>lage</i> ou <i>laye</i> (um leite, como um leite de pedras, <i>lay-stein</i>, lousa), <i>lego</i>, <i>ich lese</i> (junto o que foi colocado, é o contrário de colocar e depois leio, e enfim, entre os gregos, falo), <i>laub</i> (folha ou coisa leve para ser removida, com a qual se relacionam também <i>lap</i>, <i>lid</i>, <i>lenken</i>), <i>luo</i>, <i>lyo</i> (<i>solvo</i>), <i>leien</i> (em baixo saxão), dissolver-se, fundir-se como a neve, donde o <i>Leine</i>, rio de Hanôver, tem o seu nome, rio que, provindo dos países montanhosos, se agiganta muito devido às grandes quantidades de neve derretida.</p> <p>Isto sem falar de uma infinidade de outras apelações semelhantes que demonstram haver algo de natural na origem das palavras, origem que estabelece uma relação</p>	<p>os gregos eu falo), <i>laub</i> (folha um tanto fácil de mudar de lugar, à qual também se ligam <i>lap</i>, <i>lid</i>, <i>lenken</i>) <i>luo</i>, <i>λυω</i> (<i>solvo</i>), <i>leien</i> (no baixo-saxão), se dissolver, se fundir como a neve, do qual o <i>Leine</i>, riacho de Hanôver, tem seu nome, que tendo sua origem nos países montanhosos avolumou-se muito por causa das neves derretidas. Sem falar de uma infinidade de outras denominações semelhantes que provam que existe algo de natural na origem das palavras, que testemunha uma relação entre as coisas e os sons e movimentos dos órgãos da voz¹⁰¹; e é ainda por isso que a letra L, unida a outros nomes, produz o diminutivo destes entre os latinos, os semilatinos, e, os alemães do norte. No entanto, de modo algum se deve pretender que esta razão possa ser observada em toda parte, pois o leão, o lince, o lobo não são nada doces. Mas é possível</p>
---	---	--

¹⁰¹ Tudo indica que Leibniz se refere ao que chamamos de “aparelho fonador”.

<p>altérés et éloignés de leur prononciation et de leur signification originale.</p>	<p>entre as coisas e os sons e movimentos dos órgãos da voz. É ainda em razão disso que a letra <i>L</i>, unida a outras palavras, faz com que estas se transformem em diminutivo entre os latinos, os semilatinos e os alemães do Norte. Todavia, não se deve pretender que isto se verifique sempre, pois o leão, o lince e o lobo pouco têm de doce. Todavia, mesmo nestes casos, pode-se observar um outro fato, isto é, a rapidez (<i>lauf</i>) que os faz temer ou que obriga a correr, como se alguém que vê aproximarem-se tais animais gritassem aos outros: <i>Lauf</i> (corram embora!). Aliás, notar-se-á também o fato de que, devido a muitos percalços e mudanças, a maioria das palavras está profundamente alterada, bem longe da sua pronúncia e da sua significação primordiais.</p>	<p>que isso esteja ligado a um outro acidente, que é a velocidade (<i>lauf</i>) que os faz temer ou que força à corrida; como se aquele que vê se aproximar um tal animal exclamasse aos outros: <i>Lauf</i> (fujam), além do fato que por diversos acidentes e transformações a maioria das palavras estão extremamente alteradas e afastadas da sua pronúncia e de sua significação original.</p>
--	---	---

3ª alocução		
<p>PHILALÈTHE. Encore un exemple le ferait mieux entendre.</p>	<p>FILALETTO. Um outro exemplo tornaria ainda mais inteligível o que acabais de</p>	<p>FILALETTO. Mais um exemplo faria compreender melhor.</p>

	dizer.	
--	--------	--

4ª alocução		
<p>THÉOPHILE. En voici un assez manifeste et qui comprend plusieurs autres. Le mot d'oeil et son parentage y peut servir. Pour le faire voir, je commencerai d'un peu haut. A (première lettre) suivie d'une petite aspiration fait <i>Ah</i> et comme c'est une émission de l'air, qui fait un son assez clair au commencement et puis évanouissant, ce son signifie naturellement un petit souffle (<i>spiritum lenem</i>), lorsque <i>a</i> et <i>h</i> ne sont guère forts. C'est de quoi ἄω, aer, aura, haugh, halare, haleine, ἄτμος, athem, odem (allemand) ont eu leur origine. Mais comme l'eau est un fluide aussi, et fait du bruit, il en est venu (ce semble) qu'<i>Ah</i>, rendu plus grossier par le redoublement, c'est-à-dire <i>aha</i> ou <i>ahha</i>, a été pris pour l'eau. Les Teutons et autres Celtes, pour mieux marquer le</p>	<p>TEÓFILO – Eis um outro, bastante evidente, e que engloba vários outros. Pode servir para tanto a palavra <i>oeil</i> (olho) e seus aparentados. Para demonstrá-lo, começarei de mais longe.</p> <p style="padding-left: 40px;">A (primeira letra do alfabeto), seguido de uma pequena aspiração, nos dá <i>ah</i>, e visto que é uma emissão do ar que produz um som bastante claro no começo e depois se esvai, este som significa naturalmente um pequeno sopro (<i>spiritum lenum</i>) quando o <i>a</i> e o <i>h</i> não são fortes. É daqui que derivam <i>áo, era, aura, haugh, halare, haleine, átmos, athem, odem</i> (alemão). Mas, como a água também é um fluido, e produz ruído, resultou – ao que parece – que <i>ah</i>, reforçado pela repetição <i>aha</i> ou <i>ahha</i>, passou a designar</p>	<p>TEÓFILO. Eis um bastante manifesto e que compreende diversos outros. A palavra oeil (olho)¹⁰² e sua parentada (<i>parentage</i>) pode servir a isso. Para fazê-lo ver, começarei de um pouco mais longe¹⁰³. A (primeira letra) seguida de uma pequena aspiração faz <i>Ah</i> e como é uma emissão de ar, a qual produz um som bastante claro no começo e em seguida esvanescente; este som naturalmente significa uma pequena expiração (<i>spiritum lenem</i>), quando <i>a</i> e <i>h</i> não são pouco fortes. É daí que ἄω, <i>aer, aura, haugh, halare, haleine, ἄτμος, athem, odem</i> (alemão) tiveram sua origem. Mas como a água também é um fluido, e produz barulho, disso surgiu (ao que parece) que <i>Ah</i>, tornado mais grosseiro mediante duplicação, isto é, <i>aha</i> ou <i>ahha</i>, foi tomado por água. Os teutões e outros celtas, a fim de melhor</p>

¹⁰² “Olho”.

¹⁰³ Parece-nos que ele quer dizer que se ouvem bem, que são claros, nítidos.

<p>mouvement, y ont préposé leur W à l'un et à l'autre; c'est pourquoi <i>wehen</i>, <i>wind</i>, vent, marquent le mouvement de l'air, et <i>waten</i>, <i>vadum</i>, <i>water</i> le mouvement de l'eau ou dans l'eau. Mais pour revenir à <i>Aha</i>, il paraît être (comme j'ai dit) une manière de racine, qui signifie l'eau. Les Islandais, qui gardent quelque chose de l'ancien teutonisme scandinave, en ont diminué l'aspiration en disant <i>aa</i>; d'autres qui disent <i>Aken</i> (entendant Aix, <i>Aquas grani</i>) l'ont augmentée, comme font aussi les Latins dans leur <i>aqua</i>, et les Allemands en certains endroits qui disent <i>ach</i> dans les compositions pour marquer l'eau, comme lorsque <i>Schwarzach</i> signifie eau noire, <i>Biberach</i>, eau des castors. Et au lieu de <i>Wiser</i> ou <i>Weser</i> on disait <i>Wiseraha</i> dans les vieux titres, et <i>Wisurach</i> chez les anciens habitants, dont les Latins ont fait <i>Visurgis</i>, comme d'Iler,</p>	<p>água. Os teutões e outros celtas, para melhor assinalar o movimento, antepuseram o seu W a um e a outro; eis por que <i>wehen</i>, <i>wind</i>, vento, designam o movimento do ar, e <i>waten</i>, <i>vadum</i>, <i>water</i> o movimento da água ou na água. Voltando agora a <i>aha</i>, parece, como acabo de dizer, que este som constitui uma espécie de raiz que significa água. Os islandeses, que conservam algo do antigo teutonismo escandinavo, diminuíram a aspiração pronunciando <i>aa</i>; outros aumentaram a aspiração, dizendo <i>Aken</i> (<i>Aquas grani</i>, <i>Aqüisgrana</i>), como fazem também os latinos em <i>aqua</i>, e os alemães em certos lugares dizendo <i>ach</i> nas palavras compostas para designar a água: assim, <i>Schwarzach</i> significa água negra, <i>Biberach</i> significa água dos castores. Em lugar de <i>Wiser</i> ou <i>Weser</i> dizias-se <i>Wiseraha</i> nos antigos títulos, e <i>Wisurach</i> entre os antigos</p>	<p>assinalar o movimento, prepuseram o seu W; é por isso que <i>wehen</i>, <i>Wind</i>, vento (<i>vent</i>), assinalam o movimento do ar, e <i>waten</i>, <i>vadum</i>, <i>water</i> o movimento da água ou na água. Mas voltando ao [som] <i>Aha</i>, ele parece ser (conforme eu disse) uma espécie de raiz que significa água. Os islandeses, que conservam algo do antigo teutonismo escandinavo¹⁰⁴, diminuíram sua aspiração ao dizer <i>aa</i>; outros que dizem <i>Aken</i> (entendendo Aix, <i>Aquas grani</i>) o aumentaram, como também fazem os latinos em seu <i>aqua</i>, e os alemães em certas situações que dizem <i>ach</i> nas composições para indicar água, como quando <i>Schwarzach</i> significa água escura, <i>Biberach</i>, água dos castores. E em vez de <i>Wiser</i> ou <i>Weser</i> se dizia <i>Wiseraha</i> nos antigos títulos, e <i>Wisurach</i> entre os antigos habitantes, dos quais os latinos fizeram <i>Visurgis</i>, como de <i>Iler</i>, <i>Ilerach</i>, eles fizeram <i>Ilargus</i>.</p>
---	---	---

¹⁰⁴ Ao falar de teutonismo, Leibniz faz referência ao sistema político que pretendia a homogeneidade absoluta das raças germânicas.

<p>Ilerach, ils ont fait <i>Ilargus</i>. D'<i>aqua</i>, <i>aigues</i>, <i>auue</i>, les Français ont enfin fait eau, qu'ils prononcent <i>oo</i>, où il ne reste plus rien de l'origine. <i>Auwe</i>, <i>Auge</i> chez les Germains est aujourd'hui un lieu que l'eau inonde souvent, propre aux pâturages, <i>locus irriguas</i>, <i>pascuus</i>; mais plus particulièrement il signifie une île comme dans le nom du monastère de Reichenau (<i>Augia dives</i>) et bien d'autres. Et cela doit avoir eu lieu chez beaucoup de peuples teutoniques et celtiques, car de là est venu que tout ce qui est comme isolé dans une espèce de plaine a été nommé <i>Auge</i> ou <i>Ooge</i>, <i>oculus</i>. C'est ainsi qu'on appelle des taches d'huile sur de l'eau chez les Allemands; et chez les Espagnols <i>ojo</i> est un trou. Mais <i>Auge</i>, <i>ooge</i>, <i>oculus</i>, <i>occhio</i>, etc., a été appliqué plus particulièrement à l'oeil comme par excellence, qui fait ce trou isolé éclatant dans le visage: et sans doute</p>	<p>habitantes; dali os latinos fizeram Visurgis, como de Iler e Ilerach fizeram <i>Ilargus</i>. De <i>aqua</i>, <i>aigues</i>, <i>auue</i>, os franceses fizeram <i>eau</i>, que pronunciam <i>ôô</i>, não restando nada mais da origem. <i>Auwe</i>, <i>Auge</i> entre os germanos designa hoje em dia um lugar frequentemente inundado pela água, próprio das pastagens, <i>locus irrigus</i>, <i>pascuus</i>. Mais particularmente significa uma ilha, como no caso do mosteiro de Reichenau (<i>Augia dives</i>) e em muitos outros. E isso deve ter acontecido entre muitos povos teutônicos e célticos, pois daqui vem que tudo aquilo que está como que isolado numa espécie de superfície foi denominado <i>Auge</i> ou <i>Ooge</i>, olho. É assim que se denominam as manchas de óleo na água, entre os alemães; e entre os espanhóis, <i>ojo</i> é um orifício. Todavia, <i>Auge</i>, <i>ooge</i>, <i>oculus</i>, <i>occhio</i> etc., foram usados em particular para designar o <i>olho</i> por excelência, pois o</p>	<p>D'<i>aqua</i>, <i>aigues</i>, <i>auue</i>, os franceses formaram por fim <i>eau</i> (água), o qual eles pronunciam <i>oo</i>, no qual não resta mais nada da origem. <i>Auwe</i>, <i>Auge</i>, entre os germanos é atualmente um lugar que a água inunda com frequência, própria para os pastoreios, <i>locus irriguus</i>, <i>pascuus</i>; mas mais particularmente significa uma ilha, tal como no nome do monastério de Reichenau (<i>Augia dives</i>) e muitos outros. E isso deve ter ocorrido em muitos povos teutônicos e célticos, pois de lá se veio que tudo aquilo que está como isolado em uma espécie de planície foi denominado <i>Auge</i> ou <i>Ooge</i>, <i>oculus</i>. É assim que, entre os alemães, denominam-se manchas de óleo na água; e entre os espanhóis <i>ojo</i> é um buraco. Mas <i>Auge</i>, <i>ooge</i>, <i>oculus</i>, <i>occhio</i> etc., foi aplicado mais particularmente ao <i>oeil</i> [olho] como por excelência, que faz este brilhante buraco isolado no rosto: e, sem dúvida, o francês <i>oeil</i> também vem daí, mas a</p>
--	---	--

<p>le français oeil en vient aussi, mais l'origine n'en est point reconnaissable du tout, à moins qu'on n'aille par l'enchaînement que je viens de donner; et il paraît que l'ὄμμα et ὄψις des Grecs vient de la même source. <i>Oe</i> ou <i>Oeland</i> est une île chez les Septentrionaux, et il y en a quelque trace dans l'hébreu, où <i>Ai</i> est une île. M. Bochart a cru que les Phéniciens en avaient tiré le nom qu'il croit qu'ils avaient donné à la mer Égée, pleine d'îles. <i>Augere</i>, augmentation, vient encore d'<i>aune</i> ou <i>auge</i>, c'est-à-dire de l'effusion des eaux; comme aussi <i>ooken</i>, <i>auken</i> en vieux saxon, était augmenter, et l'<i>augustus</i> en parlant de l'empereur était traduit par <i>ooker</i>. La rivière de Brunswick, qui vient des montagnes du Hartz, et par conséquent est fort sujette à des accroissements subits, s'appelle <i>Ocker</i>, et <i>Ouacra</i> autrefois. Et je dis en passant que les noms des rivières,</p>	<p>olho constitui este orifício isolado que brilha na face. Sem dúvida o francês <i>oeil</i> também deriva daí, embora a origem não seja mais reconhecível, a menos que se proceda pelo caminho das deduções que acabo de indicar. Parece que o <i>ómma</i> e <i>ópsis</i> dos gregos provêm da mesma raiz. <i>Oe</i> ou <i>Oeland</i> é uma ilha entre os povos nórdicos, existindo alguns traços disto no hebraico, onde <i>Ai</i> é uma ilha. O Sr. Bochart acreditava que os fenícios derivam daí o nome que, segundo ele, deram ao mar Egeu, cheio de ilhas. <i>Augere</i>, aumento, também deriva de <i>auue</i> ou <i>auge</i>, isto é, da efusão das águas, como também <i>ooken</i>, <i>auken</i>, no antigo saxão, significavam aumentar, e o <i>augustus</i>, falando-se do imperador, era traduzido por <i>ooker</i>. O rio de Brunswick, que vem das montanhas do Hartz e por esta razão está constantemente sujeito a</p>	<p>origem disso não é de modo algum reconhecível, a menos que não se vá pelo encadeamento que acabo de oferecer: e parece que l'ὄμμα e ὄψις dos gregos vêm da mesma fonte. <i>Oe</i> ou <i>Oeland</i> é uma ilha para os setentrionais, e há algum traço disso no hebraico, no qual <i>Ai</i> é uma ilha. Sr. Bochart¹⁰⁵ acreditou que os fenícios tivessem tirado daí o nome, o qual ele acredita que eles deram ao mar Egeu, [por ser] repleto de ilhas. <i>Augere</i>, aumento, vem ainda de <i>auue</i> ou <i>auge</i>, isto é, da efusão das águas; como também <i>ooken</i>, <i>auken</i> no antigo saxão¹⁰⁶, era aumentar, e o <i>augustus</i>, falando do imperador, era traduzido por <i>ooker</i>. O riacho de Brunswick, que vem das montanhas do Hartz e, conseqüentemente, está extremamente sujeito a aumentos súbitos, chama-se <i>Ocker</i>, e antigamente <i>Ouacra</i>. E digo sucintamente que os nomes dos riachos, vindos ordinariamente da maior</p>
--	---	--

¹⁰⁵ Erudito protestante, Samuel Bochart (1599-1667) é autor de uma *Geographia sacra* (1646).

¹⁰⁶ O mesmo que alto-saxão, ou seja, língua falada pelas tribos saxãs que habitavam a região entre os rios Reno e Elba, e entre o mar do Norte e as montanhas Harz, na Europa, entre os séculos IX e XII.

<p>étant ordinairement venus de la plus grande antiquité connue, marquent le mieux le vieux langage et les anciens habitants, c'est pourquoi ils mériteraient une recherche particulière. Et les langues en général étant les plus anciens monuments des peuples, avant l'écriture et les arts, en marquent le mieux l'origine des cognations et migrations. C'est pourquoi les étymologies bien entendues seraient curieuses et de conséquence, mais il faut joindre des langues de plusieurs peuples, et ne point faire trop de sauts d'une nation à une autre fort éloignée sans en avoir de bonnes vérifications, où il sert surtout d'avoir les peuples entre eux pour garants. Et en général l'on ne doit donner quelque créance aux étymologies que lorsqu'il y a quantité d'indices concourants: autrement c'est goropiser.</p>	<p>grandes cheias, chama-se <i>Ocker</i>, antigamente <i>Ouacra</i>.</p> <p>Aliás, digo de passagem que os nomes dos rios, pelo fato de provirem geralmente da antiguidade mais remota que conhecemos, são os que melhor caracterizam a linguagem e os habitantes antigos, razão pela qual mereceriam uma pesquisa especial. Por sua vez as línguas, pelo fato de representarem os mais antigos monumentos dos povos, anteriores à escrita e às artes, são as que melhor assinalam a origem dos parentescos e das migrações dos povos. Eis por que as etimologias bem entendidas apresentariam muitas curiosidades e conseqüências. Para isto é necessário estudar línguas de vários povos, e não fazer demasiados saltos de um povo a outro, muito distantes entre si, sem dispor de bons critérios de verificação das conclusões. Neste ponto reveste valor especial o</p>	<p>antigüidade conhecida, melhor testemunham a velha linguagem e os antigos habitantes, é por isso que eles mereceriam uma pesquisa particular. E as línguas em geral sendo os mais antigos monumentos dos povos, antes da escrita e das artes, melhor testemunham a origem de seus parentescos (<i>cognations</i>) e migrações dessas. É por isso que as etimologias bem entendidas seriam curiosas e de conseqüência, mas é preciso juntar línguas de diversos povos e de modo algum fazer saltos demasiados de uma nação a outra muito distante sem ter boas verificações, onde ajuda sobretudo conhecer os povos entre eles por garantia. E em geral não se deve dar algum crédito às etimologias, exceto quanto há um grande número de indícios concorrentes: de outro modo, isso é “goropisar”.</p>
---	--	---

	próprio testemunho dos povos entre si. Falando de maneira genérica, não se deve dar fé às etimologias, a não ser quando houver boa quantidade de indícios convergentes; do contrário se cai na goropisação.	
--	---	--

5ª alocução		
PHILALÈTHE. Goropiser? Que veut dire cela?	FILALETTO – Goropisação? Que significa isto?	FILALETTO. Goropisar? O que isso quer dizer?

6ª alocução		
THÉOPHILE. C'est que les étymologies étranges et souvent ridicules de Goropius Becanus, savant médecin du XVI ^e siècle, ont passé en proverbe, bien qu'autrement il n'ait pas eu trop de tort de prétendre que la langue germanique, qu'il appelle cimbrique, a autant et plus de marques de quelque chose de primitif que l'hébraïque même. Je me souviens que feu M. Claubergius, philosophe excellent, a donné un petit essai sur les origines de la langue germanique, qui fait	TEÓFILO – [As etimologias estranhas e muitas vezes ridículas de Goropius Becanus, médico sábio do século XVI, se tornaram proverbiais, embora, sob certos aspectos, não se tenha equivocado tanto ao pretender que a língua germânica, que denomina cimbria, possui tantas características (e mesmo mais) de algo primitivo, quantas o próprio hebraico. Recordo-me que o falecido Sr. Clauberg, excelente filósofo, elaborou um	TEÓFILO. Acontece que as etimologias estranhas e freqüentemente ridículas de Goropius Becanus, sábio médico do século XVI, se tornaram provérbio, mesmo que, do contrário, ele não estivesse enganado demais ao pretender que a língua germânica, a qual ele chama de cimbria ¹⁰⁷ , tenha tanto e ainda mais marcas de alguma coisa primitiva quanto o próprio hebraico. Lembro-me que o falecido Sr. Claubergius, excelente filósofo, produziu um

¹⁰⁷ Relativo aos cimbrios, povo germânico das margens do Báltico que, no século II a.C., junto com os teutões, invadiu a Gália, e foi detido pelos romanos na região dos Alpes e pelos celtiberos na Espanha.

<p>regretter la perte de ce qu'il avait promis sur ce sujet. J'y ai donné moi-même quelques pensées, outre que j'avais porté feu M. Gerardus Meierus, théologien de Brême, à y travailler, comme il a fait, mais la mort l'a interrompu. J'espère pourtant que le public en profitera encore un jour, aussi bien que des travaux semblables de M. Schilter, jurisconsulte célèbre à Strasbourg, mais qui vient de mourir aussi. Il est sûr au moins que la langue et les antiquités teutoniques entrent dans la plupart des recherches des origines, coutumes et antiquités européennes. Et je souhaiterais que de savants hommes en fissent autant dans les langues wallienne, biscayenne, slavonique, finnoise, turque, persane, arménienne, géorgienne et autres, pour en mieux découvrir l'harmonie, qui servirait particulièrement,</p>	<p>pequeno ensaio sobre as origens da língua germânica, que me faz lamentar a perda daquilo que o autor havia prometido sobre este assunto. Eu mesmo lhe dei algumas idéias, além de ter levado o falecido Sr. Gerardus Meierus, teólogo de Bremen, a trabalhar nesta pesquisa. Ele o fez, mas a morte interrompeu o seu trabalho. Espero, contudo, que o público possa um dia tirar proveito dessas pesquisas, bem como dos trabalhos similares do Sr. Schilter, jurisconsulto famoso em Estrasburgo, o qual também faleceu recentemente. É certo, no mínimo, que a língua e as antiguidades teutônicas entram na maioria das pesquisas relativas às origens, aos costumes e às antiguidades européias. Desejaria que homens sábios fizessem a mesma pesquisa</p>	<p>pequeno ensaio sobre as origens da língua germânica o qual faz lastimar a perda daquilo que ele tinha prometido a este respeito. Eu próprio produzi aí alguns pensamentos sobre isso, sem contar que tinha levado o falecido Sr. Gerardus Meierus, teólogo de Brême, a trabalhar nisso, como ele fez, mas a morte o interrompeu. Eu espero, entretanto, que o público um dia o aproveite disso, tanto quanto dos trabalhos semelhantes do Sr. Schilter, célebre jurisconsulto em Strasburgo, mas que também acabou de falecer. Ao menos é certo que a língua e as antiguidades teutônicas entram na maior parte das pesquisas sobre as origens, costumes e antiguidades européias. E eu gostaria que homens sábios fizessem o mesmo nas línguas valona¹⁰⁸, biscainha¹⁰⁹, eslava¹¹⁰,</p>
--	--	---

¹⁰⁸ O mesmo que valão, dialeto galo-romano falado na Valônia, região da Bélgica.

¹⁰⁹ Dialeto do basco, falado na província espanhola de Biscaia.

¹¹⁰ Povo indo-europeu que deu origem aos atuais russos, bielorrussos, ucranianos (ramo oriental), búlgaros, sérvios, croatas, macedônios, eslovenos (grupo meridional), tchecos, eslovacos, poloneses e lusácios (grupo ocidental).

<p>comme je viens de dire, à éclaircir l'origine des nations.</p>	<p>com relação às línguas valiana, biscaiense, eslavônica, finlandesa, turca, persa, armênia, geórgica e outras, a fim de melhor descobrir as harmonias vigentes entre elas. Isso contribuiria de modo especial para esclarecer a origem das nações, como acabo de dizer.]</p>	<p>fínica¹¹¹, turca, persa, armênia¹¹², georgiana¹¹³ e outras, a fim de melhor descobrir sua harmonia delas, a qual, como acabo de dizer, serviria particularmente para esclarecer a origem das nações.</p>
---	--	--

7 ^a alocução		
<p>§ 2. PHILALETHE. Ce dessein est de conséquence, mais à présent il est temps de quitter le matériel des mots, et de revenir au formel, c'est-à-dire à la signification qui est commune aux différentes langues. Or vous m'accorderez premièrement, Monsieur, que <i>lorsqu'un homme parle à un autre, c'est de ses propres idées qu'il veut donner des signes, les mots ne pouvant être appliqués par lui à des</i></p>	<p>§ 2. FILALETO – [Este plano é importante, mas agora já é tempo de deixar o aspecto <i>material das palavras</i> e voltar ao formal, isto é, à significação que é comum às diversas línguas.] Quanto a isto, deveis antes de tudo concordar comigo no seguinte: quando uma pessoa fala com outra, o que quer é pronunciar sinais das suas próprias idéias, uma vez que não pode aplicar</p>	<p>§ 2. FILALETO. Este plano¹¹⁴ é de consequência, mas agora está na hora de deixar o material das palavras e de voltar ao formal, isto é, à significação que é comum às diferentes línguas. Ora, o senhor concordará comigo primeiramente que <i>quando um homem fala a um outro é das suas próprias idéias que ele quer dar signos, as palavras não podendo ser</i></p>

¹¹¹ O mesmo que fina ou finlandesa.

¹¹² Língua indo-européia falada na Armênia e em regiões de países limítrofes, como a Geórgia e a Turquia.

¹¹³ Língua do grupo caucasiano do Sul, idioma oficial da República da Geórgia.

¹¹⁴ Como já o mencionamos, adotamos “plano” para lembrar que é o mesmo assunto tratado no *Breve plano das reflexões sobre as origens dos povos traçado principalmente a partir das indicações [contidas] nas línguas (Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex indicio linguarum)* e também da carta onde Leibniz menciona a palavra italiana *ristretto*, endereçada ao linguista sueco Sparvenfeld, datada de 29 de janeiro, já mencionada, cujo assunto principal era a consideração em torno da origem e conexão das línguas e nações.

<p><i>choses qu'il ne connaît point. Et jusqu'à ce qu'un homme ait des idées de son propre fonds, il ne saurait supposer qu'elles sont conformes aux qualités des choses ou aux conceptions d'un autre.</i></p>	<p>palavras a coisas que não conhece. Ora, até que uma pessoa tenha idéias de seu próprio patrimônio, não deveria supor que estas idéias sejam conformes às qualidades das coisas ou às concepções de uma outra pessoa.</p>	<p><i>aplicadas por ele a coisas que ele absolutamente não conhecia. E até o momento que um homem tenha idéias de seu próprio íntimo, ele não poderia supor que elas estão conformes às qualidades das coisas ou às concepções de um outro.</i></p>
---	---	---

8ª alocução		
<p>THÉOPHILE. Il est vrai pourtant qu'on prétend de désigner bien souvent plutôt ce que d'autres pensent que ce qu'on pense de son chef, comme il n'arrive que trop aux laïques dont la foi est implicite. Cependant j'accorde qu'on entend toujours quelque chose de général, quelque sourde et vide d'intelligence que soit la pensée; et on prend garde au moins de ranger les mots selon la coutume des autres, se contentant de croire qu'on pourrait en apprendre le sens au besoin. Ainsi on n'est quelquefois que le truchement des pensées, ou le porteur de la parole d'autrui, tout comme serait une lettre;</p>	<p>TEÓFILO – [Todavia é verdade que muitas vezes se pretende designar antes o que outros pensam, do que aquilo que a pessoa mesma pensa, como ocorre com demasiada freqüência com os “leigos” que têm uma fé implícita. Não obstante, concordo que sempre se compreende algo de geral, por mais irracional e destituído de inteligência que seja o pensamento; e no mínimo se toma cuidado para dispor as palavras segundo hábito dos outros, contentando-se com pensar que se poderia compreender o sentido, em caso de necessidade. Assim, por vezes não passamos de</p>	<p>TEÓFILO. É verdade, no entanto, que muito freqüentemente se pretende designar o que outros pensam ao invés daquilo que se pensa da sua própria cabeça, como não ocorre senão em excesso com os laicos cuja fé é implícita. Todavia, eu aceito que sempre se entenda algo de geral, por mais surdo e vazio de inteligência que seja o pensamento; e ao menos se toma cuidado em ordenar as palavras segundo o costume dos outros, contentando-se em acreditar que se poderia apreender o sentido delas em caso de necessidade. Assim, algumas vezes só se é o intermediário dos pensamentos, ou o</p>

et même on l'est plus souvent qu'on ne pense.	intérpretes dos pensamentos, isto é, de portadores da palavra de outros, como o faria uma carta. Diria mesmo que isto acontece com frequência maior do que se pensa.]	transmissor da palavra de outrem, igualzinho como seria uma carta; e mesmo se o é com mais frequência do que se pensa.
---	---	--

9ª alocução

§ 3. PHILALÈTHE. Vous avez raison d'ajouter qu'on entend toujours quelque chose de général, quelque idiot qu'on soit. <i>Un enfant, n'ayant remarqué dans ce qu'il entend nommer or qu'une brillante couleur jaune, donne le nom d'or à cette même couleur, qu'il voit dans la queue d'un paon; d'autres ajouteront la grande pesanteur, la fusibilité, la malléabilité.</i>	§ 3. FILALETO – [Tendes razão em acrescentar que compreendemos algo de geral, por mais iletrados que sejamos.] Assim, uma criança, sem notar no que ouve denominar <i>ouro</i> outra coisa senão uma cor amarela brilhante, acaba denominado <i>ouro</i> a própria cor amarela que enxerga no rabo de um pavão. Outros acrescentarão as propriedades do peso elevado, a fusibilidade, a maleabilidade.	§ 3. FILALETO. Você tem razão em acrescentar que sempre se entende algo de geral, por mais idiota que se seja. <i>Uma criança, não tendo notado naquilo que entende nomear ouro senão uma brilhante cor amarela, dá o nome de ouro a esta mesma cor, a qual ele vê na cauda de um pavão; outros acrescentarão o grande peso, a fusibilidade, a maleabilidade.</i>
--	--	---

10ª alocução

THÉOPHILE. Je l'avoue; mais souvent l'idée qu'on a de l'objet dont on parle est encore plus générale que celle de cet enfant, et je ne doute point qu'un aveugle [né] ne puisse parler	TEÓFILO – [Concordo. Todavia, muitas vezes a idéia que temos do objeto de que falamos é ainda mais genérica do que a dessa criança. Não duvido de que um cego possa falar	TEÓFILO. Eu o confesso; mas freqüentemente a idéia que se tem do objeto de que se fala é ainda mais geral do que aquela desta criança, e não duvido nada que um cego de nascença possa falar
--	---	--

<p>pertinemment des couleurs et faire une harangue à la louange de la lumière, qu'il ne connaît pas, parce qu'il en a appris les effets et les circonstances.</p>	<p>razoavelmente sobre cores e fazer um discurso de elogio à luz que não conhece, por ter percebido os efeitos e as circunstâncias da luz.]</p>	<p>pertinentemente das cores e fazer uma arenga em homenagem à luz, a qual ele não conhece, porque ele apreendeu dela os efeitos e as circunstâncias.</p>
---	---	---

11ª alocução		
<p>§ 4. PHILALÈTHE. Ce que vous remarquez est très vrai. Il arrive souvent que les hommes appliquent davantage leurs pensées aux mots qu'aux choses, et parce qu'on a appris la plupart de ces mots avant que de connaître les idées qu'ils signifient, il y a non seulement des enfants, mais des hommes faits qui parlent souvent comme des perroquets. § 5. Cependant les hommes prétendent de ordinairement marquer leurs propres pensées et de plus <i>ils attribuent aux mots un secret rapport aux idées d'autrui et aux choses mêmes. Car si les sons étaient attachés à une autre idée par celui avec qui nous nous entretenons, ce serait parler deux langues; il est vrai qu'on ne s'arrête pas</i></p>	<p>§ 4. FILALETO – O que observais é muito verdadeiro. Acontece freqüentemente que as pessoas ligam os seus pensamentos mais às palavras do que às coisas. E, já que aprendemos a maioria dessas palavras antes das idéias que elas significam, existem não somente crianças, mas também homens feitos que muitas vezes falam como periquitos. § 5. Todavia, as pessoas pretendem, via de regra, assinalar as suas próprias idéias, e além disso atribuem às palavras uma relação secreta com as idéias de outrem e com as próprias coisas. Pois, se os sons fossem ligados, pela pessoa com quem conversamos, a uma outra idéia, seria o mesmo que falar duas</p>	<p>§ 4. FILALETO. O que você observa é muito verdadeiro. Acontece freqüentemente que os homens aplicam mais seus pensamentos às palavras do que às coisas, e porque se apreendeu a maior parte destas palavras antes do que conhecer as idéias que elas significam, não há somente crianças, mas homens feitos que falam freqüentemente como papagaios. § 5. No entanto, os homens pretendem ordinariamente ressaltar seus próprios pensamentos e além do mais <i>eles atribuem às palavras uma secreta ligação com as idéias de outrem e com as próprias coisas. Pois se os sons estivessem ligados a uma outra idéia por aquele com que nós nos entretivemos, seria falar</i></p>

<p><i>trop à examiner quelles sont les idées des autres, et l'on suppose que notre idée est celle que le commun et les habiles gens du pays attachent au même mot. § 6. Ce qui a lieu particulièrement à l'égard des idées simples et des modes, mais quant aux substances on y croit plus particulièrement que les mots signifient aussi la réalité des choses.</i></p>	<p>línguas. É verdade que não nos detemos muito a examinar quais são as idéias dos outros, e supomos que a nossa idéia é aquela que as pessoas comuns e inteligentes do país atribuem à mesma palavra.</p> <p>§ 6. Isto se verifica em particular quanto às idéias simples e aos modos, mas, quanto às substâncias, acredita-se mais particularmente que as palavras significam também a realidade das coisas.</p>	<p><i>duas línguas; é verdade que não se para muito para examinar quais são as idéias dos outros, e se supõe que nossa idéia é aquela que o comum dos homens e as hábeis pessoas da terra ligam à mesma palavra. § 6. O que ocorre particularmente no que diz respeito às idéias simples e aos modos, mas quanto às substâncias acredita-se aí mais particularmente que as palavras significam também a realidade das coisas.</i></p>
--	--	---

12ª alocução			
<p>THEOPHILE. Les substances et les modes sont également représentés par les idées; et les choses, aussi bien que les idées, dans l'un et l'autre cas sont marquées par les mots; ainsi je n'y vois guère de différence, sinon que les idées des choses substantielles et des qualités sensibles sont plus fixes. Au reste il arrive quelquefois que nos idées et pensées sont la matière de nos discours et font la chose même qu'on</p>	<p>TEÓFILO – [As substâncias e os modos são igualmente representados pelas idéias; e as coisas, bem como as idéias, tanto num caso como no outro, são assinalados pelas palavras. Assim sendo, não vejo nenhuma diferença a não ser esta: que as idéias das coisas substanciais e das qualidades sensíveis são mais fixas. De resto, acontece por vezes que as nossas idéias e os nossos pensamentos constituem a</p>	<p>TEÓFILO. As substâncias e os modos são igualmente representadas pelas idéias; e as coisas, tanto quanto as idéias, em ambos os casos são ressaltadas pelas palavras; assim, eu não vejo aí qualquer diferença, exceto que as idéias das coisas substanciais e das qualidades sensíveis são mais fixas. No mais, acontece algumas vezes que nossas idéias e pensamentos são a matéria dos nossos discursos e fazem a coisa mesma que se</p>	

<p>veut signifier, et les notions réflexives entrent plus qu'on ne croit dans celles des choses. On parle même quelquefois des mots matériellement, sans que dans cet endroit-là précisément on puisse substituer à la place du mot la signification, ou le rapport aux idées ou aux choses; ce qui arrive non seulement lorsqu'on parle en grammairien, mais encore quand on parle en dictionnariste, en donnant l'explication du nom.</p>	<p>matéria dos nossos discursos e perfazem a própria coisa que se quer significar, e as noções reflexivas entram mais do que se pensa nas noções das coisas. Às vezes se fala mesmo das palavras materialmente, sem poder nesse momento preciso colocar a significação em lugar da palavra, ou relação às idéias ou às coisas. Isso acontece não somente quando falamos como gramáticos, mas também quando falamos como dicionaristas, ao darmos a explicação da palavra.]</p>	<p>quer significar, e as noções reflexivas entram mais do que se acredita naquelas das coisas. Algumas vezes, fala-se mesmo materialmente das palavras, sem que neste lugar precisamente se possa substituir no lugar da palavra a significação, ou a relação às idéias e às coisas; o que acontece não só quando se fala gramaticalmente, mas ainda quando se fala dicionaristicamente, ao dar a explicação do nome.</p>
---	--	---

Chapitre III – Des termes généraux	Capítulo III – Os termos gerais	Capítulo III – Dos termos gerais
---	--	---

1ª alocução		
<p>§ 1. PHILALÈTHE. Quoiqu'il n'existe que <i>des choses particulières, la plus grande partie des mots ne laisse point d'être des termes généraux, parce qu'il est impossible, § 2, que chaque chose particulière puisse avoir un nom particulier et distinct, outre qu'il faudrait</i></p>	<p>§ 1. FILALETO – Embora só existam coisas particulares, a grande maioria das palavras não deixa de ser <i>termos gerais</i>, pois é impossível, § 2, que cada coisa particular tenham um nome particular e distinto, além do que seria necessária uma memória prodigiosa para tanto, muito</p>	<p>§ 1. FILALETO. Ainda que só existam <i>coisas particulares, a maior parte das palavras não deixa de ser termos gerais, porque é impossível, §2, que cada coisa particular pudesse ter um nome particular e distinto, sem contar que seria preciso uma memória</i></p>

<p><i>une mémoire prodigieuse pour cela, au prix de laquelle celle de certains généraux, qui pouvaient nommer tous leurs soldats par leur nom, ne serait rien. La chose irait même à l'infini, si chaque bête, chaque plante, et même chaque feuille de plante, chaque graine, enfin chaque grain de sable qu'on pourrait avoir besoin de nommer, devait avoir son nom. Et comment nommer les parties des choses sensiblement uniformes, comme de l'eau, du fer, § 3, outre que ces noms particuliers seraient inutiles, la fin principale du langage étant d'exciter dans l'esprit de celui qui m'écoute une idée semblable à la mienne? Ainsi la similitude suffit, qui est marquée par les termes généraux. § 4. Et les mots particuliers seuls ne serviraient point à étendre nos connaissances, ni à faire juger de l'avenir par le passé, ou d'un individu par un autre. § 5. Cependant comme l'on a souvent besoin de faire mention de certains individus,</i></p>	<p>superior à de certos generais que tinham a possibilidade de chamar pelo nome cada um dos seus soldados. Iríamos mesmo até o infinito, se cada animal, se cada planta, cada grão de trigo ou de areia devesse ter o seu nome próprio em caso de precisarmos designá-los. [E de que maneira denominar individualmente as partes das coisas obviamente uniformes, como as da água e do ferro,] § 3 – além do que todos esses nomes particulares seriam inúteis –, sendo a finalidade primordial da linguagem excitar no espírito de quem me ouve uma idéia semelhante à minha? [Assim, basta a semelhança, que é assinalada pelos termos gerais.] § 4. Mas as palavras individuais sozinhas não serviriam em nada para alargar os nossos conhecimentos, [nem para julgar do futuro pelo passado, ou de um indivíduo para outro.] § 5. Entretanto, visto</p>	<p><i>prodigiosa para isso, ao preço de que aquela de alguns generais, que podiam chamar todos seus soldados pelo nome deles, nada seria. A coisa iria até o infinito se cada animal irracional, cada planta e mesmo cada folha de planta, cada grão, cada grão de areia enfim que se poderia ter necessidade de nomear, devia ter seu nome. E como nomear as partes das coisas sensivelmente uniformes, como as da água, do ferro, § 3, sem contar que estes nomes particulares seriam inúteis, o fim principal da linguagem sendo o de excitar no espírito daquele que me escuta uma idéia semelhante à minha? Assim a semelhança basta, a qual é ressaltada pelos termos gerais. § 4. E as palavras particulares sozinhas não serviriam para entender nossos conhecimentos, nem para fazer julgar do futuro pelo passado, ou de um indivíduo por um outro. § 5. No entanto, como freqüentemente tem-se</i></p>
---	---	---

<p><i>particulièrement de notre espèce, l'on se sert de noms propres; qu'on donne aussi aux pays, villes, montagnes et autres distinctions de lieu. Et les maquignons donnent des noms propres jusqu'à leurs chevaux, aussi bien qu'Alexandre à son Bucéphale, afin de pouvoir distinguer tel ou tel cheval particulier, lorsqu'il est éloigné de leur vue.</i></p>	<p>que muitas vezes temos necessidade de mencionar certos indivíduos, particularmente da nossa espécie, servimo-nos de nomes próprios, os quais são dados também aos países, às cidades, às montanhas e a outras distinções de lugar. Os alquiladores dão nomes próprios até aos seus cavalos, assim como Alexandre o deu ao seu Bucéfalo, a fim de poderem distinguir este ou aquele cavalo individual, ao afastar-se este para longe do dono.</p>	<p><i>necessidade de fazer menção a alguns indivíduos, particularmente de nossa espécie, serve-se de nomes próprios; que se dá também aos países, cidades, montanhas e outras distinções de lugar. E os alquiladores dão nomes próprios até para os seus cavalos, do mesmo modo que Alexandre¹¹⁵ a seu Bucéfalo¹¹⁶, a fim de poder distinguir esse ou aquele cavalo particular, quando ele está longe de sua visão.</i></p>
---	---	---

2ª alocução		
<p>THÉOPHILE. Ces remarques sont bonnes et il y en a qui conviennent avec celles que je viens de faire. Mais j'ajouterai, suivant ce que j'ai observé déjà, que les noms propres ont été ordinairement appellatifs, c'est-à-dire généraux, dans</p>	<p>TEÓFILO – [Estas observações são boas, havendo algumas que concordam com as que eu mesmo acabo de fazer. Eu acrescentaria, porém – na linha do que já observei acima –, que <i>os nomes próprios via de regra eram</i></p>	<p>TEÓFILO. Estas observações são boas e há delas que convêm com as que acabo de fazer. Mas acrescentarei, seguindo o que já observei, que os nomes próprios foram ordinariamente apelativos, isto é, gerais, na sua origem, como Brutus¹¹⁷, César¹¹⁸,</p>

¹¹⁵ Alexandre III, o Grande. Rei da Macedônia, 336-323 a.C e da Pérsia, 330-323 a.C.

¹¹⁶ Bucéfalo era o cavalo de Alexandre Magno, assim chamado por ter a cabeça semelhante à de um boi.

¹¹⁷ Há ao menos dois célebres Brutus na História: o político romano Marcus Junius Brutus (c. 85-42 a.C.), talvez o mais famoso, por conta de ter ajudado a matar César, e o outro é Lucius Junius Brutus, um dos dois primeiros cônsules da República (509 a.C.).

¹¹⁸ Caio Júlio César (101 a.C.- 44 a.C.), estadista e general romano.

<p>leur origine, comme Brutus, César, Auguste, Capito, Lentulus, Piso, Cicéron, Elbe, Rhin, Ruhr, Leine, Oker, Bucéphale, Alpes, Brenner ou Pyrénées; car l'on sait que le premier Brutus eut ce nom de son apparente stupidité, que César était le nom d'un enfant tiré par incision du ventre de sa mère, qu'Auguste était un nom de vénération, que Capiton est grosse tête, comme Bucéphale aussi, que Lentulus, Pison et Cicéron ont été des noms donnés au commencement à ceux qui cultivaient particulièrement certaines sortes de légumes. J'ai déjà dit ce que signifient les noms de ces rivières, Rhin, Ruhr, Leine, Oker. Et l'on sait que toutes les rivières s'appellent encore elbes en Scandinavie. Enfin alpes sont montagnes</p>	<p><i>apelativos</i>, isto é, gerais, na sua origem. Assim acontece com Bruto, César, Augusto, Capito, Lêntulo, Piso, Cícero, Elba, Reno, Ruhr, Leine, Ocker, Bucéfalo, Alpes, Brenner ou Pirineus. Com efeito, é sabido que o primeiro Bruto teve o seu nome derivado de sua estupidez, que César era o nome de uma criança extraída do ventre de sua mãe por incisão (latim <i>caedere: cortar</i>), que Augusto era um nome de vénération, que Capiton significa uma cabeça grande, como aliás também Bucéfalo, que Lêntulo, Pison e Cícero eram nomes dados no início àqueles que cultivavam em particular certas espécies de legumes. Já disse acima o que significavam os nomes destes rios: Reno, Ruhr,</p>	<p>Augusto, Capito, Lêntulo¹¹⁹, Pisão, Cícero¹²⁰, Elba, Reno, Ruhr, Leine, Oker, Bucéfalo, Alpes, Brenner ou Pirineus; pois se sabe que o primeiro Brutus teve este nome de sua notável estupidez, que César era o nome de uma criança tirada por incisão do ventre de sua mãe¹²¹, que Augusto era um nome de vénération, que Capitão tem cabeça grande, como Bucéfalo também, que Lêntulo¹²², Pisão e Cícero¹²³ foram nomes dados no começo àqueles que cultivavam particularmente certas espécies de legumes. Eu já disse o que significavam os nomes destes rios, Rhin, Ruhr, Leine, Oker. E é sabido que os rios também se chamam elbas na Escandinávia. Enfim, Alpes são montanhas cobertas de neve (com o qual convém <i>album</i>, branco) e Brenner ou Pirineus significam uma</p>
--	--	---

¹¹⁹ Lêntulo é o nome de um ramo da “gens” (nação) Cornélia na qual faziam parte Cornélio Sura e Lêntulo Espinter, cônsul inimigo de Cícero.

¹²⁰ O romano Cícero, ou Marcus Tullius Cícero (106-46 a.C.), foi político, orador e um importante filósofo.

¹²¹ Do antropônimo *César*; este nome tem sido vinculado por diversos autores latinos a *caesus* (*a caeso matris utero*) “cortado por um instrumento”, ainda que haja oposições quanto a isso.

¹²² Designação comum às plantas do gênero *Lens*, da família das leguminosas, subfamília papilionoídea, que reúne quatro espécies, nativas do Mediterrâneo, Oeste da Ásia e África, cuja subespécie mais conhecida é a lentilha

¹²³ Do latim *cicer*, - *ëris*: Chícharo, grão de bico.

<p>couvertes de neige (à quoi convient <i>album</i>, blanc) et Brenner ou Pyrénées signifient une grande hauteur, car <i>bren</i> était haut, ou chef (comme Brennus) en celtique, comme encore brinck chez les bas Saxons est hauteur, et il y a un <i>Brenner</i> entre l'Allemagne et l'Italie, comme les Pyrénées sont entre les Gaules et l'Espagne. Ainsi j'oserais dire que presque tous les mots sont originairement des termes généraux, parce qu'il arrivera fort rarement qu'on inventera un nom exprès sans raison pour marquer un tel individu. On peut donc dire que les noms des individus étaient des noms d'espèce, qu'on donnait par excellence ou autrement à quelque individu, comme le nom de grosse-tête à celui de toute la ville qui l'avait la plus grande ou qui était le plus considéré des grosses têtes qu'on connaissait. C'est ainsi même</p>	<p>Leine, Ocker. E sabe-se que todos os rios se chama ainda hoje <i>elbes</i> na Escandinávia. Finalmente, <i>alpes</i> são montanhas cobertas de neve (ao que corresponde <i>album</i>, branco) e Brenner ou Pirineus significam uma grande altura, pois <i>bren</i> era alto, ou superior (<i>chef</i>, como Breno) em céltico, como ainda entre os baixos saxões <i>brink</i> é altura, e existe um <i>Brenner</i> entre a Alemanha e a Itália, como os Pirineus estão entre as Gálias e a Espanha. Assim, ousaria dizer que quase todas as palavras são originalmente termos gerais, pois acontecerá muito raramente que se inventará um nome especial sem motivo para assinalar um tal indivíduo. Pode-se, em consequência, dizer que os nomes dos indivíduos eram nomes de espécie, que se davam por excelência ou por outra razão a <i>algum</i></p>	<p>grande altura, pois <i>bren</i> era alto, ou chefe (como Brennus) em celta¹²⁴, como ainda brinck entre os baixos-saxões é altura, e há um Brenner¹²⁵ entre a Alemanha e a Itália, como os Pirineus estão entre as Gálias¹²⁶ e a Espanha. Deste modo, eu ousaria dizer que quase todas as palavras vêm originalmente dos termos gerais, porque acontecerá muito raramente que se inventará um nome expressamente sem razão para apresentar um tal indivíduo. Pode-se dizer, então, que os nomes dos indivíduos eram nomes de espécie, que se dava por excelência ou de outro modo a algum indivíduo, como o nome de cabeça (<i>grosse-tête</i>) àquele de cada cidade que tivesse a maior ou fosse a mais considerada das cabeças grandes que se conhecesse. É assim mesmo que se dá os nomes dos gêneros às espécies, isto é, que se contentará que um termo mais geral ou mais</p>
---	---	---

¹²⁴ Em 390 a.C., um exército gaulês sob o comando do líder Brennus, ou Brenno – nome dado pelos romanos e que significa chefe – chegou a Roma e tomou a cidade.

¹²⁵ Na fronteira ítalo-austríaca.

¹²⁶ Provavelmente Leibniz se refere às cinco províncias da Gália transalpina criadas: a Gália narbonense, a Gália aquitânica, a Gália céltica, a Gália lionesa, e a Gália belga.

<p>qu'on donne les noms des genres aux espèces, c'est-à-dire qu'on se contentera d'un terme plus général ou plus vague pour désigner des espèces plus particulières, lorsqu'on ne se soucie point des différences. Comme, par exemple, on se contente du nom général d'absinthe, quoiqu'il y en ait tant d'espèces qu'un des Bauhins en a rempli un livre exprès.</p>	<p>indivíduo, como o nome de <i>grosse-tête</i> (cabeça grande) àquele que era o mais considerado das grandes cabeças que se conheciam. É também assim que se dão os nomes dos gêneros às espécies, isto é, a gente se contentará com um termo mais geral ou mais vago para designar espécies mais particulares, quando não se atende às diferenças. Assim, por exemplo, contentamos-nos com a palavra geral absinto, embora existam tantas espécies de absinto que um dos Bauhins escreveu um livro especial sobre elas.]</p>	<p>vago para designar espécies mais particulares, desde que não se preocupe com as diferenças. Como, por exemplo, fica-se contente do nome geral de absinto, ainda que existam tantas espécies que um dos Bauhins preencheu um livro delas propositalmente¹²⁷.</p>
---	--	---

3ª alocução		
<p>§ 6. PHILALETHE. Vos réflexions sur l'origine des noms propres sont fort justes; mais pour venir à celle des noms appellatifs ou des termes généraux, vous conviendrez sans doute, Monsieur, que <i>les mots deviennent généraux lorsqu'ils</i></p>	<p>§ 6. FILALETO – Vossas reflexões acerca da origem dos <i>nomes próprios</i> são muito acertadas. Todavia, para abordarmos a origem dos <i>nomes apelativos</i>, concordareis sem dúvida que as palavras se tornam gerais quando são sinais de idéias</p>	<p>§ 6. FILALETO. Tuas reflexões sobre a origem dos nomes próprios são muito justas; mas para chegar à dos nomes apelativos ou dos termos gerais, lhe será conveniente sem dúvida, senhor, que <i>as palavras se tornem gerais quando elas</i></p>

¹²⁷ Descendente de uma família na qual vários membros são igualmente conhecidos como naturalistas, o botânico suíço Jean Bauhin (1541-1613) compôs o tratado *De plantis absinthii nomen habentibus* (*Sobre as plantas que levam o nome de absinto*), publicado em 1595.

<p><i>sont signes d'idées générales, et les idées deviennent générales lorsque par abstraction on en sépare le temps, le lieu, ou telle autre circonstance, qui peut les déterminer à telle ou telle existence particulière.</i></p>	<p>gerais, e as idéias se tornam gerais quando, por abstração, se separam delas o tempo, o lugar ou esta ou aquela outra circunstância que pode <i>determiná-las</i> a esta ou àquela existência particular.</p>	<p><i>são signos de idéias gerais, e as idéias se tornem gerais quando por abstração seja separado delas o tempo, o lugar, ou uma outra circunstância que pode <i>determina-las</i> a uma ou outra existência particular.</i></p>
---	--	---

4ª alocução		
<p>THÉOPHILE. Je ne disconviens point de cet usage des abstractions, mais c'est plutôt en montant des espèces aux genres que des individus aux espèces. Car (quelque paradoxe que cela paraisse) il est impossible à nous d'avoir la connaissance des individus et de trouver le moyen de déterminer exactement l'individualité d'aucune chose, à moins que de la garder elle-même; car toutes les circonstances peuvent revenir; les plus petites différences nous sont insensibles; le lieu ou le temps, bien loin de déterminer d'eux mêmes, ont besoin eux-mêmes d'être déterminés par les choses qu'ils contiennent. Ce qu'il y</p>	<p>TEÓFILO – [Não discordo deste emprego das abstrações, mas isto se verifica antes subindo das espécies aos gêneros, que subindo dos indivíduos às espécies. Com efeito – por mais paradoxal que isto possa parecer – é impossível para nós ter o conhecimento dos indivíduos e encontrar o meio de <i>determinar</i> exatamente a individualidade de alguma coisa, a menos que ela mesma a guarde; pois todas as circunstâncias podem repertir-se; as menores diferenças nos são insensíveis; o lugar ou tempo, longe de serem elementos determinantes, necessitam eles mesmos ser determinados pelas coisas</p>	<p>TEÓFILO. De modo algum discordo deste uso das abstrações, mas é mais subindo das espécies aos gêneros do que dos indivíduos às espécies. Pois (por mais paradoxal que isso pareça) nos é impossível ter o conhecimento dos indivíduos e descobrir o meio de determinar exatamente a individualidade de qualquer coisa, a não ser que ela a mantenha ela própria; pois todas as circunstâncias podem reaparecer; as menores diferenças nos são insensíveis; o lugar ou o tempo, bem longe de determinar desde eles mesmos, têm necessidade eles próprios de serem determinados pelas coisas</p>

<p>a de plus considérable en cela est que l'individualité enveloppe l'infini, et il n'y a que celui qui est capable de le comprendre qui puisse avoir la connaissance du principe d'individuation d'une telle ou telle chose; ce qui vient de l'influence (à l'entendre sainement) de toutes les choses de l'univers les unes sur les autres. Il est vrai qu'il n'en serait point ainsi s'il y avait des atomes de Démocrite; mais aussi il n'y aurait point alors de différence entre deux individus différents de la même figure et de la même grandeur.</p>	<p>que contêm. O que há de mais considerável nisto é que a <i>individualidade</i> envolve o infinito, e só aquele que for capaz de compreender isto pode ter o conhecimento do princípio de individuação desta ou daquela coisa. Isto se deve à influência – a ser entendida retamente – de todas as coisas do universo, de umas sobre as outras. É bem verdade que assim não seria, se existissem os átomos de Demócrito; nesta hipótese, porém, tampouco haveria <i>diferença</i> entre dois indivíduos <i>diferentes</i> da mesma figura e do mesmo tamanho.]</p>	<p>que eles contêm¹²⁸. O que há de mais considerável nisso é que a individualidade envolve o infinito, e só existe aquele que é capaz de compreendê-lo que possa ter o conhecimento do princípio de individuação de uma ou outra coisa¹²⁹; o que vem da influência (para entendê-lo corretamente) de todas as coisas do universo umas sobre as outras. É verdade que não seria deste modo se existissem os átomos de Demócrito; mas do mesmo modo não haveria então diferença entre dois indivíduos diferentes da mesma figura e da mesma grandeza¹³⁰.</p>
---	--	---

5ª alocução

¹²⁸ Aqui Leibniz apenas menciona aquilo que se tornou uma das suas principais discordâncias com Newton, sua doutrina do tempo e espaço relacional contra a doutrina do espaço e tempo absolutos do inglês, um dos principais assuntos do *Recueil de lettres* entre Leibniz e (o newtoniano) Clarke; ao que tudo indica, ela surgiu do tipo diferente de resposta que cada um deu para o problema do movimento deixado em aberto pelo francês René Descartes. É esse o tema do artigo “Leibniz e a gênese da noção de espaço: lendo o § 47 da última carta a Clarke” (PIAUÍ, William de Siqueira. *Prometeus – Filosofia em revista* (UFS), ano 6, n. 11, 2013, pp. 09-34) e do artigo “Santo Agostinho e Isaac Newton: tempo, espaço e criação” (PIAUÍ, William de Siqueira. *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*, Pouso Alegre, v. 2, 2009, pp. 26-47).

¹²⁹ Leibniz chamou muitas vezes tal problema de o “espinhoso problema da individuação”, a associação do problema da impossibilidade de determinação dos indivíduos com o (ou os) do infinito já havia sido mencionada por Platão justamente associada a uma necessidade de o conhecimento se deter nas espécies intermediárias; sobre esse assunto nos valem das considerações tecidas no artigo “Noção completa de uma substância individual e infinito em Leibniz”. PIAUÍ, William de Siqueira. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência (UNICAMP)*, Série 3, v. 21, n. 1, jan-jun. 2011, pp. 256-288. De qualquer modo, na filosofia leibniziana tais problemas se associarão ao labiríntico problema da liberdade e da necessidade, tema geral da *Teodiceia*.

¹³⁰ Princípio leibniziano da identidade dos indiscerníveis, cf., dentre outras, a IV carta de Leibniz a Clarke (§§ 4-5).

<p>§ 7. PHILALETHE. <i>Il est pourtant tout visible que les idées que les enfants se font des personnes avec qui ils conversent (pour nous arrêter à cet exemple) sont semblables aux personnes mêmes, et ne sont que particulières. Les idées qu'ils ont de leur nourrice et de leur mère sont fort bien tracées dans leur esprit, et les noms de nourrice ou de maman dont se servent les enfants se rapportent uniquement à ces personnes. Quand après cela le temps leur a fait observer qu'il y a plusieurs autres êtres qui ressemblent à leur père ou à leur mère, ils forment une idée, à laquelle ils trouvent que tous ces êtres particuliers participent également, et ils lui donnent comme les autres le nom d'homme. § 8. Ils acquièrent par la même voie des noms et des notions plus générales; par exemple la nouvelle idée de l'animal ne se fait point par aucune addition, mais seulement en ôtant la figure ou les propriétés</i></p>	<p>FILALETTO – Entretanto, é evidente que as idéias que as crianças se fazem das pessoas com as quais conversam – para ficarmos neste exemplo – são semelhantes às próprias pessoas e são apenas particulares. As idéias que possuem de suas amas-secas e de sua mãe estão bem impressas no seu espírito, e os nomes de <i>babá</i> e <i>mamãe</i>, de que se servem as crianças, se referem exclusivamente a estas pessoas. Quando, passado algum tempo, observam que há muitos outros seres semelhantes a seu pai ou à sua mãe, formam uma idéia, da qual acreditam participar igualmente todos esses seres particulares, passam a dar-lhes, como os outros, o nome de homem ou pessoa.</p> <p>§ 8. Pelo mesmo caminho as crianças adquirem nomes e noções mais gerais. Assim, por exemplo, a nova idéia do animal não surge por qualquer adição, mas apenas sendo a figura ou as</p>	<p>§ 7. FILALETTO. <i>Entretanto, é completamente visível que as idéias que as crianças se fazem das pessoas com quem elas conversam (a fim de nos deter neste exemplo) são semelhantes às próprias pessoas, e não são senão particulares. As idéias que elas têm da sua babá e de sua mãe estão bem traçadas no seu espírito, e os nomes de babá ou de mãe dos quais se servem as crianças se ligam unicamente a estas pessoas. Quando após isso o tempo lhes fez observa que há diversos outros seres que se assemelham a seu pai ou à sua mãe, eles formam uma idéia a qual eles acham que todos este seres particulares participam igualmente, e eles lhe dão como os outros o nome de homem. § 8. Elas adquirem por meio da mesma via os nomes e noções mais gerais; por exemplo, a nova idéia do animal não se faz absolutamente por nenhuma adição, mas apenas ao retirar a figura ou as</i></p>
--	---	---

<i>particulères de l'homme, et en retenant un corps accompagné de vie, de sentiment et de motion spontanée.</i>	propriedades particulares do homem, e conservando um corpo acompanhado de vida, de sentimento e de movimento espontâneo.	<i>propriedades particulares do homem, e ao reter um corpo acompanhado de vida, de sentimento e de movimento espontâneo.</i>
---	--	--

6ª alocução		
THEOPHILE. Fort bien; mais cela ne fait voir que ce que je viens de dire; car comme l'enfant va par abstraction de l'observation de l'idée de l'homme à celle de l'idée de l'animal, il est venu de cette idée plus spécifique, qu'il observait dans sa mère ou dans son père et dans d'autres personnes, à celle de la nature humaine. Car pour juger qu'il n'avait point de précise idée de l'individu, il suffit de considérer qu'une ressemblance médiocre le tromperait aisément et le ferait prendre pour sa mère une autre femme, qui ne l'est point. Vous savez l'histoire du faux Martin Guerre, qui trompa la femme même du véritable et les proches parents par la ressemblance jointe à l'adresse et embarrassa longtemps les	TEÓFILO – [Muito bem. Mas isto não faz outra coisa senão evidenciar o que acabo de dizer. Pois, assim como a criança procede por abstração da observação da idéia do homem à observação da idéia do animal, a criança passou desta idéia mais específica, que observou em sua mãe e em seu pai, e em outras pessoas, à idéia da natureza humana. Com efeito, para demonstrar que a criança não possuía uma idéia precisa do indivíduo, é suficiente considerar que uma semelhança razoável a enganaria facilmente e a levaria a tomar por sua mãe uma outra mulher, que não o era. Conheceis a história do falso Martin Guerre, o qual enganou a própria mulher do verdadeiro Martin Guerre e	TEÓFILO. Muitíssimo bem; mas isso não faz ver senão aquilo que acabo de dizer; pois como a criança vai por abstração da observação da idéia do homem para aquela da idéia do animal, ela veio desta idéia mais específica, que ela observava em sua mãe ou em seu pai e em outras pessoas, para aquela da natureza humana. Pois para julgar que ela não tinha qualquer idéia precisa a respeito do indivíduo, basta considerar que uma semelhança banal a enganaria facilmente e a faria tomar uma outra mulher por sua mãe, a qual não o é absolutamente. Você sabe a história do falso Martin Guerra, que enganou até mesmo a mulher do verdadeiro e os parentes próximos pela semelhança unida à destreza e embaraçou

juges, lors même que le véritable fut arrivé.	os parentes próximos, pela semelhança somada ao endereço, e colocou um embaraço por muito tempo os juízes, quando o verdadeiro cidadão apareceu.]	por muito tempo os juízes, mesmo quando o verdadeiro chegou.
---	---	--

7ª alocução

§ 9. PHILALÈTHE. <i>Ainsi tout ce mystère du genre et des espèces, dont on fait tant de bruit dans les écoles, mais qui hors de là est avec raison si peu considéré, tout ce mystère, dis-je, se réduit uniquement à la formation d'idées abstraites plus ou moins étendues, auxquelles on donne certains noms.</i>	§ 9. FILALETO – Assim, todo este mistério do gênero e das espécies, sobre o qual tanto se discute nas escolas – mas que, fora disto, é tão pouco considerado, e com razão –, este mistério, digo eu, se reduz unicamente à formação de idéias abstratas mais ou menos extensas, às quais se dão certos nomes.	§ 9. FILALETO. <i>Assim todo este mistério do gênero e das espécies sobre o que se faz tanto ruído nas escolas, mas que fora de lá é com razão tão pouco considerado, todo este mistério, eu digo, se reduz unicamente à formação de idéias abstratas mais ou menos extensas, às quais se dá certos nomes</i> ¹³¹ .
---	---	--

8ª alocução

THÉOPHILE. L'art de ranger les choses en genres et en espèces n'est pas de petite importance et sert beaucoup tant au jugement qu'à la mémoire. Vous savez de	TEÓFILO – [A arte de classificar as coisas em gêneros e espécies não é de pouca importância e é muito útil, tanto para o julgamento como para a memória. Sabeis	TEÓFILO. A arte de ordenar as coisas em gêneros e em espécies não é de pequena importância e serve muito tanto para o julgamento quanto para a memória. Você
---	---	--

¹³¹ Como já mencionamos, trata-se da explicitação do conceitualismo-convencionalismo de Locke, contra o qual Leibniz insistirá explicitando seu realismo (no sentido tomista) a partir da associação entre possibilidade (geralmente caracterizada por uma definição adequadamente constituída, uma definição não apenas nominal) e essência (real). Essa era uma antiga querela, motivo de disputa desde Platão e Aristóteles, que assumiu sua enunciação exemplar na antiguidade tardia na pena do discípulo do filósofo Plotino (205-270), o fenício Porfírio de Tiro (c. 233- c. 304), em sua introdução ao estudo das *Categorias*, isto é, em sua famosa obra *Isagoge*. Querela que se tornou o título do livro do famoso medievalista Alan de Libera: *La querelle des Universaux. De Platon à la fin du Moyen Age*. Paris Seuil, 1996.

<p>quelle conséquence cela est dans la botanique, sans parler des animaux et autres substances, et sans parler aussi des êtres moraux et notionaux, comme quelques-uns les appellent. Une bonne partie de l'ordre en dépend, et plusieurs bons auteurs écrivent en sorte que tout leur discours peut être réduit en divisions ou sous-divisions, suivant une méthode qui a du rapport aux genres et aux espèces, et sert non seulement à retenir les choses, mais même à les trouver. Et ceux qui ont disposé toutes sortes de notions sous certains titres ou prédicaments sous-divisés ont fait quelque chose de fort utile.</p>	<p>que consequência tem isso para a botânica, sem falar dos animais e de outras substâncias, sem falar também dos seres morais e nocionais, como são denominados por alguns. Uma boa parte da ordem depende disto, e vários bons autores escrevem de tal maneira que todo seu discurso pode ser decomposto em divisões e subdivisões, segundo um método que tem relação com os gêneros e as espécies, e serve não só para reter as coisas, mas até para encontrá-las. Os que dispuseram toda espécie de noções sob certos títulos ou predicados subdivididos, fizeram algo de muito útil.]</p>	<p>sabe qual consequência aquilo tem na botânica, sem falar dos animais e outras substâncias, e sem falar também dos seres morais e nocionais, como alguns os chamam, Uma boa parte da ordem depende disso, e muitos bons autores escrevem de modo que todo o discurso deles pode ser reduzido em divisões ou subdivisões, conforme um método que teve ligação com os gêneros e com as espécies, e serve não somente para reter as coisas, mas mesmo para encontrá-las. E aqueles que dispuseram todos os tipos de noções sob alguns títulos predicamentos subdivididos fizeram algo muito útil.</p>
--	--	--

9ª alocução		
<p>§ 10. PHILALETHE. <i>En définissant les mots, nous nous servons du genre ou du terme général le plus prochain; et c'est pour s'épargner la peine de compter les différentes idées simples que ce genre signifie, ou quelquefois peut-</i></p>	<p>§ 10. FILALETTO – Ao definirmos as palavras, servimo-nos do gênero ou do termo geral mais próximo; fazemos isto para poupar-nos o trabalho de contar as diferentes idéias simples que este gênero significa, ou</p>	<p>§ 10. FILALETTO. <i>Ao definir as palavras, nós nos servimos do gênero ou do termo geral mais próximo; e é para se poupar o trabalho de contar as diferentes idéias simples que este gênero significa ou algumas</i></p>

<p><i>être pour s'épargner la honte de ne pouvoir faire cette énumération. Mais quoique la voie la plus courte de définir soit par le moyen du genre et de la différence, comme parlent les logiciens, on peut douter à mon avis qu'elle soit la meilleure: du moins elle n'est pas l'unique. Dans la définition qui dit que l'homme est un animal raisonnable (définition qui peut-être n'est pas la plus exacte, mais qui sert assez bien au présent dessein), au lieu du mot animal on pourrait mettre sa définition. Ce qui fait voir le peu de nécessité de la règle qui veut qu'une définition doit être composée de genre et de différence, et le peu d'avantage qu'il y a à l'observer exactement. Aussi les langues ne sont pas toujours formées selon les règles de la logique, en sorte que la signification de chaque terme puisse être exactement et clairement exprimée par deux autres termes. Et ceux qui ont fait cette règle ont eu tort de nous donner si peu de</i></p>	<p>talvez, para poupar-nos a vergonha de sermos incapazes de fazer tal enumeração. Todavia, embora o caminho mais curto para definir seja pelo gênero e pela diferença, como dizem os mestres da lógica, é lícito duvidar, a meu modo de ver, de que seja a melhor maneira. No mínimo, não é a única possível. Na definição que diz ser o homem um animal racional (definição que talvez não seja a mais exata, mas que serve bastante bem para a finalidade aqui visada), em lugar da palavra animal se poderia colocar a definição de animal. Isto revela como é pouco necessária a regra segundo a qual <i>uma definição deve constar de gênero e diferença</i>, e como é pouco vantajoso observar exatamente esta norma. As línguas não são sempre formadas segundo as regras da lógica, de maneira que a significação de cada termo possa ser expressa com</p>	<p><i>vezes talvez para se poupar da vergonha de não poder fazer esta enumeração Mas embora a via mais curta de definir seja pelo meio do gênero e da diferença, como falam os lógicos, pode-se duvidar, na minha opinião, que ela seja a melhor: ao menos ela não é a única. Na definição que diz que o homem é um animal racional (definição que talvez não seja a mais exata, mas que serve muito bem para o presente desígnio), no lugar da palavra animal poder-se-ia colocar sua definição. O que faz ver a pouca necessidade da regra que quer que uma definição deve ser composta de gênero e de diferença, e a pouca vantagem que existe para observá-la exatamente. Também as línguas não são sempre formadas segundo as regras da lógica, de modo que a significação de cada termo possa ser exata e claramente expressa por dois outros termos. E aqueles que fizeram esta</i></p>
--	---	--

<i>définitions qui y soient conformes.</i>	exatidão e clareza por dois outros termos. E os que criaram esta regra fizeram mal em dar-nos eles mesmos tão poucas definições que estejam de acordo com a mesma.	<i>regra estavam enganados em nos dar tão poucas definições que sejam conformes a isso.</i>
--	--	---

10ª alocução		
THÉOPHILE. Je conviens de vos remarques; il serait pourtant avantageux pour bien des raisons que les définitions puissent être de deux termes: cela sans doute abrégérait beaucoup et toutes les divisions pourraient être réduites à des dichotomies, qui en sont la meilleure espèce, et servent beaucoup pour l'invention, le jugement et la mémoire. Cependant je ne crois pas que les logiciens exigent toujours que le genre ou la différence soit exprimée en un seul mot; par exemple ce terme polygone régulier peut passer pour le genre du carré, et dans la figure du cercle le genre pourra être une figure plane curviligne, et la différence serait celle dont les points de	TEÓFILO – [Concordo com as vossas observações. Todavia, seria bem vantajoso, por várias razões, que as definições comportassem dois termos: isto indubitavelmente abriria muito, e todas as divisões poderiam ser reduzidas a dicotomias, que constituem a melhor espécie delas, e muito servem à invenção, ao julgamento e à memória. Todavia, não creio que os mestres da lógica exijam sempre que o gênero ou a diferença sejam expressos numa só palavra. Por exemplo, o termo <i>polígono regular</i> pode passar pelo gênero do quadrado, e na figura do círculo o gênero poderia ser uma figura plana curvilínea, e a diferença seria	TEÓFILO. Eu concordo com suas observações; seria vantajoso por muitas razões, entretanto, que as definições pudessem ser de dois termos: isso sem dúvida reduziria muito e todas as divisões poderiam ser reduzidas a dicotomias, as quais são disso a melhor espécie, e servem muito para a invenção, o julgamento e a memória. Todavia, não acredito que os lógicos sempre exijam que o gênero ou a diferença seja expressa em uma única palavra; por exemplo, este termo polígono regular pode passar pelo gênero do quadrado, e na figura do círculo o gênero poderá ser uma figura plana curvilínea, e a diferença seria aquela da

<p>la ligne ambiante soient également distants d'un certain point comme centre. Au reste il est encore bon de remarquer que bien souvent le genre pourra être changé en différence, et la différence en genre, par exemple: le carré est un régulier quadrilatéral, ou bien un quadrilatère régulier, de sorte qu'il semble que le genre ou la différence ne diffèrent que comme le substantif et l'adjectif; comme si au lieu de dire que l'homme est un animal raisonnable, la langue permettait de dire que l'homme est un rational animable, c'est-à-dire une substance raisonnable douée d'une nature animale; au lieu que les génies sont des substances raisonnables dont la nature n'est point animale, ou commune avec les bêtes. Et cet échange des genres et différences dépend de la variation de l'ordre des subdivisions.</p>	<p>aquela cujos pontos da linha ambiente sejam equidistantes de um certo ponto como centro. De resto, convém ainda notar que muitas vezes o <i>gênero</i> poderá ser mudado em <i>diferença</i>, e a <i>diferença</i> em <i>gênero</i>, por exemplo: o quadrado é um quadrilátero regular, ou um regular quadrilátero; de maneira que, ao que parece, o gênero ou a diferença se distinguem apenas como o substantivo difere do adjetivo; como se, em vez de dizer que o homem é um animal racional, a língua permitisse afirmar que o homem é um <i>racional animal</i>, isto é, uma substância racional dotada de uma natureza animal; ao passo que os gênios são substâncias racionais cuja natureza não é animal, ou comum com os animais. Esta troca de gêneros e diferenças depende da variação da ordem das subdivisões.]</p>	<p>qual os pontos da linha ambiente sejam igualmente distantes de um certo ponto como centro. No mais ainda é bom observar que bem freqüentemente o gênero poderá ser transformado em diferença, e a diferença em gênero, por exemplo: o quadrado é um regular quadrilateral, ou mesmo quadrilátero regular, de modo que parece que o gênero ou a diferença não diferem a não ser como o substantivo e o adjetivo; como se no lugar de dizer que o homem é um animal racional, a língua permitisse dizer que o homem é um racional animável, isto é, uma substância racional dotada de uma natureza animal; enquanto os gênios são substâncias racionais cuja natureza de modo algum é animal, ou comum com os animais irracionais. E esta permuta dos gêneros e diferenças depende da variação da ordem das subdivisões.</p>
---	--	---

11ª alocução		
§ 11. PHILALETHE. <i>Il s'ensuit de ce que je venais de dire que ce qu'on appelle général et universel n'appartient point à l'existence des choses, mais que c'est un ouvrage de l'entendement. § 12. Et les essences de chaque espèce ne sont que les idées abstraites.</i>	§ 11. FILALETO – Do que eu acabava de dizer se conclui que aquilo que se denomina <i>geral</i> e <i>universal</i> não pertence à existência das coisas, mas é obra do entendimento. § 12. E as essências da cada espécie são apenas as ideais abstratas.	§ 11. FILALETO. <i>Segue-se daquilo que eu acabava de dizer que aquilo que é chamado geral e universal não pertence de modo algum à existência das coisas, mas que é uma obra trabalho do entendimento. § 12. E as essências de cada espécie são apenas idéias abstratas.</i>

12ª alocução		
THEOPHILE. Je ne vois pas assez cette conséquence. Car la généralité consiste dans la ressemblance des choses singulières entre elles, et cette ressemblance est une réalité.	TEÓFILO – [Não vejo bem esta consequência. Pois a generalidade consiste na semelhança das coisas singulares entre si, e esta semelhança constitui uma realidade.]	TEÓFILO. Eu não vejo muito esta consequência. Pois a generalidade consiste na semelhança das coisas singulares entre elas, e esta semelhança é uma realidade.

13ª alocução		
13. PHILALÈTHE. J'allais vous dire moi-même que <i>ces espèces sont fondées sur les ressemblances.</i>	§ 13. FILALETO – Eu mesmo ia dizer-vos que essas espécies se fundam sobre as semelhanças.	§ 13. FILALETO. Eu mesmo ia lhe dizer que <i>estas espécies estão fundadas nas semelhanças.</i>

14ª alocução		
THÉOPHILE. Pourquoi donc n'y point chercher aussi l'essence des genres et des espèces?	TEÓFILO – [Por que então não procurar também nisto a essência dos gêneros e das espécies?]	TEÓFILO. Por que, então, não procurar aí também a essência dos gêneros e das espécies?

15ª alocução

<p>§ 14. PHILALÈTHE. <i>On sera moins surpris de m'entendre dire que ces essences sont l'ouvrage de l'entendement, si l'on considère qu'il y a du moins des idées complexes, qui dans l'esprit de différentes personnes sont souvent différentes collections d'idées simples, et ainsi ce qui est avarice dans l'esprit d'un homme ne l'est pas dans l'esprit d'un autre.</i></p>	<p>§ 14. FILALETO – Haverá menos surpresa em me ouvir afirmar que estas essências constituem obra do entendimento, se considerarmos que há pelo menos idéias complexas, que no espírito de pessoas diversas constituem muitas vezes diferentes coleções de idéias simples, sendo assim que o que é avareza no entender de uma pessoa não o é no entender de outra.</p>	<p>§ 14. FILALETO. <i>Ficariamos menos surpresos de me escutar dizer que estas essências são a obra do entendimento, se é considerado que existe ao menos idéias complexas, que nos espírito de diferentes pessoas são geralmente diferentes coleções de idéias simples e, deste modo, aquilo que é avareza no espírito de um homem não o é no espírito de um outro.</i></p>
---	--	--

16ª alocução

<p>THÉOPHILE. J'avoue, Monsieur, qu'il y a peu d'endroits où j'aie moins entendu la force de vos conséquences qu'ici, et cela me fait de la peine. Si les hommes diffèrent dans le nom, cela change-t-il les choses ou leurs ressemblances? Si l'un applique le nom d'avarice à une ressemblance, et l'autre à une autre, ce seront deux différentes espèces désignées par le même nom.</p>	<p>TEÓFILO – [Confesso que em poucos casos, como no presente, entendi menos a força de vossas conclusões, e isto me penaliza. Se os homens diferem no nome, isto muda porventura as coisas ou as suas semelhanças? Se um aplica o termo avareza a uma semelhança, e outro a uma outra semelhança, estaremos diante de duas espécies diferentes, designadas pelo mesmo termo.]</p>	<p>TEÓFILO. Eu reconheço, senhor, que existem poucas passagem onde eu tenha menos entendido a força de tuas conseqüências do que aqui, e isso me deixa triste. Se os homens diferem no nome, isso transforma as coisas ou suas semelhanças? Se um aplica o nome de avareza a uma semelhança, e o outro a uma outra, serão duas diferentes espécies designadas pelo mesmo nome.</p>
---	---	--

17ª alocução

<p>PHILALETHE. <i>Dans l'espèce des substances, qui nous est [la] plus familière et que nous connaissons de la manière la plus intime, on a douté plusieurs fois si le fruit qu'une femme a mis au monde était homme, jusqu'à disputer si l'on devait le nourrir et baptiser; ce qui ne pourrait être si l'idée abstraite ou l'essence, à laquelle appartient le nom d'homme, était l'ouvrage de la nature et non une diverse et incertaine collection d'idées simples, que l'entendement joint ensemble et à laquelle il attache un nom après l'avoir rendue générale par voie d'abstraction. De sorte que dans le fond chaque idée distincte, formée par abstraction, est une essence distincte.</i></p>	<p>FILALETTO – Na espécie das substâncias, que nos é mais familiar e que conhecemos mais intimamente, duvidou-se por vezes se o fruto que uma mulher colocu no mundo era homem, até ao ponto de pôr em discussão se se devia nutri-lo e batizá-lo. Ora, isto não poderia acontecer, se a idéia abstrata ou a essência, à qual pertence o termo homem, fosse obra da natureza e não uma incerta coleção de idéias simples, que o entendimento humano junta umas às outras, e à qual (coleção) o entendimento atribui um nome, após tê-la tornado geral por via de abstração. De maneira que, no fundo, cada idéia distinta, formada por abstração, constitui uma essência distinta.</p>	<p>FILALETTO. <i>Na espécie das substâncias, a qual nos é a mais familiar e que conhecemos da maneira mais íntima, duvidou-se diversas vezes se o fruto que uma mulher trouxe ao mundo era homem, chegando a discutir se se devia alimentá-lo e batizá-lo; o que não poderia ser se a idéia abstrata ou a essência, à qual pertence o nome de homem, era a obra da natureza e não uma diversa e incerta coleção de idéias simples, que o entendimento junta entre si e à qual ele liga um nome aos tê-lo tornado geral mediante a via da abstração. De sorte que no fundo cada idéia distinta, formada por abstração, é uma essência distinta.</i></p>
--	--	--

18ª alocução

<p>THÉOPHILE. Pardonnez-moi que je vous dise, Monsieur, que votre langage m'embarrasse, car je n'y vois point de liaison. Si nous ne</p>	<p>TEÓFILO – [Perdoai-me, se vos digo que a vossa linguagem me confunde, pois não vejo nexa nela. Se não podemos sempre jugar pelo</p>	<p>TEÓFILO. Perdoe-me se eu lhe digo, senhor, que a tua linguagem me embaraça, pois eu não vejo qualquer ligação. Se não podemos sempre</p>
--	--	---

<p>pouvons pas toujours juger par le dehors des ressemblances de l'intérieur, est-ce qu'elles en sont moins dans la nature? Lorsqu'on doute si un monstre est homme, c'est qu'on doute s'il a de la raison. Quand on saura qu'il en a, les théologiens ordonneront de le faire baptiser et les jurisconsultes de le faire nourrir. Il est vrai qu'on peut disputer des plus basses espèces logiquement prises, qui se varient par des accidents dans une même espèce physique ou tribu de génération; mais on n'a point besoin de les déterminer; on peut même les varier à l'infini, comme il se voit dans la grande variété des oranges, limons et citrons, que les experts savent nommer et distinguer. On le voyait de même dans les tulipes et œillets, lorsque ces fleurs étaient à la mode. Au reste, que les hommes joignent telles ou telles idées ou non, et même que la nature les joigne actuellement ou non,</p>	<p>exterior acerca das semelhanças internas, será que por isto elas deixam de existir na natureza? Quando se duvida se um monstro é um homem, isto ocorre porque se duvida se este monstro é dotado de razão. No momento em que se constatar que tal monstro é dotado de razão, os teólogos ordenarão que seja batizado e os jurisconsultos mandarão alimentá-lo. É verdade que esta discussão pode fazer-se com respeito às espécies mais baixas, consideradas logicamente, as quais variam por acidentes dentro de uma mesma espécie física ou tribo de geração, porém não há necessidade de determiná-las. Pode-se mesmo variá-las ao infinito, como se observa na grande variedade de laranjas, limões e citrões, que os peritos sabem distinguir e designar. Observa-se o mesmo nas tulipas e nos cravos, quando estas flores estavam na moda. De resto, que os homens associem ou unam estas ou aquelas idéias</p>	<p>julgar pelo exterior as semelhanças do interior, significa que elas estão menos na natureza delas? Quando se duvida se um monstro é um homem, significa que se duvida se ele possui a razão. Quando souberem que ele a possui, os teólogos ordenarão que seja batizado e os jurisconsultos que seja alimentado. É verdade que se pode discutir a respeito das espécies mais baixas tomadas logicamente, que variam por acidentes numa mesma espécie física ou tribo de geração; mas não se tem necessidade de determiná-los; pode-se até variá-los ao infinito, como ele se vê na grande variedade das laranjas, limões e cidrões, que os especialistas sabem nomear e distinguir. Via-se o mesmo nas tulipas e cravos, quando estas flores estavam na moda. No mais, que os homens reúnam tais ou quais idéias ou não, e mesmo que a natureza as reúnam atualmente ou não, isto não faz nada para as essências,</p>
---	--	---

<p>cela ne fait rien pour les essences, genres ou espèces, puisqu'il ne s'y agit que de possibilités, qui sont indépendantes de notre pensée.</p>	<p>ou não, e mesmo que a natureza as associe ou una ou não, isto em nada afeta as essências, os gêneros ou as espécies, pois se trata apenas de possibilidades que são independentes do nosso pensamento.]</p>	<p>gêneros ou espécies, visto que não se trata senão de possibilidades que são independentes de nosso pensamento.</p>
---	--	---

19ª alocução		
<p>15. PHILALETHE. <i>On suppose ordinairement une constitution réelle de l'espèce de chaque chose, et il est hors de doute qu'il y en doit avoir, d'où chaque amas d'idées simples ou qualités coexistantes dans cette chose doit dépendre. Mais comme il est évident que les choses ne sont rangées en sortes ou espèces sous certains noms qu'en tant qu'elles conviennent avec certaines idées abstraites, auxquelles nous avons attaché ce nom-là, l'essence de chaque genre ou espèce vient ainsi à n'être autre chose que l'idée abstraite signifiée par le nom général ou spécifique, et nous trouverons que c'est là ce qu'emporte le mot d'essence</i></p>	<p>§ 15. FILALETO – Supõe-se comumente uma constituição real da espécie de cada coisa, e não cabe dúvida de que deve haver isto, donde deve depender cada conjunto de idéias simples ou qualidades coexistentes nesta coisa. Entretanto, visto ser evidente que as coisas são classificadas em <i>sortes</i> ou <i>espécies</i> apenas na medida em que concordam com certas idéias abstratas, às quais atribuímos aquele nome, a <i>essência</i> de cada gênero ou espécie não vem a ser outra coisa senão a idéia abstrata significada pelo nome genérico ou específico, e veremos que é isto que significa o termo</p>	<p>§ 15. FILALETO. <i>Supõe-se ordinariamente uma constituição real da espécie de cada coisa, e está fora de dúvida que deve ter, donde cada porção de idéias simples ou qualidades coexistentes nesta coisa deve depender. Mas como é evidente que as coisas não são ordenadas em tipos ou espécies sob certos nomes senão na medida que elas concordam com certas idéias abstratas, às quais nos ligamos este nome, a essência de cada gênero ou espécie vem também a não ser outra coisa senão a idéia abstrata significada pelo nome geral ou específico, e nós descobriremos que está lá o que leva a palavra de essência segundo o uso mais</i></p>

<i>selon l'usage le plus ordinaire qu'on en fait. Il ne serait pas mal à mon avis de désigner ces deux sortes d'essences par deux noms différents et d'appeler la première essence réelle et l'autre essence nominale.</i>	essência, conforme o uso mais comum. A meu ver, não faria mal designar estas duas espécies de essências com dois termos diferentes, denominando a primeira <i>essência real</i> , e a outra <i>essência nominal</i> .	<i>ordinário que se faz dela. Não seria mal na minha opinião designar estes dois tipos de essências por dois nomes diferentes e chamar a primeira de <i>essência real</i> e a outra de <i>essência nominal</i>.</i>
--	---	---

20ª alocução		
THÉOPHILE. Il me semble que votre langage innove extrêmement dans les manières de s'exprimer. On a bien parlé jusqu'ici de définitions nominales et causales ou réelles, mais non pas que je sache d'essences autres que réelles, à moins que par essences nominales on n'ait entendu des essences fausses et impossibles, qui paraissent être des essences, mais n'en sont point, comme serait par exemple celle d'un décaèdre régulier, c'est-à-dire d'un corps régulier, compris sous dix plans ou hédres. L'essence dans le	TEÓFILO – [Tenho a impressão de que a vossa linguagem traz enormes inovações nos modos de se exprimir. Falou-se até hoje, é verdade, de definições nominais e causais, ou reais, mas não – quanto eu saiba – de outras essências que não sejam as reais, a menos que por essências nominais se tenha tencionado dizer apenas essências falsas e impossíveis, que parecem ser essências mas não o são, como seria, por exemplo, a essência de um decaedro regular, ou seja, de um corpo regular compreendido em dez planos ou hedros. A essência, no	TEÓFILO. Parece-me que tua linguagem inova extremamente nas maneiras de se expressar. Falou-se muito bem até aqui de definições nominais e causais ou reais, mas não, que eu saiba, de essências a não ser reais, a menos que por essências nominais se tenha entendido essências falsas e impossíveis, que [apenas] parecem ser das essências, mas [que] não são, como seria por exemplo a de um decaedro regular, isto é, de um corpo regular, compreendido sob dez planos ou “edros ¹³² ”. A essência no fundo não é outra coisa senão

¹³² Não está entre aspas no original. O pospositivo “-edro”, do grego *Ἔδρα*, significa “todo objeto que serve de assento, cadeira, cátedra, banco”; o padrão do termo “poliedro” (do grego *πολύεδρος, ον*), que significa de “vários assentos ou degraus” deu à geometria uma rica cognação, com o sentido específico de “com faces planas, com planos”.

<p>fond n'est autre chose que la possibilité de ce qu'on propose. Ce qu'on suppose possible est exprimé par la définition; mais cette définition n'est que nominale, quand elle n'exprime point en même temps la possibilité, car alors on peut douter si cette définition exprime quelque chose de réel, c'est-à-dire de possible, jusqu'à ce que l'expérience vienne à notre secours pour nous faire connaître cette réalité <i>a posteriori</i>, lorsque la chose se trouve effectivement dans le monde; ce qui suffit au défaut de la raison, qui ferait connaître la réalité <i>a priori</i> en exposant la cause ou la génération possible de la chose définie. Il ne dépend donc pas de nous de joindre les idées comme bon nous semble, à moins que cette combinaison ne soit justifiée ou par la raison qui la montre possible, ou</p>	<p>fundo, não é outra coisa senão a possibilidade daquilo que se propõe. O que se supõe possível é expresso pela definição; porém esta definição é apenas nominal, quando não exprime ao mesmo tempo a possibilidade, pois neste caso se pode duvidar se esta definição exprime algo de real, isto é, de possível até que a experiência nos venha ajudar para nos fazer conhecer esta realidade <i>a posteriori</i>, quando a coisa se encontra efetivamente no mundo; o que é suficiente ao falhar a razão que faria conhecer a realidade <i>a priori</i> expondo a causa ou a geração possível da coisa definida. Por conseguinte, não depende de nós associar ou juntar as idéias como entendemos, a menos que esta combinação seja justificada ou pela razão que a demonstra possível, ou pela experiência que a demonstra atual, e conseqüentemente também</p>	<p>a possibilidade daquilo que se propõe. Aquilo que se supõe possível está expresso pela definição; mas esta definição é apenas nominal, quando ela não expressa absolutamente ao mesmo tempo a possibilidade, pois neste caso se pode duvidar se esta definição expressa algo de real, isto é, de possível, até o momento que a experiência vier nos socorrer para nos fazer conhecer a realidade <i>a posteriori</i>, quando a coisa se encontra efetivamente dentro do mundo; o que basta para o defeito da razão, que faria conhecer a realidade <i>a priori</i> ao expor a causa ou a geração possível da coisa definida¹³³. Logo, não depende de nós juntar idéias como bem nos pareça, a menos que esta combinação seja justificada ou pela razão que a mostra possível, ou pela experiência que a mostra atual, e conseqüentemente também possível. Para melhor</p>
---	---	---

¹³³ Claro que aqui está reafirmado o realismo (das essências) de Leibniz contra o conceitualismo-convencionalismo de Locke, vide nota 131; quanto às definições e sua relação com as possibilidades e as essências, para mais uma confirmação de tal realismo, valeria a pena ler os §§ 24 e 25 do *Discours de Métaphysique*.

<p>par l'expérience qui la montre actuelle, et par conséquent possible aussi. Pour mieux distinguer aussi l'essence et la définition, il faut considérer qu'il n'y a qu'une essence de la chose, mais qu'il y a plusieurs définitions qui expriment une même essence, comme la même structure ou la même ville peut être représentée par des différentes scénographies, suivant les différents côtés dont on la regarde.</p>	<p>possível. Para melhor distinguir também a essência e a definição, deve-se considerar que só existe uma essência da coisa, existindo porém várias definições que exprimem uma mesma essência, assim como a mesma estrutura ou a mesma cidade pode ser representada por diversas cenografias, conforme os diversos lados a partir dos quais ela é observada.]</p>	<p>distinguir igualmente a essência e a definição, é preciso considerar que existe somente uma essência da coisa, mas que não existe diversas definições que expressam uma essência única, como a mesma estrutura ou a mesma cidade pode ser representada por diferentes cenografias, conforme os diferentes lados de que é vista¹³⁴.</p>
--	--	--

21ª alocução		
<p>18. PHILALÈTHE. Vous m'accorderez, je pense, que <i>le réel et le nominal est toujours le même dans les idées simples et dans les idées des modes; mais dans les idées des substances, ils sont toujours entièrement différents. Une figure qui termine un espace par trois lignes, c'est l'essence du triangle, tant réelle que nominale; car c'est non seulement l'idée abstraite à</i></p>	<p>§ 18. FILALETO – Acredito que concordareis comigo em que o real e o nominal são sempre os mesmos nas idéias simples e nas idéias dos modos, porém nas idéias das substâncias são inteiramente diferentes. Uma figura que termina um espaço por três linhas é a essência do triângulo, tanto real como nominal; pois é não somente a idéia à qual é atribuído o nome geral, mas a essência</p>	<p>§ 18. FILALETO. Você irá concordar comigo, penso, que <i>o real e o nominal é sempre o mesmo nas idéias simples e nas idéias dos modos; mas nas idéias das substâncias eles sempre são inteiramente diferentes. Uma figura que encerra um espaço por três linhas é a essência do triângulo, tanto real quanto nominal; pois não é apenas a idéia abstrata à qual o nome geral</i></p>

¹³⁴ A mesma analogia será repetida no § 57 de *La Monadologie*.

<p><i>laquelle le nom général est attaché, mais l'essence ou l'être propre de la chose, ou le fondement d'où procèdent ses propriétés, et auquel elles sont attachées. Mais c'est tout autrement à l'égard de l'or; la constitution réelle de ses parties, de laquelle dépendent la couleur, la pesanteur, la fusibilité, la fixité, etc., nous est inconnue, et n'en ayant point d'idée, nous n'avons point de nom qui en soit signe. Cependant ce sont ces qualités qui font que cette matière est appelée de l'or, et sont son essence nominale, c'est-à-dire qui donne droit au nom.</i></p>	<p>ou o ser próprio da coisa, ou o fundamento donde procedem as suas propriedades, e ao qual elas estão ligadas. Acontece coisa completamente diferente com o ouro; a constituição real das suas partes, da qual dependem a cor, o peso, a fusibilidade, a fixidez etc., nos é desconhecida, e, não tendo idéia dela, não dispomos de uma palavra que seja sinal dela. Todavia, são essas qualidades que fazem com que esta matéria seja chamada ouro, constituindo a sua essência nominal, isto é que lhe dá direito ao nome.</p>	<p><i>está ligado, mas a essência ou o ser próprio da coisa, ou o fundamento de onde procedem suas propriedades, e ao qual elas estão ligadas. Mas é de forma totalmente diversa no que concerne ao ouro; a constituição real de suas partes, da qual dependem a cor, o peso, a fusibilidade, a fixidez etc, nos é desconhecida, e não tendo idéia alguma disso, não temos nome algum o qual seja signo disso. Todavia, são estas qualidades que fazem com que esta matéria seja chamada de ouro, e são a essência nominal dele, isto é, que dá direito ao nome.</i></p>
--	--	--

22ª alocução		
<p>THÉOPHILE. J'aimerais mieux de dire, suivant l'usage reçu, que l'essence de l'or est ce qui le constitue et qui lui donne ces qualités sensibles, qui le font reconnaître et qui font sa définition nominale, au lieu que nous aurions la définition réelle et causale,</p>	<p>TEÓFILO – [Preferiria dizer, segundo o uso comum, que a essência do ouro é aquilo que o constitui e que lhe dão as suas qualidades sensíveis, que o fazem reconhecer como tal e que perfazem sua <i>definição nominal</i>, ao passo que teríamos a <i>definição real e causal</i>, se pudessemos</p>	<p>TEÓFILO. Eu preferia dizer, segundo o uso aceito, que a essência do ouro é aquela que o constitui e que lhe dá estas qualidades sensíveis, que o fazem reconhecer e que fazem sua definição nominal, enquanto nós teríamos a definição real e causal, se pudessemos</p>

<p>si nous pouvions expliquer cette contexture ou constitution intérieure. Cependant la définition nominale se trouve ici réelle aussi, non par elle-même (car elle ne fait point connaître <i>a priori</i> la possibilité ou la génération de ce corps) mais par l'expérience, parce que nous expérimentons qu'il y a un corps où ces qualités se trouvent ensemble: sans quoi on pourrait douter si tant de pesanteur serait compatible avec tant de malléabilité, comme l'on peut douter jusqu'à présent si un verre malléable à froid est possible à la nature. Je ne suis pas au reste de votre avis, Monsieur, qu'il y a ici de la différence entre les idées des substances et les idées des prédicats, comme si les définitions des prédicats (c'est-à-dire des modes et des objets des idées simples) étaient toujours réelles et nominales en même temps, et que celles des substances n'étaient que nominales. Je demeure bien d'accord qu'il</p>	<p>explicar esta contextura ou constituição interna. Todavia, a definição nominal é, no caso, também real, não por ela mesma – pois não faz conhecer <i>a priori</i> a possibilidade ou a geração dos corpos –, mas pela experiência, pelo fato de experimentarmos que há um corpo no qual estas qualidades se encontram juntas: sem isto se poderia duvidar se tal peso seria compatível com a maleabilidade, assim como se pode duvidar, até hoje, se um vidro maleável a frio é possível na ordem da natureza. De resto não concordo com a vossa opinião, segundo a qual há diferença entre as idéias das substâncias e as idéias dos predicados, como se as definições dos predicados – isto é, dos modos e dos objetos das idéias simples – fossem sempre reais e nominais ao mesmo tempo, e as definições das substâncias fossem apenas nominais. Concordo inteiramente em</p>	<p>explicar esta contextura ou constituição interior. Todavia, a definição nominal aqui se torna igualmente real, não por ela mesma (pois ela não faz absolutamente conhecer <i>a priori</i> a possibilidade ou a geração deste corpo), mas por meio da experiência, porque experimentamos que existe um corpo em que estas qualidades se encontram juntas: sem o qual se poderia duvidar se tal peso seria compatível com tal maleabilidade, como se pode duvidar até agora se um vidro maleável a frio é possível na natureza. No mais, senhor, eu não compartilho da sua opinião, que há aqui diferença entre as idéias das substâncias e as idéias dos predicados, como se as definições dos predicados (isto é, dos modos e dos objetos das idéias simples) sempre fossem reais e nominais ao mesmo tempo, e que as das substâncias só eram nominais. Eu continuo muito de acordo que é mais</p>
--	--	---

<p>est plus difficile d'avoir des définitions réelles des corps, qui sont des êtres substantiels, parce que leur contexture est moins sensible. Mais il n'en est pas de même de toutes les substances; car nous avons une connaissance des vraies substances ou des unités (comme de Dieu et de l'âme) aussi intime que nous en avons de la plupart des modes. D'ailleurs il y a des prédicats aussi peu connus que la contexture des corps: car le jaune ou l'amer par exemple sont les objets des idées ou fantaisies simples, et néanmoins on n'en a qu'une connaissance confuse, même dans les mathématiques, où un même mode peut avoir une définition nominale aussi bien qu'une réelle. Peu de gens ont bien expliqué en quoi consiste la différence de ces deux définitions, qui doit discerner aussi l'essence et la propriété. A mon avis cette différence est que la réelle fait voir la possibilité du</p>	<p>que é mais difícil obter definições reais dos corpos, que são seres substanciais, visto que a contextura dos mesmos é menos sensível. Todavia, não ocorre o mesmo com todas as substâncias. Pois possuímos um conhecimento das verdadeiras substâncias ou das unidades (como de Deus e da alma) tão íntimo como o que possuímos da maior parte dos modos. De resto, há predicados tão pouco conhecidos como a contextura dos corpos; com efeito, o amarelo ou o amargo, por exemplo, são os objetos das idéias ou fantasias simples, e não obstante possuímos deles apenas um conhecimento confuso, mesmo na matemática, onde um mesmo modo pode ter uma definição nominal e uma real. Poucas pessoas explicaram bem em que consiste a diferença entre estas duas definições, diferença que deve também distinguir a essência e a propriedade. A meu entender a diferença está em que a definição real faz ver a</p>	<p>difícil ter definições reais dos corpos, os quais são de seres substancias, porque a contextura deles é menos sensível. Mas não ocorre o mesmo com todas as substâncias; pois temos um conhecimento das verdadeiras substâncias ou das unidades (como de Deus e da alma) tão íntimo quanto nós temos da maior parte dos modos. Além disso, há predicados tão pouco conhecidos quanto a contextura dos corpos; pois o amarelo ou o amargo, por exemplo, são os objetos das idéias ou fantasias simples, e, todavia, não se tem disso senão um conhecimento confuso, mesmo nas matemáticas, onde um mesmo modo pode ter uma definição nominal tanto quanto uma real. Poucas pessoas explicaram bem em que consiste a diferença destas duas definições, que deve discernir igualmente a essência e a propriedade. Na minha opinião, a diferença é que a real faz ver a</p>
--	---	--

<p>défini, et la nominale ne le fait point: la définition de deux droites parallèles, qui dit qu'elles sont dans un même plan et ne se rencontrent point quoiqu'on les continue à l'infini, n'est que nominale, car on pourrait douter d'abord si cela est possible. Mais lorsqu'on a compris qu'on peut mener une droite parallèle dans un plan à une droite donnée pourvu qu'on prenne garde que la pointe du style qui décrit la parallèle demeure toujours également distante de la donnée, on voit en même temps que la chose est possible et pourquoi elles ont cette propriété de ne se rencontrer jamais, qui en fait la définition nominale, mais qui n'est la marque du parallélisme que lorsque les deux lignes sont droites, au lieu que si l'une au moins était courbe, elles pourraient être de nature à ne se pouvoir jamais rencontrer, et cependant elles ne seraient point parallèles pour cela.</p>	<p>possibilidade do definido, ao passo que a nominal não o faz: a definição de duas <i>retas paralelas</i>, que diz estarem elas num mesmo plano, e não se encontrarem, mesmo que sejam prolongadas até o infinito, é apenas nominal, pois se poderia de saída duvidar se isto é possível. Contudo, quando tivermos compreendido que se pode prolongar uma reta paralela num plano a uma reta indicada, desde que se tome cuidado para que a ponta do lápis que traça a paralela fique sempre equidistante da reta indicada, vê-se ao mesmo tempo que isto é possível e por que elas têm esta propriedade de jamais se encontrarem, propriedade que perfaz a sua definição nominal, mas que só constitui o sinal do paralelismo quando as duas linhas são retas, ao passo que, se uma ou outra fosse curva, poderiam ser de natureza a nunca se encontrarem, e todavia não seriam, por isso mesmo, paralelas.]</p>	<p>possibilidade do definido, e a nominal não faz: a definição de duas retas paralelas, que diz que elas estão em um mesmo plano e não se cruzam de modo algum embora as continuemos ao infinito, é apenas nominal, pois se poderia duvidar inicialmente se isso é possível. Mas quando se compreendeu que se pode conduzir uma reta paralela em um plano a uma reta dada contanto que se atente que a ponta da cana que descreve a paralela sempre permaneça igualmente distante da fornecida, vê-se ao mesmo tempo que a coisa é possível e por que elas têm esta propriedade de nunca se cruzarem, que faz disso a definição nominal, mas que só é a marca do paralelismo desde que as duas linhas sejam retas, por outro lado se ao menos uma fosse curva, elas poderiam ser de tal natureza que nunca se cruzariam, e, todavia, por isso elas não seriam de modo algum paralelas.</p>
---	--	--

23ª alocução		
§ 19. PHILALETHE. <i>Si l'essence était autre chose que l'idée abstraite, elle ne serait point ingénérable et incorruptible. Une licorne, une sirène, un cercle exact ne sont peut-être point dans le monde.</i>	§ 19. FILALETO – Se a essência fosse coisa distinta da idéia abstrata, não seria distituída de geração e incorruptível. Um licórnio, uma sirena, um círculo exato talvez não existam no mundo.	§ 19. FILALETO. <i>Se a essência fosse outra coisa que a idéia abstrata, ela não seria de modo algum ingerável e incorruptível. Um unicórnio, uma sereia, um círculo exato talvez não existam de modo algum no mundo.</i>

24ª alocução		
THÉOPHILE. Je vous ai déjà dit, Monsieur, que les essences sont perpétuelles, parce qu'il ne s'y agit que du possible.	TEÓFILO – [Já vos disse que as essências são perpétuas, pois nelas só se trata do possível.]	TEÓFILO. Eu já lhe disse, senhor, que as essências são perpétuas porque só tratam do possível.